

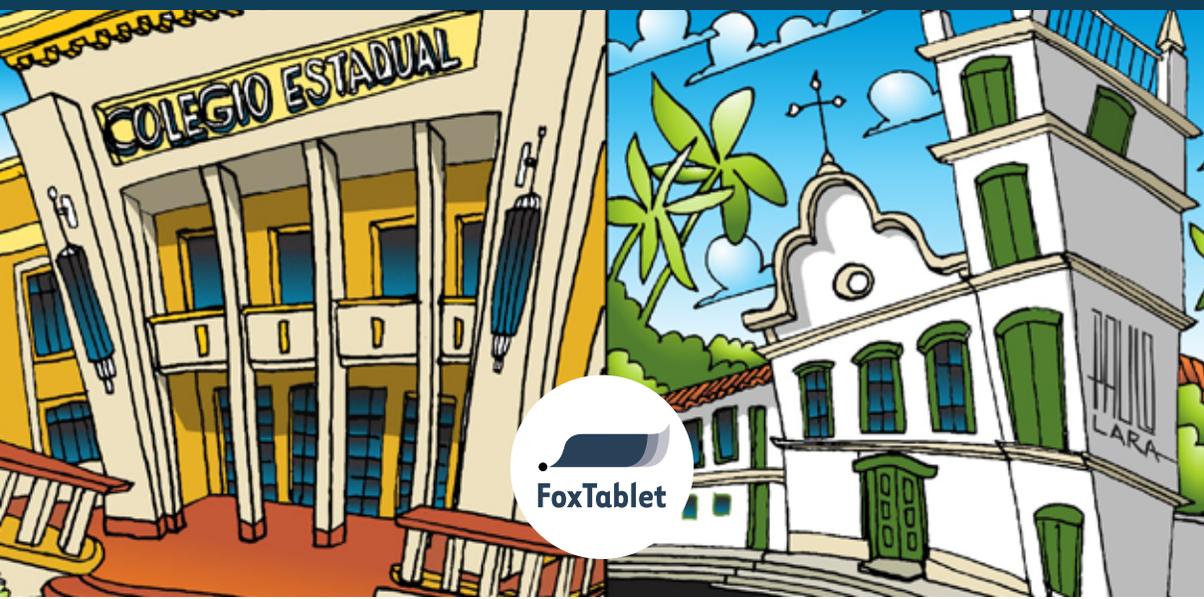


ANTOLOGIA

ITU É A HISTÓRIA

Múltiplos olhares sobre a educação

VILMA PAVÃO FOLINO (ORG.)



ANTOLOGIA

ITU É A HISTÓRIA

Múltiplos olhares sobre a educação

ORGANIZAÇÃO

Vilma Pavão Folino

1ª edição

2024



A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL SÓ É PERMITIDA MEDIANTE AUTORIZAÇÃO EXPRESSA DA ORGANIZADORA. OS TEXTOS AQUI REPRODUZIDOS SÃO DE AUTORIA E RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES E NÃO REPRESENTAM, NECESSARIAMENTE, A OPINIÃO DA ORGANIZADORA.

ANTOLOGIA ITU É A HISTÓRIA: MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A EDUCAÇÃO

ORGANIZAÇÃO:
VILMA PAVÃO FOLINO

REVISÃO:
MARIA ANGELA PIMENTEL MANGEON ELIAS

ARTE DA CAPA:
PAULO LARA

DIAGRAMAÇÃO E PUBLICAÇÃO:
JEAN-FRÉDÉRIC PLUVINAGE / EDITORA FOXTABLET

ISBN: 978-65-83368-05-8

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A634	Antologia Itu é a história [livro eletrônico] : Múltiplos olhares sobre a educação / Organizadora Vilma Pavão Folino. – Salto, SP: FoxTablet, 2024. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-83368-05-8 1. Educação – Itu (SP). 2. Itu (SP) – História. I. Folino, Vilma Pavão. CDD 981.61
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	



FoxTablet: a editora completa!

Produção de livros, revistas, jornais, eBooks e eMagazines

www.foxtablet.com.br | contato@foxtablet.com.br

(11) 9.8689-1789

“A educação não tem preço. Sua falta tem custo.”

Antonio Gomes Lacerda

*Um sonho realizado.
Com o apoio de muitos, a concretização do devaneio.
Gratidão imensa.*

Agradecimentos

À amiga confreira da ACADIL, Professora Maria Angela Pimentel Mangeon Elias, pelo seu apoio incondicional, desde o início do projeto à sua finalização e por efetuar entusiasticamente a revisão final.

À amiga confreira Ditinha Schanoski pela gentileza de me emprestar vários livros de sua preciosa biblioteca.

A todos os autores dos textos, poemas e depoimentos, identificados ao longo da antologia, por acreditarem na importância de nosso livro, no meu trabalho e, sem hesitação, aceitarem o desafio.

Ao artista plástico Paulo Lara, pelo empenho em possibilitar que sua arte extrovertida, 3D Pop, além de atrair a atenção, inspire o leitor a estabelecer uma conexão entre o passado e o presente, um dos propósitos do livro.

Às amigas Maria do Carmo Francischinelli Scarso, Ana Regina Amstalden Santa Rosa e Sandra Francisca Galdini Carvalho, sempre prontas a auxiliar na busca de informações.

Ao amigo Edson Carlos de Oliveira, por suas pertinentes e importantes sugestões.

Ao Coordenador André Luiz da Silva e à Professora Genilda Santana de França, professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Sylvia de Paula Leite Bauer, pela valiosa colaboração em relação aos poemas dos alunos.

Aos pais dos três adolescentes que produziram um poema especialmente para esta edição, por autorizarem a publicação das obras de seus filhos.

Ao confrade da ACADIL, atual presidente, Luís Roberto de Francisco, pelas diversas e valiosas sugestões espontâneas ou solicitadas.

À amiga Cristina Maria Casonatto Daldon pelo apoio na busca de depoimento.

Ao amigo confrade e diagramador, Jean-Frédéric Pluinage, pela paciência face a todas as indagações, exigências e questionamentos.

Aos funcionários da Biblioteca do Museu Republicano e do CILA por terem facilitado a busca de dados.

A Plínio Bernardi, Secretário Municipal da Educação, pelo envio da relação de escolas municipais.

À Diretoria de Ensino, por viabilizar o fornecimento de dados requeridos sobre as escolas estaduais.

Ao amigo José Benedito Camargo Marcon pelo surpreendente empenho para conseguir o patrocínio necessário a fim de que os livros pudessem ser distribuídos gratuitamente, como planejado.

Ao confrade Leonardo Silveira por indicação de fonte de pesquisa.

Aos patrocinadores, nomeados na página de Apoio Cultural, cujo investimento financeiro, possibilitou viabilizar a impressão dos exemplares da antologia.

À minha irmã, Maria Aparecida Pavão, pela paciência ao respeitar minhas longas e longas horas diárias frente ao computador ou consultando grande acervo de livros, durante infindáveis meses.

Ao meu filho, Ariovaldo Folino Junior, que por muitas vezes suportou meus desabafos de ansiedade e preocupação, bem como os de entusiasmo, reflexos da paixão pela obra.

Aos 106 participantes da pesquisa sobre as cartilhas com as quais foram alfabetizados, respondendo prontamente às questões.

Vilma Pavão Folino • Organizadora

Introito

*Da casa grande, dos fundadores,
para a luta abrem-se as portas
para semear a vida e o saber.
Eis a nossa bandeira a desfraldar
pelas terras de Cristóvão e Diniz,
senhores, essa semente
a florir primeiro e perfumar
o conhecimento e o ideal de vencer.
Educar é o sonho; mas sonhar
sob olhar da Candelária, é escrever
para ituano ser.*

Durce Gonçalves Sanches

Ocupante da Cadeira nº 14 da ACADIL – Academia Ituana de Letras.

Prefácio

Vilma Pavão Folino escolheu-me para fazer o prefácio de seu livro sobre as escolas de Itu, e me sinto grata e feliz por essa honra e consideração.

Li o livro inteiro antes de dar minha opinião! São textos que deverão contar o que as escolas “escondem” ou “mostram” atualizando nossas considerações. Há, esparsas, diversas e diversas informações sobre isso, mas nenhuma bem completa.

Vilma, como boa colecionadora, nada deixa escapar... Portanto, é grande a minha responsabilidade. Pesquisei e cheguei à conclusão de que estes dados poderão preencher pelo menos uma boa parte necessária.

Vamos lá!

A grande expansão de Itu nesse setor dificulta esse trabalho, mas procuraremos chegar o mais próximo possível. Aleluia! Aleluia! As escolas alimentaram e demonstram especial interesse no que vão ensinar. Sendo assim, todas se tornaram repositório de informações preciosas, que valem relembrar.

O livro deve ficar grande e grosso, para que não se diga que está falho. Não, não e não... Deverá trazer assuntos essenciais e realizar o que dele se espera. É o que esse livro faz. Não esquece as escolas, mas também evita repeti-las, dando, numa visão geral, a preocupação por não esquecer nenhuma.

Mas não deixarei passar esta oportunidade sem encomiar e aplaudir as escolas de Itu. Todas com suas responsabilidades e preocupações. Todas com seus professores, professoras e funcionários imbuídos de suas tarefas. Todas com seu “charme” aparente ou mal escondido. Todas cumprindo o seu dever.

À Vilma, nosso abraço de felicitação e aplauso ao galardão conseguido.

Com muito carinho,
Maria Angela Pimentel Mangeon Elias

Apresentação

A organização desta antologia tem como um dos objetivos, agrupar e salvaguardar os dados disponíveis em pesquisas históricas e literárias, legislações, documentos e depoimentos sobre o desenrolar da educação através do tempo em nossa cidade. Para tal, foram convidados a participar, ituanos gentílicos ou de coração, que já haviam escrito relatos a respeito de determinado aspecto relevante à proposta desta obra, considerados especialistas no tema. Outro objetivo é armazenar dados sobre as diversas instituições de ensino que existiram ou ainda existem no contexto educacional ituano. Para essa consecução, foi solicitado a profissionais que atuaram ou atuam nestas instituições, um relato de sua experiência e de sua pesquisa sobre a história e a trajetória destas unidades educacionais. Como a edição deste livro não tem fins lucrativos, a organização, a elaboração de textos e a criação da capa são resultado de trabalho voluntário, motivado pela paixão por Itu.

Sem a pretensão de esgotar o assunto, pela extensa abrangência, por dificuldade em localizar dados ou mesmo a inexistência de alguns, aniquilados por incêndios ou outros fatores, além da junção de informações já conhecidas através de outras fontes, procuramos salvar os dados atuais para que sejam preservados, a fim de não privar gerações futuras de referências sobre os hodiernos dias. O tempo é bom conselheiro, mas também afasta, dilui e esvai a memória.

Trata-se de um profundo e abrangente olhar para este importante segmento da história que tem sido paradoxalmente relegado desde seus primórdios. A propalada educação para todos, na prática, não ocorreu, nem quantitativamente e muito menos qualitativamente, independente da forma de governo que tivemos: colonização exploradora e dominadora, governo monárquico, ditatorial ou republicano de qualquer tendência.

A particularidade desta antologia, contextualizada na introdução de cada capítulo, é ser informativa, porém repleta de emoções e vivências em relatos e depoimentos. A participação de autores que muito se empenharam para relatar peculiaridades e relevâncias sobre a nossa terra, centradas nos acontecimentos ligados à educação e ensino, enriqueceram e deram um cunho muito especial à coletânea. A investigação histórica acompanha a cronologia dos 414 anos de nosso município, e sem deixar de lado os primeiros habitantes da Boca do Serião, chega à atualidade.

E no final, o despontar da esperança...

Vilma Pavão Folino • Organizadora

Índice

SÉCULO XVI • Vilma Pavão Folino	13
Os primeiros habitantes da América e do Brasil	21
<i>Sandra Francisca Galdini Carvalho</i>	
Jesuítas na Boca do Sertão	32
<i>Jonas Soares de Souza</i>	
SÉCULO XVII • Vilma Pavão Folino	43
Fundação de Itu	50
<i>Ditinha Schanoski</i>	
SÉCULO XVIII • Vilma Pavão Folino	53
Convento, Igreja e Cruzeiro	64
<i>Anicleide Zequini</i>	
Carmelitas e a educação	75
<i>Frei Paulo Gollarte</i>	
SÉCULO XIX • Vilma Pavão Folino	83
Colégio São Luiz	114
<i>Bernardo Campos</i>	
Colégio Nossa Senhora do Patrocínio de Itu, de 1859 a 1970	121
<i>Maria Isbela Gerth Landell de Moura</i>	
Grupo Escolar Cesário Motta e Convenção	129
<i>Anicleide Zequini e Aline Zanattta</i>	
SÉCULO XX • Vilma Pavão Folino	145
História do IBAO	190
<i>Bruno de Assis Furquim</i>	
EE “Regente Feijó”	196
<i>Ana Regina Amstalden Santa Rosa e Maria do Carmo Scarso</i>	
Itu – Abençoada nos anos 40	206
<i>Vilma Pavão Folino</i>	
Histórico do “Lar Santo Inácio”	209
<i>Fernanda Miller Teodoro</i>	
Escola Técnica de Comércio Junqueira Ortiz	211
<i>Teresinha M. J. Raimundo</i>	

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras NS do Patrocínio	212
<i>Vilma Pavão Folino</i>	
ETEC “Martinho Di Ciero”	221
<i>Maria de Lourdes de Alencar Martins</i>	
Centro Promocional Madre Teodora	225
<i>Maria Inês Robusti Facioli</i>	
A História da Escola SESI em Itu.....	229
<i>Michelle Cristina Brisola</i>	
SENAC	233
Centro de Memória do SENAC São Paulo	
APAE de Itu	239
<i>Rosana dos Reis Moraes</i>	
FADITU: o início e o amor ao Direito.....	247
<i>Maria Lucia Caselli</i>	
FADITU.....	249
<i>Armando Sérgio de Moura Barros Netto</i>	
CEUNSP: o que sei sobre a educação superior em Itu.....	255
<i>Maria Angela Pimentel Mangeon Elias</i>	
CEUNSP: a tradição faz a diferença	262
<i>Carmem Silvia Mangeon Elias Nunes</i>	
Escola de Cegos Santa Luzia	265
<i>A Diretoria</i>	
Colégio Integrado Monteiro Lobato	270
<i>Maria Aparecida Manfredini Stuque e Célia Werner Rodrigues Barsotti</i>	
Escola Vagalume.....	280
<i>Maria da Graça Bragagnolo</i>	
Colégio Divino Salvador	283
<i>Marilda Penha Del Campo</i>	
SÉCULO XXI • Jean-Frédéric Pluinage	291
Colégio Almeida Júnior	299
<i>Maria Rita G. Pascale e Claudio Pascale</i>	
Centro de Estudos de Línguas Regente Feijó.....	301
<i>Maria Angélica Bonatti Ribas</i>	
FATEC	304
<i>Atilio Antonio Scalet e Solange Lopes Praça de Lucena</i>	
Branta Institute	311
<i>Rafael José Barbi</i>	

Colégio Progresso	315
<i>Osmar Savioli Junior</i>	
Rede Estadual de Ensino	317
<i>Diretoria de Ensino</i>	
Rede Municipal de Ensino	319
<i>Secretário de Educação Municipal</i>	
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA • Vilma Pavão Folino	331
EDUCAÇÃO MUSICAL • Luís Roberto de Francisco	345
ASSATEMEC	357
<i>Miriam Benayoun</i>	
FINALIZANDO • Vilma Pavão Folino	359
APOIO CULTURAL	365

Século XVI

VILMA PAVÃO FOLINO

“Aos amigos os favores, aos inimigos a lei”.

Nicolau Maquiavel, pensador florentino do Renascimento em “O Príncipe”

“Cabeças, eu as quero, antes bem-feitas do que bem cheias.”

Montaigne, em “Essais”, vol. 1, pg. 206.

Os historiadores consideram que neste século a civilização ocidental se desenvolveu e se impôs. Algumas características, em diferentes campos, são apontadas a seguir:

Economia e Política

O mercantilismo dominava esta época, visava a formação de fortes Estados-Nações, fundamento do imperialismo europeu. As políticas mercantilistas difundiam a crença de que a riqueza de uma nação residia na acumulação de metais preciosos (ouro e prata), diretamente ligada à quantidade de colônias que explorava e a quem era permitido comercializar exclusivamente com suas respectivas metrópoles.

No período de 1501 a 1867, o comércio de africanos como pessoas escravizadas foi uma intensa atividade comercial gerenciada por seis nações: Inglaterra, Portugal, França, Espanha, Países Baixos e Dinamarca. A vil justificativa para esta exploração era que somente com os escravizados seria possível manter os baixos preços de produtos como açúcar, arroz, café, anil, fumo, metais e pedras preciosas.

História, Filosofia e Cultura

O Renascimento, movimento cultural, artístico e social, iniciado no século XIV, na Itália, atinge seu ápice no século XVI com as principais características de:

- *Racionalismo* – a razão era o único caminho para se chegar ao conhecimento. Tudo poderia ser explicado pela razão e pela ciência.
- *Cientificismo* – todo conhecimento deveria ser demonstrado através da experiência científica.
- A chamada revolução científica do século XVI e XVII dando ênfase aos momentos em que *“o homem não somente conseguiu resolver um*

problema, mas teve que mudar sua mentalidade". (BUTTERFIELD, 1958, pág.9)

- *Individualismo* – o ser humano buscava afirmar a sua própria personalidade, mostrar seus talentos, atingir a fama e satisfazer suas ambições, através da concepção de que o direito individual estava acima do direito coletivo.
- *Humanismo e Antropocentrismo* – o homem é visto como a suprema criação de Deus e como centro do universo. O homem agora é o centro do pensamento do próprio homem.
- *Classicismo* – os artistas buscam sua inspiração na Antiguidade Clássica greco-romana para fazer suas obras.

No campo da educação o destaque é destinado a François Rabelais, cujas ideias estão contidas em Gargântua e Pantagruel, e a Michel Montaigne, com seus Ensaios, marcados de ceticismo e humanismo com ideais de liberdade, contrárias à violência e corrupção, às injustiças políticas e sociais.

Religião

No século XVI, era estreita e simbiótica a relação Igreja–Estado e as grandes navegações procuravam preservar o império e a fé.

No entendimento histórico de Maria da Glória de Rosa (1974, p. 139), “*A Renascença abriu as portas para a liberdade que procurou afirmar-se no terreno estético e, também, no religioso. Relacionando-se com este segundo aspecto surge a Reforma, movimento que principia com Lutero, na Alemanha, e pelo qual parte da Europa contestou a autoridade do Papa e da Igreja Católica*”, a simonia, a degradação dos costumes, a ambição política, a avareza entre outros atos dos padres e autoridades eclesiásticas. Rompeu-se assim, a unidade do cristianismo no ocidente (1517). Houve também o interesse em estender a escolaridade para as mulheres, para que pudessem ler a Bíblia traduzida para a língua alemã.

Em 1545, a Igreja Católica contrapôs o movimento com a Contrarreforma, reafirmando a autoridade papal, mantendo o celibato, reformando ordens religiosas, instituindo outras como a Companhia de Jesus, reformando e instituindo seminários e universidades, suprimindo os abusos envolvendo indulgências, edição de um catecismo e adoção de tradução oficial da Bíblia.

O texto de Koyré (1944, p.33-34) representa um especial resumo sobre este século.

“O século XVI foi uma época de uma importância capital na história da humanidade, uma época de um enriquecimento prodigioso do pensamento, e de

uma transformação profunda da atitude espiritual do homem; uma época imbuída de uma verdadeira paixão pela descoberta: descoberta no espaço e descoberta no tempo; paixão pelo novo e paixão pelo antigo. Os seus eruditos tudo exumaram, todos os textos sepultados nas velhas bibliotecas monásticas; leram tudo, tudo estudaram, tudo editaram. Fizeram reviver todas as doutrinas esquecidas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente: Platão e Plotino, o estoicismo e o epicurismo, o ceticismo e o pitagorismo, e o hermetismo e a cabala. Seus sábios tentaram fundar uma ciência nova, uma física nova, e uma nova astronomia; seus viajantes e aventureiros atravessaram os continentes e os mares, e os relatos de suas viagens resultaram em uma nova geografia, em uma nova etnografia.”

No Brasil

Conhecido como *quincentismo*, é um período marcado por produções literárias sobre o Brasil. São crônicas históricas, que descrevem as características do território recém “descoberto”, refletindo a visão de mundo e a linguagem dos colonizadores, e têm como tema central a conquista material e a espiritual.

Sobre os anos quinhentistas, temos os relatos de Pero Vaz de Caminha, Pero Magalhães Gândavo, Padre Manuel da Nóbrega e Padre José de Anchieta. A maioria dos livros registram Anchieta como o apóstolo do Brasil, cofundador de São Paulo, ativo na fundação do Rio de Janeiro e de cidades capixabas, deixando ainda sua marca na Bahia. O que os livros não falam é que Padre Anchieta acompanhou o Padre Manoel da Nóbrega na sua visita a Maniçoba, a aldeia existente em Itu, antes da fundação de São Paulo. Nas cartas, que enviava a Portugal, narrava sobre os indígenas, sobre a língua destes povos que aprendeu não só a falar como ainda escreveu uma gramática sobre a língua Tupi.

Anchieta é considerado por muitos um herói, um santo e, por alguns, um “bandeirante”. O que não se pode negar são as características facilmente dedutíveis de suas cartas escritas trimestral ou quadrimestralmente aos superiores em Lisboa: apesar de saúde frágil, foi um jesuíta corajoso, sacerdote dedicado, exemplo de religiosidade e fé, competente linguista, intelectual sereno, poeta, dramaturgo, iniciador da literatura e do teatro, indigenista, pacificador, cofundador da cidade de São Paulo, professor criativo, educador do Brasil, enfermeiro, médico... e um dos poucos europeus que tentaram compreender o povo brasileiro, assim como a natureza do Brasil, principalmente da flora e fauna da Mata Atlântica, enquanto a maioria dos colonizadores só se preocupava em explorar a nova terra. Anchieta era polivalente. Corroboram para a figura santa

do Apóstolo do Brasil, os textos de Euclides da Cunha, Varnhagen, Fagundes Varela, Castro Alves, Simão de Vasconcelos entre outros.

Entre as obras quinhentistas, não podem ser relegadas as deixadas por viajantes estrangeiros que integram a chamada *literatura de viagem* e se constituem numa *literatura de testemunhos*, cujos registros e observações ajudam a conhecer a realidade do Brasil da época, como os relatos de Hans Staden, *Viagem ao Brasil* (1557) e o de Jean de Léry, *Viagem à terra do Brasil* (1574).

Importante destacar as palavras do viajante e mercenário alemão Hans Staden, que esteve no Brasil por duas vezes de 1545 a 1555: “A América é uma terra extensa. Existem lá muitas tribos de homens selvagens com diversas línguas e numerosos animais estranhos. Tem um aspecto aprazível. As árvores estão sempre verdes. Lá não crescem madeiras parecidas com as nossas madeiras de Hessen. Os homens andam nus. [...] Naquela terra existem também algumas frutas de vegetação rasteira e arbórea, das quais homens e animais se alimentam. As pessoas têm o corpo de cor marrom avermelhada. Isso vem do sol, que as queima assim. É um povo hábil, maldoso e sempre pronto para perseguir e comer os inimigos.” (STADEN, 2011). Numa visão característica de sua época, hoje taxada de excesso de religiosidade e etnocentrismo, descreve costumes, línguas, habitações dos que chamava de selvagens. Conheceu mais profundamente os Tupinambás, de quem foi prisioneiro por nove meses. Foi o primeiro livro impresso versando sobre o Brasil, e um relevante documento sobre o Brasil Colônia.

No século XVI era estreita e simbiótica a relação Igreja–Estado e as grandes navegações procuravam preservar o império e a fé, como já citado.

Em se tratando de religião no Brasil Colônia, os primeiros a serem lembrados são os jesuítas. Os manuais e livros didáticos que tratam do tema silenciam sobre o protagonismo dos franciscanos e outros religiosos, exaltando a atuação dos jesuítas. Os padres de Santo Inácio de fato marcaram a história do Brasil, não apenas na área religiosa, mas também política, econômica, e, principalmente, no campo educacional, nos mais de duzentos anos de presença no país, mas, chegaram aqui quase cinquenta anos depois dos franciscanos. O capelão mor da esquadra de Cabral, Frei Henrique de Coimbra, foi quem celebrou a primeira missa no Brasil, era franciscano e, junto com os demais frades, continuou a viagem com o capitão para a missão no oriente.

Segundo Jaboatão (p. 42) os primeiros missionários enviados em 1503 no Brasil foram dois frades franciscanos, enviados para catequizar os indígenas. Formaram o primeiro povoado brasileiro em Porto Seguro. Com a participação de portugueses e com a ajuda dos indígenas ergueram uma casinha e uma capela dedicada a São Francisco. Esta foi a primeira igreja construída no Brasil.

Dois anos depois, a invasão de uma tribo antropófaga massacrou o povoado e os frades foram os primeiros mártires que se tem notícia, devorados. “Os primeiros religiosos que vieram ao Brasil foram da ordem de São Francisco, os quais aportaram em Porto Seguro não muito depois da povoação daquela capitania, e fizeram sua habitação com zelo da conversão do gentio”, escreveu o próprio Anchieta numa crônica de 1584.

Até 1549, a colonização portuguesa foi muito restrita à exploração, e Portugal só se preocupou realmente em colonizar e ocupar a costa brasileira devido às ameaçadoras invasões estrangeiras. Neste período, houve a ação missionária dos franciscanos em Laguna (SC) onde construíram internatos.

Para melhor compreensão da história da educação brasileira, Saviani (2011) divide este período em três etapas: de 1549 a 1599, de 1599 a 1759 e de 1759 a 1808.

A primeira fase, o período heroico, é iniciada com a chegada dos primeiros jesuítas ao Brasil, com a missão de converter os gentios, tendo como instrumento fundamental a catequese. Chegaram à colônia brasileira, em 1549, com o primeiro Governador Geral do Brasil, Tomé de Souza, 1500 pessoas entre as quais soldados, mulheres, crianças, funcionários da Coroa, 400 degredados e 6 padres da Companhia de Jesus dos quais Padre Manoel da Nóbrega era o superior (MOURA,2000, p.22).

O jovem José de Anchieta, com 19 anos, ainda estudante, chegou à Bahia em 1553 com o segundo Governador Geral, Dom Duarte da Costa, e três meses depois já estava em São Vicente.

Como elementos da Contrarreforma, os jesuítas implantaram missões e colégios contando com incentivo e subsídio da Coroa Portuguesa. Essa situação se consolidou com o estatuto da “redízima”, instituída em 1564, mediante a qual um décimo da receita obtida pela Coroa Portuguesa na colônia era destinado à manutenção dos colégios jesuítas (MATTOS, 1958, p 275). A Igreja se associou à Monarquia para, através da palavra, implantar na nova terra a civilização dos que dela se apossavam. Assim, ao longo dos dois primeiros séculos, houve uma hegemonia inaciana no ensino brasileiro, marcada pelo plano de instrução elaborado por Nóbrega. Espírito empreendedor, Nóbrega buscava implantar seu plano de instrução “nas povoações litorâneas, cujos elos seriam o colégio da Bahia ao norte e o de São Vicente ao sul” (MATTOS, 1958, p.83). A principal estratégia utilizada para a organização do ensino, tendo em vista o objetivo de atrair os “gentios”, foi atrair as crianças, os *curumins*, a quem ensinavam, além da catequese, a leitura e a escrita. Nóbrega, administrador de ampla visão, se manteve atento, também, à necessidade de prover as condições materiais dos colégios jesuítas envolvendo:

a posse de terra para a construção dos colégios; a sua manutenção, a provisão de víveres abrangendo a criação de gado e o cultivo de alimentos como a mandioca, o milho, o arroz, a produção de açúcar, de panos; e, a realização dessas tarefas, por escravizados, como era costume na época. A proposta pedagógica religiosa de Nóbrega e Anchieta, iterada por Leonardo Nunes, Antonio Pires, Azpilcueta Navarro, Diogo Jácome, Vicente Rijo Rodrigues, Manuel de Paiva, Afonso Braz, Francisco Pires, Salvador Rodrigues, Lourenço Braz, Ambrósio Pires, Gregório Serrão, Antonio Blasques, João Gonçalves e Pero Correia, formou uma verdadeira *pedagogia brasílica*, adaptada às condições daquele momento para educar os mamelucos, os órfãos, os filhos de caciques da terra, os filhos dos colonos dos povoados, as crianças indígenas e recrutar vocações sacerdotais. O ensino começava pela doutrina cristã, aprendizado da língua portuguesa e em caráter opcional o canto orfeônico e música instrumental. A partir daí de um lado os indígenas aprendiam habilidades profissionais e agrícolas e para os filhos dos colonos aulas de gramática e estudos na Europa. Mais tarde, a “pedagogia brasílica” foi substituída pela *Ratio Studiorum*, plano geral de estudos organizado pela Companhia de Jesus, a ser utilizado em todos os territórios onde houvesse a atuação jesuítica.

Em 1580, chegaram as carmelitas, os beneditinos e mais alguns franciscanos que se dedicaram também às missões entre os indígenas incluindo instrução, além de fundar conventos e mosteiros.

O binômio português x indígenas começou a se alterar com a necessidade de mão de obra para a produção de açúcar, única base da economia até meados do século XVII, e enriquecimento dos colonizadores. Com valores culturais, sociais e econômicos muito diferentes, livres, os indígenas não se sujeitaram às imposições. Muitas nações dos indígenas desapareceram no contato (doenças) e no confronto com os colonizadores e suas armas de fogo. Os portugueses instituíram, então, a mais abominável exploração humana: o tráfico de africanos, a partir de 1540. Com o tráfico, o ganho era duplo: na produção açucareira com o trabalho escravo e lucro na comercialização da mercadoria, os próprios escravizados.

Havia escravizados também nas fazendas e mosteiros das ordens religiosas, jesuíticas e outras. Nas fazendas dos jesuítas, com características mais de subsistência no século XVI, havia escolas do bê-á-bá para os filhos de escravizados. Nestas, como nas demais, para brancos, mamelucos e mulatos, havia autoritarismo e rigor na disciplina, incluindo castigos físicos.

Poucas escolas jesuíticas incluíam as mulheres e destinavam-se ao ensino de prendas domésticas, às orações e a rudimentos de leitura. Os indígenas aldeados contestaram essa discriminação e solicitaram a Nóbrega que suas filhas também

fossem alfabetizadas. O jesuíta enviou uma carta solicitando autorização para o ensino das meninas à D. Catarina, então rainha de Portugal, que negou o pedido devido “às *consequências nefastas do acesso das mulheres indígenas à cultura*”. Na metrópole, não havia escolas para meninas, e as mulheres portuguesas eram, na sua maioria, analfabetas. As que viviam na Corte possuíam pouca leitura, destinada apenas ao livro de orações (RIBEIRO, 2000, p. 81).

O que se pode deduzir e afirmar é que com acertos e desacertos, subsídios, muita tenacidade, coragem, organização e empenho, a ação dos jesuítas representa, neste período das missões, a maior e mais atuante e, em muitos locais, a única “rede de ensino”, presente em nossa imensa costa litorânea.

Padre Moura (2000, p. 39 e p. 40) cita alguns autores e documentos, apontando que: “*em 1585 a população civilizada era constituída por 60 mil almas – 25 mil brancos e mestiços, 20 mil índios cristãos e 15 mil escravos africanos*”.

O século XVI termina com o Brasil sob domínio espanhol, devido à dinastia de Avis não deixar herdeiros em Portugal. E com ingleses e holandeses tentando invadir Salvador, a capital brasileira na época.

Vilma Pavão Folino

Pedagoga e Psicopedagoga aposentada

Ocupante da Cadeira 35 da ACADIL – Academia Ituana de Letras

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCHIETA, J. **Cartas, Informações, fragmentos históricos e sermões.**

Belo Horizonte: Itatiaia e USP. 1988

ANCHIETA, José, S.J. Carta trimestral de maio a agosto de 1556 pelo Ir. José de Anchieta. In: LEITE, Serafim, S.J. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil: 1553-1558.** Coimbra: Tipografia Atlântida, 1957. v. 2, p. 302-310. (Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo).

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia Geral e do Brasil.** Edição 3, SP. Editora Moderna, 2006.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 11ª edição. SP, Editora USP, 2003.

PAULA, Eunice Dias de e outros. **História dos povos indígenas: 500 anos de luta no Brasil.** Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

BUTTERFIELD, Herbert. **Las origenes de la ciencia moderna**. Madrid: Taurus Ediciones, 1958.

JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria. **Novo Orbe Serafico Brasilico ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiniano Gomes Ribeiro, 1858 (vol. 1).

KOYRÉ, Alexandre. **Études d'histoire de la pensée scientifique**. Paris: Presses universitaires de France, 1966.

LEITE, Serafim, S.J. **Breve história da Companhia de Jesus no Brasil : 1549-1760**. 2. Ed. Braga: Apostolado da Imprensa, 1993. 291 p.

MATTOS, Luiz de. **Primórdios da Educação no Brasil – período heroico (1549-1570)**. Rio de Janeiro, Gráfica Aurora. 1958.

MONTAIGNE, Michel E. **Essais**. Societè Les Belles Lettres, Paris,1946

MOURA, Laercio Dias de. **Educação Católica no Brasil**. Edições Loyola,SP, 2000.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. “Mulheres Educadas na Colônia”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos, **História da Educação Brasileira – A organização escolar**. Cortez Editora,1989.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**, 3. ed. Campinas SP, Autores Associados, 2011.

ROWER, B.,**Ordem Franciscana no Brasil**. Vozes, Petrópolis 1947.

STADEN, Hans. **Duas Viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 2011”

<https://ensinarhistoria.com>

jornaldocampus.usp.br – Únicos registros escritos por indígenas em tupi antigo.... por Sarah Lídice - 21 de dezembro de 2021 . Acesso em 08 de janeiro de 2023.

<https://ensinarhistoria.com.br/educacao-da-mulher-no-brasil-colonial/> – Blog: Ensinar História - Joelza Ester Domingues

Os primeiros habitantes da América e Brasil

SANDRA FRANCISCA GALDINI CARVALHO

A origem do homem americano é um assunto fascinante e quando questionamos a chegada dos primeiros habitantes no continente americano nos deparamos com diversas teorias.

Alguns cientistas trabalham com a hipótese de que a América, assim como a África e Ásia, contavam com populações próprias ou nativas. No entanto, a tese do autoctonismo americano não conta com afirmações materiais, ainda não foram encontrados fósseis humanos anteriores ao do Homo Sapiens. Esta teoria hoje é bastante contestada.

Dos últimos continentes a serem habitados por seres humanos, a América tinha como referência a afirmação de pesquisadores de que sua ocupação territorial teve início entre 15 e 25 mil anos atrás. Descobertas arqueológicas em 2021 indicam que o povoamento da América começou muito antes do que se acreditava e, no Brasil, novos sítios arqueológicos recuam esta data para mais de 50 mil anos.

Interessante saber que dados arqueológicos muitas vezes se completam com novas tecnologias como: termoluminescência, urano-tório, carbono 14, engenharia genética, análises dos vestígios testemunhais, mostras de gelos, datação de rádio carbono, mapeamentos em sítios arqueológicos, análises de DNA de fósseis, traços linguísticos, relógio molecular etc.

Outra teoria, a do Estreito de Bering, foi aceita por muito tempo, considerando a hipótese de que os homens pré-históricos migraram do Norte para o Sul, com o congelamento das águas do estreito ligando regiões da Ásia (Sibéria) e América (Alasca). Embora a genética tenha comprovado que siberianos e nativos americanos têm parentesco, a teoria é contestada por considerar apenas esta hipótese. Pesquisas mais recentes têm apontado outras origens e outros pontos de chegada dos ancestrais pré-históricos.

A teoria Transoceânica acrescenta outras proveniências. Registros de coletas e pinturas rupestres indicam que os assentamentos dos primeiros habitantes americanos ocorreram nas costas litorâneas do Oceano Pacífico, onde nativos asiáticos chegaram em suas pequenas e embarcações, vindos do sul asiático, da Polinésia, e Oceania.

Por outro lado, em Lagoa Santa, Minas Gerais, uma descoberta que nos remeteu a um passado de 7 a 11 mil anos atrás, levou a comunidade científica de paleontologia a indicar mais um local de procedência humana para a América. A África passou a ser considerada esta outra origem, pois o fóssil craniano de Luzia, em Minas encontrado, apresenta todas as características negroides.

Há vestígios de comunidades pré-históricas do continente americano, no período do Paleolítico Inferior, onde a caça, a pesca e a coleta eram os principais meios de sobrevivência, e os instrumentos eram de pedra lascada. Já no Paleolítico Superior, temos algumas amostras de pontas de flecha e facas de pedra com maior grau de elaboração (SOUSA, 2023).

No período Neolítico, com a descoberta e controle do fogo, os homens iniciaram a sedentarização e a agricultura em outras partes do mundo, mas não na América. Os vestígios de plantações foram encontrados em regiões do México, dos Andes e da América Central – entre 5000 e 4000 a.C, com o cultivo de milho, abóbora, batata, cacau, mandioca, feijão, abacate, amendoim, girassol, fumo, chocolate, coca etc. Paralelamente, técnicas de plantio se sofisticaram com técnicas de irrigação, fertilização e a construção de terraços escalonados. A domesticação de animais também se desenvolveu com a criação de alpacas e lhamas. Na América do Sul temos o surgimento das culturas andinas, destacando os incas, povos caraíbas, guaranis e tupis.

“Sem chegar a um consenso final, as pesquisas arqueológicas e paleontológicas continuam na América. Cada dia, novas descobertas vão ampliando o debate sobre os povos formadores do nosso continente. Dessa forma, muitos vestígios pré-históricos americanos ainda esperam seu encontro com o homem contemporâneo.” (SOUSA, 2023)

Conhecemos informações dos povos pré-históricos, através dos vestígios de materiais, como cerâmicas, machados, outras ferramentas de pedra, sinais de roças, que foram deixados nos locais que habitavam, hoje chamados sítios arqueológicos.

O Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) considera sítios arqueológicos os locais onde se encontram vestígios de ocupação humana, que são identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de estadia prolongada ou de aldeamento, estações, cerâmicas, grutas, lapas e abrigos sob rocha, além das inscrições rupestres ou locais com sulcos de polimento, os sambaquis (amontoados de conchas e outros objetos feitos por seres humanos) e outros sinais.

No Brasil, o Iphan tem em seu banco de dados cerca de 33 mil sítios arqueológicos cadastrados no Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG). Sítios renomados: Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí, Sítio Arqueológico do Lajedo de Soledade – Rio Grande do Norte, Parque Nacional do Catimbau – Pernambuco, Sítio Arqueológico Pedra Pintada – Roraima (IPHAN). No estado de São Paulo, existem atualmente cadastrados 1595 sítios (GOV.BR. Ministério da Cultura).

Nossos primeiros habitantes

Estima-se que, no Brasil, em 1500, havia entre 3,5 a 7 milhões de nativos “índios”, o que sustenta a fecunda hipótese de que eram muito mais de 305 etnias, com registro de 274 línguas indígenas, onde muitas delas surgiram dos troncos linguísticos Tupi (dos ocupantes do litoral) e Macro-Jê.(dos habitantes dos sertões).

Levando em consideração que não possuíam imunidade natural em relação a vírus e bactérias trazidas pelo europeu, tribos foram dizimadas através de gripe, sarampo, coqueluche, tuberculose, varíola e sífilis. Entretanto, extermínio e escravidão foram os principais motivos da redução de milhões deles.

Resultados preliminares do Censo Demográfico 2022 (IBGE) apontam que há, hoje no Brasil, 1.652.876 de indígenas, número maior que em 2010, quando eles somavam 896,9 mil pessoas.

Outras designações foram dadas aos habitantes da América pré-colombiana, além de índios. Entre outros, destacamos: aborígine, ameríndio, autóctone, brasilíndio, bugre gentio, íncola, nativo, negro da terra, selvagem, silvícola. Inclusive, a descrição que Caminha fez dos indígenas também possibilitou uma representação ignóbil dos “selvagens”.

De acordo com Gabriel Soares de Souza (1587), estudioso e historiador do Brasil, habitavam a costa brasileira no século XVI os seguintes povos (grafia da época): Carijó, Tapuias, Potiguara, Caetés, Tupiniquins, Tupinambá, Papaná, Aimoré, Goitacases, Tamoio, Guainás, Tapuia do Sul (Charrua e Minuanos).

Os Tupis ocupavam a maior parte da costa brasileira e eram, muitas vezes, guerreiros entre si. Apesar de cultura similar nos agrupamentos próximos, apresentavam também uma diversidade cultural. Uma semelhança é que não possuíam um tipo de escrita, assim sendo, os documentos e registros que temos são sob a ótica dos conquistadores, navegadores, exploradores estrangeiros e padres. Todas as tribos tinham seus mitos, sua religião politeísta, sua organização, forma de governo com gestão baseada na cooperação, seus líderes espirituais, os pajés, suas danças e músicas, suas cerimônias e, uma cultura vasta.

Grande parte dos indígenas do Brasil tinham e tem (remanescentes) práticas animistas, ou seja, acreditam em espíritos e forças e entidades da natureza. Os curandeiros (pajés), que possuíam poderes mágicos e conversavam com os espíritos ancestrais. Moravam em ocas, onde dormiam em redes e esteiras. As ocas eram construídas de sapé ou de palmeira. Eram distribuídas em volta de um grande círculo, onde os indígenas faziam suas refeições e suas cerimônias religiosas. Cada etnia tinha seus próprios hábitos e um jeito de se relacionar com o mundo. Muitas tribos ainda compartilham modos de vida, rituais, e organizações sociais semelhantes, mantendo entre si laços de parentesco e reciprocidade, em famílias monogâmicas ou poligâmicas, vivendo em uma tradição, onde todos são atuantes. O conjunto de ocas forma a aldeia ou taba. Várias tabas formam uma tribo e um conjunto de tribos formam uma nação. Os homens eram envolvidos na caça, pesca, construção de tabas, preparação do solo para a lavoura. A alimentação obtida na caça, na pesca, na coleta e na lavoura era dividida entre todos os membros da comunidade. Para as mulheres, havia a incumbência das tarefas como: preparo da comida, cuidado com as crianças, a colheita e o plantio.

A educação indígena ensinou e continua a nos ensinar muito, sobre respeito não só a humanos, mas a todas as formas de vida, sempre em harmonia e respeito com a natureza. As crianças eram ensinadas a respeitar e valorizar, desde a formiga até os anciãos. Eles tinham religião, hábitos, costumes e comportamentos similares e a divisão do trabalho também era semelhante entre todos os povos.

A educação era assistemática, transmitida de geração a geração de forma direta, espontânea, na vida cotidiana. Os curumins, os indígenas pequenos, aprendiam de forma prática, observando os adultos, e tinham liberdade de circular pelas aldeias de tribos amigas, com semelhanças estruturais quanto à educação. As nações indígenas possuíam atividades divididas de acordo com a idade e uma cerimônia de iniciação diferente para meninos e meninas.

Saviani, (2008) relata que, até os 8 anos, as meninas e os meninos dependiam da mãe. Eles recebiam arco e flecha pequenos para a caça e a pesca; elas aprendiam jogos infantis (como a peteca, pião, bilboquê, perna de pau), fiação e cerâmica. Dos 8 aos 15 anos, os meninos acompanhavam os pais na caça e pesca e as meninas desenvolviam os trabalhos anteriores, e aprendiam a cozinhar e semear. A partir dos 15 anos, participavam da cerimônia de iniciação à vida adulta; os jovens para se tornarem hábeis guerreiros, caçadores, pescadores e fabricantes de flechas; as jovens para terem reconhecimento de suas atividades domésticas. A diferença nestas cerimônias consiste no tempo de confinamento

dos iniciantes, as pinturas, os adornos, o corte ou não dos cabelos e das franjas (no caso feminino), além de muitas outras. Na cestaria, eram brilhantes, produziam peneiras, tipitis, brincos, colares, balaios, cachiches, cordas, redes, cestos e, principalmente, esteiras.

Carijós, os primeiros habitantes de Maniçoba

Itu / Porto Feliz e região

Os carijós representam o grupo de habitantes mais antigo na historiografia ituana, da qual temos referências.

Por volta do século XVI, os carijós ocupavam o território compreendido entre Cananea/SP até a Lagoa dos Patos/RS, incluindo todo o litoral do Paraná e Santa Catarina. Pertenciam à nação Guarani quanto à língua geral e, regionalmente, eram denominados carijó. Os navegadores e exploradores, afirmavam que eram “o melhor gentio da costa”.

A denominação carijó, do tupi-guarani “Caraí-yóc”, significa cara pálida, pele clara, nome dado a alguns descendentes ocasionais de acasalamentos de mulheres indígenas com europeus, nome que se estendeu depois a toda a nação.

Muito ativos, voltados para a caça miúda (paca, cutia, tatu, perdiz e outras aves) costumavam pintar no corpo uma camuflagem própria para a caça. Eram exímios arqueiros, sendo que a eles, desde meninos, era ensinada a utilização das armas. Possuíam instrumentos de sopro e percussão, e tinham o hábito de cantar e dançar durante as cerimônias de rituais de seu grupo. Alimentavam-se basicamente da caça e da pesca. A agricultura era rica em tubérculos, utilizavam a mandioca para a produção da farinha e desta fabricavam beijos e outros assados na folha; já o aipim comiam cozido ou assado na fogueira.

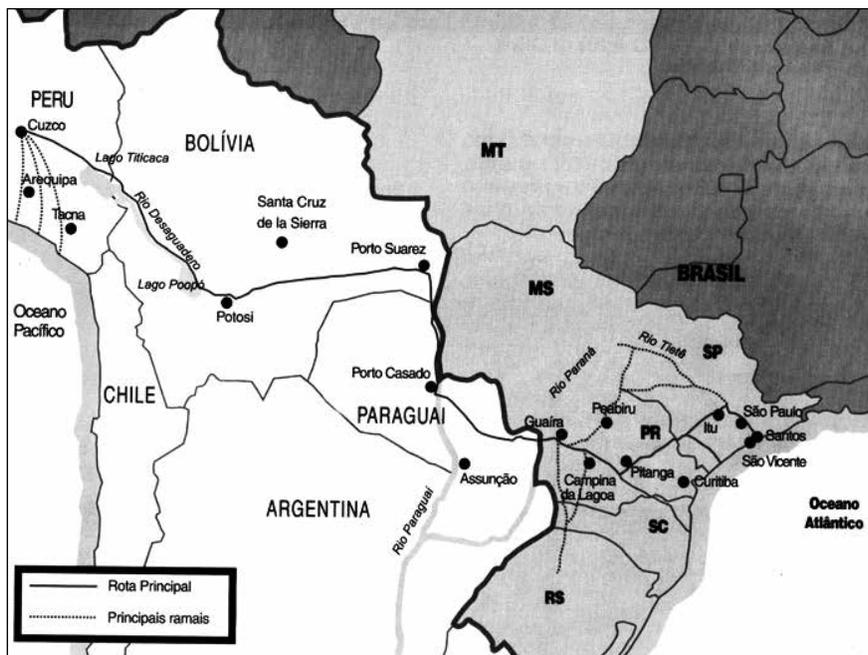
As *Cartas* de Padre Manoel da Nóbrega, são documentos importantíssimos nos relatos dos primórdios da colonização brasileira e a conversão religiosa dos indígenas (Instituto Histórico e Geográfico – SP).

Padre Manoel da Nóbrega traçou um arrojado plano de evangelização e expansão territorial. Desejava avançar pelo interior – guiado pelas águas do Anhembi – até, se possível, alcançar o domínio espanhol do Paraguai. Assim que os jesuítas chegaram na “boca do interior” (agosto de 1553), reuniram-se com os indígenas em Maniçoba, onde trataram de organizar uma escola. Este aldeamento, embora tenha durado pouco tempo, é considerado por alguns estudiosos o embrião da futura Itu. Existiu antes mesmo da fundação de São Paulo de Piratininga.

A civilização Inca, existente na América do Sul, tinha a ambição de conquistar o caminho para o oceano Atlântico, criando o *Peabiru*, que era tido pelos

indígenas Tupi do Brasil como uma trilha mágica que conectava o oceano Pacífico ao Atlântico. No idioma Tupi, Peabiru significa “caminho do mato amassado”.

Notório que, ao observar que um dos braços pelo qual passa o Peabiru ficava exatamente onde se localiza a cidade de Itu/SP, sendo uma das rotas que descia para o Paraguai, talvez a escolha de Manoel da Nóbrega por montar Maniçoba nesse local não tenha sido em vão, já que era um de seus objetivos chegar à missão de Assunção no Paraguai, conectando os indígenas de Maniçoba a Assunção (CARVALHO, 2008).



Fonte do mapa: livro "O Caminho de Peabiru", de Rosana Bond, e revista "Dédalo".

Remanescentes dos indígenas Carijós hoje vivem em uma pequena região do estado de Santa Catarina, com uma tribo localizada em Biguaçu e com outra pequena tribo em Indaial. De acordo com a própria Funai, a tribo é considerada “extinta”, uma etnia que se perdeu no tempo.

A cultura dos nossos primeiros habitantes

“Quando morre um velho, sabido é como se fosse queimada uma grande biblioteca da história do nosso povo.”

Trecho do livro *História Indígena* – Comissão Pró-Indígena do Acre, 1996

Baseadas no patrimônio imaterial através da oralidade, as culturas indígenas no Brasil primam pelo conjunto de valores, convivência em comunidade, conhecimentos, crenças e costumes. Mesmo na ausência da escrita, uma diversidade de sinais e de outras formas gráficas cumpriram e cumprem o papel da interação entre os povos. Hoje, mesmo com acesso à escrita, a tradição oral se mantém como elemento essencial da cultura indígena.

A oralidade está presente em elementos da dança, festas populares, culinária, vocábulos, crenças e nas práticas populares de cura derivadas das plantas. Na língua portuguesa falada no Brasil, também recebemos grande influência indígena, atrelada ao fruto do processo de aculturação e assimilação entre povos nativos, negros e europeus.

O professor lexicógrafo e filólogo Eduardo Navarro, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, especialista em tupi antigo e em literatura do Brasil colonial, elaborou o *Dicionário de Tupi Antigo*, também pesquisou seis cartas trocadas entre indígenas em 1645, os únicos textos conhecidos que os próprios indígenas escreveram em tupi nos tempos coloniais. Essas cartas estão guardadas nos arquivos da Real Biblioteca de Haia (Holanda), e detalham uma guerra religiosa travada entre portugueses e holandeses, com a presença de indígenas em cada lado, conhecida como Insurreição Pernambucana (1645-1654). “São os primeiros e os únicos documentos escritos pelos próprios indígenas até a Independência do Brasil. É muito raro ter algo escrito pelos indígenas que tenha sido preservado. Esse é o verdadeiro valor dessas cartas”; destaca o professor (NAVARRO, 2021). Explica, também, que essas seis cartas pertenciam ao arquivo da Companhia das Índias Ocidentais. Essa companhia organizou uma invasão do Nordeste brasileiro em 1625, que não foi bem-sucedida. Cinco anos depois, houve outra invasão que deu certo, principalmente, em Pernambuco, onde os holandeses permaneceram por 24 anos, desde 1630 até 1654. Com esses “documentos preciosos”, observam-se também os rumos da guerra. As cartas mostram o movimento dos exércitos, aspectos da cultura dos indígenas potiguaras e certa tristeza por terem perdido sua cultura tradicional.

A importância de se reparar a história

Os indígenas brasileiros formam, hoje, um contingente que representa cerca de 0,47% da população brasileira. Os indígenas são o grupo de pessoas reconhecidas como descendentes dos povos que habitavam o Brasil antes da chegada dos europeus.

A Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Criada por meio da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro

de 1967, vinculada ao Ministério dos Povos Indígenas, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal.

De acordo com o censo do IBGE de 2010, há 896.917 indígenas no país, sendo que, desse total, cerca de 60% vivem em terras indígenas oficialmente reconhecidas pelo governo federal. Deste número, 324.834 moram nas cidades e 572.083, em áreas rurais.

As comunidades indígenas estão presentes nas cinco regiões do Brasil, sendo que a Região Norte é aquela que concentra o maior número de indivíduos, aproximadamente 37,4% do total, sendo que o estado detentor do maior número de indígenas é o Amazonas, representando 55% do total.

De um modo geral, para as Regiões Sudeste e Sul, tanto na área urbana quanto na rural, houve redução da parcela de sua população indígena em relação ao total de indígenas do País.

O Censo 2010 também investigou, pela primeira vez, o número de etnias indígenas (comunidades definidas por afinidades linguísticas, culturais e sociais), encontrando 305 etnias, das quais a maior é a Tikúna, com 6,8% da população indígena. Também foram identificadas 274 línguas indígenas.

O IBGE também aprimorou a investigação sobre a população indígena no país, investigando o pertencimento étnico e introduzindo critérios de identificação internacionalmente reconhecidos, como a língua falada no domicílio e a localização geográfica. Foram coletadas informações tanto da população residente nas terras indígenas (fossem indígenas declarados ou não) quanto indígenas declarados fora delas.

A educação indígena na constituição brasileira

Entre 1549 e 1970, houve diversas políticas de educação indígena. A primeira grande mudança resultou da Reforma Pombalina, em 1750, que proibia a escravização de indígenas e, posteriormente, de escolas criadas pelo Serviço de Proteção aos Indígenas, a partir de 1910.

A promulgação da *Constituição Federal* de 1988 garantiu aos povos indígenas o direito a uma educação diferenciada, que respeitasse sua diversidade linguística e cultural (dos diversos povos). Nos artigos 210, 231 e 232 são assegurados direitos ligados às especificidades dos povos indígenas como, por exemplo, a garantia de utilização de línguas maternas e processos próprios de aprendizagem pelas comunidades indígenas. O Núcleo de Inclusão Educacional (Ninc) e o Núcleo de Educação Indígena (NEI) são os órgãos da Educação responsáveis por gerir políticas de inclusão para os alunos. Os núcleos integram a Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB).

“O Ensino Fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurando às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (BRASIL, CB 1988).

O MEC desenvolve, em articulação com a Funai, cursos de formação para que professores e lideranças indígenas conheçam seus direitos e exerçam o controle social sobre os mecanismos de financiamento da educação pública. A coordenação das ações escolares de educação indígena está, hoje, sob responsabilidade do Ministério de Educação, cabendo aos Estados e Municípios, a sua execução.

A educação indígena no Estado de São Paulo

A Secretaria da Educação atende em todo o Estado de São Paulo mais de 1,8 mil alunos de comunidades indígenas. Ao todo, são 40 unidades escolares com Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), voltadas a estudantes das etnias Guarani Nhandewa, Guarani Mbya, Terena, Krenak e Kaingang.

O conteúdo aplicado nas salas de aula segue as diretrizes do Currículo do Estado de São Paulo com um diferencial: as disciplinas são trabalhadas de acordo com os conhecimentos de cada etnia e os educadores são indígenas que pertencem às aldeias em que as escolas estão localizadas.

A Secretaria Estadual de Educação de São Paulo (SEE/SP), buscando se adequar ao proposto pela Carta Magna e a LDBN instituiu, em 1997, por meio da Resolução SE nº 44, o Núcleo de Educação Escolar Indígena (NEI). Ele é composto por 26 membros, sendo um titular e um suplente, como segue: seis representantes da Secretaria de Estado da Educação, um representante de cada uma das seguintes organizações: Fundação Nacional do Índio – Funai, Ministério da Educação – MEC, União dos Dirigentes Municipais de Educação – Undime, Universidades, Organizações não Governamentais – ONGs, Centro de Estudos e Pesquisas das Administrações Municipais – Cepam, e representantes das etnias indígenas, assim distribuídos: As quatro Guarani, sendo um representante do Litoral Norte, um do Litoral Sul, um do Vale do Ribeira e um da Grande São Paulo; Quatro representantes Tupis-guaranis, sendo um do Litoral Norte, um do Litoral Sul, um do Oeste Paulista e um do Vale do Ribeira; Um representante Krenak do Oeste Paulista; Dois Kaingang do Oeste Paulista; Dois Terenas do Oeste Paulista e um Pankararu da Grande São Paulo. Esta organização está descrita no documento: SÃO PAULO (Estado). *Resolução da Secretaria Estadual de Educação nº44, 1997.*

Uma das primeiras propostas do NEI/SP foi a formação de professores indígenas para atuarem nas escolas das aldeias, tendo em vista que o quadro de professores, em sua maioria, era composto por professores não-indígenas.

Em 2002, teve início o curso de Magistério Indígena. Ele se constituiu por meio de uma parceria entre a SEE/SP e o CEFAM/Tucuruvi. O Magistério Indígena foi um curso pioneiro no Estado de São Paulo, por isso serviu de experiência tanto para os alunos como para os professores.

O artigo 32 da *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* define que o ensino fundamental regular deve ser ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Atualmente, a rede estadual de São Paulo conta com 40 escolas indígenas, com mais de 1,8 mil alunos matriculados, oferecendo educação bilíngue que respeita a língua materna da comunidade como primeiro idioma e a língua portuguesa como segunda, nos cursos de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e educação de Jovens e Adultos (EJA). Os órgãos gestores destas escolas são o Ninc (Núcleo de Inclusão Educacional) e o NEI (Núcleo de Educação Indígena) que seguem as diretrizes do Estado de São Paulo.

Todos os americanos “civilizados”, de hoje, têm uma dívida para com os indígenas, uma dívida de mais de cinco séculos. Como essa dívida pode ser paga?

Oferecendo uma “esmerada educação”, integrando-os à nossa chamada civilização, respeitando e devolvendo-lhes ou garantindo-lhes suas terras e o direito à diferença cultural.

Sandra Francisca Galdini Carvalho

Licenciatura em História e Estudos Sociais. Atuou na Educação Estadual, ministrando aulas de História/Geografia/OSPB/EMC/Filosofia/Sociologia. Coordenadora do CCE Centro Cívico Escolar – PCP Professora Coordenadora Pedagógica – Assistente Técnico Pedagógico/Geografia na Oficina Pedagógica DRE/ITU.

Pesquisa, adaptação e argumentação:

Sandra F.Galdini Carvalho e Gabriel A. Galdini Carvalho

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CELESTINO de Almeida, Maria Regina. **Os índios na História do Brasil**. Serie História FGV Editora, SP,2010.

CARVALHO, Gabriel. **A Missão de Maniçoba**. Itu, São Paulo. 2008 – Unesp – Presidente Prudente.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas,SP, Editores Associados, 2008.

SOUSA, Rainer Gonçalves. “**Povoamento da América**”. Artigo em Brasil Escola. UOL ,2023. Acesso 07/2023.

OTTONI da Silveira, Mylton (membro da ACADIL) em *grandeitu.com.br* – Acesso em 10/03/2023.

Metalinguagem. Volume 8, número 4, dezembro 2021– entrevista com Eduardo de Almeida Navarro.

jornaldocampus.usp.br – **Únicos registros escritos por indígenas em tupi antigo...** por Sarah Lídice – 21 de dezembro de 2021. Em 08 de janeiro de 2023.

Jesuítas na Boca do Sertão

JONAS SOARES DE SOUZA

Textos jesuítas antigos fazem referência a Aldeia de Maniçoba, existente em meados dos quinhentos entre a Serra do Japi e a atual cidade de Itu. Simão de Vasconcelos, na sua *Crônica da Companhia de Jesus* (1663), conta que Manuel da Nóbrega tomou como companheiros Antônio Rodrigues, homem versado na língua e costumes dos Carijós, e indígenas catequizados de Piratininga e entrou pelo sertão caminhando quarenta léguas até a Aldeia de Maniçoba ou Japiuba “*a fim de fazer experiência do que trazia em seu pensamento*”. Ali fez uma pequena igreja e nela começou a ensinar a doutrina cristã¹.

Maniçoba, como dizem quase todos os textos antigos, ou Mandiçoba, como a chama Manuel da Nóbrega no seu *Diálogo sobre a conversão do gentio*², significa folha ou pé de mandioca. Por sua vez, Japiuba quer dizer “árvore dos Japis ou Japus”, certo pássaro que deveria ser frequente na região, vulgarmente conhecido como guaxo ou xexéu (guaxe, japlim-de-costas-vermelhas, japlim-do-mato, xexéu-baêta e japira).

Da Aldeia de Maniçoba seguia para São Vicente parte daquela farinha consumida pelos alunos do “colégio” de Leonardo Nunes, o missionário que veio ao Brasil em 1549 na companhia de Tomé de Sousa, ao lado de outros religiosos, como Manuel da Nóbrega. “*A farinha vem-lhe de longe; primeiro é podre que comida*”, relatou o jesuíta Ambrósio Pires³. Na *Quadrimestre de maio a setembro de 1554*, datada de Piratininga, José de Anchieta explicava que “*o principal alimento nesta terra é a farinha de pau, feita de umas certas raízes que se plantam (a que chamam mandioca), as quais, se se comerem cruas, assadas ou cozidas, matam; é preciso serem deixadas n' água até que apodreçam; apodrecidas, porém que sejam, convertem-se em farinha, que se come, depois de*

1. SIMÃO DE VASCONCELOS, S.J. **Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil**. 2ª. ed. aumentada. Lisboa: Editor A. J. Fernandes Lopes, 1865 (2 volumes). Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242811>

2. NÓBREGA, Manuel. **Obras completas**. Organização Paulo Roberto Pereira. (Edição comemorativa 5º. centenário de nascimento, 517-2017). Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2017.

3. SERAFIM LEITE, S.J. **Monumenta Brasiliae II (1553-1558)**. Coimbra: Tipografia da Atlântida, 1957.

torrada em vasos um tanto grandes, feitos de barro; isso substitui entre nós a farinha de trigo"⁴.

Leonardo Nunes chegou em São Vicente vindo da Bahia entre fins de 1549 e início de 1550, trazendo 10 meninos já alfabetizados e doutrinados. Em 1552, reuniu 55 meninos entre "órfãos da terra e filhos dos gentios". No ano seguinte ele definiu a sua forma de recolhimento, quando Nóbrega chegou a São Vicente, "porta do sertão e caminho", trazendo mais quatro órfãos vindos de Portugal, e instituiu uma Confraria dos Meninos de Jesus. O sertão almejado por Nóbrega era o Paraguai, de onde vinham informações sobre os guaranis já assentados e a existência de muitos "língua" (isto é, conhecedor do Tupi) para a missão de catequese. Alcançar o Paraguai também estava entre os projetos de Leonardo Nunes. Nóbrega e outros jesuítas avançaram no sertão 10 léguas além do núcleo de São Vicente. Em junho de 1553, ele escrevia que já havia conseguido reunir 50 catecúmenos no alto da serra, em um aldeamento localizado entre os ribeirões Tamanduaté e Anhangabaú. Desta região partiram expedições em direção ao "sertão do Paraguai", ao encontro do "língua" Pero Correia, que já tinha alcançado o lugar chamado Maniçoba⁵.

No que diz respeito à localização da Aldeia de Maniçoba, na opinião do historiador Hélio Abranches Viotti⁶ nenhum outro texto antigo se avanta a da *Historia de la fundación del Collegio de Rio de Enero y sus residencias*, atribuída a Quirício Caxa, que o teria redigido pelo ano de 1575. Natural de Castela, a Nova (antiga região da Espanha), Quirício Caxa veio ao Brasil em 1563. Aqui ensinou gramática, teologia e filosofia e ocupou o cargo de vice-reitor do Colégio na Bahia. Por solicitação do Provincial Pero Rodrigues, ele escreveu a primeira biografia do jesuíta José de Anchieta – *Breve relação da vida e morte do Padre José de Anchieta*, produzida um ano após a morte do missionário, ocorrida em 9 de junho de 1597. O próprio Pero Rodrigues escreveu a segunda biografia de Anchieta. Natural de Évora (Portugal), ele entrou para a Companhia de Jesus em 1556 e exerceu o cargo de Provincial no Brasil de 1594 a 1603. Antes

4. ANCHIETA, José de, S.J. **Cartas. Informações, fragmentos históricos e sermões do padre José de Anchieta, S.J. (1554-1594)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

5. LEITE, Serafim, S.J. **Novas páginas de História do Brasil**. Edição completa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965 (Volume 93 da Brasileira); LEITE, Serafim. S.J. **Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil, 1549-1760**. Lisboa: Edições Brotéria: Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.

6. VIOTTI, Hélio Abranches. **A Aldeia de Maniçoba e a fundação de Itu**. RIHSP, Vol-71, 1971.

de ser enviado ao Brasil exerceu os cargos de reitor dos Colégios de Funchal (Ilha da Madeira) e Bragança (Portugal) e foi Visitador dos jesuítas em Angola. Produziu a obra *A Vida do Padre José de Anchieta da Companhia de Jesus* entre os anos de 1605 e 1609, segundo Hélio Abranches Viotti, e nela buscou ampliar a biografia escrita por Quirício Caxa, incorporando testemunhos de pessoas que haviam convivido com Anchieta⁷.

Sobre Maniçoba, o padre Quirício Caxa registrou no texto acima citado: “*neste tempo foi o Padre Manuel da Nóbrega com outros vários da Companhia a Maniçoba, trinta e cinco léguas pelo deserto adentro, junto de um rio donde embarcam para os Carijós. Ali deixou uma casa feita, com alguns da Companhia, onde residiram um ano, fazendo muito fruto entre os Índios, e daí se tornaram a São Vicente*”⁸. A distância em léguas era contada a partir de São Vicente. Se considerarmos por léguas de três mil braças, comuns no Brasil desde o século XVI, representam pouco mais de duzentos e trinta quilômetros. Seguindo pelo vale do rio Tietê, isto nos traz a região de Itu e Porto Feliz, raciocina Hélio Viotti.

Anchieta menciona na *Quadrimestre de maio a setembro* a distância de noventa milhas entre Piratininga e Maniçoba. Sendo o seu texto original em latim, as noventa milhas citadas devem ser entendidas como milhas romanas, de 1.480 metros, continua Hélio Viotti. Assim, as noventa milhas seriam pouco mais de cento e trinta quilômetros. Certamente, são medidas aproximadas, porém mais aceitáveis que as cinquenta léguas citadas por Pedro Correia, em sua carta de 18 de julho de 1554, ou as quarenta léguas de Simão de Vasconcelos. Mesmo que contadas a partir de São Vicente e de acordo com o padrão de léguas então em uso em Portugal, somariam cerca de trezentos e duzentos e cinquenta quilômetros, o que seria demais, conclui Hélio Viotti.

Com base nos citados textos antigos, é possível afirmar que Pedro Correia, Leonardo Nunes, Antônio Rodrigues, Vicente Rodrigues, Gregório Serrão, Luís da Grã, Francisco Pires, Manuel da Nóbrega e outros jesuítas estiveram na Aldeia de Maniçoba trabalhando na catequese dos Tupis. Hélio Viotti, profundo conhecedor da história dos jesuítas no Brasil, discorda de Pedro Taques e Frei Gaspar quando defendem a presença dos Guaianases em São Paulo: “*Repovoemos as aldeias catequizadas pelos jesuítas no século XVI até a fundação de*

7. VIOTTI, Hélio Abranches. **Anchieta, o Apóstolo do Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1966,

8. Tradução de Hélio Abranches Viotti do original em espanhol, que aparece em: História dos colégios do Brasil, copiada da Biblioteca Nacional de Roma. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, volume XIX, 1897, 125.

*Guarulhos (1560), com os nossos antepassados Tupis ou Tupiniquins. Piratininga, Jaraibatiba, Pinheiros, São Miguel, Ibirapuera, Mairanhaia, Maniçoba eram aldeias de índios Tupis e não de índios Guaianases*⁹.

Os jesuítas, principal braço da Igreja no além-mar, desembarcaram no Brasil em 1549, apenas nove anos após a Companhia de Jesus ser aprovada pelo Papa Paulo III. Na Capitania de São Vicente, desde cedo também escalaram a Serra do Mar e alcançaram a zona planáltina, um viveiro de catecúmenos, segundo Pasquale Petrone na obra *Aldeamentos Paulistas*. Os indígenas do planalto serviram para os desígnios catequistas dos inacianos, além de alimentar os sonhos de se atingir os ameríndios do Paraguai através dos caminhos indígenas. Na visão de Petrone, os jesuítas tiveram uma importância fundamental para a interiorização do povoamento e a consolidação da posse do território. Nesse processo, o saber indígena foi imprescindível para a própria sobrevivência do europeu em local desconhecido, um saber que, apropriado pelo colono, favoreceu a sua dominação sobre o mesmo indígena. Os aldeamentos, cuja finalidade relacionava-se à catequese, ao controle da mão de obra indígena, e à desobstrução de terras para a expansão da colonização, ao longo do tempo transformaram-se em freguesias, bairros ou vilas, e sua população original desapareceu integrando-se aos pobres da Capitania.

Petrone distingue dois grupos de aldeamentos, segundo a origem. O primeiro grupo reúne os que abrigaram indígenas foragidos ou libertos, administrados pelos jesuítas, como Barueri, Embu, Itaquaquecetuba, Guarulhos, Itapeperica e Carapicuíba. Pinheiros e São Miguel caracterizam o segundo grupo, oriundo da escravidão indígena, administrados pelos colonos¹⁰.

John Monteiro, em *Negros da Terra – Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*, não faz uma diferenciação explícita entre os termos aldeia e aldeamento. No entanto, do seu texto pode-se extrair a seguinte diferenciação: as aldeias constituíam a principal unidade de organização social dos grupos Tupis e que elas não eram fixas ou permanentes. Entre os motivos para o deslocamento de uma aldeia podem ser elencados “o desgaste do solo, a diminuição das reservas de caça, a atração de um líder carismático, uma disputa interna entre facções ou a morte de um chefe”. Por outro lado, os aldeamentos integraram o projeto jesuítico de “reestruturação das sociedades indígenas”, visando solucionar questões como a dominação e o trabalho indígena. Os aldeamentos “...

9. VIOTTI, Hélio Abranches, 1971. Obra citada.

10. PETRONE, Pasquale. **Aldeamentos paulistas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

*em princípio instituídos com a intenção de proteger as populações indígenas, na verdade aceleraram o processo de desintegração de suas comunidades*¹¹.

Quanto à Maniçoba, iniciada em meados de setembro de 1553, permaneceu em atividade até o final de agosto de 1554. Em menos de um ano, escasso resultado deve ter alcançado, tanto em termos de catequese quanto do ensino de gramática. Nóbrega permaneceu em Maniçoba dois ou três meses, pois em dezembro já se encontrava em São Vicente. Ficou como superior o padre Francisco Pires e, não sendo “língua”, isto é, conhecedor do Tupi, com ele certamente permaneceu o noviço Antônio Rodrigues, que dominava a língua dos nativos. Vicente Rodrigues também acompanhou Francisco Pires até ao encerramento de Maniçoba.

Vicente Rodrigues e Gregório Serrão ensinaram aos meninos de Maniçoba “os elementos das letras” e podem ser considerados os primeiros professores na região onde no século seguinte surgiria Itu. Primeiro mestre-escola do Brasil, Vicente chamou-se a princípio Vicente Rijo, e depois Rodrigues. Embarcou de Lisboa com Nóbrega na primeira expedição missionária, que chegou à Bahia a 29 de março de 1549. Poucos dias depois, Nóbrega registrava: “o Ir. Vicente Rijo ensina a doutrina aos meninos a cada dia e também tem escola de ler e escrever”. Ele estudou latim e casos de consciência e recebeu a ordenação sacerdotal em 1553, acreditando-se ser a primeira ordenação realizada no Brasil. Nesse mesmo ano, seguiu para o Sul, chegou em São Vicente e depois foi a Maniçoba. Vicente Rodrigues foi Superior do Colégio de São Paulo de Piratininga, esteve na conquista do Rio de Janeiro, voltou à Baía e por fim tornou ao Rio de Janeiro, onde faleceu a 9 de junho de 1600.

Gregório Serrão veio ao Brasil na terceira leva de missionários. Com supervisão do antigo reitor de Coimbra, Padre Luís Da Grã, que no Brasil responderia como segundo Provincial, o grupo viajou na companhia do segundo governador geral, Duarte da Costa. Com o governador vieram dois padres, Brás Lourenço e Ambrósio Pires, e quatro irmãos: Gregório Serrão, João Gonçalves, Antônio Blasques e José de Anchieta, o mais novo de todos eles. Em março de 1553, a expedição aportou na Bahia com cerca de 200 pessoas, que além dos jesuítas incluíam funcionários, profissionais e meninas órfãs, que serviriam de esposas para os colonos¹².

Durante o tempo em que padre José de Anchieta foi Provincial (cargo máximo entre os jesuítas no Brasil), realizou-se em 1583 a segunda visita à Província

11. MONTEIRO, John. **Negros da terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

12. SERAFIM LEITE, S.J. Obra citada; NÓBREGA, Manuel. Obra citada.

do Brasil, determinada pelo Geral da Companhia de Jesus, Claudio Acquaviva. Padre Cristóvão de Gouveia, designado Visitador da Província do Brasil, era experiente e já tinha exercido os cargos de reitor do Colégio de Bragança, da Universidade de Évora e do Colégio de Santo Antão de Lisboa, além de ter sido vice-reitor da Universidade de Coimbra. A primeira visita à Província do Brasil ocorreu em 1566, sendo Visitador o padre Inácio de Azevedo.

Os objetivos da “visita”, segundo a instrução recebida pelo padre Gouveia, era consolar os *“nossos que trabalham naquela vinha tão estéril”* e ver *“como se guarda a disciplina”*, porque dizia-se que os padres Anchieta, Gregório Serrão e Luís de Grã *“são pouco regulares e pouco dados às Constituições”*. Na carta que remeteu ao superior dando conta da sua empresa, padre Gouveia manifestou o seu entendimento de que Anchieta já não podia continuar como Provincial, *“porque tem pouca saúde e anda já muito cansado”*, e que Gregório Serrão não podia continuar como o reitor do Colégio da Bahia, porque ocupava-se demasiadamente com as aldeias dos indígenas: *“Gregório Serrão, reitor deste Colégio, faz seu ofício mediocrementemente, é amado geralmente da gente de fora e dos de casa... é mui virtuoso e de muita confiança, mas por sua má disposição e mui contínuas ocupações com as aldeias dos índios e negócios temporais... não pode aplicar-se tanto ao espiritual dos irmãos e perfeita guarda das regras”*.

Serrão foi afastado da reitoria e o padre Anchieta narrou os seus últimos dias: *“indo uma noite em um barco a fazer uma obra de serviço de Deus e misericórdia como costumava, lhe deu o ar na cabeça, de que começou a enfermar, e pouco a pouco foi se alienando”*. Enviado por Gouveia ao Rio de Janeiro, a fim de obter melhoras, parou no Espírito Santo e aí morreu a 23 de novembro de 1586, sendo enterrado na Igreja de São Tiago, em Vitória. Depois da morte de Serrão, Anchieta continuou sua obra missionária por mais de uma década. Morreu em Reritiba (Espírito Santo) num domingo, 9 de junho de 1597, cercado por cinco religiosos, seus companheiros e discípulos. O seu corpo foi conduzido até a vila de Vitória, recebendo ali sepultamento na igreja de São Tiago. O padre Bartolomeu Simões Pereira, que lhe celebrou as exéquias, proclamou-o, na ocasião, Apóstolo do Brasil. Anchieta tinha 63 anos de idade, 46 de Companhia e 44 de missão no Brasil. O seu corpo foi sepultado junto ao túmulo de Gregório Serrão.

Padre Gouveia tinha vindo ao Brasil com a missão de vigiar e solucionar os problemas da Província, entre eles a falta de fervor missionário, a utilização de trabalho escravo e os conflitos com os colonos. O Visitador propunha que se fechassem aldeias de residência e se mantivessem apenas as de visita. Basta, dizia padre Gouveia, *“que a cada ano fossem a elas dois padres a visitar-lhes, pregando e confessando”*. Anchieta fora criticado pela sua condescendência em

relação aos comportamentos inadequados dos religiosos. Por isso, o Visitador insistia na sua substituição e “pelo que me parece, que depois de se lhe dar sucessor, devia deixar sem ocupação alguma”. Fernão Cardim, que embarcou para o Brasil como secretário do Visitador, descreveu o Provincial com outros olhos: “*é este padre um santo de grande exemplo e oração, cheio de toda a perfeição, desprezador de si e do mundo, uma coluna grande desta Província e tem feito grande cristandade e conservado um grande exemplo*”.

A denúncia do Visitador sobre o afastamento das regras, o distanciamento das Constituições e suas críticas à permanência dos padres nas aldeias, de certa forma contribuiu para desvelar o lugar do jesuíta na sociedade colonial. Por conta da sua dedicação às aldeias dos indígenas, os jesuítas denunciados não tinham tempo para aplicar-se tanto ao espiritual como ao desejado pelo Visitador¹³.

São as primeiras cartas dos missionários da Companhia de Jesus que nos revelam os seus encontros com o mundo então desconhecido, as suas aventuras entre indígenas e colonos, fugas, conversões, milagres, edificação de casas e igrejas, expedições sertão adentro e as “abomináveis” cenas de canibalismo. Pedro Correia, fluente na língua Tupi, em uma de suas cartas fala sobre o terrível episódio ocorrido na aldeia de Maniçoba e presenciado pelos padres: o sacrifício ritual de um grande número de prisioneiros.

Impossibilitados de evitar o ritual, disfarçadamente os padres os batizaram para que morressem como cristãos. Nóbrega também faz referência ao episódio no *Diálogo sobre a conversão do gentio*: “*também vos direi que se viu na Mandiçoba, onde se mataram uns índios Carijós, outro índio que com os padres andava, oferecer-se com grande fervor e lágrimas a morrer pela fé, só porque aqueles morressem cristãos, e outros muitos casos particulares que acontecem cada dia, que seria largo contar*”¹⁴.

13. FARIA, Marcos Roberto de. A organização de um corpo disperso. Uma análise da atividade jesuítica em terras brasileiras (1583). **Revista Brasileira de Educação**. V. 19, n. 57, abr.-jun. 2014; CASTELNAU L'ESTOILE, Charlotte de. **Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil**. 1580-1620; Bauru/SP: EDUSC, 2006. MACHADO, Antônio de Alcântara. “Vida do padre Joseph de Anchieta”, posfácio a ANCHIETA, José de, S.J. **Cartas. Informações, fragmentos históricos e sermões do padre José de Anchieta**, S.J. (1554-1594). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933; CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil. Introdução e notas de Ana Maria de Azevedo**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

14. SERAFIM LEITE, S.J. Obra citada; NÓBREGA, Manuel. Obra citada

Restam poucas informações sobre a Aldeia de Maniçoba e ficam no limbo as razões do seu insucesso. Anchieta, na *Quadrimestre de maio a setembro*, registra que “os nossos irmãos tinham gasto quase um ano inteiro a doutrinar uns, que distam de nós noventa milhas, e eles renunciando aos costumes gentílicos tinham resolvido seguir os nossos, e nos tinham prometido nem matar nunca os inimigos, nem comer carne humana”.

No entanto, Maniçoba desapareceu do mapa. Uma pista é dada pelo próprio Anchieta. Ele conta que André de Macedo, filho mais velho de João Ramalho, acompanhou Nóbrega até Maniçoba. Ali ele matou um indígena prisioneiro de guerra e deu de comer a sua carne aos moradores da aldeia. “Convencidos por estes cristãos e levados pelo exemplo [dessa] nefanda e abominável depravação, prepararam-se não só para os matar, mas para os comer”. Na *Quadrimestre de setembro a janeiro* (1555), o mesmo Anchieta diz “soubemos agora que os índios quase todos caíram em grave doença e a maior parte morreram na Aldeia de Maniçoba, de que expulsaram os irmãos da Companhia, ocupados em ensinar aos infieis a doutrina de Cristo”.

Treze anos depois, José de Anchieta voltou à região da Maniçoba, acompanhado de Vicente Rodrigues, Manuel Veloso Espínola e de um grupo de indígenas cristianizados. Desta vez, a missão era recuperar “para a vida cristã e civilizada” dois colonos que teriam, num ato de rebeldia à Igreja, se refugiado no sertão próximo às margens do Anhembi (Tietê) acompanhados de muitos indígenas. A comitiva embarcou no porto de Araritaguaba, que ficaria famoso no século XVIII como ponto de partida das Monções, acomodada em canoas indígenas de casca. Numa das várias corredeiras deste rio, a canoa que levava o padre teria virado, jogando na água os embarcados. Todos voltaram à tona rapidamente, mas o padre Anchieta não. O indígena de nome Araguaçu imediatamente mergulhou em busca do padre para socorrê-lo. Qual não foi a sua surpresa ao encontrar o sacerdote sentado numa pedra, no fundo do rio, lendo calmamente seu breviário? A notícia do milagre logo se espalhou. A cachoeira passou a ser conhecida como Avaremanduava, que quer dizer o lugar onde o padre mergulhou. E assim ficou conhecida até os nossos dias. Esse milagre foi relatado por testemunhas do processo que visava colher informações e histórias para a canonização do padre José de Anchieta, coordenado pelo juiz comissário João Pimentel entre os anos de 1627 e 1628¹⁵.

15. VIOTTI, Hélio Abranches. “O processo remissorial de 1627-1628 em São Paulo relativo à canonização de Anchieta” in: **Revista do Arquivo Municipal São Paulo**, CLIX (159), 1957.

No século XVIII, quando a navegação pelo rio gradativamente conhecido como Tietê tornou-se constante, a memória do milagre do padre Anchieta era narrada pelos viajantes que passavam pela cachoeira de Avaremanduava. Por exemplo, o militar português Teotônio José Juzarte, que comandou em 1769 uma expedição à praça militar de Nossa Senhora dos Prazeres de Iguatemi, escreveu sobre o roteiro e as peripécias da viagem no seu *Diário da Navegação do Rio Tietê, Rio Grande, Paraná e Rio Iguatemi*.

Em trecho do diário, Juzarte faz uma pequena digressão sobre a cachoeira de Avaremanduava, reveladora dos laços que os paulistas e os indígenas da expedição mantinham com o passado, em que a relação com o sertão mesclava misticismo e história. Ele traduziu Avaremanduava como “*onde foi a pique um jesuíta*” e registrou que lhe contaram que o jesuíta acidentado teria sido “*um religioso de virtude*” chamado padre José de Anchieta, “*o qual andava catequizando aos índios*”. Achando que o Abaré havia se afogado, despacharam um mergulhador indígena para resgatar o corpo. Chegando ao fundo, ele achou o padre “*vivo sentado numa pedra rezando no seu breviário, e por isso ficou o nome a esta cachoeira de Abaramanduaba*”¹⁶.

Em 1775, no diário que o Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria escreveu sobre a viagem que fez desde a cidade de São Paulo até a Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Rio Iguatemi, o “milagre” é contado com ceticismo: “*Cachoeira Abaré menduaba, que quer dizer, cachoeira donde os índios quiseram afogar um padre. Há tradição de que este padre fora o venerável José de Anchieta que, querendo os índios que o conduziam fazer prova da sua virtude, viraram a canoa em que iam, e o padre foi a fundo, e vendo estes que não voltava, mergulharam e o foram achar rezando no breviário e o tiraram enxuto*”¹⁷. No local foi erguido um cruzeiro comemorativo, sobre o qual existiam referências até 1817.

Em 1570, na Igreja de São Paulo de Piratininga da Capitania de São Vicente realizou-se o matrimônio de Manuel Fernandes, português de Moura (Portugal), com Suzana Dias, descendente de Tibiriçá e talvez de João Ramalho. Em 5 de abril de 1622, ela também deu um depoimento a respeito da santidade de Anchieta, no processo informativo para a sua beatificação. Anchieta batizou

16. SOUZA, Jonas Soares; MAKINO, Myoko (Org.). **Diário da Navegação – Teotônio José Juzarte**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

17. DIÁRIO DA VIAGEM que fez o brigadeiro José Custódio de Sá e Faria desde a cidade de São Paulo até a Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do rio Iguatemi. [Manuscrito] Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do rio Iguatemi: [s.n.], 31 jan. 1775. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

um dos seus filhos. Teria sido André o co-fundador de Santana do Paraíba? Ou Baltazar o fundador de Sorocaba? E por que não Domingos Fernandes o fundador de Itu? A pergunta foi feita por Hélio Abranches Viotti, que assim concluiu a sua indagação: *“Pelas mãos de um provável bisneto de João Ramalho, quando menos de um primo daqueles temíveis Ramalhos destruidores de Maniçoba, reimplantava-se nestes lugares predestinados a vida e a civilização”*¹⁸.

Jonas Soares de Souza

Pesquisador, museólogo e historiador de Itu

18. VIOTTI, Hélio Abranches, 1971. Obra citada

Século XVII

VILMA PAVÃO FOLINO

“O homem é lobo do próprio homem.”

Frase do dramaturgo romano Titus Plautus, celebrizada pelo filósofo inglês Thomas Hobbes, em sua obra “Leviatã” (1651)

“As escolas, fazendo que os homens se tornem verdadeiramente humanos, são, sem dúvida, as oficinas da humanidade.”

Comenio em “Didactica Magna” (1649)

O século XVII é considerado pelos historiadores como dramático, controverso, conturbado e motivador de uma grande transformação no aspecto político, social, econômico, cultural e educacional no mundo ocidental, tendo como principais características:

Econômicas • Mesmo com a economia centrada na agricultura, a fome grassava várias regiões do mundo e havia pesadas exigências de impostos. Ao mesmo tempo em que as nações ocidentais se enriqueciam com suas colônias, o erário era devorado para se aparelharem para navegações de comércio e conquistas, defesa de piratas nos mares e na terra, assim como nas guerras infundáveis entre países.

Políticas • Com o crescimento do desejo de poder, houve uma predisposição ao imperialismo, à monarquia absolutista. Entretanto, na Inglaterra, o monarca se tornou figura simbólica e o Parlamento a força atuante. Neste período também foi iniciada, de fato, a colonização europeia em toda América e a restauração do trono lusitano com Portugal se separando da Espanha (1640), mas saindo arruinado.

Culturais • Predominância do movimento cultural Barroco, também chamado seiscentismo, com o dualismo, a riqueza de detalhes e o exagero. Na literatura, textos rebuscados e extravagantes valorizavam os detalhes, os contrastes, união do religioso e profano, uso de figuras de linguagem.

Educacionais • No campo da educação, entre os que mais batalharam por mudanças, destacam-se: Comenio, Descartes, Locke e Fénelon. Maria da Gloria de Rosa, (1974, pág. 152), assim sintetiza as ideias básicas destes autores: *“Comenio é o profeta da moderna escola democrática; confere igual dignidade a todos os níveis educativos e o direito de educação a todos. Descartes procurou*

destronar Aristóteles, conferindo ao homem razões para viver e criar. Locke popularizou uma filosofia prática que se integrava ao espírito da época; Fénelon reagiu contra a política de Luis XIV, propondo mudanças sociais”.

Científicas • O século XVII é considerado revolucionário para a história do pensamento científico, forjando o alicerce da ciência moderna, com a junção entre observação, experimentação e formulação de uma explicação teórica e matemática. Assim, os trabalhos dos cientistas Newton, Leibniz, Galileu, Pascal, Roberval, Fermat, Hooke, Boyle, Leeuwenhoek, Brahe e Gilbert entre outros, possibilitaram os logaritmos, a eletricidade, o telescópio, o microscópio, a calculadora, a lei da gravitação universal, a pressão atmosférica.

O século foi iniciado com a União Ibérica, que se estendeu de 1580 a 1640. Apesar de estar sob o reino da Espanha, Portugal manteve o direito de administrar sua colônia, porém com o monopólio absoluto espanhol.

Com a União Ibérica, algumas consequências foram inevitáveis para o Brasil:

1. Herdou inimigos da Espanha: Inglaterra, França e Holanda que intensificaram as invasões ao litoral brasileiro. Os holandeses, mesmo derrotados, receberam 63 toneladas de ouro para devolver o Nordeste ao controle lusitano. Segundo Daniela Levy, em “De Recife para Manhattan”, durante a ocupação holandesa em Recife, houve liberdade religiosa, o que motivou a vinda de judeus holandeses. Entretanto, quando o holandês Nassau foi embora, a colônia Nova Holanda (Recife) foi extinta. A Inquisição iniciou a perseguição e os judeus foram para Nova Amsterdã, hoje Nova York (1654), onde foram pioneiros na sua colonização, construíram a Sinagoga Portuguesa e Espanhola e formaram a elite financeira local. Lembrando que o nome Manhattan é de origem indígena local.
2. A suspensão do Tratado de Tordesilhas permitiu a portugueses e espanhóis entrarem em terras antes proibidas e motivou a busca por metais preciosos. O governo português incentivou a procura por esses metais e a investida para os sertões: estimulou as bandeiras e instituiu as entradas. Existiram expedições partindo de várias partes do Brasil. Tavares, (edição de 2020) relata que tanto as expedições baianas, como as paulistas, eram chefiadas por capitães, com autorização real para conquistar novas terras e a *guerrear o gentio bárbaro*.

Em 15 de dezembro de 1640, foi iniciada a dinastia de Bragança em Portugal, com D. João IV colocando fim à União Ibérica.

Portugal sonhava, desde o século anterior, ultrapassar a fase mercantil e atingir a etapa industrial, com as navegações e sua política colonial. Por

diversas razões, o sonho lusitano não se concretizou e Portugal acabou sendo “sufocado” pela Inglaterra que passou a se beneficiar dos lucros coloniais portugueses, incluindo os fornecidos pelo extrativismo e mineração, no Brasil. As expedições conhecidas como entradas, financiadas pela Coroa, com o objetivo de conhecer e mapear os sertões e as bandeiras à procura de metais valiosos, pedras preciosas e aprisionamento de indígenas, continuaram.

Esta nova situação e as novas regras normatizadas pelo *Ratio Studiorum*, (a organização e plano de estudos da Companhia de Jesus, publicado em 1599, após 15 anos de minuciosos estudos) alteraram o trabalho jesuítico. O plano inicial de Nóbrega aplicado e adaptado por Anchieta na *pedagogia brasílica* precisava ser alterado, conforme tabela apresentada por Ribeiro, pág. 24:

Plano de Estudo	
De Nóbrega	Do Ratio
<i>Aprendizado e português</i>	
<i>Doutrina Cristã</i>	
<i>Escola de ler e escrever</i>	
<i>Canto orfeônico</i>	<i>Curso de Humanidades</i>
<i>Música instrumental</i>	<i>Curso de Filosofia</i>
<i>Aprendizado profissional e agrícola Ou Gramática Latina</i>	<i>Curso de Teologia</i>
<i>Viagem à Europa</i>	<i>Viagem à Europa</i>
<i>Viagens opcionais para estudos superiores</i>	

Seguindo as orientações do *Ratio*, o curso que mais organizaram no Brasil foi o de Humanidades. Este curso, segundo Franca (1960, p. 132), era composto por quatro séries de gramática (assegurar expressão clara e exata), uma de humanidades (assegurar expressão rica e elegante) e uma de retórica (assegurar expressão poderosa e eficiente). Aos sábados, havia revisão – a sabatina.

No entanto, apesar da implantação do *Ratio*, o modelo inicial de catequização e de criação das Missões Jesuíticas continuou e cresceu bastante no século XVII, a ponto de originar um descontentamento na Igreja e se tornar um entrave para a expansão dos colonizadores europeus. Os bandeirantes encontraram uma tarefa bem rentável, atacar as missões jesuíticas onde os indígenas já estavam acostumados aos trabalhos braçais, o que desencadeou diversos atritos e queixas formais de ambas as partes – bandeirantes e jesuítas – à Coroa.

Na sociedade colonial, a figura feminina era submetida à ordem patriarcal. De acordo com as leis portuguesas, o sexo feminino fazia parte do *imbecilitus sexus*, uma categoria que incluía mulheres, crianças e doentes mentais. Essa ideia persistiu no Brasil Colônia, mas era contestada pelos indígenas. Padre Manoel da Nóbrega solicitou autorização ao Reino para receber meninas e jovens nas suas escolas de bê-á-bá. A autorização foi negada.

Apesar disso, algumas indígenas conseguiram burlar as regras. A autora Arilda Ribeiro afirma que Catarina Paraguassu, indígena Tupinambá da Bahia, filha do Cacique Tibiriçá, esposa de Diogo Álvares Correia, apelidado Caramuru, também conhecida como Madalena Caramuru, foi não apenas a primeira indígena, mas a primeira mulher a aprender a ler e a escrever, tendo escrito uma carta de próprio punho ao padre Manoel de Nóbrega em 1561. As mulheres continuaram excluídas do sistema escolar estabelecido na colônia. Quando muito, podiam frequentar a catequese. Em todo o período colonial, a educação da mulher era realizada em casa, com o único objetivo: aprender a ser boa esposa.

Devemos lembrar que foram tantas as bandeiras que partiram de São Paulo – apresadoras, prospectadoras e sertanistas de contrato – que as vilas eram uma localidade habitada quase que exclusivamente por mulheres e idosos. Assim, elas, mesmo analfabetas (aliás, seus maridos também o eram, em sua grande maioria), foram muito ativas. E tiveram um papel econômico fundamental. Com o auxílio de escravizados, criavam animais para o abate, cultivavam diversos alimentos e pomares, bem como produziam embutidos, vinho, aguardente, entre outros produtos que seus carregadores indígenas mensalmente levavam a Santos. Eram comerciantes. Controlavam toda propriedade, sua produção, bem como os escravizados. Também representavam seus maridos em questões judiciais de herança e limites de terra, nas ações de casar e dotar filhos, e outras. Providenciavam o treinamento de seus filhos para a viagem aos sertões e os equipavam. Quando eles retornavam, metade ou mais dos indígenas cativos ficavam para elas, que podiam tanto vendê-los como colocá-los para trabalhar em suas propriedades, e muitas viúvas entravam no rendoso negócio das bandeiras, como associadas armadoras. Sua educação era realizada em casa e o idioma tupi era utilizado em seu trato doméstico. Cada família possuía um tear, e as matronas, com suas filhas e escravas, teciam em sua própria casa tecidos de algodão, para as roupas de todos. Os tecidos mais luxuosos eram permutados ou comprados de importadores do Reino.

O governador das capitanias do Rio e de São Paulo, Antônio Paes de Sande, em viagem por São Paulo, escreveu uma carta, em 1693, assim descrevendo as paulistas: “As mulheres são formosas e varonis, e é costume seus maridos ali deixarem à sua disposição o governo das casas e das fazendas, para o que são industriosas”.

A cofundadora de Santana do Parnaíba, Susana Dias, deve ser lembrada como desbravadora, pioneira, matriarca, mameluca, neta do cacique Tibiriçá, casada com bandeirante e com filhos também bandeirantes, organizadora de bandeiras caçadoras de indígenas para escravização. Era também comerciante, tinha muitos escravizados no trabalho em sua casa, na vila e na fazenda, desde o final do século XVI à primeira metade do século XVII. Inimiga ferrenha da Companhia de Jesus, que era contrária ao cativo dos indígenas. A nova proibição da escravização indígena, vinda de Roma, chegou ao Brasil em abril de 1640, com o padre espanhol Francisco Diaz Taño, “*procurador dos índios e missionários do Paraguai e Tucumã*”. Esta proibição não surtiu efeito, assim como a de 1570 também não produziu. Com a conivência das autoridades, o cativo continuou.

Segundo Theodoro Sampaio, os bandeirantes paulistas “*usavam o idioma tupi em seu trato civil e doméstico*”. O uso corrente desta língua geral, o Nheengatu – com a normatização iniciada pelo Padre Anchieta em *Gramática*, com léxicos do tupi, do português e do castelhano – originou o dialeto caipira da língua portuguesa, que resistiu e resiste, apesar do preconceito. É curioso destacar que o termo caipira era utilizado pelos indígenas para denominar os colonizadores.

Sergio Buarque de Holanda (2004) aponta um depoimento do Padre Jesuíta Antonio Vieira: “*É certo que as famílias dos portugueses e índios de São Paulo estão ligadas hoje... que nas ditas famílias se fala a língua dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender na escola*”.

Nesse contexto bandeirista, e resultado desse mesmo contexto, devemos destacar a fundação de Itu em 1610, pelo bandeirante Domingos Fernandes, filho de Susana Dias e do bandeirante Manoel Fernandes, juntamente com seu genro Cristóvão Diniz e indígenas trazidos do sertão. Uma capela dedicada à Nossa Senhora do Patrocínio foi construída e a meta do fundador era instalar, nas imediações, toda a família e parentes, assegurando a posse da sesmaria, a formação de um entreposto de comércio, a povoação do sertão, interesse de Portugal. Fundada com o nome de Utu-Guaçu, nascia a nossa Itu.

E, em 1680, chegam os frades franciscanos à “*Vila mais populosa da capitania*”, onde instalaram o seminário na parte interna – entre a igreja e a residência –, a escola de ler e escrever. Fora do convento, ensinavam os indígenas a ler, escrever, contar, tocar instrumentos musicais, muito apreciados pelos *corumins* e a doutrina cristã. Em viagens a aldeias e aos sertões, estes frades missionários eram acompanhados de *corumins* e indígenas adultos.

Os indígenas foram a principal mão de obra escrava dos portugueses, até meados do século XVII. Os africanos se tornaram a maioria dos escravizados no século XVIII, com a descoberta de ouro e pedras preciosas em Minas Gerais,

cuja exploração se converteu, na maior fonte de riqueza da Coroa (e grande fonte para a Inglaterra) desencadeando muitas mudanças no século seguinte.

Vilma Pavão Folino

Pedagoga e Psicopedagoga aposentada

Ocupante da Cadeira 35 da ACADIL – Academia Ituana de Letras

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEZAR, Joaquim Leme de Oliveira. **Notas Históricas de Itu**, Editora Ottoni, segunda edição, Itu, 2010.

FIGUEIREDO, J.C. **Fundamentos históricos e filosóficos da educação**, Belo Horizonte, Edições Jupiter, 1973

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**, 26ª Edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

LEVY, Daniela. **De Recife para Manhattan**. São Paulo, Planeta, 2018.

MOURA, Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil**, São Paulo, Edições Loyola, 2000.

PIZA, Maria José de Toledo. **Itu, Cidade Histórica**. Separata da Revista número 1 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, 1972.

ROSA, Maria da Gloria de. **História da Educação através dos textos**, São Paulo, Editora Cultrix, 1974.

RIBEIRO, Arilda Inês. **Educação da mulher no Brasil Colônia**. Coleção Universidade Aberta, Editora Arte e Ciência, São Paulo, 1997.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na Geografia Nacional**, Câmara Municipal de Salvador. 1955

SCHWARTZ, Stuart B. Escravidão indígena e o início da escravidão africana. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 216.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**, 11ª Edição. Editora UNESP, 2020

Ministério da educação e saúde. Documentos Históricos Biblioteca Nacional, Divisão de obras raras e publicações Volume XCIII. Rio de Janeiro, 1951 in pdf <http://memoria.bn.br> – acesso em 18/04/23.

<https://ensinarhistoria.com.br/educacao-da-mulher-no-brasil-colonial/> - Blog: Ensinar História – Joelza Ester Domingues – acesso em 04/04/23.

Fundação de Itu

Ano 1610 – 414 anos

DITINHA SCHANOSKI

*“Honroso é contar com as glórias de nossos antepassados,
porém, mais glorioso é nos tornarmos um deles.”*

Apresentação

Desenvolver esse trabalho foi uma honra e o fiz com muito orgulho e o mais forte desejo do meu coração.

Formamos uma equipe de escritores imbuídos com o mesmo sentimento: o amor pela cidade de Itu. É nosso desejo que esta antologia rode o mundo. Vamos em frente, levando com alegria essa missão de amor pela nossa querida e amada cidade de Itu!

Falaremos de Itu e do passado daqueles que nos precederam, podendo assim reconhecer o empenho dos antepassados. Isso nos leva a ter um orgulho maior pela nossa terra e pela nossa gente. Convido vocês a darmos uma volta no tempo conhecendo o que ficou lá atrás.

Uma cidade histórica

Itu é uma cidade tradicionalmente católica e, por isso, recebeu o título de “Roma Brasileira”. Uma cidade histórica tem um passado rico de acontecimentos e com a passagem de muitos de seus filhos ilustres e tantos outros não tanto, mas que souberam fazer história dentro dela. Podemos falar de Padre Bento Dias Pacheco, o Apóstolo da Caridade, que se dedicou a cuidar dos leprosos em Itu por 42 anos, a partir de 1869; Dom Gabriel Paulino Bueno Couto, ituano que foi consagrado Bispo aos 36 anos, em 1956; Madre Teodora Voiron, que se dedicou à educação em nossa cidade. Importante destacar que todos eles são candidatos a santo.

Destacamos também o primeiro presidente da República, o ituano Prudente de Moraes, e ainda o ilustre historiador e escritor Francisco Nardy Filho. Nardy foi um narrador apaixonado das histórias de sua terra natal. *“Meu desejo é fazer conhecida a bela e rica história de YTU atingindo os leitores com foco nos nossos jovens e adolescentes, só com isso fico satisfeito”* (Nardy,2006).

Tantas memórias ocultas dos grandes vultos históricos.

Um pouco da nossa história

A chegada dos bandeirantes foi histórica. Um pedaço de chão deixa os bandeirantes emocionados. Eles mesmos pediram que Deus, do alto dos céus, abençoasse essa terra. Logo após a demarcação do Marco Zero, ali nasceu Itu num caloroso pôr do sol do ano 1610. Cidade brasileira e paulista de coração, só podia ter nascido à sombra de uma cruz. Iniciando, então, a construção de uma capela de taipa, dedicada à Nossa Senhora da Candelária, no local onde está a Igreja do Bom Jesus. Essa capelinha foi a origem e o começo da cidade de Itu.

A povoação passa a ser “capela curada” ou “curato”, são capelas ministradas, em caráter permanente, por um pároco ou um cura (1644). “Curada” era um título oficial dado pela Igreja Católica a uma capela situada numa povoação com determinada importância econômica vinculadas às paróquias.

Logo em seguida, veio o título de Freguesia para a cidade de Itu. Povoações com esse status chamavam-se Freguesia e, finalmente, no ano de 1657, Itu é elevada com poder de administração local.

Itu é a 8ª cidade de maior tradição do Estado de São Paulo. O Príncipe Imperial Dom Bertrand de Orleans e Bragança visitou Itu em comemoração aos 186 anos do título que a cidade recebeu “A Fidelíssima” do Imperador Dom Pedro I.

Vale lembrar que Itu, antes de ser Itu, era uma terra de carijós. Na pré-história de Itu, aparece a Maniçoba que nada mais é que folhas de mandioca e suas raízes misturadas e trituradas fazendo virar farinha no velho pilão de barro. Esse era o alimento dos indígenas.

Um breve resumo da nossa história:

- 1610 – Domingos Fernandes e seu genro Cristóvão Diniz construíram a Capela de Nossa Senhora da Candelária, em 2 de fevereiro. Hoje é a igreja do Bom Jesus.
- 1657 – Itu tornou-se vila.
- 1669 – Construção da Igreja Matriz, no centro.
- 1842 – Itu tornou-se cidade.
- 1854 – Itu tornou-se a cidade mais rica na produção de açúcar.
- 1873 – Convenção de Itu, reunindo Republicanos Paulistas.
- 1886 – Chegada de italianos para trabalhar na lavoura de café.
- 1979 – Itu tornou-se Primeira Estância Turística do Estado de São Paulo.

Vale citarmos curiosidades da nossa cidade:

- Os primeiros habitantes da vila de Itu foram indígenas carijós, os quais trabalharam na Missão do Maniçoba (1553), aldeia fundada

pelos jesuítas que assumiram o papel de catequizar os indígenas da região. Sabe-se que essa missão durou pouco tempo, mas não há registros que confirmem o local exato da aldeia Maniçoba.

- Os indígenas chamavam a cidade de Utu-Guaçu ou Itu-Guaçu. Daí a escolha de seu nome.
- Em 1873, aconteceu em Itu a primeira convenção Republicana do Brasil, conhecida como a Convenção de Itu, na qual João Tibiriçá Piratininga foi eleito presidente.
- O Museu Republicano de Itu se apresenta com a doçura e ternura de seus azulejos, seus documentos e a sala de convenção, desde 1923. Em 1942, o historiador Afonso Escragnole Taunay idealizou esses azulejos que contam a história da cidade. Estes foram produzidos pelo ceramista Antonio Luís Gagni.
- Posso destacar também o título de “A Fidelíssima” que Itu recebeu do Imperador Dom Pedro I.
- Outra curiosidade: em Itu não faltavam serestas e seresteiros que tocavam debaixo das sacadas das casas com seus violinos e flautas, tornando assim nossas ruas mais românticas.

Considerações finais

Celebramos os 400 Anos de Itu, que indica os 414 anos da presença católica em nossa cidade, com destaque especial ao trabalho de Padre Bento Dias Pacheco e Padre Antonio Pacheco da Silva. Cabe a nós darmos continuidade a esta história de fé. Estamos chegando ao fim da nossa viagem. Viajar pelo passado é resgatar lembranças, é reviver sonhos... Essa obra não tem nenhuma pretensão de igualar-se a uma enciclopédia.

Ditinha Schanoski

Jornalista, Ocupante da Cadeira nº 19 da ACADIL – Academia Ituana de Letras

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MORAES, M.C.C; CORREA, M.A.D. **Isto é Itu**. 5ª edição, 1996.

NARDY, F. F. **A cidade de Ytu**. Ottoni Editora, 2006.

ZINI, S. A. **Ytu**. Ottoni Editora, 1995.

Século XVIII

VILMA PAVÃO FOLINO

“Quando vou a um país, não examino se há boas leis, mas se as leis que lá existem são executadas, pois boas leis existem por toda a parte.”

Montesquieu, em “De l’esprit des lois”, livro escrito em 1748.

Conhecido como Século da Razão, Século das Luzes, Século da Educação, foi um período pleno de ideias e fatos transformadores.

Aspectos filosóficos e educacionais

A ideia predominante deste período, foi o *Iluminismo*, protesto contra a opressão e afirmação de que para subsistir, todos os campos do conhecimento e atuação humanos, inclusive a religião, devem ser submetidos à razão. As ideias iluministas propalavam a liberdade, a igualdade e a fraternidade. No entanto, o princípio da igualdade não se aplicava às mulheres, inclusive Kant e Rousseau não aceitavam a presença feminina em reuniões intelectuais. Nenhuma voz masculina foi favorável às mulheres, apenas as vozes femininas da matemática revolucionária: Emile du Châtelet e da escritora e filósofa londrina, Mary Woolstonecraft, mãe da também escritora Mary Shelley (autora de Frankenstein), se empenhavam na defesa desta igualdade.

Já a ideia do Naturalismo, liderado por Jean Jacques Rousseau, propôs, “*ao invés da razão, o novo evangelho da fé na natureza*” (ROSA, 1974, pág. 192). Suas ideias pedagógicas apresentadas nos cinco livros que compõem o *Emílio ou da Educação*, publicado em 1762, o colocam como “*o genial fundador da psicogenética infantil e juvenil*” (HUBERT, 1957; 268).

Pestalozzi projetou o Neo-humanismo na educação, propondo uma formação intelectual, física e moral que respeitasse a individualidade da criança. Com larga experiência na educação de crianças órfãs e pobres, é chamado “*pai dos órfãos e educador da humanidade*”. Seu trabalho originou, posteriormente, “*as maternidades, os lactários, as escolas maternais, os jardins de infância, as colônias de férias, os patronatos, os reformatórios, os tribunais infantis, etc.*” (ROSA, 1974; 228).

Pedagogicamente, é o século de instrução sensorialista e racionalista, do naturalismo e do idealismo na educação, assim como da educação individual e da educação nacional.

“O século XVIII é o século pedagógico por excelência. A educação ocupa o primeiro plano nas preocupações dos reis, pensadores e políticos”. Surgem duas das maiores figuras da pedagogia e da educação: Rousseau e Pestalozzi... “Não foi Rousseau a fonte a partir da qual brotou toda a renovação pedagógica dos séculos XIX e XX, de tal forma que somos hoje todos mais ou menos ‘filhos de Rousseau’?” (LUZURIAGA, 1963)

Segundo os biógrafos de Rousseau, também denominado um galanteador de Genebra, há um paradoxo a ser observado entre suas obras e sua vida: muitos milhões de pessoas são “filhos dos ideais de educação” de quem não educou seus próprios cinco filhos, confiados ao asilo dos Enfants Trouvés...

Contestando a dimensão da influência rousseauiana, Arnoud Clause, em 1969, disse: *“a pedagogia moderna, historicamente falando, não deve nada a Rousseau; ela desenvolveu-se espontaneamente século e meio após Jean-Jacques, com base em exigências sociais libertadas por forças econômicas, políticas e culturais novas. Durante todo esse período de gestação e de elaboração, Rousseau foi completamente ignorado ou considerado como um sonhador perigoso...”*.

E para Roger Cousinet (1974): *“O valor da dialética de Rousseau reside principalmente no fato de ter obrigado os contemporâneos, e tantos outros pedagogos, até aos nossos dias, a observar a infância.”*

“Sintetizando, poderíamos dizer que na educação do século XVIII observam-se os seguintes movimentos:

- *Desenvolvimento da educação estatal, da educação do Estado...*
- *Começo da educação nacional...*
- *Princípio da educação universal, gratuita e obrigatória...*
- *Iniciação do laicismo no ensino, com a substituição do ensino de religião...*
- *Organização da instrução pública em unidade orgânica...*
- *Acentuação do espírito cosmopolita, universal, que une pensadores ...*
- *Sobretudo; a primazia da razão, a crença no poder racional na vida...*
- *Ao mesmo tempo, reconhecimento da natureza e da intuição na educação...”*

(LUZURIAGA, 1963, p.170)

Aspectos políticos e sociais a destacar

Montesquieu propalava a divisão do governo em três poderes (executivo, legislativo e judiciário) para limitar o poder da monarquia absolutista reinante neste período. Sua obra *O Espírito das Leis* é um dos pilares da Teoria Política Moderna.

A Independência dos Estados Unidos, primeiro país americano a colocar um fim ao período colonial, inspirou os demais países americanos para a libertação colonial.

A Revolução Francesa, em 1789, face aos abusos do poder político, afetou os aspectos religiosos, econômicos, políticos e educacionais da vida na França e, em seguida, outros países.

O modelo de família nuclear floresceu e se firmou, representando o lugar por excelência da mulher e a criança deixou de ser considerada um pequeno adulto.

Aspectos econômicos

A Revolução Industrial inglesa, introduzindo maquinários e mão de obra assalariada, transformou o sistema de produção, o uso da energia, e, consequentemente, o mundo do trabalho. A Inglaterra tornou-se a maior potência mundial e patrocinou grande contrabando de ouro na América do Sul, inclusive no Brasil.

Mas, com todo esse agito cultural, econômico e social, o terrível comércio de escravizados africanos se expandia em larga escala, sobretudo no Brasil, impulsionado pelo ápice do ciclo do ouro, e era a atividade econômica mais rentável do território. Havia a lei que proibia a escravização de indígenas e a escravização africana dava tríplice lucro: no tráfico, na comercialização e na exploração do trabalho escravo, com muita violência.

Os movimentos e confrontos ocorridos em nosso país, nas duas primeiras décadas, não tiveram influência iluminista. A verdadeira motivação dos conflitos era a disputa pelo poder local:

- **1708** – *Guerra dos Emboabas* – Minas Gerais – Bandeirantes contra portugueses e outros, pelo domínio da exploração de ouro e pedras.
- **1710** – *Guerra dos Mascates* – Recife – Comerciantes portugueses contra Olinda (engenheiros).
- **1720** – *Revolta de Felipe dos Santos* – Minas Gerais – Insatisfação popular na região aurífera devido a altos impostos, punições, fiscalização e privilégios aos comerciantes portugueses.

A Coroa Portuguesa não admitia o desenvolvimento intelectual da colônia: a importação e venda de livros era proibida, quem se aventurasse a instalar uma imprensa era punido, assim como não era permitida a formação de um sistema de ensino popular. Fato também evidenciado no século seguinte.

Através de jornais europeus contrabandeados e dos brasileiros da classe alta que haviam estudado em universidades da Europa, principalmente em Coimbra, onde cursavam Ciências Jurídicas e Teológicas, ou na França em que a área mais procurada era Medicina, é que houve a difusão das teorias iluministas por aqui.

Movimentos nativistas, influenciados pelo iluminismo, pela independência dos Estados Unidos e ideias republicanas, separatistas, focadas na libertação de Portugal, só aconteceram no final do século XVIII.

- **1789** – *Inconfidência Mineira*.
- **1794** – *Conjuração do Rio de Janeiro*.
- **1798** – *Conjuração Baiana*.

Formavam a sociedade brasileira nesta época: a elite portuguesa, que concentrava as fortunas através da escravatura, da mineração e de seus engenhos e latifúndios; muitos estrangeiros, motivados pela mineração e pelo tráfico; os mamelucos, os indígenas em menor escala que no século anterior (muitos morreram por doenças ou pelas armas dos homens brancos ou mamelucos) e os escravizados, capturados em possessões portuguesas na África. Houve uma grande migração do campo para as vilas ou cidades – existentes nos locais de mineração e as que surgiram ao longo dos caminhos –, que chegavam até Minas. A capital foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro. Novos tipos de trabalho afloraram, a população já não era mais totalmente analfabeta e a língua tupi predominante até a metade do século XVIII, então acrescida de vocábulos africanos, aos poucos, foi deixando de ser utilizada, pois em 1734 o reino proibiu o uso da Língua Geral, o Nheengatu. A proibição não impediu que a chamada Língua Geral formasse as raízes das culturas cabocla e sertaneja, além do dialeto caipira, já comentado na introdução do século anterior. Em 1755, um alvará lusitano estimulava o casamento misto de índios e brancos, mas não incluía os africanos.

No final do século XVII, começaram as primeiras viagens em caravana cortando vários estados, principalmente nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste, com os tropeiros ligando as regiões de produção e as consumidoras. O tropeirismo, com seus muars, mulas resistentes criadas nos pampas, se desenvolveu promovendo a interligação dos principiantes polos econômicos. No século XVIII, além de transportarem a produção de ouro rumo ao porto de Paraty, os tropeiros também transportavam alimentos para abastecer não só os pequenos povoados, como também as minas onde os garimpeiros estavam proibidos de plantar ou criar gado, devido a uma determinação lusa. O motivo? Não tirar o foco de quem estava trabalhando muitos metros abaixo do solo, além de mantê-los em regime de escravidão. Este período também foi de enrijecimento fiscal por parte da Coroa. Os impostos nos perseguem como alternativa fácil de solução financeira, desde o início da colonização aos dias atuais...

O ciclo do tropeirismo findou no século XIX, mas deixou um legado em costumes, festividades, vestimenta e palavras no Sul do país, e na alimentação

do povo brasileiro. A vizinha Sorocaba, altamente influenciada pela cultura tropeira, mantém viva a memória da participação sorocabana neste ciclo.

No início do período colonial, como já relatado, a política educacional consistia primeiramente na catequização dos índios na fé cristã (as Missões ou Reduções) e, depois da implantação do *Ratio*, e das normas do Colégio de Évora, escolas e colégios que atendiam os órfãos portugueses e os filhos da elite colonial, em regime de externato, passaram a ser prioridade. Nos seminários, também ocorreu a introdução das novas deliberações inacianas. A aprendizagem para os brancos libertos era centrada nas noções básicas da leitura e da escrita, e os ofícios; para os indígenas os ofícios, mas também o bê-á-bá, em aldeamentos, contrariando ordens da Coroa e de Roma; já para os escravizados africanos e alforriados, apenas os ofícios. Nas fazendas dos jesuítas, os filhos de escravizados frequentavam a escola do bê-á-bá e ofícios, pois havia a presença de escravizados nessas fazendas.

A preponderância do trabalho jesuítico persistia. “*A importância social destes religiosos chegou a tal ponto, que se transformaram na única força capaz de influir no domínio do senhor do engenho. Isso foi conseguido não só através dos colégios, como do confessorário, do teatro, e, particularmente, pelo terceiro filho, que devia seguir a vida religiosa (o primeiro seria o herdeiro, o segundo o letrado)*” (RIBEIRO, 1989;29).

Os africanos e as mulheres portuguesas ou mamelucas não frequentavam as escolas. Prendas domésticas, bordado, boas maneiras e muita reza era o que se almejava para as mulheres. Algumas acompanharam seus maridos por ocasião da mineração e com eles foram fundadoras de vilas.

Mas, se no século anterior, na época dos bandeirantes, as mulheres cuidavam de suas casas e fazendas, no século XVIII, com a mineração e a vertiginosa busca do ouro pelos homens, as mulheres gerenciavam também seus comércios nas cidades. Em 1776, elas administravam 70% das instituições comerciais de Vila Rica. Muitas aprenderam a ler e contar por meio dos familiares, outras sozinhas, observando os filhos, ou irmãos. O mesmo acontecia com algumas pessoas escravizadas, conforme se tem informações. As africanas ou afrodescendentes alforriadas exerciam funções de comércio varejista, conforme retratado no século seguinte, em telas de Jean-Baptiste Debret. Quando lhes era permitido pelos senhores realizar as vendas de quitutes e aguardente, nas proximidades da mineração, juntavam o dinheiro para a compra de sua liberdade ou do filho.

~~~~~abcdefghijklmnopqrstuvwxyz~~~~~

O Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, Primeiro-Ministro de Portugal de 1750 a 1777, um entusiasta da monarquia absolutista e do racionalismo iluminista, governou com imposições de leis e medidas norteadas pela razão e pela ciência, sem vínculos aos princípios tradicionais, morais e religiosos. Sua reforma abrangia todas as áreas: econômica, administrativa, política, cultural, educacional e religiosa. No âmbito educacional, o controle estatal, a secularização e a sistematização do currículo eram as pretensões pombalinas. Em 1756, sua impactante medida foi banir os jesuítas de todos os territórios portugueses, incluindo as colônias. Nesta data, os jesuítas mantinham no território brasileiro *“36 residências, 36 missões e 17 colégios e seminários, sem contar os seminários menores e as escolas de ler e escrever”* (AZEVEDO, 1944; 312).

Não podem ser esquecidos os problemas econômicos. Havia um endividamento gigantesco da Coroa Portuguesa com a Inglaterra, a quem foi destinada grande parte do ouro de origem brasileira, além disso, já se iniciava o esgotamento das minas... e Lisboa necessitava de reconstrução por ter sofrido um terremoto e não contava mais com o financiamento judaico, devido à Inquisição. Momento propício ao Marquês de Pombal para que os bens vinculados à Companhia de Jesus fossem confiscados, e o Padrão de Redízima, que desde 1564 garantia que *“10% de toda a arrecadação dos dízimos reais (impostos), em todas as capitânicas da colônia e seus povoados, ficavam para sempre vinculados à manutenção e sustento dos colégios jesuítas”* (RIBEIRO, 1989; 29). Os jesuítas tiveram seus livros e manuscritos destruídos e a religião extraída dos currículos. Esses fatos, somados à não expulsão das demais ordens religiosas, com apenas seu distanciamento do Estado, reforçam que a questão econômica teve papel marcante sobre o banimento da Companhia de Jesus. Portanto, razões filosóficas, pedagógicas, religiosas, econômicas e de domínio, constituíram a motivação de Pombal.

Bella Herson (1996, p. 14) afirma que os jesuítas eram *“dotados de tino comercial e empreendedor, tornaram-se latifundiários, fundaram sociedades comerciais com os cristãos-novos, instalaram fazendas de açúcar, comercializaram salinas para a produção de sal de cozinha, construíram olarias, ferrarias, alfaiatarias e sapatarias”*.

Para muitos autores, os jesuítas foram heróis abnegados no cumprimento de seu dever e defesa dos índios, para outros, vilões na catequese e aculturação, além de utilizarem um ensino elitista. Como é costume dizer: a história é sempre contada sob a ótica filosófica de quem a escreve... De qualquer forma, é facilmente dedutível que o Brasil ficou altamente deficitário em relação à educação por longos anos, *“órfão”*, como dizem alguns autores, sem o trabalho dos inacianos. Afinal, a educação jesuítica nessa época abrangia toda a costa brasileira.

Como aponta Falcon, o “*reformismo pombalino foi sempre mercantilista e fiscalista*” (1982; p. 156), em função de um estado absolutista, e desencadeou uma verdadeira “caçada” à Companhia de Jesus.

Um exemplo é o padre jesuíta Gabriel Malagrida (1689—1761), italiano de nascimento, missionário na Amazônia, professor em seminários no nordeste e pregador em Lisboa, e que por ocasião do terremoto na capital portuguesa (1755) afirmara que o cismo ocorrera por falta de vida espiritual dos lisboetas, dos inúmeros pecados da corte, entre os quais o não acatamento da redução de gastos (como vemos, é atemporal as “cortes”, em qualquer forma de governo, não aceitarem a redução de gastos...) e críticas às mudanças pombalinas. Acusado de instigar motins e de ser o responsável pela tentativa de assassinato do rei, o religioso foi punido, preso, entregue à Inquisição por heresia e morto na fogueira.

Outros exemplos, acompanhando a historiografia jesuítica, podem ser analisados em terras brasileiras. Em 1762, 147 jesuítas foram deportados em porões de navio, em condição insalubre e mal alimentados. Entre eles, o padre ituano José de Campos Lara, seus dois irmãos Miguel e Inácio. Este faleceu durante a viagem e Miguel, em Roma, cuidando de doentes durante uma pandemia de peste. Padre Lara só retornou para cá no século seguinte.

Em Itu, a população presenciou perplexa e revoltada, a prisão de dois padres inacianos, Benedito Soares e Sebastião Gonçalves enquanto realizavam seu trabalho missionário na Igreja do Bom Jesus.

Somente em 1772, 13 anos após a expulsão dos jesuítas, é que Pombal, ministro do rei D. José I, propôs a remodelação total do sistema de ensino brasileiro, com as aulas régias, com professores concursados e funcionários do estado. Representando o primeiro interesse pela educação pública, não se consolidou, subsistindo nosso país, por muito tempo, sem uma escola estruturada. E os indígenas perderam seu espaço no sistema de ensino, apesar da abolição da escravidão indígena no final do século.

Para financiar as despesas com a política educacional pombalina, foi gerado, em novembro de 1772, um novo tributo, o “Subsídio Literário”, cobrado semestralmente dos engenhos sobre a aguardente e dos açougues pelo abate bovino. A arrecadação era insuficiente para promover grandes transformações em um precário sistema escolar, sem subvenção sistemática e contínua. Este imposto foi cobrado até 1831-1834. Os decretos da época nos apontam duas origens de particularidades de nosso sistema educacional atual – o Subsídio Literário foi nosso primeiro Fundeb e a existência da dualidade, com um sistema público e outro privado (ARATANGY, 2019).

Com poucas escolas existentes – que só atendiam uma elite sendo preparada para exercer cargos em diversos setores para o fortalecimento de Portugal –, a população recorria a aulas particulares ou à generosidade alheia.

As aulas régias eram divididas em dois níveis: Estudos Menores – ou de primeiras letras – e Estudos Maiores, que incluía Latim, Grego, Hebraico, Retórica e Poética. Na maioria dos casos, as aulas aconteciam nas casas dos professores e evidenciaram grandes problemas: fragmentação dos locais de ensino, despreocupação com o preparo dos professores, atendimento a crianças a partir de sete anos – mas sem limite do tempo de estudo e abrangência muito pequena no território. Ao rei, cabia a criação dessas aulas isoladas e a nomeação dos professores, que levavam quase um ano para o recebimento de seus ordenados, derivados do subsídio literário, arcando eles próprios com a sua manutenção. Por outro lado, como as aulas régias secundárias ocorriam isoladas uma das outras, muitas até mesmo em vilas diferentes e com diferentes professores, ao aluno cabia ainda gerenciar e montar seu próprio curso.

Um avanço proporcionado pela reforma pombalina foi a abertura e instalação de escolas régias para meninas, ministradas por professoras. Os meninos teriam aulas somente com professores homens. Assim, oficialmente, as meninas entraram na escola e abriu-se um mercado de trabalho para as mulheres: o magistério público. Em 1760, realizaram-se os primeiros concursos públicos para professores no Recife e Rio de Janeiro. Exceção, no âmbito educacional, foi a fundação de um centro de educação no Seminário de Olinda, que abrangia diversas disciplinas, tornando-se difusor de ideias liberais. Em 1772, existiam, em todo o Brasil, 44 aulas régias: 17 de primeiras letras, 15 de gramática latina, 6 de retórica, 3 de gramática grega e 3 de filosofia. De forma geral, o período de 1759 a 1808 foi de desorganização e decadência da educação na colônia (SHIGUNOV NETO, 2015; p. 10).

Pelo que se conclui, a educação continuou amplamente excludente e escravagista. O ensino superior prosseguia em maior escala, em Coimbra e outras instituições europeias. E muitos – que por lá se formaram –, retornaram e se destacaram no século seguinte. Grandes exemplos são Azeredo Coutinho e José Bonifácio de Andrada e Silva.

Itu teve participação e prestígio no início do século XVIII devido à sua proximidade ao primeiro porto fluvial no rio Tietê, para quem ia ao sertão, com grande afluência de desbravadores, autoridades, soldados, escravizados, abastecimento e carga de toda a espécie para a exploração, administração e defesa das minas em Cuiabá. No entanto, na segunda metade do século, com a produção de açúcar, que ocasionou um aumento populacional e de capital, Itu tornou-se forte e

importante. Sua população, em 1773, era de 3.738 pessoas livres (1.725 homens e 2.013 mulheres) e 1.010 pessoas escravizadas (430 homens e 580 mulheres), distribuídas em 779 casas (NARDY, Vol. IV; p. 53). Segundo Zini (1975; p. 74), estes dados são conflitantes com os do DAESP, que indicava 2.211 habitantes.

### **Alguns fatos marcantes do período**

- **1718** – Chegada dos frades carmelitas. Ituanos participam da descoberta das minas de ouro de Cuiabá.
- **1760** – Desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar e construção dos primeiros engenhos.
- **1771** – Grande importação de mão de obra africana escravizada (Triste marco!).
- **1780** – Inauguração da atual Matriz de Nossa Senhora da Candelária.
- **1790** – Multiplicam-se os engenhos de açúcar. Grande crescimento da população e, no plano urbanístico, com a formação da maior parte das ruas centrais da vila.

Nardy (volume VII; p. 116) aponta um dado importante sobre a educação em terra ituana: *“Mais ou menos em 1775, Antônio Ribeiro Leite, após sua volta de Cuiabá... aproveitando os conhecimentos que adquirira no Colégio dos Jesuítas em São Paulo... abre em Itu, sua terra, uma aula de gramática e latim gratuita, para os moços pobres ituanos”*. Aula régia se fazendo presente em Itu. Essa afirmação corrobora com as afirmativas de outros autores de que os filhos de ituanos abastados iam estudar na capital da Capitania ou da Província, mas tinham as noções de alfabetização aqui.

O convento e a igreja dos franciscanos, fundada em 1686, foram, provavelmente, o local onde os ituanos tiveram suas aulas de primeiras letras e de doutrina cristã. Havia também neste convento aulas superiores de latim, filosofia, retórica e matemática e, para os mais pobres, um aprendizado de artes e ofícios.

Padre Manoel da Costa Aranha, o idealizador da Igreja do Bom Jesus, segundo Antônio Nardy Filho, iniciou os seus primeiros estudos com os franciscanos, do Convento de São Luiz de Tolosa, nas imediações do Cruzeiro e do marco zero, em nossa cidade. Fez os estudos eclesiásticos em São Paulo, onde recebeu as ordens em 1754.

Um fato, no mínimo curioso, é que com o afã de tornar o ensino laico, as medidas de Pombal ocasionaram que as aulas régias acabassem, em sua maioria, sendo administradas por ex-seminaristas jesuítas e outros sacerdotes, inclusive seculares.

No século seguinte, o Brasil perdeu, finalmente, o seu status de colônia, com muitas inovações despontando em seu horizonte...

**Vilma Pavão Folino**

*Pedagoga e Psicopedagoga aposentada*

*Ocupante da Cadeira 35 da ACADIL – Academia Ituana de Letras*

---

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ARATANGY, Claudia. **Um pouco da história da docência no Brasil – Marquês de Pombal**. *cfvilla.com.br/blog/2019*, acesso em 21 de novembro de 2023.
- AZEVEDO, Fernando. **A cultura Brasileira**, SP. Melhoramentos, 1971.
- BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Autoridade e Conflito no Brasil Colonial: O governo do Morgado de Mateus em São Paulo**. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura, 1979. p. 88. DOC. INT., Revista da ASBRAP nº 6 .
- CARDOSO, Tereza Fachada Levy. As Aulas Régias no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil: Vol. I. - Séculos XVI-XVIII**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. p.179-191.
- CEZAR, Joaquim Leme de. **Notas Históricas de Itu**, Editora Ottoni, Itu, 2010.
- COSTA, Marcos. **A História do Brasil para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2016.
- COUSINET, Roger. **A formação do educador e a Pedagogia da Aprendizagem**. SP, Companhia Editora Nacional, 1974.
- DEL PRIORE, Mary, VENANCIO, Renato. **Uma Breve História do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- FALCON, Francisco José Calazans. **A época pombalina**. SP, Editora Ática, 1982.
- HERSON, Bella, **Cristãos-novos e seus descendentes na medicina brasileira (1500-1850)**, São Paulo, EDUSP, 1996.
- HUBERT, René. **História da Pedagogia**. SP, Cia. Editora Nacional, 1976.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da Pedagogia**. São Paulo Companhia Editora Nacional, 1963.

MOSCHINI, Francisco Antonio in *www.grandeitu.com.br*. Consulta em 28/12/23.

MONROE, Paul. **História da educação**. 13. ed. São Paulo, Editora Nacional. SP, 1978.

NARDY FILHO, Francisco. **“A Cidade de Itu: crônicas históricas”**. Itu: Ottoni Editora, vol.05,2000.

\_\_\_\_\_ **A Cidade de Itu vol VII**, Itu, Editora FoxTablet, 2023.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação Brasileira – Organização Escolar**. São Paulo, Cortez Editora,1989.

ROMANELLI, O. de O. **História da Educação no Brasil**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes.1993.

ROSA, Maria da Gloria de. **A História da Educação através dos textos**. SP, Editora Cultrix, 1974.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4ª ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SHIGUNOV NETO, A. **História da educação brasileira: do período colonial ao predomínio das políticas educacionais neoliberais**. São Paulo, Salta, 2015.

ZINI, S. **Angelo**. Ytu – Ottoni, Itu, 1996.

<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-historia-da-educacao-no-brasil-uma-longa-jornada-rumo-a-universalizacao-84npcihyra8yzs2j8nnqn8d91/>  
Acesso em 22/02/2023.

<https://ensinarhistoria.com.br/educacao-da-mulher-no-brasil-colonial/> Blog: Ensinar História – Joelza Ester Domingues. Acesso em 14 de março de 2023.

# *Convento, Igreja e Cruzeiro*

## ***A presença da ordem franciscana em Itu no século XVIII***

ANICLEIDE ZEQUINI

### **Itu: A Capital do Sertão**

A Vila de Itu, entre finais do século XVII e ao longo do século XVIII, passou a ter uma significativa importância dentro das rotas de povoamento e expansão para o interior da Capitania de São Vicente e, depois, a de São Paulo. Entre os anos de 1732 a 1776, a localidade se constituiu como ponto estratégico entre o litoral e o interior e com marcante presença indígena e inserida na política religiosa portuguesa na América que “ansiava incorporar o chamado novo mundo na sociedade cristã” (SANTOS, 2004, p. 4).

Com a descoberta das minas de ouro em Cuiabá (1719), houve aprimoramento das rotas de navegação fluvial, partindo do Porto de Araritaguaba. O Porto Feliz das Monções, onde eram construídas as canoas e encontravam-se os mestres do estaleiro fluvial e seus operários – que construíram as canoas com perobas da região. Mas as atividades comerciais neste local eram efêmeras e duravam apenas no período de embarque e desembarque. Mas era em Itu que elas se abasteciam e se organizavam com roupas, fazendas, ferramentas, armamentos, alimentos (ZEQUINI, 2004).

Sendo a última localidade de entrada para a Boca do Sertão e com desenvolvimento de uma certa infraestrutura, aqui também poderiam encontrar pessoas versadas no conhecimento daquelas rotas. Além de Itu, a porta de entrada para aquelas rotas – “A Boca”, tudo ainda era um Sertão a ser explorado. Mas a dinâmica empreendida pelo intenso comércio de gêneros diversos e das riquezas, trazidas das minas, transformou a localidade, em meu entendimento, na Capital do Sertão e, assim, concentrou toda a infraestrutura e logística necessária para todos aqueles que pretendiam empreender uma viagem ao interior e trouxe, no retorno, recursos que foram incorporados a outras instâncias econômicas, como a expansão açucareira e nas inúmeras obras religiosas. Esta vocação de Capital do Sertão se prolongou até as primeiras décadas do século XIX, tendo a localidade servido de ponto de apoio à organização das expedições científicas como a de Langsdorff, Saint-Hilaire, Emilio Zaluar, entre outros.

Ao longo do século XVIII, nota-se que a localidade passou por uma expansão da sua área urbana para além do núcleo inicial de povoamento concentrado em torno da primeira edificação religiosa, a Capela de Nossa Senhora da Candelária (1610–1669), construída pelo fundador Domingos Fernandes e seu genro Cristóvão Dinis.

Pode-se afirmar que Itu teve três edificações destinadas a abrigar a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária. A primeira delas, construída provavelmente de taipa de mão e coberta de palha, aos moldes da casa que possuía Cristóvão Dinis, genro de Domingos Fernandes – considerado também como o fundador da cidade. Este, em seu testamento deixou alguns bens para o patrimônio da Capela para que a mesma pudesse ser refeita com taipa de pilão e coberta de telhas (DINIS, IT, vol 41, p. 134).

Esta primeira igreja, abrigou a Primeira Matriz local até o ano de 1669, quando uma nova construção foi iniciada. Esta primeira igreja, ampliada em 1693, foi, em 1797, benta para se constituir um novo Padroeiro: o Bom Jesus, uma devoção datada na região de meados do século XVIII. Segundo o *Livro Tombo* de Santana de Parnaíba, em 1725 foi encaminhada uma petição por José de Almeida Naves para a construção de uma Capela em devoção ao Bom Jesus em sua propriedade, que estava localizada no Bairro de Pirapora e, para tanto, ofereceu como dote, para constituir o patrimônio, parte de suas terras e dinheiro. Esta imagem do Bom Jesus, esculpida em madeira, foi encontrada às margens do Rio Tietê, junto à propriedade de Almeida Naves. Desde então, a localidade tornou-se uma referência regional de peregrinação e fé.

Em 1669, a segunda construção para a abrigar a Igreja Matriz já estava concluída, mas foi demolida em 1774. Entre os anos de 1774–1780, novamente, a então Igreja do Bom Jesus passou a funcionar como Matriz. Mas, a que tudo indica, o projeto da atual Matriz (a terceira), concluída em 1780, sofreu interferência de vários grupos locais que se divergiam quanto a demolição e a construção da nova edificação.

Documentos encontrados no Arquivo da Cúria da Diocese de São Paulo, o Pedido de Licença para a Construção da Nova Matriz em 1770 e outro – o Auto de Marcação, este assinado pelo vigário da vara, Manoel da Costa Aranha, e datado de 1771 –, oferece algumas informações sobre a Vila e sua Igreja Matriz. Como argumento encaminhado para o pedido de Licença argumentavam que:

*“a fazerem de novo a Igreja Matriz da mesma vila, em lugar diferente, pela antiga se achar muito arruinada com as paredes abertas que para se reparar será preciso tanto dinheiro como para a nova além disso a sua arquitetura*

*muito informe e cheia de defeitos sem majestade nem formosura como se se-quer nos templos do Senhor, e se também o lugar em que se acha pouco acomodado e pequeno para se fazerem com grandeza todos as obras e ofícios necessárias da mesma igreja, por cuja causa tem escolhido por voto e consentimento de todo o povo lugar conveniente no pátio em que se acha a igreja velha em um dos lados do dito Pátio cujo lugar é muito belo, e com capacidade para se fazer a dita igreja com muita grandeza e pompa para que assim possam celebrar nela com mais comodidade os ofícios divinos e se panteie mais a mesma majestade do Senhor ficando também a Vila muito mais vistosa por ficar todo o pátio livre e sem embaraços.”*

Esta Terceira Matriz, testemunho da acumulação da riqueza da economia local, considero como sendo uma obra da coletividade, pois foi construída, sobretudo, com recursos advindos de doações pias, deixadas a partir de verbas testamentárias. Atraiu um significativo contingente de artistas e artífices para a localidade, que aqui deixaram os testemunhos de sua passagem, principalmente em forma de obras e imagens devocionais. Alguns deles, como José Patrício da Silva Manso, contratado por Maria Francisca Vieyra, e de Jesuíno de Paula Gusmão, o Padre Jesuíno do Monte Carmelo, que edificou e decorou, juntamente com seus filhos, a Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, são considerados um dos principais artistas do século XVIII. E, para as primeiras décadas do século XIX, a presença do ourives Thomaz da Silva Dutra, pai do ituano Miguelzinho Dutra.

### **A Presença da Ordem Franciscana e construção do Cruzeiro**

A presença de um Convento Franciscano (casa habitada permanentemente por Frades) subordinado à Província da Imaculada Conceição em Itu, teve sua construção iniciada em 1691 e finalizada em 1692, ainda no período em que a Igreja de Itu estava subordinada à administração de Santana de Parnaíba, da qual se tornou independente apenas em 1694. Esta autonomia eclesiástica possibilitou à Itu solicitar diretamente ao Bispado de São Paulo, criado em 1745, a nomeação de seus Padres Colados (permanentes) e condução de novas edificações religiosas.

As primeiras referências sobre a presença da Ordem Franciscana em Itu foram publicadas na década de 1950, tendo como autores Francisco Nardy Filho e o Frei Basilio Röwer. O primeiro deles certamente teve acesso a um conjunto significativo de documentos que pertenciam à Câmara Municipal da Vila de Itu, destruído por um incêndio na década de 1980. Já o Frei Basilio Röwer, aos arquivos da Província da Imaculada Conceição, ao qual também tivemos acesso no ano de 2020.

A autorização para a instalação deste Convento foi dada pelo Ministro Provincial Frei Antônio do Vencimento e Sá (1691—1694). Na localidade estava o Padre Felipe de Campos, de Santana de Parnaíba, que veio residir com sua família em Itu e é considerado um dos principais responsáveis pela vinda da Ordem na localidade. Foi ele o primeiro Padre, encomendado e, depois, com a independência eclesiástica daquele local em 1694, passou a ser o primeiro Padre Colado (de caráter permanente) da Matriz de Nossa Senhora da Candelária. Em 1722, a Paróquia foi elevada à categoria de Câmara Eclesiástica.

Um dos documentos de interesse para a presença da Ordem Franciscana, encontrados no Arquivo da Imaculada Conceição em São Paulo, *Tombo Geral*, vol. I, fls. 92v, referente ao Histórico da Fundação, apresenta o depoimento datado de 19 de março de 1743, pelo morador de Itu Bonifácio Álvares Pais, então com 84 anos. Bonifácio informou que o Padre Campos havia se empenhado para a construção do Convento e, para tanto, envolveu alguns de seus parentes como Antônio Nunes Maciel, Manoel de Campos, o Capitão Francisco Cardoso, Pedro Correia, Capitão-Mor João de Anhaia Almeida, Francisco Leme da Silva e outros que “*se juntaram*”, dando “*uns tabuados, outros paus e outros várias madeiras necessárias e outros acudindo com a assistência dos seus escravos ao pilar das taipas do Convento, por este ser todo de barro*”.

Como primeiros moradores deste Convento, segundo o mesmo depoimento, estavam o Padre Confessor e primeiro Guardiã Frei Antônio, conhecido como *O Barão*; O Padre Confessor Frei Manuel conhecido como *Capoeiro*, arquiteto que deu as medidas para a obra. Além do Padre Confessor Frei Manuel, conhecido como *O Cativo* e o Padre Pregador Frei Domingos, que posteriormente foi para o Convento de Santo Antônio na Cidade do Rio de Janeiro.

Ainda não encontramos referências sobre o Frei Manuel, o *Capoeiro*, arquiteto dos trabalhos, pois Bonifácio Álvares não forneceu todos os dados sobre este frei. Também afirmou que tinha todas aquelas informações por ter conhecido a todos eles e, também, por ter participado de toda a construção daquele edifício.

Contudo, nada foi perguntado a ele sobre o Cruzeiro que ali já estava. Nardy Filho, em seu artigo intitulado *O Grande Cruzeiro de Itu*, publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 25 de março de 1954, p. 10, afirmava que o mesmo havia sido construído pelo Frei Antônio de Pádua, Guardiã daquele convento em “*comemoração da passagem do primeiro centenário da fundação deste Convento cujas obras começaram em 1692 e finalizadas em 1693*”.

Frei Röwer, baseado em pesquisas documentais, indica que a construção do convento teve início em 1691 e em 1692 já estava concluída. Mas também

nada escreveu sobre a construção do Cruzeiro, que parece ter sido parte integrante de um projeto construtivo da Ordem.

Carlos Gutierrez de Cerqueira, em pesquisa realizada no *Livro de Receita e Despesa* do Convento Franciscano de São Luiz, da Vila de Nossa Senhora da Candelária de Itu, datado de janeiro de 1795, em seu artigo *Thebas em Itu sobre a autoria do Cruzeiro*, publicado em 2017, destacou a participação do Mestre Thebas em mais uma obra de cantaria: o Cruzeiro Franciscano de Itu, o que abriu uma nova linha de investigação para este patrimônio cultural.

Analisando este mesmo *Livro de Receita e Despesa* entre os anos de 1793 e 1828, e ampliando o foco para o entendimento de qual contexto socioeconômico e cultural que permitiu a sua construção e a presença de Thebas, observamos que o Frei Antonio de Pádua é por diversas vezes citado neste livro e aparece em 1793 como Presidente do Capítulo em substituição ao Frade Manoel da Natividade Teixeira. Cabia ao Presidente do Capítulo governar o convento, quando houvesse indisponibilidade econômica ou prática da nomeação de um Guardiã. Mas, em 10 de outubro de 1793, Frei Antônio de Pádua assume como Guardiã do Convento de São Luiz em Itu e, durante a sua presença como Guardiã deste Convento, fez construir o Cruzeiro Franciscano.

Frei Basilio Röwer em seu trabalho *Os Franciscanos no Sul do Brasil, durante o século XVIII*, dá importantes referências acerca do Frei Pádua. Segundo este autor, ele era um religioso esmolero e o único brasileiro presente naquele Convento. Quanto aos recursos, para a manutenção dos Conventos Franciscanos, estes eram obtidos por doações e, segundo Röwer, naquela mesma obra, os peditórios se estendiam até a região do Viamão, de onde provinham as tropas de muares para as feiras de Sorocaba, que transitavam pelo Caminho do Sul, o das tropas de tropeiros, aberto por volta de 1733.

Em 1793, Frei Pádua, depois de sua viagem a Viamão, voltou com uma “boa esmola de animais” e “querendo se cobrar por eles o imposto de 55\$250, o Convento reclamou e a junta concedeu a isenção em virtude dos alvarás régios” (Röwer, 1944, p. 56).

A venda destes animais foi efetuada pelo Capitão Américo Antônio Ayres, provavelmente nas feiras de Sorocaba, o qual pagou ao Frei Pádua em algumas parcelas, no ano de 1795. Valores que certamente foram utilizados para a construção do Cruzeiro. Mas, segundo o *Livro de Receita e Despesa* para o ano 1794, os preparativos para a construção do Grande Cruzeiro já haviam se iniciado, afinal haviam de preparar uma infraestrutura como os andaimes, o carro de bois para o transporte.

Mas porque construir um Cruzeiro? Havia um outro mais efêmero? Algumas hipóteses podem ser levantadas: em 1794, o Convento estava comemorando o seu Centenário, mas também havia outro Centenário: o da Independência Eclesiástica da Matriz de Santana de Parnaíba.

Os dados encontrados no *Livro de Receita e Despesa* para os anos de 1794 e 1795 indicam que, em julho de 1794, o Convento adquiriu seis juntas de bois para os carros que iriam conduzir as pedras para a construção do Cruzeiro. Em outubro de 1794, foram realizados os pagamentos da condução das pedras (mas não informam de onde) e do Camarada Antônio de Souza (o condutor do carro de bois). Em dezembro de 1794, pagou-se 64#000 rs de jornais ao Mestre Pedreiro e ao Carpinteiro Manoel Thomé. Em janeiro de 1795, aparece o nome do Mestre Pedreiro Thebas que recebeu, pelo seu trabalho, 20#200 rs.

Mas, verifica-se também que alguns materiais de construção, destinados ao mesmo Cruzeiro, foram comprados em Santos, onde o Convento tinha uma ampla relação comercial. Pois observa-se que de lá vinham vinho, azeite, peixes, entre outros. Dos materiais de construção: a cal, ferro e chumbo.

Em janeiro de 1795, foram comprados em Santos e trazidos pelo Camarada Joaquim de Sá, o seguinte:

- 20 alqueires de cal – 3#200
- 8 arrobas e 17# de ferro – 14#091
- 1 arroba e 1# de chumbo – 2#475

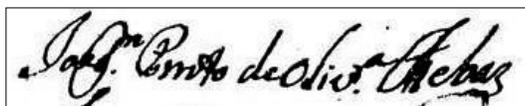
Em fevereiro de 1795, foram pagos 27 e ½ dias de jornais que foram pagos ao Mestre Thebas pelo trabalho de seu escravo João e adquiridos 4# de aço. Já em março, pagou-se 38#400, uma expressiva importância ao Mestre Pedreiro, talvez restante de seus serviços. Mas também foram pagos a vários camaradas que “fizeram os andaimes para levantar a Cruz” e adquiridas ferramentas como verrumas, formões e goivas para os trabalhos de carpintaria.

Mas, uma das anotações, encontradas no respectivo *Livro de Receita e Despesa* para este mesmo mês de fevereiro de 1795, registrou a compra de pimenta, cominho e uma dúzia de rosários de coco para os negros, além de uma encomenda ao Rio de Janeiro da confecção de dalmáticas roxas e de dois títulos (rótulos/legendas) de cobre para o Cruzeiro. Indicando os preparativos e festividades para a sua inauguração, que pode ter ocorrido em janeiro de 1795. Assim, puderam celebrar o centenário da instalação do Convento Franciscano, mas também o fato da Paróquia se tornar Independente de Santana de Parnaíba.

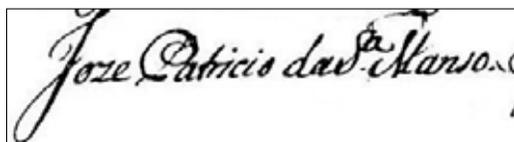
Pesquisas sobre a presença de Joaquim Pinto de Oliveira Thebas, como a de Nuto Sant'Anna, em seu artigo *Subsídios inéditos para a reconstrução da personalidade do celebre Architecto paulista do século XVIII*, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 25 de agosto de 1935, informa que, entre os anos de 1746 a 1755, recebeu a sua alforria. Em 1769, era Mestre Pedreiro e já havia realizado várias obras em São Paulo, como o Chafariz da Misericórdia (1791), afirmando em um outro artigo intitulado *Um Pedreiro Notável*, no mesmo jornal *O Estado de São Paulo*, em 9 de agosto de 1936, que a assinatura de Joaquim Pinto de Oliveira com o acréscimo Thebas, pode ser encontrada apenas após o ano de 1791, quando ele se torna Mestre do Ofício de Pedreiro.

Em um documento recentemente encontrado no *Arquivo Ultramarino de Portugal*, para o ano de 1791, o encontramos já exercendo o ofício de Mestre Pedreiro, na avaliação das obras do novo quartel da Legião de Voluntários Reais da cidade de São Paulo, que fora construído no ano de 1790, e assinando *Joaquim Pinto de Oliveira Thebas*. Cabia ao Mestre Pedreiro avaliar toda obra de pedreira, jornais dos Mestre e dos serventes, despesas dos materiais. Cal, saibro, areia e telhados, entre outros. Este documento também nos revelou a presença de José Patrício da Silva Manso, como Mestre de Pintura, que também se encontrava como avaliador desta obra, cabendo a ele avaliar as portas, as pinturas das portas, os jornais dos Mestre e serventes e as despesas com óleo e tinta.

Mas, o que nos diz este encontro: várias hipóteses nos fazem refletir sobre a possível relação de amizade entre estes Mestres, incluindo aí o Padre Jesuíno do Monte Carmelo: os três são artistas negros, os três trabalharam juntos em meados do século XVIII na Capela da Ordem Terceira do Carmo em São Paulo. Em 1780, Jesuíno e José Patrício estavam em Itu executando os trabalhos da terceira Matriz e Thebas para cá veio em 1794/1795. Relações de amizade possivelmente ligam estes artistas.

A handwritten signature in black ink on a white background, enclosed in a thin black rectangular border. The signature reads "Joaquim Pinto de Oliveira Thebas" in a cursive script.

Assinatura do Mestre Pedreiro Joaquim Pinto de Oliveira Thebas – 1791

A handwritten signature in black ink on a white background, enclosed in a thin black rectangular border. The signature reads "Jose Patricio da Silva Manso" in a cursive script.

Assinatura do Mestre em Pintura – Jose Patricio da Silva Manso - 1791

No início do século XX, Francisco Mariano Costa Sobrinho, em um artigo intitulado *Cruzeiro*, publicado no *Almanach histórico*, biográfico indicativo da Comarca de Ytu para o ano de 1910, o descreveu da seguinte forma:

*“Esse monumento está circundado por um retângulo de nossas pedras de laje (assim era denominada a rocha de Varvito de Itu), tendo a frente duas colunas representando uma o báculo e outra a mitra comprovando assim que nessa mesma ocasião fosse inaugurado. Tanto as colunas como o cruzeiro são de trabalho primoroso, artístico e com pericia executados em pedra de cantaria. Mede mais ou menos de cinco metros de altura sob três metros quadrados de base. Tudo progride, tudo segue sua marcha natural e como não avaliar do talento artístico desses nossos antepassados que poucos conhecimentos tinham das artes em vista de hoje?”*

Embora o autor não tivesse maiores informações sobre este Monumento, ele o descreveu como uma testemunha ocular. O que leva a afirmar que, ainda nas primeiras décadas do século XX, os elementos que Miguelzinho Dutra registra em sua aquarela pintada em 1845 e que compunham este Monumento, ainda estavam presentes. Provavelmente foram removidas em 1914, quando foram realizadas reformas, por estar o mesmo *“abandonado por tantos anos”* (Jornal Republica de Itu em 27 de setembro de 1914 p, 3).

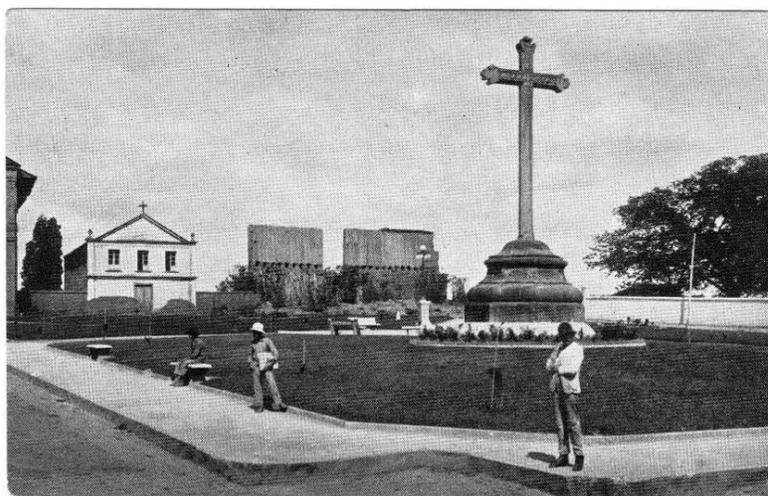


Largo de São Francisco em Itu – Aquarela Miguelzinho Dutra. 1845.  
Da esquerda para direita: Convento e Igreja da Ordem Terceira;  
Igreja de São Luiz Bispo de Tolosa e o Convento Franciscano.

Por meio desta pintura documental de Miguelzinho Dutra, em 1845, observa-se a presença de duas colunas que foram indicadas por Francisco Mariano como: a da esquerda, apresentando a figura que parece ser o Báculo, simbolizando a missão dos bispos e, à direita, está a Mitra, chapéu alto usado também pelos bispos. Esta evidência nos permite pensar algumas hipóteses que ainda merecem ser pesquisadas.

O Conjunto que se via em 1845, data em que Miguelzinho pinta a aquarela, já com os acréscimos no entorno do Cruzeiro (colunas e esta pequena calçada) indicam que o Monumento era um resumo simbólico das comemorações de alguns Centenários relacionados com a história da presença da Ordem Franciscana na localidade. Em 1794, se comemoravam os Centenários da Ordem Franciscana na localidade, mas também, o Centenário da Independência Eclesiástica de Santana de Parnaíba e, com isso, a nomeação do primeiro Padre Colado Felipe de Campos, que parece ter sido o grande mentor da vinda da Ordem. Em 1845, o Centenário da Criação do Bispado de São Paulo e daí os símbolos do bispado como o Báculo e a Mitra – incorporados agora ao Patrimônio da Cidade. O que indica que Miguelzinho o estaria pintando no ano em que estes acréscimos foram colocados junto ao Cruzeiro.

Do conjunto de edifícios restou apenas o Cruzeiro Franciscano. O edifício do Convento ficou em ruínas após um incêndio ocorrido no ano de 1907. Nesta época, a edificação estava alugada para servir de depósito de algodão para a Fábrica de Tecidos São Luiz. As outras edificações foram sendo demolidas nas primeiras décadas do século XX para dar lugar à expansão daquela mesma fábrica.



*Aspecto do Cruzeiro e do Convento de São Luiz, em ruínas após o incêndio.*



*Da esquerda para direita: Convento e Igreja da Ordem Terceira e Igreja de São Luiz*

**Anicleide Zequini**

*Museu Paulista/MRCI/USP ani.zequini@usp.br*

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Almanach histórico, biográfico indicativo da Comarca de Ytu para o ano de 1910.** Itu: Typ. São Jose p. 133.

CERQUEIRA, Carlos Gutierrez. **Thebas em Itu: sobre a autoria do Cruzeiro.** Revista Vitruvius, ano 11, mar. 2017. Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/search/arquiteturismo?query=Carlos+Cerqueira>. Acesso em 22 dez 2021.

**CONTAS do Governador e Capitão General – São Paulo 1791 – AHU-ACL-CU-023-01, cx. 40 doc. 3308C1.**

FERREIRA, Abílio (org). **Thebas: um negro arquiteto na São Paulo Escravocrata.** Disponível em <https://www.causp.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/Livro-Tebas.pdf>. Acesso em 12 dez 2021.

**LIVRO de Receita e Despesa do Convento Franciscano de São Luiz, da Vila de Nossa Senhora da Candelária de Itu 1793 e 1828.** Arquivo da Província Franciscana.

NARDY FILHO, Francisco. **O Grande Cruzeiro de Itu**. Jornal O Estado de São Paulo, 25 mar. 1954.

RÖWER, Basilio, **Os Franciscanos no Sul do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1944.

\_\_\_\_\_. **Páginas de História Franciscana no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda., 1941.

SANT'ANNA. **Um Pedreiro Notável**. Jornal O Estado de São Paulo. 09 ago. 1936.

SANTOS, Shirley dos. **Vila de Itu: A Cristandade na Boca do Sertão (1732-1776)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. Thebas – **Subsídios inéditos para a reconstrução da personalidade do celebre Architecto paulista do século XVIII**. Jornal O Estado de São Paulo 25 ago. 1935.

# *Carmelitas e a educação*

**FREI PAULO GOLLARTE, O. CARM.**

*“Somos testemunhas vivas da boa educação dos seminaristas, verdadeiros FILHOS DO CARMO. Éramos todos iguais, pobres e ricos, isto é, a maioria era custeada pelos pais e a minoria estudava de graça, ciente e convencida que tinham vocação para serem futuros sacerdotes, para servirem a Igreja e ao próximo.*

*Mas, somente na idade adulta que iam saber se realmente tinham vocação ou não. Até lá estudavam bastante para tomar uma decisão definitiva. Continuar ou tomar outro rumo na vida? Afinal de contas, este não é o fim da linha ou da vida. É apenas o começo para muitos ou continuação para outros”.*

**Sebastião Martins – ex-seminarista carmelita.  
(Filhos do Carmo, São Paulo, s.d., 157 p.)**

## **Chegada ao Brasil**

Em 26 de janeiro de 1580, zarpuou de Lisboa para o Brasil a armada sob o comando de Fructuoso Barbosa. Iam nela quatro frades carmelitas portugueses: frei Bernardo Pimentel, Antônio Pinheiro, Alberto de Santa Maria e frei Domingos Freyre, este último famigerado pregador, no cargo de superior e com a faculdade de erigir convento naquelas terras. Foram recebidos em Pernambuco.

Ofereceram-lhes vários lugares para se estabelecerem. Optaram por Olin-da. Durante os primeiros anos, foi residência dos superiores do Carmelo brasileiro e casa-mãe das novas fundações.

Uma nova expedição carmelita se preparou em Portugal, desta vez com destino à cidade do “*Salvador da Bahia de todos os Santos*”, capital então do Brasil. Em 1589, ocorreu a fundação do convento de Santos. No ano seguinte, chegaram os carmelitas ao Rio de Janeiro.

Assim começou a aventura brasileira dos carmelitas portugueses: as quatro fundações em lugares distantes foram focos fecundíssimos de apostolado e origem de fundações no Brasil.

Naquele tempo, as atividades dos religiosos por várias regiões do país eram a instrução e assistência moral e religiosa do povo, e a propagação da devoção mariana.

No ano de 1720, foram constituídas duas províncias independentes de Portugal e autônomas: foram elas a da Bahia-Pernambuco e a do Rio de Janeiro.

Esta última tinha já fundado, no entanto, a missão de Marviri (SP) e a residência de Itu, em 1719, que terá igreja e convento reconstituídos em 1765.

### **Declínio e restauração**

A Ordem do Carmo entrou em decadência no Brasil no tempo do Império. Com as consequências das leis de Pombal e a proibição de se receberem noviços e abrir novas casas pelo governo imperial. A Ordem chegou quase à extinção. A lei anti-monástica é de 10 de julho de 1828. Decreta que fica proibida a admissão de noviços estrangeiros, e a de brasileiros não terá lugar sem determinação da Assembleia Geral Legislativa, nem alguém professará sem a presença do Juiz de Paz do lugar, no ato da profissão.

No Rio de Janeiro, o convento foi convertido em paço da cidade e depois no Instituto Histórico Geográfico, assim como a igreja transformada em 1808 em capela real, posteriormente imperial e, por último, catedral.

A Ordem do Carmo estava condenada ao fim. A Santa Sé tomou então medidas de precaução.

Com o advento da república, em 1889, proclamou-se a separação da Igreja do Estado. A partir daí as ordens religiosas podiam, de novo, desenvolver-se livremente. Nota-se que, em 1890, restaram no Brasil apenas oito carmelitas (três no Rio de Janeiro, dois na Bahia, um em São Luís e dois em Pernambuco). Vieram para o Brasil os carmelitas espanhóis a fim de povoar alguns conventos. Em 1900, porém, estes notificaram o núncio que gostariam de restringir seus esforços ao norte brasileiro em vista da exiguidade de religiosos, deixando à outra província a restauração do Rio de Janeiro.

Em junho de 1904, o Prior Geral, frei Pio Mayer, pediu ajuda aos carmelitas holandeses, que enviaram seis padres e um irmão para assumir Rio de Janeiro e Angra dos Reis. Os sobreviventes eram então dois padres carmelitas brasileiros.

Reforçada de contínuo com vocações holandesas, além das brasileiras, em 1922, reergue-se a Província do Rio de Janeiro.

### **Convento e Seminário**

O convento do Carmo de Itu foi fundado em 1711. Infelizmente, por falta de religiosos, ficou desabitado desde 1872, com a morte do seu Superior. Após a retirada dos frades e a extinção da Ordem Terceira do Carmo, passaram os bens deste convento a serem administrados por síndicos.



*Convento junto à Igreja de Nossa Senhora do Carmo e Capela do Jazigo.*

*Fonte: livro "Memória de Itu" de Jair Oliveira, Hélio Chierighini e Luis R. de Francisco.*

Em 1847, ocupou a Câmara Municipal o prédio até 1860, até a construção de edifício próprio no Largo do Carmo.

Em 1876, instalou-se aí o Instituto Novo Mundo, com aulas da instituição. Funcionou por longo período.

Mais tarde, foi ocupado pelas oficinas do jornal *O Ituano*. Permanecendo por vários anos.

Em 1888, esteve aquartelado o contingente de cavalaria.

Em 1901, serviu de abrigo do Recolhimento de Nossa Senhora das Mercês, com as suas freiras.

Em 1909, passou a igreja do Carmo a servir de capela para a Escola Apostólica dos padres jesuítas, enquanto se dava a reforma da Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho.

Em 2 de abril de 1917, chegam a esta cidade os carmelitas holandeses, que vinham morar no velho convento.

No ano seguinte, embora as obras de restauração estivessem em andamento, foi aí instalado o Ginásio Nossa Senhora do Carmo.

Os frades carmelitas, na Holanda, não se achavam à frente de paróquias. Ocasionalmente, aos fins de semana, ajudavam naquelas dirigidas pelos padres diocesanos. Por esta razão, dedicavam-se preferivelmente ao magistério. Trouxeram esta herança para nós. Logo no início, assinaram um compromisso com o arcebispo do Rio de Janeiro de manterem ao lado dos seus conventos uma escola primária. Sustentamos estabelecimentos de ensino na Bahia, no Rio de Janeiro, em Santos e na capital de São Paulo. Atualmente, ainda possuímos em Brasília a Escola Montessori.

A intenção era aí se iniciar uma Escola Profissional em benefício da classe mais desfavorecida, que assim poderia, sem despesa, cuidar da educação dos seus filhos. Este era o desejo do frei Maurício Lans, uma vez concluídas as obras do convento. Contudo, não pôde ele, por várias circunstâncias, realizar desde logo este desejo. Um desejo que ainda não abandonou e esperava poder realizar um dia.

Em 20 de abril de 1926, deu-se a entrada dos primeiros estudantes no novo Seminário: um grupo que tinha sido hospedado no Seminário de Pirapora, regido pelos religiosos premostratenses, e ainda outros estudantes.

A abertura oficial da Escola apostólica se deu com missa e bênção do novo prédio, que era um anexo ao convento, um grande edifício.

Os alunos foram submetidos a um exame para se determinar em que ano e classe seriam colocados. Iniciou-se com três anos. O número de professores era de cinco, com três padres e dois leigos. O ensino correspondia ao chamado curso secundário, inclusive com latim e grego.

No ano seguinte, dá-se a chegada da primeira turma de seminaristas holandeses. Provinham do Seminário carmelita de Zenderen. A cada ano, viriam depois novos grupos. Eram em número de oito. O total abrangia 42 alunos.

No início da década de 1940, dá-se a inauguração de uma nova ala do Seminário, contendo três andares com a capela, o saguão dos seminaristas dos dois últimos anos denominados “maiores” e a sede dos congregados marianos. O número então atingia 120 pessoas, preparando-se para o sacerdócio.

### **Atividades pedagógicas**

Passarei a historiar a vida do Seminário apelando pela minha memória, pois aí estudei de 1942 a 1944.

O corpo docente era formado pelos padres e dois leigos, professor Moreira para aulas de português e Pery Blackman, para as aulas de desenho.

O currículo escolar constava de sete anos: preliminar (admissão), preparatório e mais cinco anos. As aulas de latim eram diárias e estudava-se também grego. As aulas eram ministradas no período da manhã e ficando a tarde para estudo individual: deveres escolares a serem apresentados em classe e preparação para arguições de algumas matérias. Ainda à noite era aproveitada uma hora de estudo. Isto se fazia em comum, num grande salão, sob a vigilância de um padre, que servia também para ser consultado ocasionalmente, a fim de esclarecer alguma dúvida. Aos sábados, à tarde, havia palestra de um curso intitulado *Boas Maneiras*, que na verdade eram sobre maneiras de comportamento, numa perspectiva de humanização. Tudo obedecia a um horário regular marcado pelo toque cronometrado da sineta.

A impressão era de rotina, porém, as atividades escolares eram animadas pela vivacidade da juventude.

Na conclusão do ensino médio: prestava-se exame oral diante do professor da matéria e do provincial ou do seu delegado (semelhante a um vestibular).

Partíamos para o noviciado no convento de Mogi das Cruzes, onde vestíamos o hábito, uniforme dos frades carmelitas. Dedicávamos nosso tempo primordialmente ao estudo da vida religiosa e treinávamos seu modo de vida. Ao término de um ano, fazíamos a profissão religiosa. Na qualidade já de frades, iniciávamos o curso superior. Eram três anos de filosofia e quatro de teologia. Ao final, recebíamos a ordenação sacerdotal e passávamos a exercer nossa vida pastoral.

### **Atividades extraordinárias**

Além dos estudos normais, tínhamos oportunidade de atividades extracurriculares, como o Grêmio Beato Batista Mantuano. Constava de reuniões aos domingos à noite para os alunos do 4º e 5º anos. Apresentavam-se trabalhos literários, seguidos de debates entre os alunos. Cada um destes ocupava uma cadeira dedicada a um escritor clássico brasileiro ou um vulto da pátria. Havia uma diretoria de três membros: presidente, vice-presidente e orador.

O ingresso se fazia mediante a apresentação de um trabalho literário seguido de arguições e observações de conteúdo. No final, fazia-se a votação dos presentes para a aprovação do aluno.

Os alunos das duas últimas séries contavam com o privilégio de desfrutar diariamente de uma hora de leitura na sala do Grêmio após as orações da noite. O silêncio era total. Escolhiam à vontade um livro de autores clássicos brasileiros ou portugueses, algum romance, um compêndio de história da civilização ou do Brasil, a biografia de um santo ou uma obra de formação. Às 22h soava o toque de recolher dado pelo aluno mais velho, caminhando todos para o repouso noturno. A biblioteca era muito variada.

### **Esportes e lazer**

A vida seminarística não era só de estudos. Tínhamos também um tempo dedicado à descontração e ao esporte.

Cultivava-se a natação em um pequeno sítio de propriedade da Província, que se situava a pequena distância do Seminário. Quinta-feira, à tarde, era o período do lazer na chamada chácara. Tratava-se de um riacho represado. O divertimento era geral. Frequentemente o domingo à tarde era incluído nesse programa. Outras vezes frequentávamos uma ilha no rio Tietê. Era chamada

ilha dos artistas, pois era frequentada por um grupo de violeiros. Havia ali apenas um rancho, onde se preparava um lanche. Nadava-se ou pescava. Ainda se usava a quadra de vôlei nos dias de semana após o jantar. A mesa de ping-pong era também muitas vezes utilizada.

Mas a preferência ia para o futebol, o campo ficava nos fundos da igreja. Este era de tamanho oficial, com grama nos lados e o centro de terra. O nosso time era bom de bola, tanto assim, que nas vezes em que jogava contra um time de fora, quase sempre se sagrava campeão.

No domingo à tarde tínhamos uma sessão cinematográfica, muitas vezes com a exibição do filme do *Gordo e o Magro*, Stan Laurel e Oliver Hardy, e filmes como *Ben Hur*, *Manto sagrado* ou de John Wayne. Utilizava-se a antiga capela de Santa Teresa de Jesus, ao lado da igreja.

O grande acontecimento era a festa anual do Padre Reitor, comemorada em seu aniversário natalício. Estendia-se por uma semana. Não se suspendiam as aulas, pois os jogos eram efetuados no período da noite, durante uma semana. Era um tempo de intensa atividade e alegria, como: futebol de salão, futebol de campo, vôlei, basquete, handball, ping-pong, corridas livres, corridas de saco, saltos de altura e à distância, jogos de mesa, como dama, xadrez e outros. Vivia-se uma verdadeira olimpíada interna. Cada esporte era competitivo e avaliado por pontos coletivos e individuais. A premiação sempre se dava no último domingo à noite. A norma era "*mens sana in corpore sano*" (mente sadia em corpo sadio).

Uma ou duas vezes por ano, apresentávamos um espetáculo teatral para o público de Itu. Geralmente era uma comédia. Aguardava-se ansiosamente, para se abrirem as cortinas do nosso palco, oferecendo um agradável entretenimento.

Ao final do ano, íamos para as férias em casa dos pais. De volta ao Seminário, em janeiro, tínhamos mais um mês num grande sítio de Itu, onde podíamos nos dedicar a uma vida inteiramente campestre.

### **Formação religiosa**

Na expressão dos ingleses – *at last but not the least* (por fim, mas nem por isso o menor) – podemos abordar a formação religiosa. Era uma parte muito bem cuidada, tanto na orientação individual como grupal. Diretamente responsáveis eram os dois padres: o Reitor e o Vice-reitor.

Diariamente havia missa em horário bem cedo, sendo cantada aos domingos. Durante as refeições ouvíamos uma leitura religiosa: no almoço era a Bíblia e no jantar uma leitura mais leve de aventuras.

Toda a comunidade dos religiosos era aberta para o aconselhamento. Além das aulas de religião, ouvíamos palestras dedicadas à vida espiritual. Eram

recomendadas obras no campo de formação humano-espiritual de autores atuais e profundos.

Participávamos, como coral, nas missas solenes na igreja matriz da Candelária, nas capelas da Irmãs Redentoristas, das Irmãs Concepcionistas (Conventinho), do Asilo de Nossa Senhora Candelária; ali, ao final da missa, era uma verdadeira festa. As Irmãs Carlistas nos proporcionavam um saboroso lanche e, em seguida, nos dispersávamos pelo pomar fartando-nos com deliciosas frutas. Algumas vezes éramos convidados para cantar nas missas do quartel de Itu. Ainda marcávamos presença nas procissões da cidade de Itu.

### **O Carmelo e a Igreja perante a educação**

Os padres carmelitas tinham bem claro que nem todos os seminaristas iriam perseverar na caminhada até a ordenação sacerdotal. A maioria iria desistir. Contudo, nem por isso desanimavam. Com igual ânimo dedicavam-se à sua tarefa. Estavam convencidos da utilidade da sua obra formando também autênticos cristãos e cidadãos da pátria. Batalhavam com consciência no seu ministério. A retribuição se fez manifesta, conforme poderão acompanhar no site GRUPO AMIGO DO CARMO.

*“Feliz de quem pôde aprender dos frades carmelitas. Eles, na sua maioria, naquele tempo, eram holandeses, formados, por conseguinte, na profundidade e na excelência da cultura europeia. Só a partir daí é que, agora, nas recordações, os antigos alunos entendem a pergunta feita a si mesmos, a de que como se poderia receber aulas de latim e grego aos catorze anos? Um sistema, no curso de humanidades, da maior seriedade e responsável pelos frutos colhidos aqui fora. Em qualquer escola pós Seminário, o aluno era visto como especial ou de inteligência privilegiada.” (Bernardo Campos – ex-seminarista)*

A Igreja vê a educação em uma perspectiva integral. Tem uma visão do todo, da pessoa humana na sua inteireza. Do contrário, seria puro adestramento. Ela não se contenta com a transmissão, de forma competente e eficaz, de matérias segmentadas. A educação é mais do que um acervo de conhecimentos díspares e deve ter em conta a pessoa na sua totalidade. A grande missão da escola deve ser ajudar cada um dos seus membros a viver inteiramente aquilo que é.

As avaliações de cada matéria são apenas um meio, porque a escola tem uma finalidade maior: cultivar humanidades amplas. Não prepara o estudante só para dar respostas às indagações do momento, mas a formular perguntas de verdade que se podem fazer hoje. Cabe-lhe formar o seu senso crítico.

As respostas devem abrir campo para novas interrogações ainda maiores, confirmando a ciência no sentido dinâmico de abertura para o futuro. As questões fundamentais são sobre o ser humano e sobre a sua existência. O confronto com o sentido da existência deve, portanto, estar no centro do seu objetivo. A ciência deve ajudar a considerar as incompletudes, como um caminho mais extenso. Cabe-lhe suscitar sempre uma inquietação interior do saber mais.

Bem resume isso tudo a inscrição existente no frontispício do salão nobre do antigo Colégio Santo Alberto, na cidade de São Paulo: *NON SCHOLAE SED VITAE – Não para a escola, mas para a vida.*

**Frei Paulo Gollarte**

*Frade carmelita, natural de São Paulo.*

*Graduado em filosofia e doutor em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma).*

*Vigário-paroquial da Paróquia Santa Teresa de Jesus (São Paulo).*

*Professor emérito de Sociologia, Ética, Sociologia da Educação, Sociologia Religiosa, Teologia Moral, Teologia Espiritual e Teologia Pastoral. Professor de Formação Permanente no Centro Internacional Santo Alberto em Roma.*

*É autor de vários livros e artigos.*

# Século XIX

VILMA PAVÃO FOLINO

*“Não há fatos eternos, como não há verdades absolutas”*  
**Friedrich Wilhelm Nietzsche.**

*“A História se repete sempre, pelo menos duas vezes”, disse Hegel;*  
*“A primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”, completou Karl Marx.*

Chamado Século da História, com a transformação desta em disciplina acadêmica e escolar, sendo popularizada visando a construção do conceito de nação, o século XIX é conhecido pela sua imensurável importância em vários aspectos. Foi um período de ascensão tecnológica com grandes invenções e descobertas nas áreas de matemática, física, química, metalurgia, biologia, eletricidade, entre outros campos do conhecimento, incluindo o bélico, largamente utilizado em revoltas, revoluções e guerras. Destaque para a descoberta de Plutônio e Rádio, a invenção do carro, da telegrafia elétrica, a microbiologia, da ferrovia, da fotografia, do método Braille, da anestesia, da geladeira, do cinematógrafo e do Raio-X, entre outros.

Pensadores da época deixaram marcas indeléveis com escolas filosóficas: Utilitarismo (Bentham e Stuart Mill), Positivismo (Comte), Pragmatismo (Peirce e William James), Evolucionismo (Spencer), Idealismo Alemão (Fichte, Schelling, Hegel) e Marxismo (Karl Marx), apoiado inicialmente em Hegel.

Grande movimento de urbanização ocorreu neste tempo, com as cidades crescendo e se multiplicando ao redor do mundo, favorecidas pela instalação das ferrovias e pela industrialização, sendo Londres a maior cidade da época. Consequentemente, a arquitetura sofreu mudanças, com destaque para algumas características urbanas, como a utilização do estilo neogótico e a eclosão do estilo Art Nouveau na França no final do século.

Período em que as monarquias absolutistas foram substituídas pelas monarquias constitucionais e, posteriormente, com a república se tornando a principal forma de governo no mundo. Muitos países se libertaram do colonialismo, inclusive o Brasil, mas, na contramão destas libertações, a África teve quase todo seu continente explorado e colonizado pelos europeus, subjugado pelas armas de fogo e sua população, em grande escala, escravizada.

Na segunda metade desta época, no contexto da Segunda Revolução Industrial, surgiu a ideologia política denominada Anarquismo, que se desenvolveu e se difundiu globalmente nos movimentos operários.

A literatura adquiriu notoriedade com obras francesas, russas e inglesas. O período da Era Nacional da literatura brasileira começa em 1836, com o Romantismo, cujos principais representantes são: José de Alencar, no romance; na poesia, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varela. Na segunda metade do século, surge o Realismo sendo o principal expoente Machado de Assis. Em seguida, destaca-se o Naturalismo e seu maior representante, Aluísio Azevedo. No final do século, Olavo Bilac, Raimundo Correa, Alberto de Oliveira e Vicente de Carvalho despontaram com o Parnasianismo. Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens encerraram o período com o Simbolismo.

A música oitocentista apresentava um cunho sonhador, um romantismo especial, uma expressão mais intensa das emoções, com seus prelúdios, rapsódias, noturnos, improvisos e óperas, desligando-se dos palácios e adentrando às salas de concerto e teatros.

Antônio Carlos Gomes (1836—1896), símbolo da vida musical do Segundo Império, compôs óperas em língua portuguesa, como *A Noite do Castelo*, *Joana de Flandres*, *O Guarany* e *Salvator Rosa*. O compositor ituíano, Elias Álvares Lobo, foi autor da ópera *A Noite de São João*, com libreto de José de Alencar, a primeira ópera escrita em português e estreada no Brasil. Também foi autor de outra ópera, *A Louca*, além de numerosas peças sacras e música de câmara. Outros compositores brasileiros do conturbado fim do Império: Alberto Nepomuceno, Leopoldo Miguez, Alexandre Levy, Henrique Oswald. Do início do período republicano brasileiro, começam a ser esboçados importantes conceitos nacionalistas em música. É a época de Ernesto Nazareth, que circulou entre o meio da música de concerto, sendo ardoroso seguidor de Chopin, e a nascente música popular. O jornalista Alexandre Pavan, em seu artigo "*Chopin Carioca*", aborda dados pitorescos da vida e obra de Nazareth.

As Guerras Napoleônicas mudaram as relações geopolíticas da Europa, fizeram ascender ondas de patriotismo e nacionalismo que auxiliaram os processos de unificação na Alemanha e Itália. Graças ao grande conflito napoleônico, aconteceu a vinda da Família Real Portuguesa e sua corte à então Colônia Brasileira (1808), por sugestão da Inglaterra, cuja vitória contra Napoleão, tornou o Reino Unido o império mais poderoso.

O futebol, existia na Inglaterra desde o século XVII, com uma certa base ancestral nos jogos antigos e trágicos de chineses e dos primeiros habitantes da América e sobretudo no "*calcio*" italiano da nobreza na Idade Média. Ocorria nas

escolas públicas inglesas desde 1810, era considerado muito agressivo, mas recebendo novas regras em 1830, passou a ser praticado em todas as escolas. Com as novas normas de 1848, transformou-se em esporte da elite e viveu posteriormente uma grande expansão, de tal forma que nos últimos anos oitocentistas foi agregado à cultura brasileira, tornando-se a paixão nacional. (PUC–RIO). A mídia aponta a origem do futebol no país em 1894, vinculada a Charles Miller, mas, em data anterior, o esporte já era conhecido em Itu, no Colégio São Luís.

Sobre a educação oitocentista, com a propagação das ideias rousseauianas centradas nas “*peculiaridades da mente infantil*”, os pedagogos do século XIX se dedicaram ao estudo meticoloso da natureza da criança, como ponto de partida para suas teorias e práticas educativas. Essa preocupação aparece, sobretudo, em Pestalozzi e em seus discípulos Herbart e Froebel, com suas doutrinas mais filosóficas e sistemáticas (ROSA, 1974, p.243). Froebel, o fundador do Jardim de Infância, foi o primeiro a reconhecer a importância da atividade lúdica como elemento para o desenvolvimento intelectual da criança e, consequentemente, do brincar. É considerado Pai da Educação Infantil. Herbart, o organizador da Pedagogia como ciência, é considerado o Pai da Pedagogia Tradicional, modelo de educação centrado na figura do professor, como transmissor de conhecimento.

A expansão e o fortalecimento de regimes democráticos influenciaram a reivindicação pelo acesso à escola.

## **E no Brasil?**

Nos séculos anteriores, aconteceram mudanças no país, mas no século XIX, as transformações foram múltiplas, aceleradas, interligadas, intensificando significativo sentimento de nacionalidade.

## **Período Joanino**

Sentindo-se ameaçado com a invasão de Napoleão, que cumpria a ameaça feita a Portugal por não bloquear seus portos à Inglaterra, D. João VI, incentivado pelos ingleses, de quem era parceiro e devedor, em dezembro de 1807, executou um projeto do século XVI para momentos de instabilidade política da Coroa portuguesa. Deixou seu país juntamente com a Família Real e a corte, aqui chegando em janeiro de 1808, trazendo o tesouro português, móveis, documentos, obras de arte e, posteriormente, a Real Biblioteca. A comitiva era composta de 10.000 elementos da aristocracia portuguesa, num total de 15.000 pessoas. Oito naus, três fragatas, três briques e duas escunas – acompanhados por quatro navios da esquadra britânica – realizaram o transporte.

Grande momento de inversão: a colônia se transformou em sede do governo. (NOVAIS, 1967, p.298).

A primeira atitude de D. João foi determinar a abertura dos portos, o que causou grande euforia a alguns segmentos da sociedade brasileira. Segundo Ribeiro, p.38, *“a abertura dos portos tanto interessava aos senhores de escravos e de terras da colônia, a boa parte da camada média, que aqui surge com a mineração, como também à burguesia dominante ou em processo de dominação nas sociedades industriais, especialmente a Inglaterra”*.

Muitas medidas foram tomadas para melhorar a vida da corte e a economia local. Foram criados o Banco do Brasil, o Teatro Nacional, a Biblioteca Nacional, o Jardim Botânico, o Museu Nacional, a construção de estradas, bem como foi revogada a lei que proibia a criação de fábricas no país. Já em 1808, circulava o primeiro jornal – *A Gazeta do Rio*, quatro anos depois, a primeira revista – *As Variações ou Ensaios de Literatura* – e, em seguida, a primeira revista carioca – *O Patriota* (RIBEIRO, 1989, p. 40).

Visando atender às necessidades do momento, para o trabalho na máquina estatal, no âmbito das leis e da política, foram criados cursos que representaram o início do ensino superior no Brasil. Para a defesa militar foram criadas a Academia Real da Marinha e a Academia Real Militar, o Curso de Cirurgia, instalado no Hospital Militar na Bahia e os cursos de Cirurgia e Anatomia, no Rio, bem como o de Medicina, um ano depois.

*“Com a finalidade da criação de uma estética mais apurada, propiciar uma formação acadêmica em belas artes, e para uma reaproximação com a França pós napoleônica, foi contratada uma Missão Artística Francesa composta de escultor, pintor, arquiteto, gravador, maquinista, empreiteiro de obra de ferraria, oficial de serralheiro, surradores de peles, curtidores e carpinteiros de carros”* (RIBEIRO, p.40). Havia também, a preocupação com a formação de técnicos em agronomia, agricultura e para a indústria. Foram criadas escolas para serralheiros, espingardeiros, cursos de economia, agricultura e botânica, química (incluindo química industrial, geologia, mineralogia), além de desenho técnico.

Além dos franceses, que vieram para o Rio a convite do governo, aqui aportaram, segundo Silva, 1986, *“também estrangeiros estimulados pelas possibilidades de ganho, pela curiosidade científica, pelo exótico, pelo diferente. Vieram ingleses, franceses, alemães, como pesquisadores, naturalistas, comerciantes, professores, médicos e mercenários para as tropas militares”*.

Os cursos superiores representaram um avanço ímpar, mesmo sendo isolados. Não se pode afirmar o mesmo, quanto ao ensino fundamental e

secundário. O fundamental, ou primário continuou uma escola de ler e escrever e insuficiente. Segundo Ribeiro, 1989, p.41, “*tem-se notícia da criação de 60 cadeiras de primeiras letras*”. O ensino secundário manteve a estrutura de Aulas Régias, aumentadas em número, mas ainda escassas. E a educação escolar permaneceu destinada à elite e desprovida de estrutura organizacional.

No que se refere à escravidão africana, este período nos apresenta a evidência de um paradoxo, uma postura dúbia. Enquanto D. João assumia com a Inglaterra o compromisso de abolir gradativamente o comércio da escravatura, aumentava a entrada de africanos no país. D. João estava sob duas pressões, ambas fundamentadas em interesses econômicos: a externa que necessitava de mais assalariados para a compra dos produtos industrializados, sobretudo têxteis, e a interna que não cogitava perder sua mão de obra escrava e muito menos o comércio altamente rendoso.

Apesar de que com a Reforma Pombalina, as mulheres passaram a ter permissão para frequentar escolas, desde que as salas fossem separadas por sexo, a educação feminina pouco mudou. Com a afluência de estrangeiros, começou uma certa mudança, pois as famílias passaram a procurar professoras particulares para ensinar os meninos e as meninas. Surgiram estabelecimentos destinados à educação feminina, muitos deles dirigidos por francesas ou inglesas.

A aprendizagem das primeiras letras e o aprender a contar continuava sendo realizados sob responsabilidade das famílias. Esse processo de alfabetização familiar continuou por muito tempo, como poderemos verificar em vários exemplos ao longo da narrativa oitocentista.

As Aulas Régias continuavam e originaram uma nova carreira, a do Magistério Régio, com habilidades para o ensino das Humanidades. A remuneração era baixa, em relação a outros cargos públicos, mas possuía alguns privilégios de uma pequena nobreza e um status de reconhecimento de valor pelo seu letramento em uma sociedade com a imensa maioria de analfabetos. (MAGALHÃES, 2002). As Aulas Régias perduraram até 1834.

Enquanto a nova sede do governo do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves mudava com a presença da Família Real, a nação lusa se sentia desmoralizada e abandonada, e a manifestação do ápice de seu descontentamento foi a Revolução do Porto. Os portugueses exigiram o retorno de D. João almejando que o Brasil deixasse de ser Reino Unido e voltasse a ser uma colônia. O monarca, com receio de perder o trono português, voltou para Portugal, mas deixou aqui seu filho Pedro, como Regente, com temor de perder o Brasil...

## O Império

Em 1821, com o fim da censura sobre o que era publicado, realmente a proliferação da imprensa se intensificou. *“A independência do Brasil e a formação da opinião pública foram fenômenos coincidentes...o primeiro ensaio da opinião pública no Brasil foi a independência”* (FRANÇA e PERUCHI, 2022).

*“Após a Proclamação da Independência, em 1822, a tarefa de dar estrutura jurídico-administrativa para nosso país impunha, como primeiro passo, a elaboração e promulgação de uma Constituição.”*

*“...no discurso de inauguração e instalação dos trabalhos da Assembleia Constituinte, em 3 de maio de 1823, D Pedro I destacou a necessidade de uma legislação especial sobre instrução pública”* (SAVIANI, 2021, p.119).

Entretanto, a Comissão de Instrução Pública não conseguiu elaborar um plano para a organização propalada. No ano seguinte, D Pedro I outorgou a primeira Constituição do Brasil, na qual afirmava no Título VIII, Artigo 179, inciso 32, que *“a instrução primária é gratuita a todos os cidadãos.”* Em 15 de outubro de 1827, com sete artigos, uma lei baseada no Projeto Cunha Barbosa determinava a criação de Escolas de Primeiras Letras, em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, com aulas de leitura, cálculo, escrita e catecismo. A data, 15 de outubro, originou a comemoração do Dia do Professor, estabelecida em 1963 durante o governo de João Goulart.

A maior novidade da legislação de 1827 era que, além das escolas para meninos, deveriam existir também escolas para meninas, desde que separadas, currículo diferente e o docente contratado, por concurso, uma mulher. Surgia a profissionalização feminina. A escola elementar teria este currículo para os meninos: escrever, ler e contar (quatro operações, decimais e proporções), geometria prática, gramática da língua nacional, moral e doutrina da religião católica. Nos livros de leitura deveriam constar a Constituição do Império e a História do Brasil. Nas escolas para meninas, haveria a aritmética com as quatro operações, mas com ausência de geometria, decimais e proporções, acrescentando ao currículo economia doméstica que incluía corte, costura, bordado e música. As escolas femininas foram poucas, assim como a procura por elas.

Para suprir a falta de professores e verbas, foi adotado o Método Lancasteriano, também chamado de Método Mútuo ou Monitorial, criado por Joseph Lancaster, *quaker* inglês, no final do século anterior. Sua implantação no Brasil foi graduada. Em 25 de novembro de 1822, uma escola de primeiras letras foi instituída dentro do Arsenal do Exército. Em 1825, novas leis implementaram escolas públicas de primeiras letras com aplicação do método

lancastrino nas diversas províncias do império. Neste método, que representava o que de mais moderno havia na época, aplicado em muitos países europeus, a atuação de um único professor atingia um grupo imenso de alunos. Todos os alunos de uma escola eram divididos em grupo de dez (Decúria) e quem os ensinava eram alunos mais adiantados – os monitores (Decurião), que por sua vez recebiam as orientações do professor, antes da aula. Os monitores deveriam coordenar as tarefas para que os alunos se corrigissem entre si, e eram os responsáveis pela organização geral da escola, da limpeza e, fundamentalmente, da manutenção da ordem. Para o processo funcionar bem, havia um inspetor que além de vigiar os monitores, controlava o uso dos materiais. Um severo sistema de castigo e prêmios colaborava para o controle disciplinar. Somente os monitores chegavam até o mestre. Os alunos eram distribuídos nas classes, separadas em níveis de leitura, escrita e aritmética. Assim eram classificadas as aulas de leitura e escrita:

1. Aprender o alfabeto e o traçado das letras na areia ou conhecido também como ABC;
2. Sílabas ou palavras com duas letras na lousa;
3. Sílabas ou palavras com três letras;
4. Sílabas ou palavras com quatro letras;
5. Sílabas ou palavras com cinco letras;
6. Lições de palavras de muitas sílabas;
7. Leitura da bíblia e seleção dos que melhor liam na 7<sup>a</sup> classe.

Na disciplina de aritmética havia 12 fases:

1. Combinação de unidades, dezenas, centenas etc.;
2. Soma;
3. Soma composta;
4. Subtração;
5. Subtração composta;
6. Multiplicação;
7. Multiplicação composta;
8. Divisão;
9. Divisão composta;
10. Redução;
11. Regra de três;
12. Prática.

Segundo Bastos (2005, p. 39), os alunos poderiam estar em várias classes ao mesmo tempo por estarem mais avançados em um conteúdo do que no outro. Os professores públicos deveriam cumprir o que segue: financiar o ofício, comprando o material necessário, ministrar as aulas em sua casa e arcar também com as despesas de seu treinamento na capital; levar os meninos à missa, ao menos um domingo por mês; promover a educação cívica, de acordo com a lei de 1827 (CARDOSO, 2007).

Os resultados da utilização do método mútuo no Brasil ficaram muito aquém do esperado, não só pela ausência de professores habilitados e falta de estrutura adequada, como também em função do baixo número de alunos que frequentavam a escola pública, já que os estudantes eram filhos da elite monárquica e emergente.

O reinado de D. Pedro I se desenvolveu em meio a uma grande crise institucional e financeira que repercutia na educação e nos baixos salários para os professores. Fernandes (2016, p. 561), citando um ofício da época... *“persuade-se que tais homens não se encontrarão pelos diminutos ordenados de 150\$000 réis, num País onde as urgências da vida e a carestia dos objetos indispensáveis para a mais simples subsistência exigem muito maiores interesses”*. Problemas muito semelhantes aos dias atuais...

A Constituição de 1824 representou uma conquista, no entanto ficou muito aquém das aspirações liberais e democráticas da elite culta. O poder moderador confiado ao Soberano e a religião oficial *“não se compatibilizavam com o ideal de igualdade de todos os cidadãos perante a lei”* (HAIDAR, 1972, p.4).

Em 1827, por Lei de 11 de agosto, foi criado o curso jurídico de São Paulo, instalado, no ano seguinte, no Convento São Francisco, atual Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, USP. A data, 11 de agosto, é comemorada, hoje, como o Dia do Advogado.

No início do governo como Príncipe Regente, D. Pedro contava com o apoio da população. Memorável é o chamado Dia do Fico. Com problemas políticos na formação do governo provisório culminando por manifestação popular com muita desordem em São Paulo, a Câmara de Itu manifestou indignação contra o motim e apoiou o príncipe, declarando-lhe leal obediência. Proclamada a Independência do Brasil, em 1822, no ano seguinte, logo após a coroação do imperador, Itu recebeu o título de Fidelíssima. As escolas na época da independência, eram classificadas como instrução pública e particular, dividida em três níveis: primeiras letras, ensino secundário e ensino superior.

Para Portugal aceitar a independência do Brasil foi necessário pagar uma indenização no valor de dois milhões de libras, emprestadas da Inglaterra. A

Guerra da Cisplatina (de certa forma uma herança de D. João VI), o crescimento da dívida com a Inglaterra, o autoritarismo de Pedro I, bem como seu reprovável comportamento, provocou grande desgaste com a elite econômica e política do país. Por outro lado, a questão da sucessão do trono português, após a morte de D. João VI era bastante litigiosa. Para resolver os impasses, o imperador decidiu partir para Portugal, abdicando do trono brasileiro em favor de seu herdeiro, Pedro de Alcântara, em 7 de abril de 1831.

O herdeiro tinha apenas cinco anos e, de acordo com a Constituição de 1824, só poderia assumir o trono aos 18 anos. Durante nove anos, o país ficou nas mãos de regentes. O período de Regência foi marcado por forte instabilidade política, com rebeliões separatistas que eclodiam no país, mas também determinando maior poder às províncias. No início do governo regencial, a lei n. 16, de 12 de agosto de 1834, chamada de Ato Adicional, reformou diversos aspectos da Constituição e conferiu às assembleias legislativas provinciais a atribuição de legislar sobre a educação primária e secundária, mantendo o ensino superior vinculado ao governo imperial. Este foi o início da descentralização no sistema educacional brasileiro.

Porém, as províncias pouco puderam fazer, não contando com apoio financeiro do governo central, nem com regulamentos. Além disso, havia descontinuidade administrativa, já que os Presidentes de Província, nomeados pelo Governo Central, sucediam-se rapidamente no poder. Em decorrência, as reformas provinciais do ensino acabaram ficando no papel.

A novidade, a partir do Ato Adicional (1834), foi o surgimento dos primeiros Liceus Provinciais – reunião de disciplinas avulsas – nas capitais das províncias. Outros liceus foram se instalando, no entanto não chegavam a alcançar o mesmo desenvolvimento dos colégios particulares de ensino secundário, que floresceram como consequência do Ato Adicional.

Em 1835, foram criados Liceus Provinciais em algumas capitais que, reunindo as aulas régias avulsas, organizaram os primeiros currículos seriados, mas com as disciplinas exigidas para o ensino superior, compondo um currículo exagerado – latim, grego, francês, inglês, retórica, geografia, história, filosofia, zoologia, mineralogia, álgebra, geometria e astronomia – e uma disciplina rigorosa.

Com o Ato Adicional, além da tarefa de prover a instrução elementar, as províncias ficaram com a difícil tarefa de preparar pessoal docente para as escolas que criassem. A primeira iniciativa foi da Província do Rio de Janeiro que, em 1835, fundou a Escola Normal de Niterói. A escola tinha, apenas um professor, que ensinava pelo método Lancaster (PROVÍNCIA do Rio de Janeiro. Lei n. 10 de 1835, p. 22-5). Em outras províncias, foram criadas

Instituições semelhantes, transitórias, com organização superficial e currículo inapropriado.

Quanto ao ensino público secundário, o poder central supervisionaria diretamente as aulas avulsas da Corte, extintas em fins de 1857. Tendo o monopólio do ensino superior, o poder central exercia indiretamente o controle do ensino secundário de todo o Império, por meio dos chamados “exames preparatórios”. Tais exames habilitavam para a matrícula nos cursos superiores àqueles que não cursavam o Colégio Pedro II (HAIDAR, 1972). Por volta de 1834, o ensino público secundário encontrava-se ainda fragmentado em aulas avulsas de latim, retórica, filosofia, geometria, francês e comércio, espalhadas por todo o Império, mas em pequena quantidade, somando uma centena ou pouco mais, além de outros cursos particulares também fragmentados.

Pedro II subiu ao trono em 1841, aos 15 anos e meio, com sua maioridade declarada através do Golpe Parlamentar da Maioridade, com anuência do jovem imperador, dada a agitação do povo e outros problemas.

A unidade nacional exigia a organização e uniformização do ensino e era o que visavam as reformas realizadas pelo Ministro Couto Ferraz, a partir de 1854. A ação reformadora atingiu as Faculdades de Medicina e os cursos jurídicos, que passaram a se denominar Faculdades de Direito. Couto Ferraz propunha que o ensino primário na Corte fosse obrigatório, com matrícula entre cinco e 15 anos, vedada aos escravizados. Para as escolas do 1º grau, de instrução elementar, o currículo deveria abranger: instrução moral e religiosa, leitura e escrita, noções essenciais da geometria, princípios elementares da aritmética, sistema de pesos e medidas. A coeducação foi proibida. Para o sexo feminino, foram mantidos o ensino de bordados e de trabalhos de agulha mais necessários. Para as escolas do 2º grau, deveriam constar: desenvolvimento da aritmética em suas aplicações práticas, leitura explicada dos Evangelhos e de História Sagrada, os princípios das Ciências Físicas e da História Natural aplicáveis aos usos da vida, geometria elementar, agrimensura, desenho linear, noções de música e exercícios de canto, ginástica, e estudo mais desenvolvido do sistema de pesos e medidas. Nesta reforma constata-se o início da Educação Física na escola brasileira. De acordo com Ghiraldelli, 2013, p.34, a Educação Física Escolar, deste momento até 1930, era designada “higienista”, objetivava a “asepsia social”, através da formação de homens e mulheres saudáveis, e propaladores da higiene pessoal e social. Essa concepção era decorrente das diversas endemias que ocorriam: varíola, febre amarela, cólera, além da tuberculose, cujo tratamento era higienodietético, pois, não havia ainda antibióticos.

Tanto na Corte como nas províncias, as escolas primárias, propostas por Couto Ferraz, não chegaram a ser criadas, ficando apenas na intenção da lei, com ressalva a poucas escolas particulares, algumas instaladas na Corte e nas maiores cidades.

Embora a educação não fosse prioridade para o império, D. Pedro II, em 1857, autorizou a criação da primeira instituição para alunos com surdez no Brasil. Segundo Geraldo Cavalcanti de Albuquerque, professor do Instituto Nacional de Educação de Surdos, *“D. Pedro II teria se interessado pela educação de surdos em virtude de a princesa Isabel ser mãe de um filho surdo. Motivado pela surdez do neto, desejando que fosse alfabetizado, foi construída a escola e convidado o educador francês Ernest Huet para dar início à Língua Brasileira de Sinais, hoje chamada Libras”* (HONORA e FRIZANCO, 2009).

Até 1879, a formação de professores acontecia nos poucos Liceus, que acrescentavam estudos de pedagogia ao currículo. Eusebio de Queirós, Inspetor de Instrução Pública da Corte, retomou o projeto da escola normal de uma forma mais coesa e organizada, mas, somente em 1880, a capital do Império teria sua Escola Normal mantida e administrada pelos poderes públicos, através do decreto n. 7684, de 6 de março de 1880. O currículo abrangia aulas de português, francês; matemáticas elementares e escrituração mercantil; elementos de cosmografia, geografia e história universal; geografia e história do Brasil; elementos de ciências físicas e naturais, fisiologia e higiene; filosofia e princípios de direito natural e de direito público; de economia social e doméstica; pedagogia e prática do ensino primário em geral e do ensino intuitivo ou “lições de coisas”. O currículo era complementado por princípios de lavoura e horticultura; instrução religiosa, caligrafia, desenho linear, música vocal, ginástica, prática manual de ofícios para os meninos, e trabalho de agulha para as meninas. A idade mínima para ingresso na escola era de 16 anos para os alunos e 15 para as alunas. Eles deveriam prestar exame de admissão ou provar por certidão que estavam habilitados nas matérias precedentes. Além disso, seria necessário apresentar atestado de moralidade assinado pelo pároco. Com início às 5 horas da tarde, as aulas prosseguiriam, no máximo até as 9 da noite. (REGAZZINI PERES, 2005)

O ensino técnico – agrícola, comercial e industrial – em 1860 ainda não passava de meras tentativas e ensaios. O Liceu de Artes e Ofícios, de iniciativa privada, fundado por Bettencourt da Silva em 1856, e outras escolas, que depois se criaram no período imperial, não prosperaram no país, como sempre, por falta de recursos, e por deficiências de organização. Couto Ferraz tentou ampliar a função dos estudos secundários, colocando-os na base de especializações

técnicas, mas a medida não teve êxito, pois não havia no país desenvolvimento comercial e industrial que a sustentasse. Em 1882, Rui Barbosa retomou a iniciativa, porém, dadas as características econômicas, sociais e culturais da sociedade, o trabalho manual e mecânico era desprestigiado, sendo exercido por humildes artesãos e por escravizados. Tal preconceito explica o número reduzido de alunos em contraste com a demanda para a instrução secundária, que liberava o acesso às escolas superiores e, portanto, às profissões liberais. Atendia a clientela proveniente da zona rural e da pequena burguesia que procurava ascender às camadas superiores. O ideal aristocrático de educação e o título de doutor – um critério decisivo de classificação social – respondia pelas matrículas nos cursos (AZEVEDO, 1958, p. 82).

Na segunda metade do século XIX, como consequência das ineficazes iniciativas imperiais quanto à organização da instrução pública, a proliferação do ensino em escolas particulares foi imensa, sobretudo as escolas religiosas. Os colégios jesuítas retornaram de forma estruturada e organizada. A bula papal de Pio VII em 1814, possibilitou a restauração da Companhia de Jesus e consequente retorno ao Brasil. Em Itu, em 1859, foi criado o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio para meninas, sob a direção de Madre Teodora Voiron, da Congregação de São José de Chambéry e, em 1867, os jesuítas fundaram o Colégio São Luís Gonzaga. Por iniciativa de missionários presbiterianos norte-americanos, foi criada, em 1870, em São Paulo, a Escola Americana, de nível elementar e frequência mista, antecessora do Mackenzie.

As escolas particulares suplantavam largamente o ensino público, em número de estabelecimentos e em relação a alunos, revelando a enorme distância, social, econômica e cultural que havia entre a elite e o povo, e entre as profissões liberais e o trabalho manual e mecânico e principalmente o enorme contingente de analfabetos (PERES, 2005).

Em 1856, aproximadamente, dos 1.200.000 indivíduos em idade escolar, apenas 120 mil recebiam instrução primária, ou seja, a décima parte da população (AZEVEDO, 1958, p. 82). Assim, os principais projetos de reforma da instrução pública, apresentados nas décadas de 1870 e 1880, apregoavam a participação do governo central no desenvolvimento do ensino em todo o país. O Governo Imperial deveria criar, nas províncias, estabelecimentos custeados ao todo ou em parte, além de conceder auxílio financeiro a escolas criadas pelos poderes provinciais, e pela iniciativa particular. Os estabelecimentos de ensino secundário para o sexo feminino alcançaram êxito a partir de 1858.

Ministro do Império, Carlos Leôncio de Carvalho, professor da Faculdade de Direito de São Paulo, com suas reformas de 1878 e 1879, não só modificou o

ensino primário e secundário da Corte, mas, ainda, estabeleceu normas para o ensino secundário e superior, em todo o país: os professores poderiam lecionar o que quisessem, sem passar por provas de capacidade. Em relação às Escolas Normais, tal decreto postulava que teriam prática do Ensino Intuitivo ou “lições de coisas”, além de prática do ensino primário geral. Muito pouco, todavia, do que constou do Decreto de 1879, foi executado.

A reforma acima foi logo substituída pela Reforma do Ensino Primário, Secundário e Superior, baseada em pareceres de Rui Barbosa, apresentados anteriormente ao Parlamento Brasileiro, que podem ser considerados um projeto de reforma global da educação brasileira. Um verdadeiro tratado, compreendeu praticamente todos os aspectos da educação: filosofia, política, administração, didática, psicologia, educação comparada (LOURENÇO FILHO, 1954). Influenciado pelas ideias correntes no século XIX, que atribuíam fundamental importância à educação dentro da sociedade, Rui Barbosa preconizou a reforma social pela reforma da educação. Acreditava no poder da educação como meio para promover o progresso do homem e do país, propondo a educação integral: educação física, intelectual e moral, defendida por Spencer. A influência de Rui Barbosa pode ser verificada, ainda depois de 1910, em vários estados brasileiros.

Para Kishimoto (2002), em 1875 iniciou-se “a história do Jardim de Infância, no Brasil, ocasião em que Joaquim Menezes Vieira e sua esposa, D. Carlota, inauguraram uma instituição com o objetivo de atender crianças entre 5 e 7 anos. Segundo a Gazeta de Notícias, esta instituição foi identificada como Jardim de Infância, no Brasil como necessária para o desenvolvimento intelectual ou fase preparatória para o primário, mas, por vezes, foi confundida com asilo infantil, caracterizada como instituição de caridade”. De acordo com a autora, “esta confusão terminológica deve-se à falta de discernimento sobre os objetivos das referidas instituições, firmada por veículos de comunicação e em discursos políticos da época”. Já, Kuhlmann Jr. (2007) destaca que, “por volta de 1899, ocorreram dois fatos que permitem considerar este ano como marco inicial do surgimento das primeiras propostas de instituições pré-escolares no Brasil – a fundação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância no Rio de Janeiro e a inauguração da creche da Companhia de Fiação e Tecidos Corcovado, também no Rio. Com a aproximação do fim do Império (1889), o grande descaso com a educação pública recaía, também, sobre a criação e a expansão de Jardins de Infância”. Com o início da República (1889 a 1930), o quadro também não se modifica muito. Kishimoto chama a atenção para “os protagonistas da época que não consideravam função do Estado desmamar crianças com diversões pedagógicas. Para eles, a criança constituía-se,

*apenas, como um ser que necessitava de cuidados*". Foi neste período, entretanto, que houve a criação do primeiro Jardim de Infância Estadual, decorrente de um projeto político dos grandes cafeicultores de São Paulo. Com o Decreto de Gabriel Prestes, Bernardino de Campos e Alfredo Pujol, em 2 de março de 1896, o Jardim de Infância surge na legislação. Era espaço para estágios de formação docente, uma vez que haviam sido criados os colégios de aplicação, mas nos primeiros anos da República, apenas em São Paulo havia duas instituições, o anexo da Escola Normal de Caetano de Campos e o Duque de Caxias. O Jardim de Infância particular atendia crianças abastadas usando o termo "pedagógico", pois, além de cuidar, educavam as crianças que atendiam. Para as crianças pobres, as creches, como espaço institucional, ofereciam abrigo, comida e roupa com o intuito de retirar as crianças da rua, enquanto as mães trabalhavam. Foram uma iniciativa para reduzir a utilização da Roda dos Expostos, iniciada no Brasil no século anterior, vigente até os anos 40 do século seguinte e extinção na década seguinte.

Em 1889, para uma população de quase 14 milhões, a matrícula geral nas escolas primárias era efetuada por pouco mais de 250 mil alunos. (AZEVEDO, 1958 p 111).

Na abertura da última sessão do Parlamento, em 1889, D. Pedro II sugeriu a criação de um Ministério da Instrução Pública, a fundação de escolas técnicas, a instituição de duas universidades, bem como de faculdades de ciências e letras em algumas províncias. As intenções educacionais do Império, foram encerradas, e o sistema republicano recebeu uma herança educacional pública falida, ou inexistente.

Sabemos que a maioria dos republicanos estava muito descontente com D. Pedro II e que defendia muito mais a mudança de regime de governo, do que uma mudança efetiva nas relações sociais e econômicas muito desiguais presentes na sociedade brasileira. No entanto, acreditavam que sem educação não existiria nem ordem, nem progresso. A valoração da escola não aconteceu, e o novo regime conviveu com a população composta por mais de 90% de analfabetos, muitos deles egressos da escravidão, que havia sido finalmente abolida em 1888, um ano antes da mudança do regime político.

A escola continuava a ser uma instituição para poucos, as normas do Ato Adicional de 1834 continuaram a vigorar. A primeira Constituição Republicana (1891) acabou com o voto censitário, marca do Império, consagrando o direito de votar e ser votado a todo o indivíduo do sexo masculino, maior de idade e alfabetizado, com exceção dos membros de ordens religiosas e militares de baixa patente. Com o crescimento da população urbana e da produção

industrial, do número de votantes, portanto, de alfabetizados, a educação primária começou a interessar. Um decisivo impulso foi dado à educação elementar com a criação, em 1893, dos primeiros Grupos Escolares, denominação que receberam as escolas graduadas no Brasil. Ampliou-se o currículo das escolas primárias, incorporando disciplinas de caráter científico e objetivando educação física, intelectual e moral do aluno. Apesar de manter o ensino das prendas domésticas para as meninas, assegurou-se o acesso feminino às demais disciplinas curriculares, rompendo com a desigualdade prevista no Império.

Em Itu, no final do século XIX, o destaque é para a Escola Queiroz Telles. Farçola (2012, p. 46) cita um depoimento de Francelino Cintra no *Almanach Histórico, Biographico e Indicativo da Comarca de Ytu para o anno de 1910*. Contratado como porteiro, Cintra afirma que, primeiramente, a escola era chamada de Liceu Municipal e, em 11 de janeiro de 1893, Grupo Escolar Queiroz Telles, antes mesmo da criação dos grupos escolares no estado promulgada em agosto do mesmo ano... “marcou o pioneirismo da cidade de Itu como a primeira a reunir escolas... Unindo a atuação dos professores Tristão Mariano da Costa e Carlos Grellet Junior, contou também com o apoio de Maurício Pabst e Jorge Tybiriçá que cedeu o prédio (um sobrado no Largo da Matriz), além da participação decisiva de Antonio Queiroz Telles”. Em 1901, os alunos foram transferidos para o Grupo Escolar Cesário Motta e as atividades do Queiroz Telles encerradas.

### **Acontecimentos em Itu**

*Cronologia Histórica de Itu, de Jonas Soares de Souza, entremeada por fatos ligados à educação.*

- **1805 – Início da construção da Igreja N. Sra. do Patrocínio.**

Itu é considerado o maior centro produtor de açúcar da região Sul do Brasil.

- **1811 – Criação da Comarca de Itu pelo Alvará de 2 de dezembro.**

Nesta data, os franciscanos fundaram um curso de filosofia destinado aos jovens, no Colégio S. Luís Bispo de Tolosa, a pedido da Câmara de Itu. Segundo Nardy, (2023, p.115), o referido curso “teve como professores: Frei Inacio de Santa Rosalia Alvarenga (1811-1813), Frei Domingos de Nazaré (1813-1814), Frei Inácio de Santa Justina (1814 a 1829)”. Os Carmelitas também ministraram aulas de primeiras letras e de humanidades.

- **1812 – Tecelagem de algodão em instalações domésticas ocupa quase uma centena de famílias.**

Transformada na quarta comarca, Itu abrangia um grande território sob sua jurisdição, de Franca até Curitiba.

Segundo Cavalheiro, 2001, a Vila de Itu era a mais populosa do planalto paulista, considerada “a capital econômico cultural, depois da capital, São Paulo”.

Nas décadas iniciais do século XIX, a “efervescência política atingiu seu ápice” na nova comarca. O grande movimento político, sobretudo liberal, atraiu o padre Feijó que se estabeleceu, por dois anos, na comunidade dos Padres do Patrocínio, liderada pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo (Santos, 1764 – Itu, 1819), a quem admirava como pregador, oráculo e doutrinador do Evangelho.

Mas, padre Jesuíno era muito mais: pintor, arquiteto, escultor, dourador, entalhador, músico, compositor, poeta, mestre em torêutica, e segundo Mario de Andrade (1945), “representa com agudeza o que era a cultura artística nacional de seu tempo”. Jesuíno conviveu com Manuel José Gomes (pai de Carlos Gomes), que já era amigo de Feijó, tendo realizado cópias de suas obras, mantidas em seu arquivo pessoal. O inverso também aconteceu. Gomes copiou e guardou obras musicais do amigo e, após a morte de Monte Carmelo, o homenageou participando anualmente como violinista nas Festas do Patrocínio até 1860.

Padre Jesuíno andava 50 km a pé e descalço até chegar à Vila São Carlos (hoje, Campinas) onde residia o Padre Feijó, seu confessor. Em *músicabrasilis.com.br*, há a indicação de 16 músicas sacras de autoria de Padre Jesuíno, cujas partituras encontram-se nos museus Carlos Gomes, da Inconfidência e Ordem do Carmo. Duas delas fazem parte do LP *Música Sacra Paulista*, 1982.

Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, afrodescendente por parte de mãe, habitava em Itu desde 1781. Casou-se e teve quatro filhos, dos quais dois se tornaram padres: Elias do Monte Carmelo e Simão Stock do Monte Carmelo. Após enviuvar, Jesuíno pode ordenar-se padre em São Paulo em 1793, num conflitante processo. Destacou-se em Itu desde 1781, trabalhando inicialmente como pintor auxiliar na Igreja Matriz Nossa Senhora da Candelária, a maior igreja barroca do Estado de São Paulo, onde, além de pintor, foi compositor, organista e cantor. Sua independência artística ocorreu na decoração da Igreja do Carmo, com destaque para o forro da capela-mor, onde se observa ter mesclado suas raízes barrocas com fortes interferências pessoais. Fundou o Convento do Patrocínio, cujos padres eram conhecidos como “patrocionistas”, uma congregação asceta, baseada em rígidas normas de conduta moral, que pregava contra a corrupção do clero e procurava expiar suas culpas e as dos outros através de mortificações e autoflagelações. Seu maior projeto foi a Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, também de Itu, já no final de sua vida, planejado junto com outros sacerdotes, inclusive seus filhos, que

participaram da construção. Eles foram ao mesmo tempo arquitetos, operários e mestres de muitos outros. Ativo, padre Jesuíno foi até o Rio de Janeiro levantar fundos para a concretização de seu grande projeto. O idealizador não conseguiu ver finalizada a sua obra. Faleceu em 1819, um ano antes da inauguração, mas encontra-se, hoje, ali sepultado. A imagem de Nossa Senhora do Patrocínio foi esculpida em madeira por seu filho caçula, Eliseu do Monte Carmelo, assim como todos os anjos do altar-mor e do púlpito. Um *“conjunto de oito painéis, de autoria do Padre Jesuíno do Monte Carmelo, estão expostos no corredor de entrada do edifício conventual das Irmãs de São José, anexo à Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio”* (IPHAN).

O confessor de padre Jesuíno, Diogo Antonio Feijó, padre secular, contrário ao absolutismo, um grande pilar do liberalismo ituano, nasceu em São Paulo (1784). Segundo seus biógrafos, aprendeu a ler e escrever com o primo José dos Santos Camargo, em São Paulo ou Guaratinguetá e, depois, na sacristia, com o Padre João Gonçalves Lima, seu padrinho de crisma, em Santana do Parnaíba. Aos 16 anos estudou retórica com o professor régio Estanislau José de Oliveira. Iniciou sua carreira religiosa em Campinas, onde, provavelmente, foi o primeiro professor de “primeiras letras” da Vila de São Carlos, como se chamava a Princesa do Oeste, por volta de 1804. Os documentos da Câmara Municipal de Campinas mostram que, nesse ano, os vereadores apelaram ao governador da Capitania, Antônio José de Franca e Horta, para confirmar a nomeação do padre Diogo Feijó como mestre-régio da Vila de São Carlos, segundo João Lourenço Rodrigues (em *“Subsídios para a História do Ensino em Campinas”*, 1952).

Padre Feijó trabalhou depois por quatro anos, em São Paulo, voltando à Vila de São Carlos em 1812, quando, além da língua portuguesa, passou a ensinar francês, retórica e lógica. Em 1818, o religioso mudou-se para Itu, a fim de integrar o grupo de professores do Colégio dos Padres do Patrocínio, dirigido pelo padre Jesuíno de Monte Carmelo, e obteve autorização do bispo para abrir uma aula de filosofia racional e moral, gramática e latim em Itu, no mesmo ano. Em suas aulas de filosofia moral, segundo Ricci, 2001, p.217, padre Diogo buscava relacionar os caminhos e regras divinos ao mundo dos homens, a união entre o céu e a terra, entre a teologia e a razão. Por sua experiência na capital do país, apresentou diversos projetos sobre educação, inclusive de catequização de indígenas, num intrincado meio de discórdias político-religiosas. Feijó escreveu um compêndio de filosofia, o primeiro sobre a filosofia Kantiana no Brasil. O padre Miguel Arcanjo Ribeiro, primo de Feijó, também foi professor de primeiras letras e latim em Itu, depois de ter sido aluno dos padres patrocionistas. Após cursar a Academia Jurídica Paulista, numa das primeiras turmas, fundou,

em 1834, com o Padre Diogo, o jornal *O Justiceiro* (Ricci). Feijó permaneceu em São Paulo até maio de 1833 e, nesse mesmo ano, foi iniciado na maçonaria, na Loja “Amizade”. O padre Feijó se tornou uma das principais lideranças políticas durante o Império: foi eleito vereador em Itu, deputado e depois senador por São Paulo, pelo Rio de Janeiro, mas o ápice de seu momento político ocorreu quando foi nomeado Regente, durante o período em que o príncipe D. Pedro II ainda não tinha idade suficiente para assumir o reinado do Brasil. Feijó foi derrubado do poder em 1837, pelos membros do Partido Conservador. Em 7 de novembro de 1831, foi promulgada a Lei Feijó, a primeira lei brasileira que visava reprimir a escravidão, proibindo o tráfico transatlântico de escravos, que não chegou a ser normatizada.

Mesmo com a saúde debilitada e movimentos limitados por um AVC, Feijó foi um dos principais líderes da Revolução Liberal, ocorrida na região Campinas-Sorocaba, entre 1841 e 1842. O início aconteceu em Sorocaba, onde Feijó era responsável pela edição do jornal *O Paulista*, junto com outros membros do Partido Liberal, incluindo Tobias de Aguiar, que fora seu colega de escola em São Paulo. A Revolução Liberal representava uma tripla reação: contra o presidente da Província de São Paulo; um embate a uma série de atos do governo monárquico conservador, que havia removido Feijó e os liberais do poder central, no Rio de Janeiro; e um antagonismo à reforma judiciária, considerada como autoritária e anticonstitucional pelos liberais.

Esse descontentamento gerou o Combate de Venda Grande que aconteceu nas proximidades do atual Campo dos Amarais, ao lado do aeroporto do mesmo nome, zona norte de Campinas. Neste território, concentraram-se 1500 revolucionários, incluindo ituanos, liderados por Tobias de Aguiar, Nicolau Vergueiro e pelo padre Feijó, que mantinha enorme prestígio junto aos opositores do governo monárquico. Os revolucionários liberais, reunidos na Venda Grande, no início de junho de 1842, entraram em conflito armado com as tropas governamentais comandadas pelo Barão, depois Duque de Caxias, que esmagou os insurgentes. Muitos foram mortos, outros aprisionados, mas, em março de 1843, os líderes da revolução foram anistiados.

Padre Feijó e o Senador Vergueiro foram aprisionados e deportados para Vitória, Espírito Santo. Tobias de Aguiar conseguiu escapar e refugiar-se no Rio Grande do Sul, tentando reorganizar o movimento, mas também foi preso e levado para o Rio de Janeiro. Com a anistia, conseguiram voltar para São Paulo. Padre Diogo faleceu em 10 de novembro de 1843, após uma queda durante uma caminhada e dois meses de sofrimento. Teve um sepultamento suntuoso, apesar de ter pedido que fosse simples. Está enterrado na Catedral Metropolitana de SP.

Amador Bueno Machado, discípulo de Feijó, narrou a Revolução Liberal imortalizando os acontecimentos numa série de 14 crônicas, publicadas na *Gazeta de Campinas* entre 8 de junho e 16 de julho de 1882, quarenta anos depois do episódio, onde relata os nomes dos mortos, os heróis da Venda Grande (GALVÃO, 2022).

Muitos atuantes da Revolução Liberal desejavam reformas mais profundas no Brasil, motivo pelo qual a revolução é considerada precursora do Movimento Republicano.

Outro baluarte do liberalismo ituano, Francisco de Paula Souza e Melo, nascido em Itu (1791), também teve seus estudos iniciais em particular, com seu preceptor; com quem realizou brilhante estudo preparatório, em sua cidade natal. Aos 10 anos concluiu os estudos de latim, aos 12 traduzia corretamente o italiano e o francês, aos cuidados do padre Lara, jesuíta que retornara do exílio. Em São Paulo, aperfeiçoou as línguas que dominava, aprendeu inglês, estudou história, geografia, filosofia e retórica. cursou humanidades na capital paulista, mas não pôde concluir o curso, devido a um problema de oftalmia, segundo alguns biógrafos. Autodidata e amigo do padre Feijó, viveu um tempo em sua casa no Rio de Janeiro, na Rua São José, 28. Foi participante ativo da Constituinte Brasileira de 1823, deputado e senador da Província de São Paulo, desenvolvendo suas ideias e princípios sobre a divisão dos poderes, segundo ele, única garantia do sistema representativo. De oratória eloquente, respeitado pela sinceridade de suas crenças, foi nomeado Ministro do Império (1847), mas, verificando que as diferentes repartições não se harmonizavam, demitiu-se no mesmo ano. No ano seguinte, foi convidado para ser Ministro da Fazenda e Presidente do Conselho de Ministros, cargos que deixou em 1848, pelos motivos anteriores e por problemas de saúde. Faleceu aos 60 anos, vítima de câncer.

No artigo publicado pelo jornal *A Federação*, em 5 de março de 2020, o historiador Luís Roberto de Francisco nos apresenta o ituano padre José de Campos Lara, Membro da Companhia de Jesus desde 1750. Com a expulsão dos jesuítas, foi para Lisboa e depois para Roma, onde havia uma epidemia. Seu irmão Miguel, também jesuíta, verdadeiro mártir, faleceu cuidando dos enfermos. O jesuíta ituano viveu em Roma por 25 anos, completando seus estudos e lecionando. Em 1785, no porto de Civitavecchia, na Província de Roma, encontrou um jovem que lhe entregou um quadro a óleo representando a Mãe do Bom Conselho, dizendo que voltasse à terra natal, onde, no futuro, haveria um grande colégio dos jesuítas, e apontou um barco que o traria ao Brasil gratuitamente. Foi o único, dos 669 jesuítas expulsos por Pombal, a retornar. Em

Itu, padre Lara recebeu uma herança em propriedade de terras e nela desenvolveu agricultura. Construiu também uma escola para meninos pobres, o início do projeto educativo predito pelo misterioso menino, o qual acreditava ser um anjo, por ter desaparecido, assim que lhe entregou a tela. A autorização para fundar seu Seminário de Nossa Senhora do Bom Conselho só foi concedida em 1820, quando padre Lara já havia falecido. No ano seguinte, o irmão Joaquim do Livramento, de posse do legado deixado pelo padre Campos Lara, fundou o Seminário. Em 1823, passou a direção para o padre Sampaio Botelho e transferiu-se para São Paulo (REVISTA – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, 1964, p.188).

• **1823 – D. Pedro I concede a Itu o título de Fidelíssima.**

Em 1824, Padre Elias do Monte Carmelo fundou a Casa das Educandas, para receber e educar meninas pobres. Em 1860, por dificuldades econômicas, transformou-se em Convento de Nossa Senhora das Mercês (TOLEDO PIZA, 1972, p.59).

• **1841 – Nascimento de José Prudente de Moraes Barros, futuro presidente do Brasil.**

Primeiro presidente civil e primeiro eleito pelo povo, com mandato de 1894 a 1898. Foi alfabetizado pela mãe. Em seguida, foi aluno do Colégio Ituano e, depois, cursou o Colégio Delgado, do professor Manoel Estanislau Delgado, até seu fechamento em 1856. Em 1857, foi para São Paulo onde concluiu seus estudos preparatórios para a faculdade, no Colégio João Carlos Fonseca. Em 1863, formou-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

• **1842 – Itu é elevada à condição de cidade. Ituanos participam da Revolução Liberal.**

Esse foi o ano em que o Colégio Ituano, fundado pela Câmara no ano anterior, iniciou as aulas no prédio do Seminário do Padre Campos Lara, recebendo do Governo Provincial 500\$000 anuais, com a condição de atender 10 alunos pobres. No Colégio Ituano, ensinava-se não só o latim, como também o alemão sob cuidados do professor Banch (ZINI,1995, p.140). Já na abertura, o colégio contava com 37 alunos, com idade de 7 a 14 anos, sendo 16 internos e 27 externos, dos quais 18 recebiam as aulas gratuitamente (10 pobres e 8 órfãos). Aos poucos, foi perdendo sua clientela. Em 1849, possuindo apenas 10 alunos gratuitos, a Câmara fechou o colégio e arrendou, por três anos, o prédio a Francisco Gabriel de Freitas e, nesse período, o diretor foi o ituano João Leite Ferraz (NARDY, 2023, p.117). Entre os alunos pobres do Colégio Ituano, estava o menino Elias Álvares Lobo, futuro professor de música, maestro e compositor erudito, cujo legado musical abrange um método de ensino musical, músicas

sacras, músicas de câmara, centenas de peças para canto e piano, lundus, dobrados para bandas e duas óperas – “A noite de São João” e “A Louca”. “A noite de São João” foi a primeira ópera brasileira executada no Brasil, com texto de José de Alencar, sob a regência de Carlos Gomes. O grande expoente musical de Itu é o patrono da cadeira de número 14 da Academia Brasileira de Música (DIFUSIEB, 2016).

Havia também, nessa data, uma escola para estrangeiros, o Colégio Miguel Véspoli (ZINI, 1995, p.140).

#### • 1850 – Nascimento do pintor José Ferraz de Almeida Júnior.

O dia do artista plástico é comemorado em 8 de maio, dia do nascimento do pintor ituano, que foi o primeiro a retratar, em suas obras, o tema regionalista.

Almeida Junior fazia retratos desde muito cedo. Aos 5 anos já demonstrava dotes artísticos em seus desenhos, inspirado pelo pai que era pintor amador, e aos 16 anos já havia participado de sua primeira exposição. Na fase ituana, o maior destaque são as pinturas sacras realizadas no interior da matriz, quando recebeu do padre Miguel Correia Pacheco, pároco da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária, incentivo e ajuda. Para essa ajuda de custos, o padre promoveu uma arrecadação de dinheiro para fornecer boas condições ao jovem pintor, em sua nova jornada de vida na capital. Assim, em 1869, com 19 anos, Almeida Júnior foi para o Rio de Janeiro estudar na Academia Imperial de Belas Artes. Durante o curso, recebeu diversas premiações. Ao longo de sua permanência na AIBA, seguiu a trajetória comum a todos os estudantes que buscavam se formar como pintores acadêmicos, frequentando os dois anos obrigatórios de aulas de desenho, disciplina considerada elemento preliminar para um posterior aprendizado de pintura. Depois, o artista cursou matérias mais específicas, como matemática aplicada, estética, fisiologia e anatomia das paixões, pintura histórica, modelo vivo e desenho figurado e geométrico. Sua obra “Belizário Esmolando”, conquistou a medalha de ouro por ocasião de sua última participação, enquanto estudante da célebre Exposição Geral de Arte da Academia Imperial. Após concluir o curso, o pintor retornou para Itu, onde abriu um ateliê passando a trabalhar como professor de desenho e retratista, por encomenda, de figuras importantes de sua época. Em 1876, em visita a Itu, D Pedro II, admirado com o trabalho de Almeida Júnior, resolveu financiar seus estudos em Paris. No ano seguinte, um decreto de 23 de março da Mordomia da Casa Imperial abriu um crédito de 300 francos mensais para que o pintor fosse estudar em Paris.

No dia 4 de novembro de 1876, Almeida Júnior embarcou no navio Panamá com destino à França. Instalado no bairro parisiense de Montmartre,

matriculou-se na *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts*. Entre 1879 e 1882, participou de quatro edições do Salão de Paris e produziu verdadeiras obras-primas. Esteve também na Itália, onde entrou em contato com grandes pintores. De volta ao Rio de Janeiro, realizou uma exposição na Academia Imperial de Belas Artes, reunindo suas obras produzidas em Paris. Em 1883, abriu seu ateliê em São Paulo, onde além de formar grandes nomes da pintura, como Pedro Alexandrino, realizou várias exposições. Em 1884, recebeu o prêmio concedido pelo governo Imperial, “A Ordem da Rosa” da Casa Imperial. Em 1886, rejeitou o convite de Victor Meirelles para ocupar sua vaga de professor de pintura histórica na Academia Imperial, optando por permanecer em São Paulo. Com a obra, “*Derrubador Brasileiro*”, o artista deu os primeiros passos para a temática caipira, mas foi somente na última década de sua vida que pintou um conjunto de telas de temática regionalista, retratando o homem do campo, seu ambiente simples, muitas vezes pobre, sem ridicularizá-lo. Suas obras regionalistas o consagraram como uma das principais expressões na história da pintura brasileira.

*“A grande paixão de Almeida Júnior foi Maria Laura do Amaral Gurgel, casada com seu primo, José de Almeida Sampaio, fazendeiro em Rio das Pedras. A paixão explodiu entre os dois e Maria Laura teve um filho de Almeida Júnior. Sem saber da relação entre os dois, José Sampaio hospedou-se, em São Paulo, na casa do pintor onde, incidentalmente, descobre um pacote de cartas com a letra de Maria Laura. Eram cartas de amor. Era o dia 11 de novembro de 1899. Imediatamente, telegrafa para a esposa, pedindo que ela o esperasse, no dia 13 de novembro, à porta do Hotel Central, em Piracicaba, onde Almeida Júnior se hospedava habitualmente. José Sampaio viu, às 14h30 do dia 13 de novembro, quando Maria Laura, os cinco filhos, e a irmã chegavam ao hotel, mas escoltadas por Almeida Júnior. Eles desceram do coche, Almeida Júnior estava pagando o cocheiro quando Sampaio se aproximou e lhe desferiu uma punhalada. O pintor tentou, ainda, sacar de sua faca de picar fumo, mas cambaleou e caiu na calçada do hotel, sendo atendido por Maria Laura, desesperada ao ver o amante ensanguentado. “Estou morto...” — foram as últimas palavras do pintor. Morria às 15 horas daquele dia.” (ELIAS NETTO, 2016)*

Almeida Júnior foi sepultado no Cemitério da Saudade em Piracicaba e José Sampaio absolvido pelos jurados que acolheram a tese da “legítima defesa da honra”.

65 pinturas de Almeida Júnior estão dispostas em vários acervos – na Pinacoteca do Estado de São Paulo, no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e no Museu de Arte de São Paulo (MASP).

• **1854 – Engenhos de Itu alcançam a maior produção de açúcar de sua história.**

O município se destaca como um dos mais ricos da Província.

• **1859 – Inauguração do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio.**

Ninguém melhor que Maria José de Toledo Piza, patrona da Cadeira 35 da Academia Ituana de Letras (Acadil), para nos apresentar o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, como irmã Ana Luiza, componente da congregação das irmãs de São José de Chambéry, de 1938 a 1968. “*Em 1859, fundação do Primeiro Colégio Religioso do Estado de São Paulo, pelas irmãs de São José, vindas da França, a pedido de D. Antônio Joaquim de Melo e com a participação e empenho do virtuoso Vigário Padre Miguel Correa Pacheco, que generosamente custeou a viagem das 7 primeiras irmãs, mediante a quantia de 5 contos e 300 mil réis.*” (TOLEDO PIZA, 1972, p.59). Por circunstâncias, chegaram com a Superiora Madre Maria Teodora Voiron, jovem destemida, serva de Deus.

Nardy (2023, p.118) afirma que, em 1860, Joaquim Mariano da Costa abriu suas aulas de latim, francês, gramática e matemática, com internato e externato para rapazes ituanos e de cidades vizinhas, em sua casa, na rua Direita (hoje Paula Souza), esquina da travessa Bom Jesus. Iniciara seu magistério cedo, em 1847, com aulas de primeiras letras. Faleceu em 1886.

• **1866 – Começa a circular *A Esperança*, primeiro jornal de Itu.**

• **1867 – Inauguração do Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Início das aulas do Colégio São Luís, ocupando as dependências do Convento Franciscano.**

Quatro décadas depois da morte do padre José de Campos Lara, os jesuítas chegaram a Itu. Após utilizarem as dependências franciscanas, fundaram na chácara do Padre Lara um colégio que se tornou a maior instituição de ensino do país para meninos, na época, conforme a predição do jovem em Civitavecchia: o Colégio São Luís. Um dos fundadores do colégio, padre Bartolomeu Taddei, em 1871, iniciou o Apostolado da Oração, erigindo o Santuário Nacional, na Igreja do Bom Jesus. Verdadeiro missionário, criou centros do Apostolado da Oração por todo o país.

• **1869 – Fundação da Fábrica São Luiz.**

Primeira fábrica têxtil a vapor do Estado de São Paulo e segunda do país.

• **1872 – Colégio São Luís é transferido para instalações próprias, onde funcionou até 1917.**

Em 1872, o quadro da “*Mãe do Bom Conselho*” foi entronizado no altar-mor da nova igreja, anexa ao colégio. O quadro foi transferido para a cidade de São Paulo, em 1918, junto com o colégio.

• **1873 – Inauguração da Estrada de Ferro Ituana. Realização da Convenção de Itu, primeiro encontro de republicanos paulistas. Francisco Glicério e Francisco Quirino dos Santos, com a participação de republicanos, fundaram outra Loja Maçônica Beneficência Ituana.**

Convenção – Os republicanos que estavam em Itu realizaram uma reunião preparatória na casa de João Tibiriçá Piratininga para definir a pauta da reunião geral que realizariam à noite. Às 19h, no sobrado de Carlos Vasconcellos de Almeida Prado, na então rua do Carmo, foi iniciada a histórica reunião tendo João Tibiriçá Piratininga como presidente e Américo Brasiliense como secretário. Aprovaram as bases da organização do Partido Republicano na província de São Paulo (PRP) e trataram da conveniência da criação de um jornal, importante para a difusão das ideias do partido. Dois anos depois, surgiu o jornal *A Província de S.Paulo*, hoje *O Estado de S.Paulo*. Após a reunião, verificando a lista de presença, o secretário riscou o nome de Bernardino de Campos, que era um negociante de escravizados.

Segundo o Acervo Histórico da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, “no livro de Ata da Convenção Republicana consta o registro de 129 participantes”, sendo a maioria de Itu, Campinas, Porto Feliz e Capivari, com representantes de outras cidades do interior paulista, bem como de São Paulo e do Rio de Janeiro. Assinaram o documento 78 fazendeiros, 10 médicos, 8 advogados, 5 jornalistas e alguns farmacêuticos, dentistas e negociantes. Estiveram presentes o Maestro Elias Lobo e seu irmão.

A grande maioria dos participantes da Convenção era da nova elite econômica de fazendeiros do café, que se expandia pelo interior paulista. Os fazendeiros buscavam a racionalização de suas empresas e alavancaram a chegada de imigrantes europeus, substituindo o braço escravo pelo trabalhador assalariado. Assumiram o grande movimento imigratório, ao verificarem o abandono por parte do império, que de início fora favorável e apoiador, mas que, com a grande dívida para com a Inglaterra aumentada espantosamente pela Guerra do Paraguai, se eximiu de responsabilidades e incentivos à imigração. Assim, descontentes com a monarquia, os fazendeiros investiram na ampliação da rede ferroviária, aperfeiçoaram e modernizaram os métodos de produção agrícola, e apoiaram as propostas republicanas. O movimento republicano se fortaleceu após a publicação do manifesto de instituição do PRP – Partido Republicano Paulista.

Ainda, em 1873, uma casa de ensino, o Colégio Artur, funcionou no sobrado do Barão de Itaim e, em 1876, foi fundado o Instituto Novo Mundo em dependências do Convento do Carmo, que graças a contribuições diversas conseguiu organizar o espaço a ser utilizado, equipar a escola e instituir um fundo para sua manutenção e desenvolvimento. No Novo Mundo, aconteciam aulas gratuitas de primeiras letras, português, francês, matemática, história, geografia, e lógica, no período noturno, para atender jovens trabalhadores e os professores, cujo trabalho era voluntário, sem proventos, e tinham outras ocupações diurnas. Eram os mestres na instituição: Drs. Assis Pacheco, Barbosa e Bitencourt, os professores Joaquim de Paula Souza, Francisco Nardy e Ferreira Alambert. Durante três anos, a escola funcionou, mas, depois que os voluntários foram trabalhar em outras localidades, só permaneceu a aula primária com o professor Alambert (NARDY,2023, p.120).

Em 1879, nascia em Itu nosso grande historiador Francisco Nardy Filho, que órfão de mãe ainda bebê, foi carinhosamente criado por sua avó, com quem aprendeu a ler, escrever, contar e rezar. Depois, foi matriculado na Escola Primária de seu Chiquinho (Francisco Martins de Melo) tendo mais seis colegas de classe com 10 a 13 anos de idade. O curso era realizado no antigo prédio do Grupo Escolar Cesário Motta, na rua Paula Souza. Mestre Chiquinho encerrou sua escola em 1890, e nosso historiador frequentou o “*Externato de Seu Tristão, onde imperava severa disciplina*”, antes de cursar o Colégio São Luís (ZINI, 1985. p179 e 180).

**• 1884 – Inauguração do Cemitério Municipal. Início da Iluminação a gás.**

Após o falecimento de Joaquim Mariano da Costa, em 1886, seu irmão, Tristão Mariano da Costa, professor, educador, musicista, compositor, abriu seu externato com aulas do curso primário e secundário, que funcionou até 1895, quando se mudou de Itu.

Tristão Mariano foi professor no curso noturno do Instituto Novo Mundo, no Colégio São Luís, Mestre Capela da Matriz, e vereador por muitas vezes. Deixou-nos um grande legado: sua atuação como mestre e suas primorosas músicas sacras.

**• 1886 – Imigrantes italianos chegam para trabalhar nas lavouras de café.**

Além da cultura canavieira, as fazendas ituanas cultivavam também o algodão e o chá. Em 1860, com a crise no mercado internacional do açúcar, o desenvolvimento de Itu foi prejudicado, mas, com a cultura do café, a cidade retomou a prosperidade. O enriquecimento dos fazendeiros do açúcar e do café

favoreceu que os filhos frequentassem instituições de curso superior no país e no exterior, e atuassem com destaque na política e na transformação da sociedade. O caráter patriarcal, escravista e escravocrata foi substituído por uma sociedade com características mais liberais e abolicionistas. A chegada dos imigrantes inaugurou uma nova relação trabalhista e, conseqüentemente, novas exigências. A maioria dos imigrantes vindos a Itu, para trabalhar nas fazendas de café, era de origem italiana.

A vida dos imigrantes não foi fácil. Ouve-se e muito se lê sobre a insalubridade e a problemática da viagem pelo Atlântico. Foi só uma parte dos problemas. É preciso lembrar que, ao chegar, ficavam em quarentena para verificar o estado de saúde e eliminar riscos de trazerem epidemias; o desembarque em Santos nem sempre coincidia com os horários dos trens para São Paulo; em Santos não havia hospedarias, os imigrantes aguardavam na Igreja do Valongo ou no próprio trem. Em São Paulo, as hospedarias eram adaptadas em pensões e até acampamentos, lembrando que a construção da Hospedaria do Brás, hoje Museu da Imigração, só foi iniciada em 1886. As casas de colonos não existiam. Os primeiros tiveram que se instalar nas senzalas e, com muita reclamação e até pressão do governo italiano suspendendo a emigração, foram construídas as casas da colônia.

Apesar de contratos abusivos, com muito trabalho da família inteira, com tenacidade, muitos conseguiram “*fare l’America*” e realizar seu sonho de possuir suas próprias terras. Os pouquíssimos que tinham algum dinheiro puderam comprar sua terra já na chegada.

Os imigrantes pressionaram também o Estado em favor de escolas públicas, nas zonas urbanas e na zona rural. Em Itu, a predominância de italianos se fazia presente nos bairros Jacuhu, Pedregulho, Pinheirinho, Varejão e Taquaral (FOLINO, 2018). Nem todos eram analfabetos, mas todos queriam que seus filhos estudassem. No período mais intenso da imigração, 1890, o Brasil contava, em sua população, mais de 80% de analfabetos e um sistema escolar – se é que podemos denominar sistema – excessivamente escasso. Não tendo condições ou política prioritária para a oferta de escolas, o governo estimulou os imigrantes a abrirem escolas étnicas. Os materiais didáticos, enviados pelo governo italiano, marcaram e foram mais frequentes na zona urbana. Outro aspecto verificado foi a manutenção, ao menos breve, da leitura e dos livros utilizados, em italiano, mesmo que já frequentassem a escola pública. Muitos desses livros e materiais escolares constituem refúgios pouco lembrados do tempo em que a escola, no Brasil, poderia ser italiana, alemã, polonesa etc., até a época da Segunda Guerra Mundial, com a proibição de fala em qualquer língua estrangeira. São memórias, acrescentadas às singularidades da educação brasileira.

Segundo dados do Consulado da Itália, 15% da população brasileira é descendente de italianos. No interior de São Paulo, o índice sobe para 30 a 40%. Assim, podemos pensar que em Itu, hoje, existem entre 60 a 70.000 ítalo-brasileiros.

• **1889 – Câmara de vereadores de Itu realiza sessão solene em 17 de novembro aderindo à República.**

Na Constituição Republicana de 1891, a União ficou responsável pela educação apenas no Distrito Federal (Rio de Janeiro) e os estados e municípios eram responsáveis pelas demais ofertas de ensino. Benjamim Constant, chefe do Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, propôs mudanças baseadas no positivismo, no ensino primário e secundário do Distrito Federal, priorizando disciplinas científicas. Constant abriu espaço para outras propostas e a que teve maior êxito foi a reforma paulista de 1892 a 1896, baseada na criação de grupos escolares, organizando o ensino em séries e dividindo os estudantes por faixa etária. A mudança exigiu a construção de escolas, mais professores, mais preparo para estes, e uma nova relação de poder nas escolas, com a criação de cargos para a direção (*frentedaeducação.org.br*).

• **1896 – Foi instalado o Grupo Escolar Cesário Motta.**

Um dos primeiros do Estado de São Paulo, o Grupo Escolar Cesário Motta foi instalado num sobrado no centro de Itu. Por ele passaram ituanos ilustres, famosos, não famosos, gente simples, numa história cujo início pioneiro foi seguido por muitas realizações, trabalho e glória.

A República teve como encargo inerente a seus princípios a tarefa de estruturar em bases democráticas a escola pública, de estabelecer a escola primária como escola aberta a todos, e de transformar a escola secundária, de escola de elite e preparatória ao ensino superior, em escola formativa, articulada à primária. Eram as metas para o século a seguir.

**Vilma Pavão Folino**

*Pedagoga e Psicopedagoga aposentada*

*Ocupante da Cadeira 35 da ACADIL – Academia Ituana de Letras*

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Leandro Antonio. **Senhores de Terras da Vila de Itu**. Revista ASBRAP, 7. São Paulo, 2000.

- ANDRADE, Mário de. **Padre Jesuíno do Monte Carmelo**. S.l: Ministério da Educação e Saúde. Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 14, 1945.
- ANTONIO, Jorge Luís. **Morte e Glória de Almeida Júnior: 1850-1899**. Secretaria de Estado dos Negócios da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. Prefeitura da Estância Turística de Itu, 1983.
- AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira**. São Paulo, Melhoramentos, 5 edição, 1971.
- CARDOSO, Teresa F. L. As Aulas Régias, a Academia Militar, As Aulas de Anatomia. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, número 436, p 217-240, julho -setembro ,2007.
- CASTANHA, A.P. Os métodos de ensino no Brasil do século XIX. In: **Revista HITEDBR on line**, Campinas, SP. V.17, n.4, p.1054-1077, 2017. Acesso em 8 de outubro de 2023.
- ELIAS NETTO, **Cecilio**, no jornal A Província – Paixão por Piracicaba, de 22/10/2016.
- FARÇOLA, Fernanda Helena Petrini. Os Primeiros Grupos Escolares. In: **Um olhar sobre Itu**. Academia Ituana de Letras, 2012, Itu, Editora Ottoni.
- FERNANDES, Robério. A instrução pública nas Gerais Portuguesas. In: VIELGA, Cynthia Greive (Org). **600 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- FOLINO, Vilma Pavão. A saga dos “itulianos”. In: Oliveira, Edson Carlos.et all. **Italianos em Itu: da imigração à atualidade**, vol.2, p 30 – 34. Salto, SP, Editora Fox Tablet, 2018
- FRANÇA, Jean Marcel e PERUCHI, Amanda. **Entrevista com Pablo Nogueira**, Jornal da UNESP, 02/06/22. Acesso em 15 de setembro de 2023.
- FRANCISCO, Luis Roberto de. **Padre José de Campos Lara. Itu**. Jornal A Federação de 05/03/2020.
- 
- \_\_\_\_\_ **Elias Álvares Lobo**. Itu, Editora Ottoni, 2001.
- GALVÃO, Giovanni. **Uma quase Guerra Civil que teve lugar em Campinas**. In: <https://ccla.org.br/2022/06/o-historico-combate-da-venda-grande/> Acesso em 20 de agosto de 2023.

- GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação Física Progressista: A pedagogia Crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira.** 9 ed. São Paulo, Loyola, 2004.
- GOMES Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil.** São Paulo, Planeta, 2007.
- H Aidar, Maria de Lourdes Mariotto. **O Ensino Secundário no Brasil Império,** São Paulo, Editora Grijalbo, 1972.
- HONORA, Marcia, FRIZANCO, Mary L. **Esclarecendo as deficiências,** Jandira SP, Editora Principis, 2008.
- HUBERT, René. **História da Pedagogia,** Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1957.
- KISHIMOTO, T. M. Educação e cuidado com a criança de zero a seis anos: problemas e perspectivas. In: MENIN, A. M. C.; GOMES, A. A.; LEITE, Y. U. (Orgs.) **Políticas públicas: diretrizes e necessidades da educação básica.** Presidente Prudente: Cromograf, 2002a.
- KUHLMANN JR., M. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica.** 4ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- LARROYO, Francisco. **História Geral da Pedagogia,** Editora Mestre Jou, São Paulo, 1970.
- LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. **A Pedagogia de Rui Barbosa.** São Paulo, Melhoramentos, 1954.
- LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia,** Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1963.
- MAGALHÃES, Justino. Alfabetização e História: tendências e perspectivas. In: BATISTA, Antonio Augusto Gomes, GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (ORG.) **Leitura: Práticas, impressos, letramentos.** 2ª edição, Belo Horizonte, Autêntica, 2002.
- NARDY FILHO, Francisco. **A Cidade de ITU,** volume VII. Salto, Editora FoxTablet, 2023.
- NISKIER, Arnaldo. **Educação brasileira: 500 anos de História,** São Paulo, Melhoramentos, 1989.

- NOVAIS, Fernando. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)**, tese de doutorado , USP, 1965 , disponível em <https://archive.org/details/novais-fernando> . Acesso em agosto de 2023.
- OLIVEIRA LIMA, Manoel de. **Dom João VI no Brasil**, Editora Topbooks, 3ª Edição, RJ, 1996.
- PAVAN, Alexandre. **Chopin carioca: obra do compositor Ernesto Nazareth**. Ebook, Domínio Público. PDF baixado em 18 de fevereiro de 2024.
- PETRONE, Maria Thereza Schorer. **A lavoura canavieira em São Paulo**, Difusão Europeia do livro, 1968.
- PONCE, Anibal. **Educação e luta de classes**, Ed. Vega, Lisboa, 1979.
- PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**, 4ª Edição, São Paulo, Brasiliense, 1953.
- PRIMITIVO, Moacyr. **A instrução e o império: subsídios para a História da Educação do Brasil**. São Paulo, Melhoramentos, 1936.
- REGAZZINI PERES, Tirza. Educação Brasileira no Império. In: PALMA FILHO, J. C. **Pedagogia Cidadã – Cadernos de Formação – História da Educação** – 3ª ed. São Paulo.
- RICCI, Magda Maria de Oliveira. **Assombrações de um Padre Regente – Diogo Antonio Feijó (1784-1843)**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2001.
- ROMANELLI, Otávia de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis, Editora Vozes, 2007.
- ROSA, Maria da Glória de. **A História de Educação através dos textos**. Editora Cultrix, São Paulo, 1974.
- SILVA, Geraldo Bastos. **A educação secundária: perspectiva histórica e teoria**. São Paulo: Nacional, 1969.
- SOARES MARTINS, José Pedro. **São Marcos, o retrato das metrópoles brasileiras**, Cap III em Campinas no rumo das comunidades saudáveis em [fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/livro\\_rangel\\_cap3.pdf](http://fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/livro_rangel_cap3.pdf) . Acesso em 18/11/2023.
- TOLEDO PIZA, Maria José. **ITU Cidade Histórica** – Separata da revista 1 da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, Itu, SP, 1972.

VILLELA, Heloisa. A primeira Escola Normal do Brasil. In: NUNES, C. (Org). **O Passado sempre presente**. São Paulo: Cortez, 1992.

ZINI, Scarpin Angelo. **A grande História da Grande Itu**. Editora Ottoni, Itu, 1995.

Acervo Histórico da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, ano V, n.24. Acesso em 18/11/23.

Anuário do Ensino de 1923, p.22.

**A educação na Constituição de 1891**. Disponível em *1library.org*, acesso em 21/09/23.

Instituto de Estudos Brasileiros USP – *ieb.usp.br* de 07/07/2016. Acesso em 26 de agosto de 2023.

PROGRAD/UNESP/Santa Clara Editora, 2005, disponível em *acervodigitalunesp.br/01d06t03.pdf*. Acesso em 23 de outubro de 2023.

“Subsídios para a História do Ensino em Campinas”. In: **Monografia Histórica do Município de Campinas**, IBGE, Rio de Janeiro, 1952, p.390-392. Acesso em 29 de novembro de 2023.

*www.frentedaeducação.org.br* . Acesso em 30 de novembro de 2023.

# *Colégio São Luís*

**BERNARDO CAMPOS**

## **Em duas palavras**

São muitos os enfoques, referências e tratados a versar em torno do que foi e representou o Colégio São Luís, em Itu.

Aqui, então, na mesma forma, não se vai além de menções, aquelas marcantes, do desenrolar de um empreendimento, para a época, gigantesco. Tampouco se descure de realçar que a população local não iria além de quinze mil almas, aproximadamente.

Na forma de que a presente exposição, pois, se faça tão objetiva quanto sucinta, avulta desde logo a personalidade do insigne sacerdote, padre José de Campos Lara, incansável no projeto da criação de um colégio em Itu. Padre Lara nasceu em Itu, em 21 de maio de 1733. Aos treze anos já tomara a decisão de filiar-se à Companhia de Jesus.

Esse sacerdote jesuíta não escapara aos efeitos da absurda decisão do Marquês de Pombal e asilou-se na Europa. Quando em Roma, conheceu o então Cardeal Chiaramonti, que em 1814 chegara ao Pontificado. Num arroubo decidido, fez ver ao padre Lara que insistisse no seu propósito que, desprovido de recursos, foi trazido de volta ao Brasil, graciosamente, por gentileza do comandante do navio. Estava de volta à sua terra natal, então a Vila de Nossa Senhora da Candelária. Faça-se a devida menção pois, também à conseqüente restauração da Companhia de Jesus. Vivia-se a data de 7 de agosto de 1814. Tampouco se omitta a benfazeja criação, inspirada pelo padre Taddei, ao criar o Apostolado da Oração, a Igreja do Bom Jesus como sede.

Não fique sem dizer-se, no entanto, a denodada figura do padre Anthelmo Goud, capelão das Irmãs de São José, desde 1859 em Itu, no tocante à criação do Colégio, ideia que seduziu também o padre Razzini, jesuíta. Naturalmente bem relacionado com o vigário de Itu, padre Miguel Correa Pacheco, este cede das economias paroquiais a importância de doze contos de réis, aqui a concretização do início do ousado empreendimento para a época.

Há que se dizer, em tempo, que os jesuítas, expulsos do Brasil em 1759, para cá só voltaram em 1814 e naturalmente imbuídos pela atividade da educação, tinham estado já em Santa Catarina em 1842. Sobre Itu, por sua vez, seja dito que se fizera a comuna mais rica da província. Com destaque para o plantio de algodão e da cana de açúcar, posteriormente substituídos pelo café.

Um tanto estranha, se não curiosa também, a monumentalidade do erguimento de um colégio, para depois recair na acomodação militar.

### **Uma empreitada heroica**

Agora, pois, também em pinceladas, o desdobrar do enunciado aí atrás. Quase uma temeridade, a pretensão de vir a relatos mais de uma fase histórico-católica, já soberanamente trazidos a lume por historiadores do mais alto relevo. Em verdade, olhe-se deles pinceladas rápidas, tanto que acima sinalizados o começo, meio e fim, no intuito de se adiantar o todo dos fatos.

Conceda-se, pois, por vezes, possíveis desvios e quiçá inversão da sequência histórica, na menção dos fatos, que poderão ser trazidos a lume de possíveis e repentinos desdobramentos.

Façam-se, então, referências ao pioneirismo do padre José de Campos Lara S.J. que, expulso de seu país, na infausta e atrevida determinação do Marquês de Pombal, após viver de favores em terras estranhas, certa feita, em passeio pela praia, um adolescente dele se aproxima e lhe apresenta um quadro amplo de Nossa Senhora do Bom Conselho. A mesma figura daquela venerada na localidade de Genazzano. Ato contínuo, o jovem o aconselha a voltar a seu país.

— *Ah! Se eu pudesse.*

Assim ou com outras palavras, teria respondido o Padre, a provocar indicação imediata do mancebo na direção de um navio atracado ali perto. E desapareceu, sob o espanto e pasmo do padre, ciente e cioso de ter vivido um milagre...

Tão verdadeiro o fato, que o piedoso padre foi até o comandante do navio; este de pronto o acolheu.

~~~~~abcdefghijklmnopqrstuvwxyz~~~~~

Uma expulsão implica em banimento total e definitivo. Os jesuítas amargaram o seu desterro, como já se anotou, desde a sofrida viagem de volta. Padre Campos Lara, um predestinado. Na sua estada em Roma, merecera um contato ímpar e incomum com nada menos que o então cardeal Chiaramonti, promovido ao pontificado, sob o nome de Pio VII. Este, em 1814, determinou o retorno à plena atividade da Companhia de Jesus.

~~~~~abcdefghijklmnopqrstuvwxyz~~~~~

Cabível e elementarmente indispensável, um retorno do muito que já fora implantado no Brasil, pelas mãos dadivosas e mais ainda incansáveis dos padres da Companhia de Jesus.

Desde há muito, 1554, com a vinda do padre Manoel da Nóbrega, tanto a profundidade do ensino religioso – zelo e consciência jesuíticos – como a prioridade ao ensino religioso, a incluir também os indígenas. Todo esse esmero, um cuidado primário dos abnegados jesuítas. Eis que ocorre a perseguição imposta e já referida pelo Marquês de Pombal. Imagine-se o alcance da destruição de toda benfeitoria implantada e sumariamente posta abaixo. Eram 669 padres, amontoados em porões de navios, sujos e contaminados.

Avulta aí – é fato incomum e histórico – tenha sido um filho de Itu, o primeiro jesuíta a retornar ao Brasil, nas condições já relatadas. Aqui chegado, dedica-se de corpo e alma e, confiantemente, renuncia como um sonho a instalação de colégio na sua cidade. Sonho transformado em pura realidade, embora quando já falecido, em 1820.

De rigor, a princípio, não havia nenhuma cogitação de se construir um colégio em Itu e, sim, na localidade de Desterro, a bem dizer depois, nada menos do que Florianópolis.

Com essa missão, estavam de volta ao Brasil, em agosto de 1863, saídos de Bordeaux, os padres jesuítas Jacques Razzini e Emílio Pardocchi,

### **Itu, predestinada**

Viajava no mesmo navio, também, o padre Antelmo Goud, capelão no Colégio do Patrocínio, em Itu. Em tratativas, umas e outras, este propõe aos dois colegas alterar esse plano, de modo a sediá-lo em Itu, no que ambos aquiesceram.



Uma vez em Itu, pois, acontecem os primórdios de planos e ações, desde logo não fáceis. Obstáculo, primeiro, por parte do Inspetor Geral da Instrução Pública, Dr. Diogo de Mendonça Pinto, só resolvido com a intervenção do cidadão Martinho da Silva Prado, cafeicultor pertencente à família de renome. Com isso, obtido o parecer favorável, foram dados os primeiros passos efetivamente para a criação do Colégio São Luís.

E quem terá sido o pároco? Pasmem, ninguém mais do que o virtuoso e inveterado mestre e pastor, ituano, o Reverendíssimo padre José de Campos Lara.

Foi nesse contexto e local, pois, que ocorreram os três primeiros anos do Colégio São Luís, provisoriamente alojado, para os passos efetivos de funcionamento do Colégio. Advieram então as aulas iniciais, com não mais de dezoito alunos, instalados provisoriamente no prédio de outro Seminário desativado e de conservação precária. Contígua e conexas, a Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho. Era o dia 12 de maio de 1867.

Assinale-se que, em todo o período de envolvimento dos jesuítas, até que se fossem cumpridas as muitas exigências a permitir o início da construção do Colégio, houve um profundo entrosamento dos padres com o povo, através de quermesses e procissões, além da introdução da festa de São Luís Gonzaga.



Já se falara neste modesto apanhado, da acomodação provisória entre maio de 1867 a fevereiro de 1872, do período inicial e provisório, de acolhida dos primeiros alunos no Convento e Igreja de São Luís de Tolosa, onde pontificou o padre Lara, ao qual, seja dito e repetido, se atribuíra a ideia e ânimo para a fundação de um colégio, de orientação eminentemente católica.

Padre Campos, por si mesmo, cuidou dos passos iniciais, ao incumbir os trabalhos a um mestre e construtor, Antônio Lucas Pen Álva. Quem relata o fato foi o cidadão Tristão Mariano da Costa; este, cirurgião em Itu e genitor do exímio professor de música. Apesar de seu estado precário, igreja e seminário foram demolidos somente em 1946, provavelmente devido a que tenha servido de escoramento às primeiras obras, necessário ante os abalos do trânsito fronteiro e pesado.

Há gravuras várias desses tempos, de autoria do irmão Giovanni Maria Alberani, reproduzidas no jornal *Cidade de Ytu*, em 21 de dezembro, 1893.

Em linguagem bem simples e objetiva, o Colégio São Luís, conservado até os dias de hoje, se dividia em três lances. O primeiro, uma face alongada de frente para a – hoje – praça, com um recuo na entrada principal e contíguo à igreja, de ampla acomodação aos alunos e ora de uso liberado aos fiéis.

A face fronteira à rua encobre outras duas internas com as mesmas dimensões, ligadas por longo corredor.

Em suma, atribui-se a quatro jesuítas a preponderância na edificação do colégio:

- Irmão Giovanni Maria Alberani, vindo de Santa Catarina; arquiteto, escultor e pintor, italiano de nascimento, vindo de Desterro (Florianópolis) em 1830.

- Irmão João Pocovi, mestre em alvenaria, natural das Ilhas Balneares e que chegara a Itu em 1866.
- Irmão Alexandre Fratelli, mestre carpinteiro e marceneiro; 1869.
- Padre Wendekinus Bock S.J., de nacionalidade alemã, arquiteto e construtor, chegou a Itu com o fim precípua de dirigir as obras; 1870.

A esta altura, o trabalho principalmente braçal se sobressai. Os tijolos encomendados a uma olaria no Bairro do Jacuhu logo se tornaram de quantidade insuficiente. Sem demora, o irmão Alberani toma a si esse encargo. Em terreno mais ao fundo das obras, com a aplicação de dois cavalos, resolve o imprevisto. Mais tarde, os próprios empregados da olaria se fizeram coadju-tores dessa fase.

Contudo, não se olvide o reitorado posterior do Colégio São Luís, na pes-soa do insigne sacerdote, padre José Maria Mantero que, transferido da Província de Pernambuco, assume em 1877, o cargo de reitor do Colégio São Luís. De pujante iniciativa e de não menor desenvoltura, procede à construção do teatro e do refeitório, novas salas de aulas e expansão dos dormitórios. Número de alunos alça-se a mais de 600.



*Ilustração mostrando a sede do Colégio São Luis no ano de 1903.*

Imprime normas diferenciadas, como expansão e acompanhamento direto e de perto para com os alunos. Tanto que, em viagens que o padre Mantero em-preendeu entre 1879 e 1881, pela França, Inglaterra e Alemanha, conheceu um esporte ainda aqui desconhecido: o futebol.

De pronto adquiriu e trouxe duas bolas de futebol, daquelas bem antigas, denominadas de *capotão*. Despertou nos alunos um interesse maior pelos esportes em geral, entre outros o jogo de malha, ginástica alemã, corridas, salto em distância, barra francesa e outros mais.

Esmerou-se na criação de modalidades esportivas e montagem de uma banda de música além da aquisição de um laboratório de Física e, mais tarde, em 1890, um observatório meteorológico.

Há que dizer-se do lançamento do selo comemorativo do Centenário do Colégio pelos Correios e Telégrafos. Especial destaque também no que respeita à figura do Símbolo do Colégio.

O Colégio São Luís teve sempre visitantes ilustres. O primeiro, no longínquo ano de 1875. Era o dia 24 de agosto. Fora o imperador Dom Pedro II. Depois, em 1867, lá estivera também Sua Excelência, o Dr. Prudente de Moraes.

## **Generalidades**

Três foram os primeiros alunos do Colégio, em maio de 1867: Adolpho Augusto Pinto, Carlos Ferreira da Cunha Fontoura e Arsênio Correia Galvão de Almeida. Impressiona deveras o registro histórico de que, entre 1867 a 1917, passaram pelos bancos do Colégio, quase 6.000 alunos, ou seja, precisamente 5.565.

Até para a singularidade daqueles tempos, dera-se certa feita a fuga de um aluno – Carlos Chagas – mas devidamente localizado na estação de Itaíci e reintegrado aos colegas.

Curiosamente, consta que a primazia na utilização de tijolos nas construções ocorrera justamente nas obras do Colégio São Luís. Aliás, muito também das pedras propriamente ditas, vieram da enorme pedreira local, atração turística por sinal em tempos de agora.

Nos relatórios alusivos ao Colégio, verifica-se frequentemente menção das obras do Colégio e sua continuidade, pelo jornal de então, “*A cidade de Ytu.*”

## **O futebol**

À primeira vista, pareceria de somenos, referência ao talvez mais difundido e praticado dos esportes já conhecidos, o futebol.

Entretanto, num alongado périplo pela Europa, nas imediações do ano de 1880, cumprido pelo Reitor do Colégio São Luís, o Padre Mantero, adquiriu na Inglaterra duas bolas, aquelas clássicas denominadas de *capotão*. Aqui, não se conheciam as regras e os alunos aglomerados não faziam senão chutar a bola pelo alto, uma provável algazarra.

Com o tempo, desenharam uns riscos na parede à moda de traves, até que aos poucos o futebol se implantou de vez, com traves de madeira. Promoviam-se equipes que, sem tardar, passaram a receber adversários da cidade em disputas amistosas.

**Bernardo Campos**

*Ocupante da Cadeira nº 13 da ACADIL – Academia Ituana de Letras  
Técnico contábil, advogado, cronista, colaborou desde os 18 anos nos principais jornais de Itu: “O Trabalhador”, “A Folha de Itu”, “Salve Maria”, “Tribuna Ituana”.  
Cronista, há décadas, do jornal “A Federação”, foi seu Editor de 1999 a 2003.*

---

## **PESQUISAS**

Marcelo Meira A. Bocaciovas; Padre Fernando P. Castro; Padre João Renato Eidt; Tristão Mariano da Costa, este no caderno *Museu da Música*.

# *Colégio Nossa Senhora do Patrocínio de Itu, de 1859 a 1970*

## ***111 anos formando e educando gerações***

**MARIA ISBELA GERTH LANDELL DE MOURA**

Estudar a educação brasileira perpassa por uma incursão na educação do Estado de São Paulo onde se destaca a cidade de Itu. Aí podemos encontrar as raízes de nossa formação. Falar de educação em Itu sem mencionar o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, seria impossível.

Nesse texto, pretendo abordar esse colégio católico, para meninas, que funcionou desde meados do século XIX, em Itu. Para isso usei, como fonte de pesquisa, um trabalho de Maria Iza Gerth da Cunha, minha irmã, realizado no Centro de Memória – Unicamp.

Essa pesquisa resultou em sua dissertação de mestrado na USP, *“Educação Feminina uma instituição total confessional católica: Colégio Nossa Senhora do Patrocínio”*. Além dessa pesquisa, meu texto será, em grande parte, baseado nas minhas memórias como aluna desse colégio. Fui aluna interna e externa. Entrei no primeiro ano e só sai ao terminar a Pedagogia (1964).

Na formatura da Faculdade, ganhei uma medalha de Nossa Senhora do Patrocínio, medalha essa do Centenário da chegada das Irmãs de São José ao Brasil (1858–1958), por ter feito todo meu curso com as Irmãs de São José.

Na época da fundação do Colégio, aqui no Brasil, a expressiva produção de cana de açúcar e de café, os movimentos políticos-culturais levaram a cidade de Itu a ser considerada de grande movimento, população e riqueza na província de São Paulo, atingindo grande notoriedade. Dentro deste panorama é que, em 4 de outubro de 1858, chega a Itu, a convite do bispo Dom Antônio Joaquim de Melo, primeiro bispo brasileiro e paulista, um grupo de religiosas francesas, com a missão de cuidar da educação feminina.

Em 10 de junho de 1858, partem da França sete irmãs, com o objetivo de “formar damas cristãs, cultas, virtuosas, polidas e sociáveis”, para fundarem o 1º Colégio feminino em solo paulista, na cidade de Itu.

Esse primeiro grupo de irmãs de São José hospedou-se na Santa Casa, enquanto aguardava a conclusão das obras da construção do Colégio, aproveitando esse tempo para o aprendizado do português. No ano seguinte, com a

chegada a Itu da Superiora Irmã Maria Theodora Voiron e com o término das obras de construção da instituição, conseguiram as condições para o funcionamento do novo colégio. Desta maneira, em 1859, estava fundada a “*primeira instituição totalmente feminina, o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio*”. Precisamente, num domingo, em 13 de novembro de 1859, consagrado a Nossa Senhora do Patrocínio, foi rezada uma missa solene.

Esse colégio caracterizou-se por ser uma escola de refinamento da cultura e da sociabilidade das educandas, preocupando-se muito mais em torná-las damas aptas ao convívio social, virtuosas, polidas, religiosas convictas, para darem uma excelente educação aos seus filhos. Esse objetivo era amplamente divulgado para a sociedade paulista. Formar as meninas na prática das virtudes, contrair hábitos de ordem, modéstia, trabalho.

Grande importância teve a sua fundadora, Madre Maria Theodora, que, com apenas 24 anos, dirigiu a congregação e aí ficou até sua morte, em 1925, portanto, por quase 66 anos. Algumas biografias sobre Madre Theodora revelam como ela idealizava a formação da mulher, síntese de todas as virtudes e de toda a moral compatível com os valores católicos da época. Tais publicações exaltam a figura e as realizações de uma mulher que se tornou o baluarte da Congregação de São José de Chambéry no Brasil, permanecendo na administração de 1859 a 1925.

O Colégio era situado no centro de Itu, em um amplo terreno doado pelo bispo Dom Antônio Joaquim de Melo, prédio sóbrio cercado por muros altos, semelhante aos conventos europeus, longos corredores, pé direito alto, paredes decoradas com florais, grandes janelões, anfiteatro, pátios internos e salinhas de estudo de piano. A igreja, de uso exclusivo do colégio, era ambiente privativo das alunas, sem qualquer contato com pessoas externas. Somente no dia 28/06/1969 ela abriu suas portas para uma cerimônia religiosa pública e o primeiro casamento realizado foi o meu. O bispo geral de São Paulo, Dom José Lafayette Ferreira Alves, oficializou essa cerimônia. Um fato a destacar nesse dia foi a grande surpresa oferecida pelas Irmãs. Entrei com um “bouquet” de orquídeas e, sobre o altar, estava meu presente de casamento, um terço que pertenceu à Maria Theodora. Entrei na igreja com flores e saí com o terço!

Muitas mestras marcaram nossas vidas, irmã Candinha, filha do maestro Furio Franceschini (1880—1976), irmã Metilde (regia o coral), irmã Ida de Jesus (matemática), irmã Zilda (história), irmã Clarisse (geografia), irmã Clotilde (latim), irmã Suzana (artes), irmã Ana Lúcia (pintura), irmã Rita de Cássia (português), irmã Cristina (Ciências e Biologia), irmã Noêmia, irmã Sacramento (inglês), irmã Júlia (enfermeira), irmã Batistina (responsável pela cozinha) e muitas outras que contribuíram com a nossa formação.

As irmãs de São José foram as primeiras a exercerem uma profissão – “o magistério”, enquanto a grande parte da população feminina de Itu era “do lar”.

O currículo adotado privilegiava uma formação humanista e contemplava as disciplinas consideradas base da boa educação: instrução religiosa, gramática portuguesa, aritmética, geografia e cosmografia, noções de botânica e história natural, ditas de *physica*, história sagrada e profana, diversos gêneros de caligrafia, literatura e francês, trabalhos manuais necessários à ordem e economia doméstica, obras de gosto: flores artificiais, toda espécie de bordados e ponto de tapete. Lições especiais: língua inglesa e alemã, piano e canto, desenho. Em 1920 essa programação recebeu o acréscimo de geometria, zoologia, álgebra e física.

Premiar as alunas que se distinguissem nos estudos e comportamentos fazia parte do ideal educativo adotado. Eram escolhidas as que haviam se destacado pelo bom comportamento, polidez, ordem, catecismo, bandolim, canto, desenho, pintura, piano e demais disciplinas. Guardo, até hoje, a partitura de uma música “*Pastorale*”, Scarlatti nº 3640, que recebi como prêmio por ter obtido a maior nota de piano, no exame final do ano de 1956, quando minha professora era a querida irmã Candinha. Recebi o prêmio das mãos da irmã Ana de São José, “*Ma Mère*”.

Regras existiam para qualquer atividade, como as regras para o estudo de piano. *Minha querida filha, antes de começar a estudar, fazer isso:*

- *Oferecer a Deus teu estudo;*
- *Tira o pó e deixa o pano bem dobrado em cima do piano.*
- *Estuda as lições marcadas.*
- *Quando tocar o sino, para terminar o estudo, deixa imediatamente.*
- *Deixa em perfeita ordem o quartinho, vê que não fique um papelzinho no chão.*
- *Fecha a porta do quartinho e vai guardar tua pasta em perfeito silêncio.*
- *Forma fila em ordem e vai para classe em silêncio.*
- *Se assim fizeres, Eu abençoarei teu estudo e tua querida família*

Aos domingos, ouvíamos músicas clássicas e, assim, apaixonamo-nos por Chopin, Debussy, Bethoven, Bach, Mozart, Schubert, Brahms, Liszt, Schumann, Tchaikovsky...

As alunas eram envolvidas por uma atmosfera de religiosidade, devoção e piedade, de tal forma que essa religiosidade era incorporada à vida da educanda, no colégio e fora dele. Portanto, a educação lá recebida manifestava-se na aquisição não somente de conhecimentos, mas numa postura de bem comportar-se, tanto dentro da instituição como na vida em família e na sociedade como um todo. Tinham uma forma recatada de falar, caminhar, sentar.

No que diz respeito à música e desenho, baniu-se tudo o que pudesse ofender o pudor cristão. A rígida formação moral e religiosa era reforçada com práticas sacramentais frequentes.

Diariamente se assistia à missa, o catecismo era muito valorizado e a preparação para a primeira comunhão culminava na grande festa, onde reuníamos parentes e amigos. Após a missa festiva, era servido um lindo café da manhã.

A disciplina, em toda a instituição, era revestida de muito rigor, vinculado a uma vigilância ininterrupta, com punições para os raros casos de transgressões.

Era comum encontrar, nos corredores e outros ambientes, a frase “*Deus tudo vê, tudo olha*”. Quando, longe da vigilância das irmãs, as alunas ficavam sob a “*vigilância Divina*”!

Muitas estratégias eram utilizadas como a censura da correspondência dos livros e revistas, dos temas tratados em sala de aula, das conversas descontraídas.

Para ficarmos em ordem, com a saia super pregueada, todas as noites a colocávamos bem dobrada, embaixo do colchão, para no dia seguinte, parecer que estavam super bem passadas, isso garantiria nossa boa nota de “*Ordem*”.

Jamais se abdicava do silêncio e, mesmo nos espaços de descontração, em brincadeiras no recreio, evitavam-se tons elevados de voz. Fora das aulas e do recreio, mantinha-se o silêncio nas filas, nos corredores, no refeitório e no dormitório. Obediência e docilidade deveriam ser uma constante.

O sino e as orações estavam sempre presentes no dia a dia das alunas, desde o despertar até o deitar, ora de iniciar o “grande silêncio”. Ao soar do sino, o tempo era meticulosamente dividido entre os momentos dedicados à vida comunitária, às tarefas individuais, aos trabalhos e à oração.

Não se podia transitar no Colégio sem autorização, em horários ou locais que desrespeitassem o regulamento da rotina diária. O claustro e demais aposentos privativos das irmãs eram inacessíveis às alunas, embora lhes aguçassem a curiosidade. O Colégio, portanto caracterizava-se como o abrigo seguro onde as meninas, tendo Nossa Senhora como parâmetro materno, estariam isoladas, a salvo das maldades mundanas.

Durante as refeições, ouvia-se, em silêncio e com atenção, a leitura de um trecho bíblico ou da vida de um santo, estimulando, dessa forma, as alunas a imitarem esses momentos de dedicação, zelo, piedade, fé e virtude. Nesses momentos também se ouvia música clássica. Só ao término da refeição, após soar o sino, era possível conversar, sempre em tom baixo.

A integração alunas/comunidade local era pouca, apenas nas tradicionais procissões quando as alunas ficavam postadas à porta da igreja a ver a procissão passar e, ao término, adentravam imediatamente ao Colégio.

A presença das meninas em espaços públicos era rara, em datas especiais. Vivenciei uma dessas saídas, numa comemoração de 7 de setembro, quando fomos até a frente do quartel de Itu, acompanhadas pelas irmãs, para assistir às comemorações oficiais. O momento foi inesquecível!

A fanfarra do instituto de educação Regente Feijó, tendo no comando o professor Alcides Scalet era o ponto alto, aí trocávamos olhares com seus participantes.

Como todas as jovens, as meninas gostavam das brincadeiras de “tirar a sorte”. Numa véspera do dia de Santo Antônio, todas entraram no dormitório com uma canequinha escondida cheia de água e papezinhos dobrados com nomes de meninos. A ideia era descobrir quem iríamos namorar. Aparentemente, a irmã Sacramento, que cuidava do nosso dormitório, nada percebeu. No dia seguinte, ao acordarmos, fomos ansiosas para ver qual era o papelzinho aberto e encontramos apenas papeis com jaculatórias: “*São José, rogai por nós*”; “*Jesus, Maria e José, tenho confiança em vós*”, etc. A irmã havia trocado todos os papeis!

Por mais de um século, as irmãs de São José foram determinantes para que esse Colégio fosse uma escola de refinamento da cultura e da sociabilidade das educandas, preocupando-se muito em torná-las damas aptas ao convívio social, virtuosas, cultas, polidas, religiosas convictas, de tal forma que pudessem educar seus filhos.

O termo deixado pelos inspetores por ocasião do encerramento das atividades do Colégio nos leva a acreditar nisso.

Ao considerarmos encerradas as atividades desse tradicional Colégio, queremos ressaltar a obra educacional magnífica, desenvolvida durante todo esse tempo pela congregação das irmãs de Chambéry em prol da educação paulista e da educação brasileira.

A plêiade de educadoras, mães, filhas, gerações de meninas que tiveram a graça e a ventura de conviver no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, honraram e continuam a dignificar a sociedade brasileira.

Deixamos expressos nossos agradecimentos e profunda gratidão à comunidade religiosa que teve por luminosa divisa o lema de sua fundadora.

*“Só a Deus honra e glória”.*

Em conclusão, eu poderia dizer que no “Patrocínio” fiz toda minha educação básica e que ela me deu condições suficientes para alçar outros voos, como mestrado em Educação, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), onde por muitos anos dei aulas.

Também cheguei no doutorado, em História Social da Universidade de São Paulo (USP), onde também participei de inúmeros projetos e aulas.

Essa sólida educação, me deu condições de fazer parte de um grupo de pesquisa internacional, “*Rede de Educadores e Pesquisadores da Educação Freinet*”, onde atuo até hoje. Esse trabalho me proporciona muitas viagens internacionais, onde encontramos nossos parceiros de pesquisa.

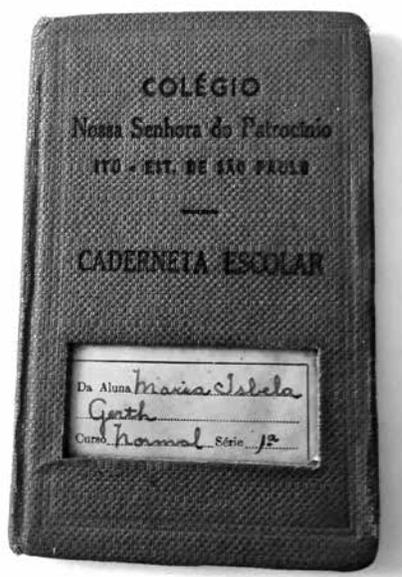
Devo a essa formação, nesse inesquecível Colégio Patrocínio, todo fruto do meu trabalho, e dos artigos e livros que escrevi e participei.

Considero esse texto uma Memória Biográfica.

Ao término faço uma reflexão importante de minha História de Vida. Eu poderia ter me realizado como esposa e mãe de três filhos, apenas. Mas algo dentro de mim, me impulsionava, para um projeto de vida mais amplo... Fazer uma carreira... Uma carreira que me proporcionou contribuir com e para o desenvolvimento da educação na minha cidade e posteriormente no sistema público do Estado de São Paulo e na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SMESP).

## Registro

Algumas fotos de minhas cadernetas escolares testemunham minha permanência no Colégio Patrocínio, durante o Curso Ginásial e Curso Normal, e evidenciam alguns fatos que eram costume da época. Nelas podem ser verificadas as disciplinas que constavam em cada curso.



*Capa da caderneta: Curso normal – 1958 – 1ª Série – de Maria Isabela Gerth.*

No sistema de avaliação do Colégio, na primeira série do Curso Normal, constavam notas para Comportamento, Polidez, Ordem, Religião, além das disciplinas: Português, Matemática, Ciências, Anatomia, História, Desenho, Prática de Ensino, Trabalhos Manuais e Educação Física.

Pai e mãe assinavam a caderneta, nela havia registrado o regulamento da escola, o horário com as anotações das disciplinas – de segunda a sábado, pois a semana era composta por 6 dias letivos. Sim, as aulas aconteciam normalmente aos sábados em todas as escolas, particulares ou públicas.

| RESULTADOS FINAIS  |              |           |           |            |             |
|--------------------|--------------|-----------|-----------|------------|-------------|
| Disciplinas        | Média Mensal | 1.a Prova | 2.a Prova | Prova Oral | Média Final |
| Religião           |              |           |           |            |             |
| • Português        |              | 4         |           |            |             |
| • Latim            |              | 5         |           |            |             |
| • Francês          |              | 4,5       |           |            |             |
| • Inglês           |              | 3         |           |            |             |
| • Matemática       |              | 2,5       |           |            |             |
| • Ciências         |              | 7,5       |           |            |             |
| • História Geral   |              | 5,5       |           |            |             |
| História do Brasil |              | .         |           |            |             |
| Geografia Geral    |              | .         |           |            |             |
| • Geog. do Brasil  |              | 4         |           |            |             |
| • Trab. Manuais    |              |           |           |            |             |
| • Desenho          |              | 6,5       |           |            |             |
| • Canto Orfeônico  |              | 8         |           |            |             |
| Educação Física    |              |           |           |            |             |
| Média de conjunto  |              |           |           |            |             |

RESULTADO FINAL:.....

Notas da caderneta. Destaque para as disciplinas do currículo ginásial – 1957.

Diariamente a presença e a ausência na escola eram evidenciadas com o carimbo COMPARECEU ou FALTOU e a aluna somente saia mais cedo, antes do término das aulas do dia, se houvesse solicitação dos pais para tal. A caderneta escolar continha as notas bimestrais e finais, e nela eram carimbados os pagamentos das devidas prestações da anuidade escolar. Enfim, toda a vida escolar das alunas estava resumida e centrada na “famosa” caderneta.

**Maria Isbela Gerth Landell de Moura**

*Doutora em História Social (USP), Mestre em Supervisão e Currículo (PUC-SP).*

*Graduada em Pedagogia e Matemática e Pesquisadora da Pedagogia Freinet .*

*Participante da Rede de Educadores e Pesquisadores  
da Educação Freinet – REPEF – Pólo São Paulo – Brasil.*

*Diretora aposentada da rede municipal de São Paulo.*

*Professora universitária, professora das redes municipal e estadual de São Paulo.*

*Professora do Instituto de Educação Regente Feijó de Itu/SP. Participou da criação  
do SESI, também em Itu, onde foi professora desde sua fundação.*

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Quaiotti Ribeiro do [et.al.]. **Memória da educação: Campinas (1850-1960)**. Campinas: Unicamp, 1999. Coleção Campiniana, nº 20.

GERTH, Maria Iza da Cunha. **Educação Feminina uma instituição total confessional católica: Colégio Nossa Senhora do Patrocínio**. Dissertação de Mestrado, São Paulo: USP, 1999.

# *Grupo Escolar Cesário Motta e Convenção*

**Dra. Anicleide Zequini**  
**Ms. Aline Antunes Zanatta**

## **Introdução**

Nos últimos anos do século XX, os historiadores da educação passaram a estudar a escola e seu passado. Neste empenho, alguns pesquisadores procuraram dar visibilidade aos vários atores do processo educativo. Outros, por sua vez, ampliaram essa perspectiva a partir de uma “*procura social de identidade e de recuperação da memória em torno da escola*”. Tais iniciativas contribuíram para suscitar questionamentos sobre a necessidade de valorizar e preservar os documentos que a escola foi produzindo ao longo de sua trajetória, compreendendo-se essa instituição nos marcos da organização da República (MAGORRO, 2005, p. 93).

O texto ora apresentado é resultado do Projeto Arquivo Escolar e Memória Social, desenvolvido entre 2008 e 2009, pelo Serviço Educativo e Documentação Histórica do Museu Republicano Convenção de Itu, que recebeu o apoio do Programa de Fomento às Iniciativas de Cultura e Extensão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo.

Tratou-se da elaboração de materiais educativos a partir dos documentos relacionados aos dois primeiros Grupos Escolares da cidade de Itu: Grupo Escolar “Cesário Motta” (com 331 unidades de documentos) e o Fundo Grupo Escolar “Convenção de Itu” (com 207 unidades), pertencentes ao Arquivo Histórico Municipal de Itu e transferido em 2007 ao serviço de documentação do Museu Republicano “Convenção de Itu”.

Para tanto, foram organizados kits educativos compostos por reproduções de documentos textuais e iconográficos relativos às instituições escolares mencionadas, acompanhadas por instrumentos de investigação e três cadernos pedagógicos. Esse material foi acondicionado em suporte original – uma maleta, confeccionada especialmente para essa finalidade –, e disponibilizado a educadores e estudantes.

## **Os primeiros grupos escolares do Estado de São Paulo**

Os primeiros grupos escolares do Estado de São Paulo foram instalados em 1894, nas cidades de Amparo, São Roque, Tietê, Itu, Iguape e Ubatuba. Em 1893, Itu já contava com um estabelecimento de ensino, denominado Liceu de

Instrução Primária que passou a ser, posteriormente, chamado de Grupo Escolar Queiroz Telles.

Geralmente, os Grupos Escolares estavam localizados no centro do núcleo urbano, em prédios especialmente construídos para essa finalidade ou, como na maioria dos casos, em prédios adaptados, doados ao Estado ou alugados pela municipalidade. O grupo fazia parte do conjunto de melhoramentos urbanos das cidades, que passam a ser expressões de progresso econômico e desenvolvimento social, especialmente, favorecidos pela riqueza cafeeira entre as últimas décadas do século XIX e início do XX.

### **O Grupo Escolar Queiroz Telles**

Em 1893, Francisco Mariano da Costa Sobrinho era o diretor das Escolas Reunidas de Itu, inaugurada em 17 de janeiro desse ano. Em relatório encaminhado a Cesário Motta Júnior, ministro da Instrução Pública do Estado de São Paulo, Mariano da Costa apresentou um histórico da formação dessa escola, onde ressaltava a atuação de Antonio de Queiroz Telles e Jorge Tibiriçá na realização do projeto. O primeiro, formado em Zurich, teve papel importante na comissão formada pela Câmara Municipal de Itu, pois foi ele que encaminhou uma subscrição entre os moradores da cidade para angariar fundos para compra de livros e utensílios necessários à instalação do estabelecimento. Ademais, conseguiu, para abrigar a escola, um sobrado que, por muito tempo, sediou o empreendimento comercial “Casa Alberto”, de propriedade de Jorge Tibiriçá.

O prédio, adaptado a partir de reformas na antiga residência, localizava-se na Praça da Matriz (atualmente Praça Padre Miguel), esquina com a rua 7 de setembro e, além das salas de aula, contava com uma biblioteca. Podemos visualizar a dimensão do edifício por meio da fotografia a seguir.



*Foto: Acervo Iconográfico do Museu Republicano “Convenção de Itu”, s/d.*

Antonio de Queiroz Telles, juntamente com Maurício Pabst e Tristão Mariano da Costa, participaram de uma comissão instalada pela Câmara Municipal de Itu com a finalidade de organizar, junto com os professores da cidade, um regulamento interno de acordo com a lei de instrução pública republicana, de 1893, que não só servisse para o sexo masculino, como também, para o feminino, o que foi realizado na casa do professor Carlos Grellet Junior. Este documento, após a sua conclusão, foi encaminhado ao Governador Bernardino de Campos, através do secretário do interior, Cesário Motta.

A Escola Reunida, posteriormente denominada Grupo Escolar Queiroz Telles, foi formada a partir da reunião de quatro escolas públicas masculinas e contava com a participação de 90 alunos distribuídos em quatro classes, tendo sido nomeados os seguintes professores: para o primeiro ano, o professor Luiz Manoel da Luz Cintra; para o segundo, o normalista Carlos Grellet; para o terceiro, o normalista Lino Vidal de Mendonça e, para o quarto, o normalista Francisco Mariano da Costa Sobrinho, que acumulou também a função de diretor.

O estabelecimento tinha estreita ligação com a Escola-Modelo de São Paulo, mais tarde denominada Caetano de Campos, dirigida pelo professor Oscar Thompson, que transferia modernas técnicas pedagógicas de ensino, aplicadas em todos os Grupos Escolares, criados a partir de 1889, com a instalação do regime republicano.

O intercâmbio era exercido mediante visitas periódicas de professores de Itu com o objetivo de aprenderem a aplicação do método intuitivo, adotado a partir da reformulação do ensino público.

Em 1896, a escola passou a abrigar também um curso noturno para adultos, tendo, como professor, Francisco Mariano da Costa Sobrinho. Entretanto, encerrou suas atividades em 1901 e os alunos foram transferidos para o Grupo Escolar Cesário Motta.

### **O Grupo Escolar Cesário Motta**

O Grupo Escolar Cesário Motta recebeu essa denominação em homenagem a Cesário Motta Júnior, secretário do Interior do Governo, em 1894, ano em que foi publicado o decreto de criação dessa escola.

Em 1893, foi proposto pelo inspetor literário Domingos de Paula e Silva a reunião de três escolas públicas femininas existentes na cidade em um prédio localizado na rua da Palma (atual rua dos Andradas) adquirido pelo Estado para esta finalidade, tendo sido a primeira diretora a professora Catarina Pont em conjunto com as primeiras professoras Antonia Augusta dos Santos Oliveira, Benedita Maria da Conceição Grellet e Isabel Brasileira Carneiro. Neste

mesmo ano, instalou-se uma biblioteca para uso não só das crianças como também das professoras.



Foto: Acervo Iconográfico do Museu Republicano “Convenção de Itu”, s/d.

Entre os anos de 1894 e 1902, a escola funcionou apenas com a seção feminina e contava com uma biblioteca infantil. Em 1901, o edifício já se encontrava em reformas para receber também a seção masculina, criada a partir da transferência dos alunos do extinto Grupo Escolar Queiroz Telles. Em 1902, passou a funcionar como estabelecimento misto, tendo como diretor, até o ano de 1907, o professor André Rodrigues d’Alckimin.

Por meio de um relatório de 1906, encaminhado a Gustavo de Oliveira Godoy, secretário de Estado do Interior, nota-se que o prédio, embora adaptado, correspondia aos principais pré-requisitos higiênicos. Possuía algumas salas com espaços maiores e outras pequenas que comportavam um número menor de alunos, todas limpas e arejadas. O método de ensino empregado era também o intuitivo, implantado no ensino público republicano.

Neste documento, o diretor André Rodrigues d’Alckimin, informa que, no seguimento do método intuitivo, *“o critério deve ater-se ao desenvolvimento harmonioso das faculdades infantis. Assim é preciso que as classes principiantes recebam os primeiros conhecimentos práticos, com exclusão de regras e ensino fatigante. As classes médias deverão ter múltiplos exercícios práticos que as induzam ao conhecimento de regras simples. As adiantadas, ao lado da prática, devem ter a parte teórica correspondente”*. (ALCKIMIN, 1906)

Este mesmo relatório informava também que os professores estavam empenhados em trabalhar, junto aos alunos, noções básicas de higiene doméstica e pública, bem como os meios para evitarem doenças como sarampo, coqueluche,

entre outras. Neste mesmo intuito, foram empregadas algumas lições relativas às posições e atitudes do aluno em sala de aula. Segundo o diretor, tratava-se de assunto trabalhoso, porém que dava bons resultados, *“pois geralmente os alunos sabem guardar correta posição quando sentados ou em pé, lendo ou escrevendo, evitando assim as diversas escolioses e contraindo hábitos de ordem e compostura próprios de quem se educa”*. (ALCKIMIN, 1906)

Em relação à disciplina, podemos observar, por meio do mesmo relatório, alguns métodos empregados. Para tanto, foram formuladas algumas regras e práticas adotadas pelos professores nas salas de aula e recreio e, aos alunos, pre- viam-se prêmios e penas regulamentares.

Segundo Alckimin (1906), quanto aos prêmios, foram estabelecidos os seguintes:

1º • Notas diárias e pequenos elogios em classe.

2º • Prêmio Semanal – Inclusão, no Quadro de Honra, do nome do aluno que, durante a semana, tivesse ótimo comportamento e boa aplicação; inclusão e entrega solene aos sábados, do distintivo do grupo aos melhores alunos na aula geral de declamação e música.

3º • Prêmio Mensal – As médias dos boletins, extraídas dos cadernos de notas diárias, davam direito, conforme somassem 8, 9 ou 10 pontos, aos prêmios (cartões) de aplicação e comportamento, sendo ainda gratificados equitativamente aqueles que permanecessem durante todo o mês no Quadro de Honra ou estivessem de posse do distintivo.

4º • Prêmio Semestral – Findo cada semestre, havia revisão no quadro dos oficiais e praças do batalhão escolar “José Bonifácio”, de acordo com as melhores médias de exame, aplicação e comportamento.

Para as meninas exemplares, havia inclusão de seus nomes num quadro artístico que figurava na exposição escolar do fim do ano.

5º • Prêmio Anual – Caso a municipalidade ou o Governo conseguisse verba para prêmios aos melhores alunos, seria destinada para cunhagem de moedas em homenagem ao político – Dr. “Cesário Motta”.

Pela descrição acima, o aluno premiado tornava-se um exemplo a ser seguido pelo grupo. Quadro de Honra, Distintivo, Batalhão transformavam-se em símbolos dos métodos aplicados no interior da escola e foram utilizados ao longo da trajetória da instituição.

Após funcionar na rua da Palma, a escola foi transferida para outro edifício do Estado: o sobrado construído, em meados do século XIX, para ser a residência de Bento Paes de Barros, o Barão de Itu, onde permaneceu até a década de 1970, quando foi removida para outro prédio, erguido para essa mesma

finalidade, na rua Thomaz Simon, 280. Em 1976, passou a se denominar Escola Estadual de Primeiro Grau “Dr. Cesário Motta”.

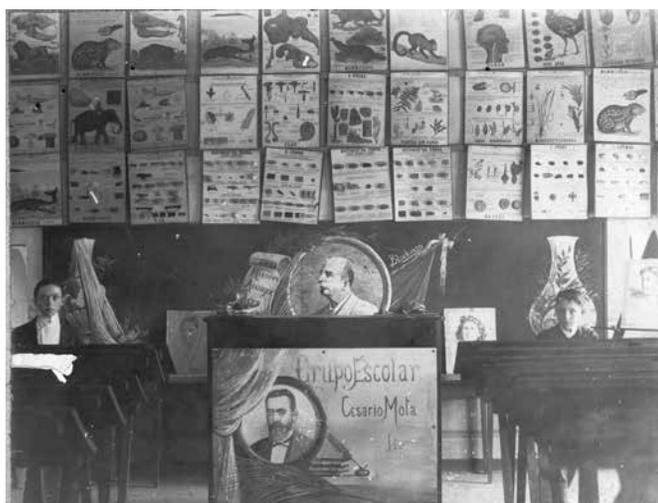
No período entre 17 de setembro e 14 de outubro de 1932, o Grupo Escolar esteve ocupado pelas tropas do 3º Batalhão de Caçadores Voluntários da Brigada Sul, Batalhão revolucionário de 1932, formado em Itu.



*Desfile dos alunos no 50ª Aniversário do Grupo Escolar Cesário Motta, em 14/10/1944.*

*Fonte: Museu e Arquivo Histórico Municipal de Itu/MRCI/MP/USP.*

*Fundo: Grupo Escolar “Cesário Motta”.*



*Fonte: Museu e Arquivo Histórico Municipal de Itu/MRCI/MP/USP.*

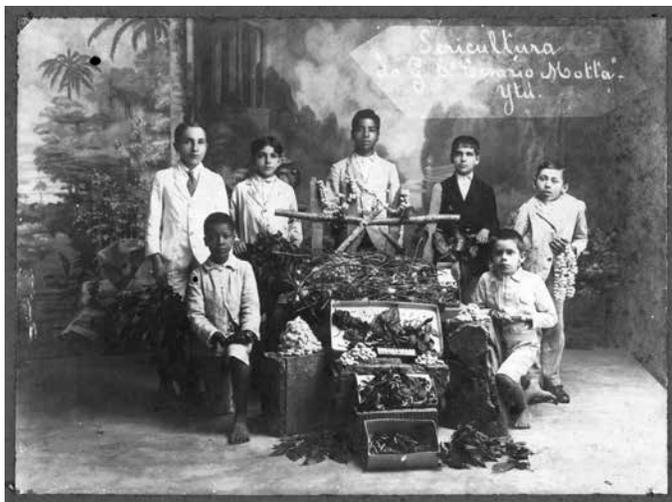
*Fundo: Grupo Escolar “Cesário Motta”. s/d.*



*Gabinete dentário. Fonte: Museu e Arquivo Histórico Municipal de Itu/MRCI/MP/USP.  
Fundo: Grupo Escolar "Cesário Motta". s/d.*



*Fonte: Museu e Arquivo Histórico Municipal de Itu/MRCI/MP/USP.  
Fundo: Grupo Escolar "Cesário Motta". s/d.*



*Fonte: Museu e Arquivo Histórico Municipal de Itu/MRCI/MP/USP.*

*Fundo: Grupo Escolar “Cesário Motta”. s/d.*



*Grupo de Professores em 1910.*

*Fonte: Museu e Arquivo Histórico Municipal de Itu/MRCI/MP/USP.*

*Fundo: Grupo Escolar “Cesário Motta”.*

### **O Grupo Escolar “Convenção De Itu”**

O Grupo Escolar “Convenção de Itu” foi criado por decreto do governo do Estado de São Paulo, em 06/06/1916. A criação de um segundo grupo escolar na cidade de Itu justificava-se frente a necessidade de atender a um número cada vez maior de crianças, resultado do aumento populacional e da imigração intensa sucedida na cidade.

Em 25 de setembro do mesmo ano, essa instituição de ensino iniciou suas atividades num casarão da rua da Palma (atual rua dos Andradas), no mesmo prédio onde anteriormente havia funcionado o Grupo Escolar “Cesário Motta”, posteriormente demolido para dar lugar à Escola Estadual “Regente Feijó”.



Foto: Acervo Iconográfico do Museu Republicano “Convenção de Itu”, s/d.

A criação do Grupo Escolar “Convenção de Itu” foi resultado da reunião de algumas escolas públicas como: *“a masculina da ‘Vila Nova’, regida pelo professor Carlos Grellet Junior; a mista do Seminário, regida pela professora Maria Luíza Pereira da Silva; a mista, da Estalagem, regida pela Professora Maria Eliza Saes Pompe; a feminina da Vila ‘Padre Bento’, regida pela professora Hermelinda Silveira; a feminina do Bairro Alto, regida pela professora Maria Candida Moreira Pinheiro; a mista, do bairro Brochado, regida pela professora Gabriella Machado de Campos; a do Bairro Hipódromo, regida pela professora Maria Júlia Silveira Coelho e a do Bairro Garcia, regida pela professora Ruth Pimenta Amorim”.* (A REPUBLICA, 14/set/1916, p.2)

Em 14 de janeiro de 1925, em sessão extraordinária, a Câmara Municipal de Itu fez a doação do terreno, situado na Praça Conde de Parnaíba, para a construção de um edifício próprio para a instalação do segundo grupo escolar da cidade.

Tratava-se de um terreno amplo localizado no centro urbano da cidade, conhecido na época como Largo da Caixa d'Água. Nesse local, existiu um reservatório utilizado para o abastecimento de água à população. Nesse espaço, também existiram o zoológico e lavadouro público, onde estão hoje a A.A. Ituana e a Escola Convenção. No acervo do Museu Republicano, existem algumas reproduções destas imagens, como podemos verificar a seguir.

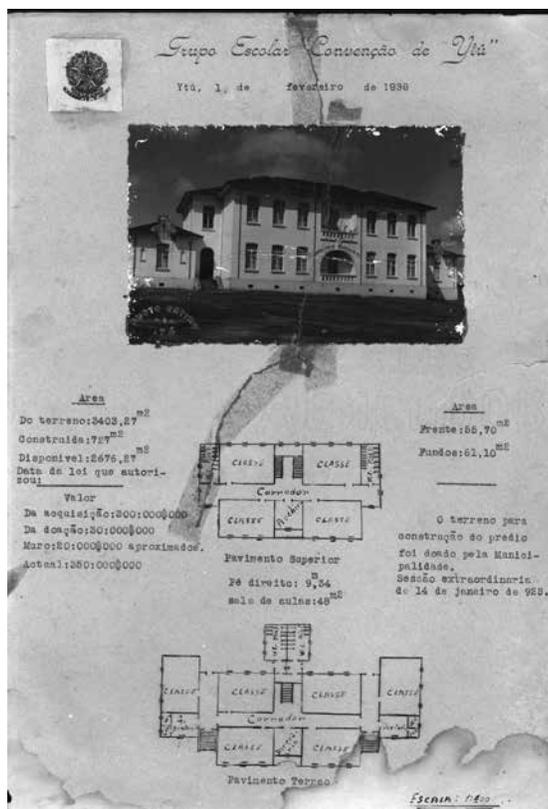


*Foto: Acervo iconográfico do Museu Republicano “Convenção de Itu”, s/d.*



*Foto: Acervo iconográfico do Museu Republicano “Convenção de Itu”, s/d.*

No dia 4 de setembro de 1925, foi aprovada, pelo Governo do Estado de São Paulo, verba de 284 contos de réis para a construção do edifício destinado a abrigar o grupo escolar. Neste mesmo ano, a planta do edifício já estava pronta e, em 1926, o local já havia sido demarcado por Eugênio Motta, da Repartição de Obras Públicas do Estado. A planta do projeto foi escolhida pelo ituano dr. José Manuel Lopes. Podemos observar, pela imagem seguinte, como estava organizada a distribuição das salas.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico Municipal de Itu/MRCI/MP/USP.

Fundo: Grupo Escolar "Convenção de Itu". 1936.

O desenho da planta revela como a organização dos espaços estava atrelada às necessidades da aplicação dos métodos pedagógicos da época, que previa uma maior distribuição interna, como: locais para atividades administrativas (sala própria para secretaria e direção) e atividades pedagógicas (sala para biblioteca).

Tratava-se de um edifício erguido no meio do terreno, formado por um único bloco compacto, com entradas laterais, salas de aulas simétricas e inúmeras janelas, possibilitando a entrada de grande luminosidade.

Entre as salas de aulas, destinava-se uma ao diretor. A sua localização central propiciava maior controle sobre o que ocorria nas dependências e corredores, o que, consequentemente, evidencia o papel do diretor como disciplinador no projeto de educação adotada nessas instituições naquela época.

No decorrer do governo do Dr. Carlos Campos e do ituano José Maria Álvares Lobo como secretário de Educação, foi construído o edifício em que foi instalado o Grupo Escolar Convenção, em primeiro de agosto de 1927.



Foto: Acervo Iconográfico do Museu Republicano “Convenção de Itu”, s/d.

Quanto ao novo edifício e sua inauguração, um ex-aluno descreveu o seguinte: “O Edifício, imponentíssimo para aquela época, logo seria mais conhecido como Grupo de Cima, porque ficava situado na parte alta da cidade, nas proximidades das últimas casas daqueles lados. Muitas famílias, por residirem na parte baixa da cidade, tentaram, ainda no meio do ano, matricular seus filhos no Cesário Motta, que daí para frente também perderia um pouco a projeção do seu nome para ficar sendo o Grupo de Baixo”. (Jornal A Infância, ano XVI, 1966, nº 10)

Por meio das colocações acima, podemos supor que, para a época, o edifício construído para a instalação do segundo grupo da cidade de Itu destacava-se na paisagem urbana. Sua “Arquitetura Monumental” assinalava, na paisagem, a ação do governo em relação à educação pública e expressava a importância social e política da escola primária para o Estado paulista.

A identificação de Grupo de Cima e Grupo de Baixo revela como os espaços da cidade eram classificados e percebidos por uma parcela de seus habitantes.

O Grupo escolar funcionou neste prédio até que, em 1945, cedeu suas instalações ao Ginásio da cidade e passou a funcionar no mesmo edifício que o Grupo Escolar “Cesário Motta”, na Rua Paula e Souza. Após a construção do prédio para instalar adequadamente o Ginásio do Estado, o Grupo Escolar Convenção retornou ao seu próprio e atual edifício.

No início de 1961, passou por reformas e reabriu, no mesmo ano, ampliado.

Verifica-se que o grupo escolar transitou no meio urbano da cidade, porém continuou na área central ocupando edifícios de destaque, seja pela arquitetura seja pelo reconhecimento da população.

No dia 23 de janeiro de 1976, por meio da Resolução nº 20, a Secretaria de Educação do Estado estabeleceu a reestruturação da Rede Oficial de Ensino em São Paulo. A partir desta Resolução, o Grupo Escolar Convenção de Itu

passou a chamar-se Escola Estadual de 1º Grau Convenção de Itu. Em 2006, a Escola Estadual Convenção de Itu foi municipalizada.

### **A comunidade e os Grupos Escolares de Itu**

Os Grupos Escolares, para seu funcionamento e manutenção, contavam com o apoio da comunidade por meio de donativos materiais e financeiros. Uma dessas iniciativas foi a criação da Caixa de Assistência Escolar, responsável pelo gerenciamento dos recursos coletados, bem como pela sua distribuição aos Grupos Escolares da cidade.

Em 4 de fevereiro de 1917, o professor Raul Fonseca e o Dr. Braz Bicudo de Almeida fundaram a Caixa de Assistência Escolar da cidade de Itu, que deveria auxiliar os grupos escolares, colaborando na distribuição de merendas, roupas e atendimento dentário.

Ela era responsável pela arrecadação de verbas destinadas a atender a comunidade escolar. Dentre os associados, estavam a própria Câmara Municipal e as fábricas de tecidos da cidade.

No relatório da Caixa de Assistência de 1928, podemos verificar que a Câmara Municipal era considerada a mais importante associada, pois a verba disponibilizada era destinada ao serviço dentário.

Por outro lado, também os proprietários das fábricas de tecidos São Pedro e São Luís, desde a abertura da Caixa, dispensavam um auxílio eficaz, fornecendo peças de tecidos para a confecção de roupas às crianças desprovidas de recursos.

Vê-se que a escola pública primária, para atender um número maior de crianças de vários segmentos sociais, necessitava do auxílio da sociedade. Tratava-se de um empreendimento do governo republicano para o “progresso e civilização” da sociedade com que todos deveriam colaborar.

### **Os consultórios dentários**

Desde a fundação do Caixa de Assistência Escolar, um de seus fundadores, o clínico Dr. Braz Bicudo de Almeida, preocupou-se em organizar o funcionamento de uma assistência dentária nos grupos escolares.

Inicialmente, o consultório, instalado no Grupo Escolar Cesário Motta, foi montado com materiais obtidos de vários doadores. Quando o Colégio São Luís deixou de funcionar, O Dr. Braz Bicudo de Almeida recebeu do reitor uma cadeira, um motor e uma escarradeira, com os quais foi montado um gabinete dentário no Grupo Escolar Cesário Motta.

Um desses doadores, o Dr. José Correa Pacheco e Silva, contribuiu doando vários materiais, como: brocas, um motor e um encosto para a cabeça. O seu

filho, Dr. Servulo Pacheco e Silva, gerente da Companhia Ituana de Força e Luz, presenteou o gabinete com um esterilizador eletrônico, fazendo a instalação elétrica e fornecendo-lhe energia elétrica gratuitamente. Durante um longo período, esse gabinete dentário foi mantido por meio das contribuições dos alunos e deixou de funcionar em 1921.

Somente em 1927, quando o Dr. Braz Bicudo de Almeida assumiu a Presidência da Caixa de Assistência Escolar, o gabinete dentário do Grupo Escolar Cesário Motta foi reorganizado, principalmente devido à colaboração da Câmara Municipal que nomeou um cirurgião-dentista para o gabinete dentário do grupo.

No entanto, como naquele momento não era possível a organização de um gabinete dentário no Grupo Convenção de Itu, a assistência era realizada provisoriamente no próprio gabinete do cirurgião.

Só em 1929, o Dr. Braz Bicudo de Almeida conseguiu a verba para a aquisição de dois gabinetes dentários e o serviço passou a ser realizado nos próprios grupos, com a contratação, pela Caixa Escolar, de uma cirurgiã.

**Dra. Anicleide Zequini**

*Historiadora e pesquisadora.*

*Museu Paulista/MRCI/Universidade de São Paulo.*

*Pós-Doutoranda em História - IFCH/UNICAMP.*

*Pesquisadora Colaboradora- UNICAMP*

**Ms. Aline Zanatta**

*Graduada em História e mestre em História Cultural pela Unicamp – Universidade Estadual de Campinas. Desde 2006, é educadora do Museu Republicano “Convenção de Itu”, extensão do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.*

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANANIAS, Mauriceia. **A legislação da instrução pública primária na província de São Paulo: 1834-1868: fontes e historiografia.** Tese Doutorado, Faculdade de Educação, Unicamp. 2005. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000352421>

ANTUNHA, Heladio César Gonçalves. **A Instrução na Primeira República.** Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1975.

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Pátria, civilização e trabalho**. São Paulo: Loyola, 1990.
- BREFFÉ, Ana Claudia Fonseca. **O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional**. São Paulo: Editora UNESP: Museu Paulista, 2005.
- CARVALHO, Roberto Machado. **Memória de uma Escola**. Edição comemorativa do Cinquentenário da Escola Estadual “Regente Feijó”, 1932- 1982, Itu, 1949.
- CINTRA, Francellino. **Almanack Histórico, Biográfico e Identificativo da Comarca de Ytu (para o ano de 1910)**. Itu: Editor José de Andrade Pessoa. 1909.
- FILHO, Francisco Nardy. **A cidade de Itu. Volume 4**. Atualização Scarpin Ângelo Zini. 3–ed. –Itu: Ottoni Editora, 2006.
- IANNI, Octavio. **Uma cidade antiga**. Campinas: CMU, 1996.
- MOGARRO, Maria João. “Arquivos e educação: a construção da memória educativa”. IN: **Revista Brasileira de História da Educação**. Sociedade Brasileira de História da Educação. 10. Julho/dezembro. Campinas: Editora dos Autores Associados, 2005.
- São Paulo (Estado) Secretaria de Educação. **Manual de Trabalho em Arquivos Escolares. Projeto Nossa Escola tem História**. Secretaria de Educação; elaboração de Teresa Marcela Meza Baeza. – São Paulo: CRE Mário Covas, 2004.
- SCHUELER, Alessandra F. Martinez de. **Crianças e escolas na passagem do Império para a República**. Rev. bras. Hist. vol.19 n.37 São Paulo Sept. 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881999000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100004)
- SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de Civilização: um estudo sobre a implantação dos Grupos Escolares no Estado de São Paulo (1890-1910)**. Doutorado, Faculdade de Educação/USP, 1996.
- TOSCANO, João Walter. **Itu: centro histórico, estudos para preservação**. Dissertação (mestrado) FAU-USP, 1981.
- VALDEMARIN, Vera Teresa. **Lições de coisas: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622000000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000300006)
- VIDAL, Diana Gonçalves. “Dossiê. Arquivos Escolares: desafios à prática e à pesquisa em história da educação”. IN: **Revista Brasileira de História da**

**Educação.** Sociedade Brasileira de História da Educação. 10. Julho/dezembro. Campinas: Editora dos Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Grupos Escolares: Cultura Escolar Primária e Escolarização da Infância no Brasil. (1893-1971).** 1.ed. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. (org.) **A memória e a sombra: A escola brasileira entre o Império e a República.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ZAIA, Iomar Barbosa. **Em busca da Memória Escolar.** Ilustrações de Ed. Sarro,- São Paulo: FAPESP: Centro de Memória da FEUSP, 2007.

---

\_\_\_\_\_. **O acervo escolar: manual de organização e cuidados básicos.** 2º Ed. ver. Ampl. – São Paulo: Pró-Reitoria de Pesquisa, Faculdade de Educação da USP, Centro de Memória da FEUSP, 2006.

---

## SITES

**Navegando pela História da Educação Brasileira.** José Claudinei Lombardi, Dermeval Saviani e Maria Isabel Moura Nascimento (organizadores). Campinas, SP, Graf. FE: HISTEDBR. 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/index.html>.

# Século XX

VILMA PAVÃO FOLINO

*“A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca...”*

**Eric Hobsbawm**

*“Um país que não estuda história é incapaz de entender a si mesmo.”*

**Laurentino Gomes.**

Grandes mudanças, inovações e transformações aconteceram nos anos noventistas em todos os setores, a maioria fomentando a qualidade de vida da classe média.

**Agro** – Com a ajuda de pesquisas científicas e novas tecnologias, houve um rendimento maior no campo, a partir de 1970, graças a melhoramento genético, utilização de máquinas, fertilizantes, pesticidas e herbicidas. Os últimos, posteriormente contestados, por criarem problemas ao meio ambiente e saúde.

**Aurora da Era da Informação** – Primeiro aconteceu a massiva utilização do telefone, inicialmente de acesso demorado, e posteriormente instantânea. Na década de 80, houve a ascensão de aplicativos de computador, processamento de dados e internet, e os computadores viraram uma plataforma de entretenimento, com jogos. No final do século, as *Lan Houses* invadiram nosso país, bem como o início do comércio pela internet (*e-commerce*), que surpreendentemente foi introduzido com a venda de livros.

**Filosofia** – A filosofia desse século tentou estabelecer um novo padrão de racionalidade e de ética. A utilização não reflexiva da natureza, da ciência e da técnica gerou degradação ambiental; utilização como elemento de poder manipulado em várias vertentes: crueldades, guerras, expansionismo, colonialismo velado, nazismo etc. Uma característica comum às correntes filosóficas desse período foi a crítica relevante às linhas de pensamento precedentes. Entre os filósofos marcantes, destacaram-se: Sartre, Foucault, Adorno, Hannah Arendt, Heidegger, Simone de Beauvoir, Bertrand Russel. No Brasil, entre os filósofos

mais proeminentes, podemos citar: Farias Brito, Mario Ferreira dos Santos, Miguel Reale, Henrique Claudio de Lima Vaz, Gerd Bornheim, Newton Carneiro Affonso da Costa, Marilena Chauí, Paulo Freire.

**Meios de transporte** – A produção de automóveis em grande escala reduziu os preços e os carros passaram a ser muito utilizados, verdadeiros objetos de consumo e de status. Em nossa pátria, a fabricação de ônibus foi priorizada em detrimento da ferrovia existente, que se transformou aos poucos em sucata. Um problema imenso, para um imenso país. Por outro lado, a invenção do avião, do motor a jato, diminuiu grandemente o tempo de viagem.

**Energia** – Desde o final do século XIX, a energia termelétrica e a hidrelétrica já existiam por aqui, mas foi nos anos noventistas que o setor hidrelétrico se desenvolveu e se diversificou com a primeira usina nuclear brasileira (1985) e sua conseqüente problemática de produção de lixo atômico. Em 1994, foi inaugurada a primeira usina de energia eólica. Avanços da Física levaram ao desenvolvimento de armas nucleares, o reator nuclear, o laser e exames sofisticados que auxiliam no avanço da medicina. Resultados antagônicos, com a aplicação para o bem e para o mal. O voo espacial e os satélites geoestacionários aumentaram o conhecimento sobre o universo e os satélites permitiram a comunicação em tempo real.

**Mass Media** – A primeira comunicação de massa foi a imprensa escrita (jornais). Em seguida, rádio, filme e televisão – formando o sistema de Mídia de Massa –, impactaram o Século XX de uma forma fenomenal.

A “Era de Ouro dos Jornais” (1890 a 1920) representou o período em que essas publicações detinham grande prestígio, muitas delas com encartes de literatura universal e brasileira. Em Itu, alguns jornais do final do século anterior sobreviveram pouco tempo, como o semanário *O Ytuano* e o *Imprensa Ytuana*, de início semanário e, posteriormente, diário. Da Proclamação da República até 1926, foi o período do jornal *República*. Na década de 30, circulavam *A Comarca de Itu*, *A Tribuna*, *O Povo*, *Progresso*, com curto período de circulação. Já o periódico do partido PRP, *A Cidade*, foi impresso de 1922 a 1945; e a publicação religiosa *A Federação*, fundada em 1907 existe até hoje, assim como o *Jornal Periscópio* fundado em 1965. (Biblioteca de Obras Raras – USP). Com a chegada do rádio, os jornais tiveram que se reinventar para enfrentar os desafios da perda de repórteres e jornalistas para o novo meio de comunicação, bem como reconquistar leitores. O mesmo aconteceu com a chegada da TV, 20 anos depois.

De 1922 ao início da década de 60, foi o império da “Era popular do Rádio”, quando este foi o principal meio de comunicação, o maior meio de informação e entretenimento em nosso país. No apogeu do rádio, suas grandes emissoras

transmitiam para todo o país novelas, programas de música, programação humorística e noticiários, compondo abrangente programação radiofônica. Com a chegada do rádio portátil, passou a ser levado para todos os lugares. Em Itu, 27 de março de 1947, Luiz Gazzola e alguns empresários fundaram a *Rádio Emisora Convenção de Itu*, que nos seus primeiros anos funcionou no Círculo Italiano Dante Alighieri. A programação da rádio era bem diversificada e contava com boletins informativos, programação musical e até programas de auditório que trouxeram vários cantores famosos e deixaram muita saudade. Na década de 70, o programa sertanejo apresentado por Nhô Juca era o de maior audiência (SARTÓRIO e BERTOLAZZI, 2007). Em meados de 1987, a então *Rádio Pioneira FM* começou a se modificar, sob a direção do *Jornal Periscópio*, em endereço provisório adaptado. Mais tarde, novo prédio da FM 90 construído na Rodovia Convenção, com transmissor de primeira linha e uma torre de 62m de altura, alcançou mais de 60 municípios (<https://fm90.com.br/radio-em-itu/>).

O século XX foi também o “Século do Cinema”. Ah! O Cinema... As pessoas que viveram nessa época não esquecem sua magia, seu romantismo e seu *glamour*. No início, eram apenas documentários, imagens em movimento, filmagem de cidades. Depois, começaram a contar uma história, primeiramente com o cinema mudo, em preto e branco. Durante as exibições desses filmes, não falados, um pianista acompanhava a trama, dimensionando o volume musical, ampliando as emoções. Depois, o cinema hollywoodiano com filmes falados dominou o mercado mundial. Após o final da Segunda Guerra, surgiu na Itália o Neorealismo, cujos filmes apresentavam histórias do povo italiano, com suas dificuldades econômicas e sociais, influenciando toda a produção da sétima arte no mundo. Nos anos 50, a influência foi da *Nouvelle Vague* francesa e, nos anos 60, os filmes eram, quase todos, coloridos. A partir da década de 80, vários filmes clássicos começaram a ser colorizados por computador.

O cinema brasileiro produziu, de 1915 a 1926, filmes com a adaptação de obras literárias. Apesar da forte influência e concorrência das produções americanas, a produtora de filmes chamada *Atlântida*, a partir da década de 30, no Rio de Janeiro, produziu filmes do gênero chanchadas, que uniam drama, humor e musical, até o início dos anos 60. Em São Bernardo do Campo foi fundada a *Companhia Cinematográfica Vera Cruz* que produziu, com qualidade artística e técnica, mais de 40 longas-metragens entre 1949 e 1954. De sua produção foi o filme *O Cangaceiro*, de 1953, escrito e dirigido por Lima Barreto, com diálogos criados por Raquel de Queiroz, exibido em mais de 80 países. Considerado um grande clássico nacional. *O Cangaceiro* ganhou o prêmio de melhor filme de aventura e de melhor trilha sonora no Festival de Cannes. Outra produtora e

distribuidora de filmes paulista, a *Cinedistri*, criada em 1949, que inicialmente produzia chanchadas, em 1960 resolveu trabalhar com produções mais elaboradas. De suas câmeras surgiu *O Pagador de Promessas*, película que conquistou a Palma de Ouro de melhor filme do Festival de Cannes em 1962, e foi comercializada para dezenas de países. O filme que conquistou a honraria, baseado em peça dramática de Dias Gomes, contou com o roteiro e a direção do ator e cineasta saltense Anselmo Duarte, transformando-se num marco do cinema brasileiro. A *Cinedistri* encerrou as atividades nos anos 80. A partir dos anos 50, a corrente filmográfica *Cinema Novo* era altamente politizada e denunciava a pobreza da população brasileira e a desigualdade social. No regime militar, o *Cinema Novo* passou por outras fases e, de 1968 a 1970, foi o período conhecido como a estética do lixo ou *Cinema Marginal*, com a pornochanchada combinando erotismo e humor. Nos anos 90, houve a retomada do *Cinema Brasileiro*, e, em 1998, o filme *Central do Brasil* foi muito elogiado pela crítica, e recebeu indicação ao Oscar na categoria de Melhor Filme Estrangeiro e Melhor Atriz. A protagonista era Fernanda Montenegro. O filme venceu os prêmios BAFTA, Globo de Ouro, e outros, incluindo o Urso de Ouro de Melhor Filme e o Urso de Prata de Melhor Atriz.

Não podemos esquecer que nosso município foi cenário para vários filmes de longa metragem, de curta e documentários, assim como de novelas e seriados de TV. Sim, nas décadas de 60 e 70, fazendas, vales e matações foram locações para diversas produções.

As projeções ou sessões lotavam as plateias dos grandes salões, muitas vezes com palco, servindo também de teatro, denominados Cine, ou Cine Teatro. Localizados em ruas centrais das cidades eram espaços de cultura e ponto de encontro.

Nardy Filho, em *A cidade de Itu*, afirma que a primeira projeção pública do cinematógrafo data de 1905, no Largo do Carmo, em uma armação de lona, tal como um circo, com bancadas dispostas frontalmente a uma tela de tecido. Funcionava das 14 às 22h, exibindo quatro filmes ao custo de 1\$000 (mil-réis).

O cinema itinerante permaneceu na cidade por apenas três dias e contou com numeroso e admirado público. O Cine Parque, na rua Santa Rita, onde era a Concessionária Ferretti, foi inaugurado em 1911. Depois vieram o Cine Central, o Cine Glória, o Cine Sabará... e outros.

*“Quando me mudei para Itu, em 1965, só havia em Itu dois cinemas: o Cine Marrocos, na rua Paula Souza e o Cine Sabará na praça Padre Miguel, ambos de propriedade do Dr. Felipe Nagib Chebel. O Cine Marrocos tinha*

*capacidade para 1000 pessoas e fora inaugurado em 1952. Havia uma coisa curiosa com estes dois cinemas, quando um exibia filme proibido para menores de 18 anos, o outro passava filmes para os mais novos, até 14 anos e havia à tarde a matinê, quando eram exibidos filmes livres.*

*Depois, tivemos a inauguração do Cine Independente, na Vila Padre Bento, de propriedade de Celestino Cremasco. Para meu avô, Alfredo Barbi, e demais familiares, foi ótimo, pois morávamos no bairro e íamos a pé assistir aos filmes. Também tivemos o Cine Boni, da família Boni. Como ficava na Vila Nova era mais longe, mas mesmo assim íamos assistir aos ótimos filmes que exibiam. Como era uma diversão mais próxima, nós, e eu que adoro filmes, não perdíamos um domingo, mas como tudo neste mundo tem começo, meio e fim, todos os cinemas acabaram.*

*O Cine Marrocos foi desativado nos anos 90, ficou muito tempo fechado, e foi transformado em estacionamento. O Cine Sabará primeiro virou salão de dança, e agora foi dividido em três partes: um estacionamento no qual se entra pela rua dos Andradas, e na praça Padre Miguel foi fracionado em uma casa lotérica e em uma casa de comércio. O Cine Boni, também ficou fechado, depois tornou-se uma Igreja Evangélica, hoje não sei. O Cine Independente ficou muito tempo fechado, depois virou salão de dança, hoje não sei dizer.*

*Ah! Lembrei! Na Igreja do Bom Jesus, nos fundos, onde acaba a rua Padre Bartolomeu Taddei, também conhecida como Morro do Teatro, pois no tempo do Império havia um teatro onde foram encenadas ótimas peças, segundo estudos do Museu Republicano. Depois fechou e, nos anos 60, os padres do Bom Jesus transformaram o teatro em cinema, conhecido como “Cineminha do Bom Jesus”. As sessões eram aos domingos à tarde, para as crianças, onde assisti a vários filmes. E havia o Cineminha do Carmo. Mais recentemente, o Unicine, com duas salas, foi fundado em 1996 no Unishopping, mas perdeu por apenas quatro anos.*

*O que desencadeou a extinção ou a redução dos cinemas? Primeiramente a TV e as videolocadoras onde se alugava os DVDs do filme desejado. Hoje, os serviços de streaming, com um preço mensal, possibilitam assistir a filmes, séries, documentários para todas as idades, onde e quando quiser em aparelhos conectados à internet.”*

**Depoimento de Susley Costa** – Nascida em São Paulo, em 27/06/1950. Cursou o primário em São Paulo, e o antigo ginásio e o Normal em Itu, na Escola Regente Feijó. No CEUNSP, fez o curso pleno de História. Estagiou no Museu Republicano por seis meses em 1964.

# CINEMA

Divirta-se bem, escolhendo entre os filmes abaixo relacionados aquele que merecer a sua preferência, de acordo com a Classificação feita pela Confederação das Famílias Cristãs.

## FILMES PARA TODOS

As aventuras de Peter Pan — Bagunceiro Arrumadinho — A maior história de todos os tempos (Recomendável) — O mundo do circo — O mundo maravilhoso dos Irmãos Grim — Respondendo a bala — A saga do judô — O senhor doutor — Viagem dos felinos.

## PARA JOVENS E ADULTOS

A espiã das calcinhas de renda — Garotas às suas ordens — Somente os fracos se rendem — Spartacus e os 10 gladiadores — Uma batalha no inferno — Viagem para a morte.

## SOMENTE PARA ADULTOS

Arabesque — Doce primavera — O dólar furado — O drácula, príncipe das trevas — Estigma da crueldade — Gata em teto de zinco quente — Marco Polo, Magnífico — Pote secreto — O revólver é minha lei — Um homem em Instambul — Vietnã em chamas.

## PARA ADULTOS DE SÓLIDA FORMAÇÃO

Appassionata — Doutor Jivago.

**IMPORTANTE** — Recorte esta Classificação, para consultá-la quando os filmes nela mencionados forem exibidos em seu bairro ou cidade. Para outros informes tels. 31.4980 e 31.5603 — São Paulo.

BOLETIM N.º 10 publicado sob o patrocínio do jornal:  
"A FEDERAÇÃO" de Itu

O cinema em Itu: página do jornal *A Federação* de 29/01/1967.

Já a TV brasileira começou em 1950, com variada programação transferida do rádio e, em Itu, a TV pôde ser acessada na segunda metade da década. O *Repórter Esso*, noticiário já famoso no rádio, conquistou o público e foi ao ar na *TV Tupi* de 1952 até 1970. As novelas só ganharam capítulos diários em 1963, pois, anteriormente, não havia *videoteipe*, sendo as cenas realizadas enquanto transmitidas. Dois acontecimentos inesquecíveis foram registrados pela TV: em 1969 foi possível assistir a chegada do homem à lua e, em 1970, o primeiro jogo de futebol ao vivo pôde ser apaixonadamente acompanhado, pelos 90 milhões de brasileiros torcendo pela Seleção Brasileira, na memorável Copa do México.

Cidade *plusquam* histórica, Itu é um município de tal magnitude, que chega a dificultar a cronografia. Berço da República; polo de irradiação bandeirante que deixou um legado arquitetônico magnífico de casas bandeiristas; terra natal de ituanos que se destacaram na política, artes plásticas, na música, na arquitetura; dotada de centros culturais e museus; uma imponente matriz que

representa o mais importante barroco paulista; outras igrejas de arquitetura ímpar e um centro histórico esplendido, são algumas de suas peculiaridades. Joias geológicas surpreendentes como o Parque do Varvito, maior exemplar desse tipo de rocha sedimentar na América Latina, e a Gruta do Riacho Subterrâneo, maior caverna de granito do país e uma das maiores do mundo, aqui existem. Consciente ou não de toda essa grandiosidade, o ator ituano Francisco Flaviano de Almeida, o *Simplício*, personagem do primeiro programa humorístico da TV brasileira, *Praça da Alegria*, exibido nos anos 60 na extinta *TV Tupi* e, depois, em outros canais televisivos, ampliou a fama de Itu. Representando um caipira, em todas as apresentações afirmava ser tudo exageradamente grande em sua terra natal, tudo muito maior do que seu interlocutor dizia sobre outro local. Gerou a marca de Itu: “Cidade onde tudo é grande”. A fama se estendeu pelo país e a alguns outros países.

Os aparelhos de TV evoluíram com o passar dos anos. Deixando os grandes e pesados tubos, os televisores contam com telas cada vez mais finas. O controle remoto não requer que o telespectador se levante para mudar de canal, aumentar ou diminuir o som, e nem é preciso utilizar *Bom Bril* na antena interna, para tentar diminuir os chuviscos ou a rotação da imagem... Os aparelhos de TV continuam populares entre os brasileiros, mesmo após 72 anos de sua criação. Segundo o Ibope, cerca de 97% dos domicílios do país possuem pelo menos um dispositivo. Isso significa que os televisores chegaram a, aproximadamente, 71 milhões de casas.

Como tudo tem seu lado negativo, a TV marcou o início do isolamento que foi se acentuando... Quando poucos possuíam televisores, as pessoas iam à casa do vizinho possuidor da grande novidade, já não mais para conversar, “prosear”, como diziam, mas para assistir ao noticiário ou acompanhar os capítulos da novela, mas precisavam ficar em silêncio. Depois, quando os aparelhos se popularizaram, não mais existiram as visitas... Só havia hábito de reunião, a partir de 1970, para assistirem jogos da Copa de futebol. As rodas de prosa na frente das casas desapareceram... Também em Itu. A solidão foi se instalando, a depressão aumentando, geradas pelo isolamento, inclusive familiar. Um prenúncio do que se tornaria problema de saúde pública no século XXI.

**Saúde** – As invenções do antibiótico, de vacinas, de exames laboratoriais, e exames complementares de imagem, diminuíram sensivelmente o número de mortes por doença. Essas invenções, associadas à preocupação sanitária, à maior oferta e qualidade da medicina, aumentaram admiravelmente a expectativa de vida. Em 1920 a expectativa de vida do brasileiro era de 36 anos e meio e, em 2000, atingiu 69,9 anos, segundo o IBGE.

Drogas contraceptivas e motivos pessoais diminuíram a taxa de fecundidade no território brasileiro. Até 1960 a taxa era aproximadamente de 6 filhos por mulher; na década de 80, 4 filhos e, no final do século, a taxa era de 2,2 filhos (IBGE).

Transplantes de órgãos e tecidos foram desenvolvidos em vários países do mundo, inclusive no Brasil. A clonagem e a engenharia genética surgiram na década de 70, a partir das moléculas de DNA e da biologia molecular. Apesar dos avanços, a problemática da saúde em nosso país perpassou para o século seguinte, com o histórico desvio de verbas, falta de leitos, longa espera para consultas e exames, mensalidades altas dos convênios... Etc. Sobretudo em relação às classes menos favorecidas.

Outras doenças também desestabilizaram muitos países e se espalharam rapidamente. Citando algumas: Gripe Espanhola, novos vírus como o da Gripe das Aves, da Sida (conhecida aqui como AIDS), que causou muitos óbitos e gerou preconceito.

O Asilo Colônia Pirapitingui, inaugurado em Itu em 1937, era local de internação de doentes com hanseníase. Além de casas bigeminadas e dos pavilhões, destacava-se pela diversidade de edificações religiosas e pela dimensão dos edifícios da cadeia, pavilhões psiquiátricos e a escassez de espaços para lazer. Foi o asilo que abrigou o maior número de internos. Hoje, o antigo complexo abriga o Hospital Dr. Francisco Ribeiro Arantes e é o principal destino de ex-pacientes dos demais asilos sendo, também, um centro de reabilitação para pacientes com deficiência auditiva, física, intelectual ou visual e para portadores de múltiplas deficiências (<http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/antigo-asilo-colonia>).

### **Outros aspectos da cultura**

Desde o século anterior ao início do século em questão, Paris era a capital artística do mundo, para onde se dirigiam artistas e escritores que desejavam se aprimorar ou expor. No entanto, muitos filmes e músicas se originaram nos Estados Unidos, difundindo a cultura americana que se espalhou rapidamente por todo o mundo.

Os movimentos artísticos mundiais de maior destaque no século XX foram: Expressionismo (Van Gogh, Edvard Munch), Fauvismo (Matisse), Cubismo (Picasso), Abstracionismo (Kandinsky), Dadaísmo (Duchamp), Surrealismo (Dalí, Chagall, Miró), Op Art (Vasarely) e Pop Art, a transição para a arte contemporânea (Andy Warhol, Richard Hamilton, Yayoi Kusama e o brasileiro Romero Brito). A relação entre arte e tecnologia se intensificou nesse período

com o surgimento de novas mídias e originando novas técnicas de produção artística, questionando a arte tradicional.

A arte moderna, cujas características marcantes evidenciadas eram o antiacademismo, verdadeira revolução da forma de produzir e enxergar a arte, abrangendo várias manifestações artísticas, como a arquitetura, a decoração, o design de mobiliário, a escultura, a literatura e a pintura, foi manifestação noventista. A *Semana da Arte Moderna*, realizada em fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, tornou-se um marco histórico, com um evento de música, dança, poesia e artes plásticas. Embora tenha deixado parte da população perplexa e os jornais da época discordantes, a *Semana* firmou o movimento. Dentre os participantes, estiveram presentes: Anita Malfatti e Di Cavalcanti, na pintura; Victor Brecheret, na escultura; Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Graça Aranha, na literatura e Villa Lobos, Guiomar Novaes e Ernani Braga na música. A famosa tela *Abapuru* fazia parte da exposição, mas sua autora, Tarsila do Amaral, estava em Paris. Manuel Bandeira esteve ausente devido a uma crise de tuberculose (COELHO,2022). Portinari, grande nome da pintura modernista brasileira, de forte crítica social, não participou da Semana de 22. Era muito jovem, 18-19 anos e cursava a Academia Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, e seu renome foi iniciado no ano seguinte.

Na música, ocorreram grandes mudanças no domínio da linguagem musical e no ritmo. Villa-Lobos, nosso maior compositor erudito modernista, se inspirou no folclore para suas músicas. Entretanto, foi a industrialização que atribuiu popularidade à música, não mais limitada a concertos e clubes, com as sucessivas invenções do gramofone, da gravação, do rádio, dos discos, das fitas K7, dos LPs, CDs e vídeos. A música tornou-se portátil e até exclusiva com os fones de ouvido. A invenção dos instrumentos musicais eletrônicos e sua rápida disseminação revolucionaram a música popular no mundo todo, acelerando o desenvolvimento de novas formas de música, como o *jazz* e o *rock & roll*, influenciado pelos *blues*, *boogie*, *swing*, também pela música *folk*, *gospel* e *country*. Neste período, houve também a aproximação entre a música popular e a erudita, entre cantores populares e tenores.

Modinha, choro, maxixe, chorinho, samba, samba-canção, baião, marchinha, marchinhas de Carnaval, os Festivais de Música, a Jovem Guarda, rock, pagode romântico, duplas sertanejas utilizando eletrônicos, axé music, samba rock, samba reggae... Estilos que representam uma sequência dos ritmos noventistas brasileiros. Em 1939, uma das músicas mais populares de todos os tempos, *Aquarela do Brasil*, foi composta por Ary Barroso. O

samba-exaltação a um Brasil idealizado, com riqueza de orquestração, teve sucesso internacional, tendo sido interpretado por cantores de vários países do mundo, tanto líricos como populares. A década de 60 foi muito profícua no campo musical. Aliás, deve-se destacar que, em 1965, a música brasileira *Garota de Ipanema* de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, venceu duas categorias do Grammy internacional e é considerada a mais executada depois de *Yesterday* dos Beatles.

Na cena cultural do país, o teatro brasileiro figurou num lugar de destaque. Companhias nacionais surgiram a partir da década de 30, como, por exemplo, o *Teatro do Estudante do Brasil* (TEB), sendo reconhecido também internacionalmente. Entretanto, foi em 1943 que o teatro ganhou maior visibilidade, com a estreia da peça *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, com a direção do dramaturgo polonês Ziembinski. Hoje, nosso teatro contempla de monólogos a musicais, improvisos a clássicos. Curioso que, na década de 50, logo depois que a TV foi iniciada, teatro e TV se uniram e se deram muito bem. O público aprovou plenamente. Os ituanos mais velhos devem se lembrar do *Grande Teatro Tupi* exibido todas às segundas-feiras, às 22h, com a participação de grandes artistas, como Tônia Carrero, Cacilda Becker, Fernando Torres, Fernanda Montenegro, Nathalia Timberg, Sergio Cardoso e muitos outros. As peças teatrais, adaptadas para a televisão, eram de grandes dramaturgos internacionais e nacionais. A peça encenada ia ao ar, ao vivo, levando arte de alta qualidade ao numeroso público em suas casas. A TV era incipiente, mas sua produção era culturalmente enriquecedora. Bons tempos.

*“No dia 16 de setembro de 1961, no Salão Nobre do Instituto de Educação Regente Feijó, de Itu, era apresentada ao público ituano a peça teatral ‘O Interventor’, marcando a estreia do Teatro Experimental Ituano. Formado por um grupo entusiasta, disposto a dar à cidade grandes espetáculos (porque era imperdoável Itu não contar com um grupo teatral), o TEI foi para a luta. Luta árdua, crescendo aos poucos, deliciando plateias inteiras, não só em solo ituano, mas em quase em todas as cidades da região. Não podemos esquecer do lado filantrópico, sempre ajudando as instituições de caridade, levando inclusive, por muitas vezes, suas apresentações no Sanatório Pirapitingui. Durante sua existência, muitos nomes fizeram história nos palcos: Florindo Mobrize, Pedro Garavello, Edeval Ribeiro da Silva, Maria do Carmo Carneiro, Valdir Daldon, João Manoel Gonzales e tantos outros que seria impossível enumerar todos. O grupo tinha uma diretoria, um jornal informativo, uma biblioteca com livros de teatro e peças teatrais. O*

*fundador do Teatro Experimental Ituano e seu grande incentivador, Luiz Gazzola Sobrinho, já havia fundado, nos idos de 1957, o Grêmio Teatral Nossa Senhora da Candelária. Luiz Gazzola Sobrinho foi um apaixonado pelas artes teatrais. Juntamente com seu irmão Benedito Gazzola, que atuava como ator, sempre com brilhantismo, dedicou-se de corpo e alma para manter em Itu um grupo que fazia arte sem visar lucro. Foram centenas de peças apresentadas, inclusive nas escolas, nos bairros. O grupo participava de Festivais de Teatro, ganhando o Troféu Zaragoza, atribuído ao melhor conjunto participante do 'V Festival de Teatro de Sorocaba', sendo que o ator Antonio Carlos Dall'Óppio recebeu na ocasião o prêmio de melhor ator revelação do festival. Também as crianças eram lembradas: a peça infantil 'A Boneca e a Princesinha' ficou vários dias em cartaz.*

*A cidade de Itu já teve o velho Teatro São Domingos, os teatros Íris, Parque, Central, entre outros. O Colégio São Luiz também tinha seu grupo teatral. Verdadeiros artistas amadores, entre os quais podemos citar Silvio Assis Pacheco, Arcílio Borges, Totó Basilio, Adolfo Magalhães, Paulo de Assis, Juca do Arlindo, Anisio Belcufiné, Carlito Prado, Cice Prado, Maria Gianechini. Lidia Carrara Carminha Peres, Nenê Iarussi etc. Uma das mais antigas referências teatrais em nossa cidade é a 'Sociedade Dramática Beneficente de Ytu', fundada em 1894, cujo estatuto foi doado pelo senhor Cesário Pires de Camargo, em março de 1964, exemplar este que serviria de modelo para a criação do Estatuto do TEI.*

*O Grêmio Teatral N.S. da Candelária e o Teatro Experimental Ituano funcionaram, durante suas existências, no Salão Paroquial anexo à Igreja N.S. da Candelária. Os ensaios eram realizados todas às segundas, quartas e sextas-feiras, quando eram escolhidas as peças a serem apresentadas e atribuídos os papéis aos atores. Eram momentos de muita aprendizagem. Os espetáculos eram sempre apresentados aos sábados e domingos, contando sempre com a assistência de um bom público. Grupos de outras cidades e da capital eram convidados a apresentar-se em nossa cidade. Duas peças que deixaram boas recordações foram 'O Milagre de Anne Sullivan' e 'Noites brancas', de Dostoievisky, pelo Teatro Popular do Sesi, esta última com os artistas Arlete Montenegro, Jovelty Arcangelo e Marcus Toledo.*

*Hoje, na nossa cidade, outros grupos mantêm acesa a chama do amor ao Teatro."*

**Depoimento de Luiz Augusto Gazzola** – Professor, fez parte, juntamente com seus familiares, desta história.

| GRÊMIO TEATRAL N.º S.º DA CANDELÁRIA                                |          |                 |                 |
|---------------------------------------------------------------------|----------|-----------------|-----------------|
| Balancete da Peça levada nos dias 5 e 6 de abril                    |          |                 |                 |
| RENDA :                                                             |          | 8.010,00        |                 |
| DESPESAS                                                            |          |                 |                 |
| o leite para preparar tintas                                        | Doc. n.º | 26, 33, 18 e 20 | 53,00           |
| pregos e taxas                                                      | » »      | 10, 17, 51 e 55 | 74,00           |
| tintas                                                              | » »      | 19, 27, 43      | 300,00          |
| papel para cenários                                                 | » »      | 15 e 53         | 558,00          |
| bar Paulista                                                        | » »      | 34 e 40         | 315,00          |
| mercearia Paulicéia                                                 | » »      | 50 e 52         | 322,00          |
| madeiras                                                            | » »      | 23 e 45         | 270,00          |
| carretos                                                            | » »      | 24 e 31         | 75,00           |
| fazendas para o cenário                                             | » »      | 25 e 30         | 162,00          |
| vinagre e álcool                                                    | » »      | 28 e 29         | 38,00           |
| cordas para cenário                                                 | » »      | 31 e 42         | 510,00          |
| material de maquilagens                                             | » »      | 32, 33 e 54     | 377,00          |
| carro de aluguel (propaganda)                                       | » »      | 35              | 300,00          |
| balas para revólver                                                 | » »      | 36              | 30,00           |
| viagem a Salto (serviço)                                            | » »      | 37              | 64,00           |
| programas e entradas                                                | » »      | 41              | 670,00          |
| direitos autorais (SBAT)                                            | » »      | 44              | 200,00          |
| lanche para os amadores                                             | » »      | 46              | 450,00          |
| 1 par de luvas                                                      | » »      | 47              | 80,00           |
| material elétrico                                                   | » »      | 48              | 240,00          |
| polvilho para cola                                                  | » »      | 14              | 28,00           |
| fotografias                                                         | » »      | 49              | 410,00          |
| "A Federação" publ. balancete                                       | » »      | 56              | 200,00          |
| 50% da renda líquida para as obras da Paróquia                      |          |                 | 1.142,00        |
| depósito no Banco Comercial em nome do Grêmio N.º S.º da Candelária |          |                 | 1.142,00        |
|                                                                     |          |                 | <u>8.010,00</u> |

Itu, 13 de abril de 1959.

Júlio Cezar Volponi Filho  
Tesoureiro

Luiz Gazzola Sobrinho  
Diretor

VISTO: Pe. Dr. Benigno de Britto Costa  
Vigário da Paróquia

Página do jornal A Federação com balancete de grêmio teatral em abril de 1959.

Os esportes, por sua vez, deixaram de fazer parte apenas da elite e se popularizaram. A TV teve um papel importante para essa difusão.

A arquitetura moderna abandonou o *Art Nouveau* com suas linhas sinuosas e padrões florais e passou a elaborar desenhos arquitetônicos mais arrojados e menos rebuscados.

O uso do concreto armado viabilizou o aumento das construções e os arranha-céus, símbolo arquitetônico da paisagem urbana do século XX e expressão do movimento modernista: sem ornamento, enfatizando que a arquitetura antes de tudo devia servir à função. Porém, deixando de lado o funcionalismo exagerado, utilizando formas inovadoras, alguns modernistas se tornaram notáveis: Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Affonso Reidy, Attilio Correa Lima, Paulo Mendes da Rocha e o ituano João Walter Toscano, cujas obras são um marco da arquitetura do aço.

Ah! O século XX... Tinha possibilidade para ter sido o melhor século, mas não o foi. Era da “Revolução Tecnológica” e período de expansão da globalização, de muitos avanços, incluindo a diminuição do analfabetismo global... Entretanto, a tecnologia de informação e comunicação, disparou mesmo na segunda metade do século, pois, na primeira, todo o empenho esteve focado na área bélica, incluindo armas químicas, atômicas e pesquisas médicas antiéticas e inaceitáveis, nos campos de concentração e fora deles, durante e depois da guerra por diversas nações em habitantes de países subdesenvolvidos. Assim, o século XX se tornou conhecido, também, como um dos períodos mais violentos da História, época de grandes massacres, como: Genocídio Esquecido (Namíbia), Genocídio Congolês, e os extermínios oficialmente definidos pela ONU – Genocídio Armênio, Holocausto, Camboja, Holodomor, Massacre em Nanquim, Bósnia-Herzegovina, Ruanda (VESNEYAN, 2009).

*“A história do século XX se edifica sobre catástrofes, incertezas e crises... com ações e decisões que, desde 1914, constituíram o mundo dos anos 90, um mundo onde passado e futuro parecem estar seccionados do presente... abrindo as portas para um futuro incerto.” (Hobsbawn,1995)*

A *Primeira Guerra Mundial* (1914-1918), com estimativa de morte de 11 milhões de militares e 13 milhões de civis, foi resultado de inúmeros fatores, como disputas imperialistas, rivalidade econômica, expansionismo, ressentimentos por acontecimentos passados, questões nacionalistas e corrida armamentista. A Rússia abandonou a guerra, em 1917, devido à Revolução interna.

Depois da Primeira Guerra, houve um período muito curto de falsa paz, e até mesmo de otimismo exagerado, com muitas mudanças sociais e econômicas devidas à produção de petróleo, à mecanização e à grande recessão de 1929.

E foi essa grande crise econômica que desencadeou a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) com a Espanha dividida entre a Frente Popular ou Republicanos formada por socialistas, anarquistas e trabalhadores e a Frente Nacionalista, dos setores conservadores, que ocasionou cerca de 500 mil mortes. Mas, os espanhóis não estavam sós nessa luta. Os Nacionalistas receberam apoio da Alemanha e da Itália. Os Republicanos foram auxiliados pela União Soviética. Cada um desses países tinha seu interesse econômico: a Itália buscava ter na Espanha um cliente, a Alemanha tinha grande interesse no minério do Marrocos Espanhol, e a URSS, que fornecia armas e um empréstimo para o financiamento dessas armas, recebia o pagamento através de reservas de ouro do país, recebidas desde o início do apoio.

É bem assim. As guerras civis são sempre insufladas por outras nações cujos interesses vão muito além da fachada ideológica. Outras guerras civis mais recentes também atestam esta afirmação. E resta a pergunta – sem resposta: como seriam as guerras civis sem as interferências externas?

Logo após a I Guerra surgiu a maior pandemia do século XX – a Gripe Espanhola – responsável por 50 milhões de vítimas. No Brasil, em poucos meses, a pandemia ceifou a vida de 36 mil pessoas. Afetando alunos e professores, causou transtornos escolares semelhantes aos da recente Pandemia COVID. Para minimizar o problema, em 1918, o presidente interino Delfim Moreira determinou a aprovação de todos os estudantes brasileiros sem a necessidade dos exames finais. Um legado de aprendizagem sanitária e de saúde nos deixou a pandemia, assim como originou uma bebida popular em nossa história, a caipirinha, cuja base foi uma invenção piracicabana composta por cachaça, limão, alho e mel, muito utilizada para combater o atroz surto.

A *Segunda Guerra Mundial* (1939-1945), teve como detonador o expansionismo da Alemanha Nazista e sua convicção de supremacia da raça ariana. O expansionismo, também presente no fascismo italiano e no imperialismo japonês, propiciou a união dos três países formando as nações do Eixo. Para enfrentá-los, outros países (também expansionistas) se uniram, os Aliados – Reino Unido, França, posteriormente União Soviética e Estados Unidos – e dezenas de países, inclusive o Brasil. Aliás, houve adesões para os dois lados, incluindo resistência civil que foi se aparelhando e lutando. Um conflito que originou intensa espionagem bilateral, uso de armas potentes e inéditas como a bomba atômica. Sem um consenso sobre a imensa mortalidade, historiadores apontam 50 a 56 milhões, militares e civis; outros de 70 a 85 milhões de pessoas. GUTERRES, nono secretário geral da ONU, organismo mundial instituído no pós-guerra, com o objetivo de impedir outro conflito, em 2021, afirmou que “perderam a vida 40 milhões de civis e 20 milhões de soldados, quase metade russos”. Quando fundada, em outubro de 1945, a ONU tinha 51 países integrantes, hoje mais de 190, porém os objetivos de atuar pelo desenvolvimento mundial e pela manutenção da paz não estão sendo atingidos.

A participação dos pracinhas da FEB – Força Expedicionária Brasileira, na liberação de cidades italianas subjugadas pelos alemães, ainda é lembrada e comemorada na Itália, na *Festa della Liberazione*, ocasião em que as crianças cantam com orgulho o Hino da FEB em português, em Montese.

Os soldados brasileiros convocados, que não foram destinados ao *front*, compuseram a defesa da costa brasileira, em postos de vigilância ao longo do litoral, onde ocorreu a maior participação de pracinhas ituanos. E os milhares

de *Soldados da Borracha*, esquecidos? Transportados para a Amazônia, com o objetivo de extrair látex para a produção de borracha, a ser utilizada pelos Estados Unidos, em peças para a batalha, foram deixados à própria sorte na floresta, e metade deles sucumbiu. Os poucos que retornaram tiveram que fazê-lo por meio de recursos próprios, e só foram reconhecidos como combatentes em 1988 ([periodicos.ufpa.br/index.php/index/login](http://periodicos.ufpa.br/index.php/index/login)).

Após a II Guerra, os Estados Unidos e a União Soviética saíram como grandes potências mundiais antagonistas, com intenso e sofisticado esquema de espionagem, ocasionando a bipolarização mundial. Através de suas instituições de segurança nacional – a CIA e a KGB – criaram a chamada Guerra Fria. *“Uma era que, mais do que qualquer outra, moldou o mundo em que vivemos.”* (GADDIS, 2021). Os Estados Unidos acentuaram sua influência econômica e o inglês se tornou uma língua mundial, substituindo o francês, inclusive nas grades curriculares do ensino. A Guerra Fria foi analisada por filósofos de várias correntes e, entre as críticas, destacam-se: o consumismo como alienante no Ocidente e a sujeição do indivíduo pelo Estado no bloco soviético. Os dois países deixaram grande mancha em suas imagens, como o lançamento das bombas atômicas americanas sobre civis japoneses e milhões de mortes registradas na implantação e manutenção da União Soviética.

Pensava-se que os horrores da Guerra afugentariam qualquer ideia a respeito de conflitos belicosos. Ideia de pacifista ou de quem sofreu diretamente as consequências desses desastinos... Engano pueril...

Logo no início do Pós-Guerra, já surgiu a *Guerra da Coreia* (1950-1953) e em seguida a *Guerra do Vietnã* (1959 a 1976). Em ambas, uma facção teve o apoio da Rússia e China e outra, dos Estados Unidos.

De 1979 a 1989 aconteceu a *Guerra do Afeganistão*:

*“A União Soviética foi grande parceira do Afeganistão, fornecendo armamentos e treinamento militar, mas a parceria foi abalada, com a reforma agrária, o ensino laico e a entrada de mulheres nos quadros políticos do país, medidas interpretadas pelos conservadores como ameaça ao Islamismo... além da invasão dos soviéticos para colocar um presidente de sua confiança no Afeganistão. Foi desencadeada a jihad (guerra santa), em que os grupos islâmicos pegaram em armas... e a luta se estendeu por dez anos...”*

*“... esses grupos contaram com o apoio dos Estados Unidos no fornecimento de armas e treinamento militar.”*

*“As últimas unidades do exército soviético retiraram-se do território afegão em fevereiro de 1989, com baixa de 15.000 soldados... A instabilidade e*

*destruição causadas por anos de guerra levaram à morte mais de um milhão de afeganes. Além disso, o apoio financeiro e militar americano para os rebeldes teve uma consequência grave. Surgiram dois dos maiores grupos fundamentalistas islâmicos: a Al-Qaeda e o Talibã, entre os afegãos.”*  
(FREMONT-BARNES,2012)

Além das guerras, aconteceram várias revoluções. As principais foram a *Revolução Russa* (1917), a *Chinesa* (1949-1952) e a *Revolução Cubana* (1959) que implantaram o comunismo e influenciaram outras nações; a *Revolução Iraniana* (1979), que instaurou um regime islâmico, alterou profundamente a geopolítica do Oriente Médio e influenciou movimentos políticos islâmicos em todo o mundo. Genocídios também aconteceram durante o século XX. Não podem ser esquecidos: o Massacre de Nanquim pelos japoneses, a limpeza étnica dos armênios pelos otomanos, o Holocausto que buscou exterminar os judeus na Europa e o Massacre Polônês, pelos nazistas, os extermínios no Camboja pelo Khmer Vermelho, os milhões de mortos pela fome durante o Regime de Mao, o Homolodor na Ucrânia, o Massacre em Ruanda... E a lista continua...

O leitor deve estar perguntando sobre o motivo dos relatos sobre guerras e genocídios, num livro de História da Educação. São vários, os motivos. O primeiro deles, é avivar a memória sobre esses acontecimentos, que deixaram rastros para o entendimento histórico. Por outro lado, os acontecimentos trágicos elencados nos fazem indagar: que educação o mundo tem realizado?

*“As pessoas educam para a competição e esse é o princípio de qualquer guerra. Quando educarmos para cooperarmos e sermos solidários uns com os outros, nesse dia estaremos a educar para a paz.”*

**Maria Montessori**

O século XX, embora uma época conflituosa e até mesmo dramática, é também considerado um período transformações positivas. Nessa vertente, é conhecido como **século das mulheres, das pessoas com deficiência e das crianças**. Houve um verdadeiro renascimento social das mulheres, com muita luta e tenacidade, no mundo todo.

No Brasil, segundo o Tribunal Regional de Goiás, destacam-se as seguintes datas relevantes às mulheres:

**1879** – Direito ao acesso a faculdades (lei outorgada em 1827).

**1910** – Primeiro partido político feminino, o Partido Republicano Feminino, cuja maior proposta era conseguir o voto das mulheres.

**1932** – A lei era de 1927, mas, o Código Eleitoral Brasileiro garantiu o voto Feminino somente em 1932, com ressalvas: voto facultativo, e só poderia votar ou ser votada a brasileira casada, com aval do marido, e solteira ou viúva com renda própria. Presença de uma atleta brasileira na Olimpíada.

**1934** – O voto feminino esteve presente na Constituição, sem as determinações anteriores, mas facultativo.

**1946** – O voto passou a ser obrigatório também para as mulheres.

**1962** – O Estatuto da Mulher Casada possibilitou que as mulheres casadas não precisassem mais de autorização do marido para trabalhar. Adquiriram direito a herança e de pedir a guarda dos filhos, em caso de separação. Além disso, a pílula anticoncepcional chegou ao Brasil e as mulheres tornaram-se mais independentes no controle da natalidade.

**1974** – Direito de portarem um cartão de crédito.

**1977** – Aprovação da Lei do Divórcio.

**1979** – Direito a jogar futebol, com regulamentação da lei em 1983.

**1985** – Criação da primeira Delegacia da Mulher.

**1997** – Cotas políticas; mínimo de 30% de mulheres candidatas.

**1988** – Mulheres iguais aos homens na Constituição.

Evolução houve, mas a igualdade, apregoada na constituição, ainda está distante. A ONU aponta que 90% da população mundial tem preconceito em diversas áreas e as agressões físicas às mulheres, bem como o alto índice de feminicídios indicam um espinhoso e assustador trajeto a percorrer.

Impossível negar, também, os avanços relativos às *peessoas com deficiência*.

Em 1985, a Assembleia Geral das Nações Unidas lançou um programa de ação mundial para as pessoas com deficiência, recomendando: quando for pedagogicamente factível, o ensino da pessoa deve acontecer dentro do sistema escolar (GUELBERT, 2007, p. 34-35). O movimento de inclusão começou por volta de 1985, nos países mais desenvolvidos, tomou impulso na década de 1990 nos países em desenvolvimento e se desenvolverá fortemente nos primeiros 10 anos do século XXI, envolvendo todos os países (SASSAKI, 1997 apud MINETTO, 2010, p. 47).

No Hospital Nacional de Alienados, Rio de Janeiro, em 1904, foi criada a Escola de Crianças Anormais. Em Franco da Rocha, no ano de 1921, foi criado o serviço de menores, dando origem ao primeiro núcleo de classes especiais em nosso estado. Já em 1926, Tiago Wurth fundou a escola Pestalozzi em Canoas (RS), primeira instituição não governamental para educação especial na área da deficiência mental. Fundada em 1955, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE – passou a promover e a defender os direitos das pessoas

com deficiência mental (FACION & MATOS, 2009, p.144). Interessante constatar que as associações como a APAE e a AMA (Associação de Amigos do Autista) foram fundadas e se estruturaram, sobretudo, com a participação e luta de pais preocupados em contar com apoio e suporte de uma instituição para atendimento de seu filho com Síndrome de Down ou outro problema mental ou autista. Em 1991, a Lei de Cotas estabeleceu uma cota de contratação de pessoas com deficiência em empresas com 100 ou mais funcionários (*ecidadania*).

Em Itu, temos as presenças atuantes da APAE e do Instituto Santa Luzia.

### **A Infância**

O início do século despertou no Estado a necessidade de se importar com a criança, e a educação ser uma questão pública. No Brasil, o Código de Menores, de 1927, ou Código Mello Mattos (nome do primeiro Juiz de Menores do Brasil e da América Latina) foi a primeira lei a abordar o tema criança e adolescente e a estabelecer a idade penal para 18 anos. Mario de Andrade, enquanto Diretor do Departamento de Cultura, nos anos 30, estruturou parques infantis, que ofereciam atividades para crianças de 3 a 6 anos e de 7 a 12 anos fora do horário escolar. Nos anos 40, na Era Vargas, foi promulgada uma lei instituindo que toda instituição, com mais de 30 mulheres trabalhando, deveria manter uma creche. Durante esse período, foi criado o Departamento das Crianças, concentrando o enfoque nas crianças pequenas. A idade penal diminuiu para 14 anos. Nos anos 50, instituições assistencialistas foram criadas: LBA (Legião Brasileira de Assistência), UNICEF (Fundo das Nações Unidas pela Infância), OMEP (Organização Mundial de Educação Pré -Escolar).

No Brasil, anos 60, houve preocupação com as questões relacionadas com o fracasso escolar no primeiro grau apontadas na Educação Compensatória. Em 1964, foram criadas a FUNABEM (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor) e a PNBEM (Política Nacional do Bem-Estar do Menor) que originaram as FEBEM estaduais. Nos anos 70, eclodiram muitos movimentos a favor de creches, acreditando-se que resolveriam os problemas sociais. Em 1979, houve outro Código de Menores. Ambos se preocuparam com menores de 18 anos abandonados ou que tivessem cometido algum delito.

Em destaque, o artigo 227 da Constituição Brasileira de 1988: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. Na

mesma Constituição, a creche passou a ser um direito da criança e um dever do Estado e, em 1989, a ONU aprovou o tratado *Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças*, ratificado pelo Brasil em 1990, através do ECA – *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Nessa década, a Educação Infantil foi considerada como a primeira etapa da Educação Básica (UNICEF, 1989).

Importante destacar a continuidade do movimento renovador da pedagogia, iniciado no século anterior, agora com suporte na Filologia, Linguística, na Psicologia, na Medicina e em outros campos do conhecimento, classificados por Maria da Glória de Rosa, 1974, em três momentos:

- 1 • *Criação das primeiras escolas novas, no final do século XIX.*
- 2 • *Formulação de novas teorias de educação: Ensino pela Ação – John Dewey, 1931, Estados Unidos; Escola de trabalho, Georg Kerschensteiner, Alemanha, 1912; Educação Funcional de Claparede, Suíça, 1931.*
- 3 • *Criação e Consolidação dos métodos da Escola Nova.*
  - 3.1 • *Métodos predominantemente globalizadores: Centros de Interesse – Ovidio Decroly; Método de Projetos – Kilpatrick; Complexos Russos – Blonsky; Método Sintético – Braune, Krueger, Rauch.*
  - 3.2 • *Métodos que diferenciam o ensino: Sistema de Mannheim – Sickinger; Grupos Móveis – Claparède.*
  - 3.3 • *Métodos que individualizam o ensino: Método Montessori, Autoeducação de Madame Deschamps; Escola Serena de Lombardo Radice; Método MacKunder, Plano Howard, Plano Dalton.*
  - 3.4 • *Métodos de trabalho em equipe: Sanderson de Oundle, Método Cousinet, Plano Jena.*
  - 3.5 • *Métodos predominantemente socializadores: George Junior Republic, Cooperativa Escolar de Profit. Comunidades Escolares – Wyneken, Scharrelman, Paulsen.*
  - 3.6 • *Outras escolas de ensaio e reforma: Sistema Winnetka – Carleton Washburn; Técnica de Freinet – Defendia a existência de uma estrutura curricular, partindo da realidade da criança, a participação dos alunos na construção dos conhecimentos e ressaltando a importância da mediação entre professor e aluno; a ênfase ao texto livre, leitura coletiva; a revista escolar, planos de trabalho, as conferências, bibliotecas de trabalho, a assembleia em sala de aula e a correspondência escolar (“Redalyc. PEDAGOGIAS DO SÉCULO XX”).*
  - 3.7 • *Trabalho e jogo dirigidos: Escola de Fairhope, de Marieta Johnson e City Country School de Carolina Pratt. Atividades dirigidas extracurriculares: Escotismo, Wandervogel, Campos Infantis José Mart.*
  - 3.8 • *Escola duplicada – Sistema Gary e Escolas de Detroit (Platon System).*

Além dos acima citados, merecem destaque:

A.S. Neill (1883-1973) pregava que a educação deveria ter como finalidade última a liberdade e a felicidade das pessoas. A Escola de Summerhil, muito diferente de todas as propostas pedagógicas existentes, era classificada como libertária ou anarquista (GIUNGI e CASTANHO, 2006).

A.S. Makarenko (1888-1939), soviético, fundamentava sua pedagogia sob três princípios: na coletividade, no trabalho produtivo e na autoridade carismática de cada educador. A personalidade comunista deveria ser formada. Os jovens da Colônia Gorki e da Comuna Dizerzinski dedicavam quatro horas ao trabalho produtivo e cinco horas ao trabalho escolar.

Lorenzo Milani (1923—1967), padre e educador italiano, em sua Escola Barbiana, vizinha a Florença, de tempo integral, propunha três princípios fundamentais: todo mundo tem o direito de saber, o saber serve para participar, e é preciso participar para construir um mundo mais justo, assentando base para uma educação libertadora e de qualidade. Em Barbiana a participação ocupava o centro do ensino e esse era solidário, pois os alunos mais dotados ensinavam os menos dotados. Milani enfatizava que “*a escola deve ser política, mas não deve ser sede de um partido*”, pois, “*o poder faz de todo o possível para garantir súditos obedientes*” (repositório.usp.br).

Francisco Ferrer i Guàrdia, um sinônimo para a educação popular: o catalão fundou, no início do século XX, sua *Escuela Moderna*, em Barcelona, onde propunha educação laica para ambos os sexos, para todas as classes sociais juntas, com uma proposta pedagógica fortemente calcada nas ciências naturais, mas atenta aos problemas sociais, visando a liberdade, solidariedade e justiça. Organizou uma biblioteca popular nos trens. Sua escola era bem decorada, mas ocorriam também aulas fora, em fábricas, na praia, no jardim ou outros lugares que pudessem facilitar a compreensão e a ampliar as percepções dos alunos. Editava seus próprios livros didáticos. Foi preso, condenado e executado em 1909.

*“O futuro há de brotar da escola. Tudo que for edificado sobre outra base está construído sobre areia. Mas, por desgraça, a escola pode tanto servir de cimento para os baluartes da tirania quanto para os castelos da liberdade. Deste ponto de partida podemos arrancar tanto a barbárie quanto a civilização.”* (FERRER Y GUARDIA, 1912, in GONÇALVES, 2009)

Paulo Reglus Neves Freire (1921—1997), educador e filósofo brasileiro, pernambucano, socialista cristão, patrono da educação brasileira, influenciou a pedagogia crítica. Em seu primeiro livro, *Educação como prática de liberdade*,

considera o homem como um ser inacabado, que está no mundo integrado em seu contexto para intervir nele e assim transformar o mundo. Acreditando que a finalidade da educação dialógica é “*alcançar a libertação de toda realidade opressiva, de toda injustiça*”, propôs uma educação transformadora que se fundamenta na práxis política e cultural. Em sua metodologia, propõe sempre partir dos conhecimentos que os alunos já possuem, por sua história de vida e do contexto social em que estão inseridos. Realizou experiências em educação e alfabetização popular de adultos que inspiraram o *Plano Nacional de Alfabetização*, da época de João Goulart. Foi influenciado pelo personalismo de Mounier, pelos fenomenológicos existencialistas, principalmente Jaspers, pelos pensadores Marx e Gramsci e pelos teóricos da Teoria Crítica, Fromm e Marcuse. Reconhecido mundialmente, seu livro *Pedagogia do Oprimido* é referência internacional e terceiro texto mais citado em Ciências Sociais (FUKS,2022).

Necessário se faz apontar os pensadores que influenciaram significativamente a educação, através de suas Teorias Psicogenéticas, segundo La Taille et all (1992).

Jean Piaget (1896—1980), um dos mais originais psicólogos do século XX, nunca pretendeu ser pedagogo. Sua teoria, o Construtivismo, explica o desenvolvimento da inteligência investigando como se constrói o conhecimento. Entendia a inteligência não como um estado, mas como um processo sequencial que depende do meio ambiente e do próprio indivíduo. Para Piaget o pensamento infantil passa por quatro estágios de desenvolvimento: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), operatório concreto (7 a 11 ou 12 anos) e o operatório-formal, a partir do início da adolescência, quando o indivíduo atinge a plena capacidade de raciocínio.

Lev Vygotsky (1896—1934), em sua Teoria Histórico-Social, ou Sócio Construtivismo, afirma que o desenvolvimento do indivíduo é o resultado de um processo sócio-histórico, em quatro fases, enfatizando o papel da linguagem e da mediação por outros sujeitos. A dialogia é sustentada pela afirmativa de que, sendo o sujeito da aprendizagem interativo, é na troca com outros sujeitos que o conhecimento e as funções sociais são assimilados (dialogia). Assim, todas as funções psicológicas do indivíduo têm origem social.

Henri Wallon (1879—1962), com sua Teoria da Psicogênese da Pessoa Completa, afirmava que a pessoa deveria ser compreendida de forma holística, integral e dividiu o processo de desenvolvimento em cinco estágios. Segundo Wallon, o desenvolvimento só é possível através de três dimensões psíquicas: a motora, a cognitiva e a afetiva, estando a última envolvida em todos os estágios.

A magnitude de pensadores que direta ou indiretamente influenciaram a educação do século XX está disponível em livros, revistas científicas e educacionais, Internet, ricos trabalhos universitários, entrevistas etc. É importante um conhecimento da essência das teorias desses autores, para fundamentar a formação e a prática dos profissionais da educação.

### **O Brasil e a República Velha**

“O império, ao se desmoronar, deixou insolúvel os dois maiores problemas nacionais: a organização do trabalho livre e o da educação.” (RIBEIRO, 2001, p.80), sem falar nas péssimas e indescritíveis condições de vida dos africanos recém libertos, além da falta de representatividade política do governo, em relação à população, pois a república era atrelada à elite dos cafeicultores. Assim, surgiram algumas rebeliões envolvendo carência e reivindicação social: a *Guerra de Canudos*, a *Revolta da Vacina*, a *Revolta da Chibata*, a *Guerra do Contestado*, a *Revolta Tenentista* em 1922.

Ainda em 1922 foi criado o PCB, Partido Comunista Brasileiro, que, em 1935, deflagrou a *Intentona Comunista*, liderada por Luís Carlos Prestes. De 1931 a 34, Prestes residiu na União Soviética, onde recebeu treinamento militar, formação ideológica e política, pretendendo instalar no Brasil o regime soviético, contando com o apoio de militares e de civis. Batalhas ocorreram em Natal, Recife e Rio de Janeiro. Os insurgentes foram derrotados pelas tropas do General Eurico Gaspar Dutra. Aproximadamente 120 pessoas perderam a vida, 300 ficaram feridas e muitos foram presos.

Em 1932, foi a vez da *Revolução Paulista*, a primeira grande rebelião contra a administração de Vargas. Tudo começou com a *Revolução Liberal* de outubro de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder em caráter provisório, mas com amplos poderes. A Constituição foi abolida, assim como todas as instituições legislativas, desde o Congresso Nacional às Câmaras Municipais. As elites paulistas buscavam reconquistar o comando político que haviam perdido, e motivaram a população, com a convocação de eleições e a promulgação de uma Constituição, embora houvesse separatistas entre eles. A adesão dos militares e civis paulistas atingiu 200.000 pessoas, incluindo grande participação feminina, desde o suporte médico e assistencial aos feridos, à produção e logística bélica e à alimentação dos 60.000 soldados. Segundo o *Jornal de Itu*, 300 jovens ituanos se juntaram para formar o *3º Batalhão de Caçadores Voluntários Paulistas*.

Estimativas não oficiais reportam 2.200 falecidos nos três meses de batalha. Apesar da derrota, politicamente o movimento atingiu seus objetivos, pois,

em 1933, as eleições foram realizadas e, no ano seguinte, foi promulgada a nova Constituição, que teve uma validade efêmera, suspensa em 1937 com o golpe do Estado Novo. Além dos monumentos e museus na capital paulista, da casa do estudante Mario Martins de Almeida, em São Manuel (SP), um dos estudantes cuja morte originou a sigla MMDC, há a atração turística *Caminhos da Revolução de 32* em Águas da Prata. Em Passa Quatro, cidade mineira frente ao túnel da Mantiqueira, em contraponto com a cidade paulista de Cruzeiro, encontra-se no museu local, muitas informações sobre a Revolução Paulista, a atuação mineira favorável a Getúlio, bem como do médico de campanha Juscelino Kubitschek, futuro presidente do país. No referido museu consta que Juscelino disse, ao final do confronto, que, no que se refere à Constituição, “os paulistas tinham razão.”

Instituir e solidificar a República não foi simples, e parece ainda não o ser. Uma incidência de presidentes que não concluíram seu mandato, desde o início, atestam esta afirmação. A lista dos não concluintes no governo segue ao longo da história brasileira, que vive em constantes crises políticas pela disputa do poder. O poder, que é desnudado nas obras de análise política e social de Maquiavel.

As crises, as discontinuidades, a negação do que outro governo possa ter feito de bom, não contribuem para a solução dos graves problemas nacionais, nem os educacionais. A *Primeira Constituição Republicana* (1891) defendia um ensino público gratuito, laico para todos em idade escolar e a adultos, e até instituiu o Ministério da Instrução Pública, tendo como ministro o professor positivista Benjamin Constant. Leôncio Basbaum, citado por Ribeiro, 1987, p.77, afirma que “em 1889 os alunos matriculados correspondiam a cerca de 12% da população em idade escolar, em 1930 já havia subido a cerca de 30%”.

Em 1907, predominava o tipo de escola primária com uma classe que agrupava os alunos de vários níveis com um só professor. Ainda Ribeiro, mesma página: “As escolas dessa época, além de poucas, apresentaram o problema de baixa frequência e duração variável – 1 a dois anos - e pouquíssimos, menos de 10%, concluíam o curso de quatro anos.”

No governo de Campos Sales, 1901, Eptácio Pessoa, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, que abrangia Educação e Saúde Pública, propôs uma reforma do ensino, firmando a estrutura seriada na educação nacional, enfatizando a formação secundária, e reimplantando o exame de madureza. Porém, com a Reforma Rivadávia Correia, de 1911 a 1915, o Governo do país se desvinculou da responsabilidade pelo ensino. Mesmo com o caos existente na época, para São Paulo, um grande fato aconteceu: a criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia, em 1912, na capital paulista.

O Arquivo do Estado de São Paulo, em documentação sobre a Educação em nosso Estado, em Anuários, (p.418-439) fornece as seguintes informações sobre as escolas existentes em 1917, em Itu: Grupo Escolar Dr. Cesário Motta funcionava em dois períodos, com 22 classes e capacidade para 468 alunos; Grupo Escolar Convenção, com 14 classes, operava também em dois períodos, com 507 alunos matriculados, mas havia muita evasão escolar; três escolas isoladas noturnas, sendo duas para adultos e uma para menores. O número de escolas rurais era bem maior que das escolas urbanas, nesse período da cultura cafeeira, com muitos trabalhadores rurais, sobretudo imigrantes e seus descendentes. Nas fazendas Olhos d'Água, Nova América, Tapera Grande, Piraí, Apotribu e Pinheirinho havia uma escola masculina e, no Jacuhu, duas. Escolas rurais femininas existiam nos bairros Pinheirinho, Pedregulho e Jacuhu. Escolas mistas eram predominantes, encontradas nas fazendas Floresta, Olhos d'Água, Nova América, Ingá Mirim, Sitio Grande, Pedra Azul, Taquaral, Boa Vista, Paula Souza, Misericórdia, Sant'Anna, Concórdia, Santa Cruz, Estação Dona Catarina e Estação Pirapitingui. Itu contava com dois exemplos magníficos de escolas particulares católicas, hoje não mais existentes. O Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, fundado em 1859 por Madre Teodora Voiron, da Congregação de São José de Chambéry, foi o primeiro dedicado à educação feminina em nosso estado, e atraía para seu internato jovens da elite de todo Estado de São Paulo e de outros estados. Infelizmente, encerrou suas atividades no final dos anos 60. Para meninos e jovens, havia o Colégio São Luís, de jesuítas, renomado pela alta qualidade de ensino ministrada desde 1867. Referência em educação, era equiparado ao Colégio D. Pedro II, do Rio de Janeiro. Mas, em 1918, foi transferido para a Avenida Paulista, em São Paulo. Itu sofreu uma grande perda, o São Luís deixou um vazio em nossa cidade, pela qualidade de ensino, pelo seu pioneirismo na introdução do futebol e realização de concertos, espetáculos, clubes de leitura, excursões...

Souza (1998, p.101) apresenta o *Recenseamento Escolar de 1920*, no Estado de São Paulo: 547.975 crianças em idade escolar; 175.830 em escolas públicas ou privadas; o restante, 67,9%, não frequentava escolas e 74,2% das crianças eram analfabetas.

Ainda em 1920, Antônio Sampaio Dória assumiu a Diretoria da Instrução Pública do Estado de São Paulo. Reduziu o ensino primário a dois anos de duração e a duas horas e meia de aulas diárias. Acreditava ser possível, assim, acelerar o processo de alfabetização e de escolarização pública, mas, o que conseguiu foi piorar muito a situação, verdadeiro desastre.

Em 1927, foi regulamentada a duração dos cursos, sendo quatro anos para os grupos escolares, três anos nas escolas isoladas e reunidas urbanas e dois

anos nas escolas rurais. Os grupos escolares contavam com uma arquitetura magnífica. As escolas reunidas, onde funcionavam duas ou três classes, eram mais simples; e as isoladas, por sua vez, eram constituídas por pequenas edificações, sendo que, nas rurais, a escola possuía, muitas vezes, o quarto para o professor ou professora, anexo à sala de aula. Diferentes tipos de escolas, destinadas a diferentes grupos sociais.

### **Início da Era Vargas**

No período chamado Governo Provisório, de 1930 a 1934, devido a inúmeras transformações urbanas e rurais, a educação chamou atenção, e foi criado o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, em 1931. O ministro Francisco Campos reformou o Ensino Secundário, estabelecendo normas gerais para todos os ginásios do país, com duração de seis anos e instituiu o exame de admissão para a entrada nos ginásios, que perdurou oficialmente até 1971. Para o ingresso no primeiro ano ginasial, o decreto estabeleceu as seguintes condições: o candidato deveria ter idade mínima de 11 anos; ser aprovado no exame de admissão e ter classificação suficiente em relação ao número de vagas; a inscrição só poderia se realizar mediante requerimento, atestado de vacinação antivariólica e recibo de pagamento de taxa de inscrição, além de ser limitada a um único estabelecimento de ensino (art.18 a 23, do Decreto nº 19.890, de 18/04/31). Introduziu um sistema de inspeção escolar e organizou o ensino superior, adotando o sistema universitário. A reforma estabeleceu quatro anos no curso primário dos grupos escolares, e três anos nas escolas isoladas do estado, independentemente da localização geográfica. O calendário escolar seguia uma cronologia civil, religiosa e cívica estabelecendo, para o ano letivo, jornada de cinco horas por dia, seis dias por semana (aulas aos sábados), com meia hora de recreio. Para as classes masculinas, os grupos escolares funcionaram de manhã e à tarde para as classes femininas.

No mesmo ano em que foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, a Secretaria do Interior foi transformada em Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública de São Paulo. Formar as 21 Delegacias Regionais de Ensino do Estado de São Paulo, com a missão inicial de inventariar todo o sistema escolar paulista, foi uma das primeiras diligências. Os 68 relatórios elaborados, de 1933 a 1944, detalhando a consolidação e mecanismos do ensino nos municípios do Estado se encontram disponíveis no *APESP: Arquivo Público do Estado de São Paulo*.

Em 1932, 26 intelectuais brasileiros, entre eles Lourenço Filho e Anísio Teixeira, assinaram o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, elaborado por

Fernando de Azevedo. Romanelli, 2007. p.150, afirma que “*criticando o sistema de ensino tradicional, influenciado pelos fundamentos da Escola Nova e pensamentos de John Dewey, o Manifesto reivindicava também a escola pública, gratuita, obrigatória e leiga, mudanças totais e profundas na estrutura do ensino brasileiro*”.

Com grande empenho dos municípios e das elites locais, o processo de expansão dos ginásios oficiais no Estado de São Paulo instituiu novos estabelecimentos de ensino nos municípios de Araraquara, Itu, Taubaté e Catanduva. Em Itu, em 16 de maio, foi criado o Ginásio do Estado Regente Feijó, grande ícone da educação pública em nosso município.

A partir de 1933, os ginásios passaram a ser denominados Colégio Estadual. Para esses colégios, foram estabelecidos currículo seriado, frequência obrigatória, os níveis ginásio e secundário, sistema rígido de avaliação e outras normas.

De 1934 a 1937, temos o período do Governo Constitucional da Era Vargas. A Constituição de 1934, elaborada por uma Assembleia Constituinte, determinou um aumento do percentual aplicado para a educação e atendeu a reivindicação católica de ensino religioso. A Carta Magna foi suficiente para uma ampliação das unidades escolares e sua organização (INEP, 1939), mas insuficiente quanto à transformação escolar, pois o alto índice de reprovação continuou. Enquanto isso, 87% das unidades escolares ainda funcionavam como escolas isoladas em 1937 (Estatística do Ensino: 1940, 1971).

Mesmo carente de infraestrutura adequada e de recursos materiais e humanos, a escola rural isolada representou, para as comunidades do campo, modernidade e acesso à cultura escrita, além de alimentar esperanças de melhoria das condições de vida dos filhos e das famílias. Havia, também, a necessidade da aculturação dos imigrantes. Estes, por sua vez, pleiteavam escolas para seus filhos, porém tinham um comportamento conflitante: no início do segundo semestre, as crianças não voltavam à escola, pois deviam trabalhar, auxiliando a família na “colheita”, como “catadores de café”.

Como a classe era formada por alunos de primeira, segunda e terceira séries, antes da entrada dos alunos, os professores de escolas isoladas escreviam no quadro-negro os exercícios destinados às diferentes turmas, de modo que enquanto trabalhasse com uma delas, todas as outras executavam suas próprias tarefas.

Numa tentativa de fixar o brasileiro na zona rural, que já começara a buscar emprego em fábricas e residir em cidades, incluindo-se Itu, o piracicabano Sud Mennucci, educador, geógrafo, sociólogo, jornalista e escritor, em 1932, propôs a *Reforma do Ensino Rural Paulista*. Algumas de suas proposições foram: a educação para o trabalho agrícola, método de ensino baseado na realidade e necessidades do campo, valorização do professor da zona rural, bem como sua formação

específica com a criação de Escolas Normais Rurais com características especiais pedagógicas, sanitárias e higiênicas, com ações que incidiam na melhoria do cultivo e consequente aumento de produtividade (MENUCCI, 1946, p. 141-142). É reconhecido como nosso “Precursor da educação no campo”.

Nessa perspectiva de melhorar a vida no campo, o professor, jornalista e escritor sorocabano Renato Sêneca Fleury (1895—1980), formado na escola Normal Caetano de Campos, publicou a cartilha *NA ROÇA* através da editora Melhoramentos de São Paulo, com edições de 1935 a 1958. O autor explica brevemente, no próprio livro, o método utilizado na cartilha, “*um método misto de análise e síntese, abrangendo a sentencição, a palavração, a silabação e a deletreação, proporcionando resultados rápidos e seguros*”. As lições tratavam de temas relacionados a aspectos da vida na zona rural e a animais que nela vivem e, no final, apresentavam ensinamentos gerais e nacionalistas, tais como os meses do ano e as datas comemorativas brasileiras. Com intensa atuação no magistério paulista, Fleury, além de professor, foi diretor organizador de ginásios estaduais de Itu e de Ribeirão Preto. Membro da Academia Brasileira de Literatura Infantil, ocupou a cadeira de Monteiro Lobato. Integrante da Academia de Letras de São Paulo, recebeu, em 1959, o primeiro prêmio Jabuti de literatura infantil (MESSENBURG, 2008). Sua imensa obra abrange diversas biografias de personagens brasileiros, além de muitas outras destinadas ao público infantil.

Foi possível entrevistar algumas pessoas que estudaram em escolas isoladas rurais ou que ouviram relatos de seus pais e avós. Os depoimentos, a seguir, demonstram que, em meio às dificuldades existentes e excludentes, até mesmo certas vezes humilhantes, o empenho pessoal do profissional, mulheres em sua maioria, bem como o interesse e a motivação dos alunos, sobrepujaram os problemas, no que diz respeito à alfabetização.

Dona Paloma Moreno, entrevistada no dia 12 de dezembro de 2023, contou sobre sua experiência e o que ouviu falar em sua família:

*“Meu avô veio criança da Espanha, perto de Córdoba. Era filho de camponês e frequentou a escola rural do Bairro Pirai, em Itu, durante um ano. Seu pai, analfabeto, queria muito que ele estudasse para ‘ser alguém na vida’ e bem-sucedido. Minha mãe dizia que meu avô, ainda adolescente, era o consultor de toda família, quando o assunto envolvia leitura e escrita. Ele alfabetizou uma de suas irmãs, interessada em aprender a ler e que não havia frequentado a escola. A escola rural foi muito boa para meu avô, que sempre manifestava, em suas conversas com os netos, gratidão pelo professor e seus ensinamentos. A família mudou-se para a cidade, para que meu avô continuasse os estudos*

*do curso primário e seu irmão caçula estudasse no Grupo Escolar Cesário Motta e os demais trabalhassem numa fábrica. Mudaram-se logo para São Paulo. Meu avô continuou os estudos e fez um curso comercial, enquanto trabalhava, onde fosse possível. Depois do curso, trabalhou como Guarda Livros (como se denominava o contador, na época). Casou-se com minha mãe, em São Paulo. Eu fui uma filha temporã. Fiz várias visitas a Itu.”*

**Paloma Moreno** – 89 anos, paulistana, do lar, viúva, reside em São Paulo, no Bairro Cambuci, 3 filhos, 4 bisnetos.

O depoimento de Dona Deolinda Porusin também é impactante. Aos 95 anos, lúcida e com uma memória rica em detalhes, uma linguagem de fazer inveja a muita gente, conta que seu irmão mais velho foi aluno da escola rural isolada no Pinheirinho.

*“Meus quatro avós vieram da Itália. Uma família foi para Mogi Mirim, e os Porusin para Itu, onde muito trabalharam em fazendas de café, incluindo as crianças, que eram responsáveis por levar água, café, almoço aos familiares na roça, capinar as ruas do cafezal ou trabalhar na colheita. Assim, com muita economia, trabalho e empenho, as duas famílias, lado paterno e materno, adquiriram sua primeira terra nos anos 20. Como as terras em Itu eram muito caras e um pouco desgastadas, foram para a região de terras roxas, mais produtivas e resistentes, na região de Jaú, onde compraram seu sonhado pedaço de terra. Mais tarde, as famílias se encontraram, pois, ambas compraram glebas na região de Inúbia. As terras foram vendidas, depois que meu pai faleceu e os quatro filhos compraram terras no Mato Grosso. As filhas tiveram menor parte na herança, como era ainda costume na época. Uma grande particularidade é que meus dois avós não eram analfabetos, as avós, sim. Seus filhos frequentaram poucos meses as escolas rurais, mas se tornaram grandes leitores de jornais. Lembro-me bem que, depois do jantar, ele lia atentamente jornais e até romances que vinham em encartes nos jornais. Assim que seus filhos frequentavam seis meses de escola, terminando a cartilha e iniciando o primeiro livro, já os requisitava para o trabalho no sítio.*

*Eu mesma frequentei apenas só esse tempo na escola rural, perto de Jaú, nos anos 30. A professora era um amor de pessoa, uma afrodescendente, eu acho, pois era bem morena. Era muito simpática e muito atenta a cada aluno, mas enérgica e, muitas vezes, colocava os desobedientes de castigo. Usava a*

*palmatória, quando um aluno não estudava a tabuada ou não fazia lição dois dias seguidos. A professora Aurora morava na própria escola, onde havia um quarto e uma cozinha. A escola ficava no sítio vizinho ao nosso e eu sempre levava alguma coisa para ela, como pão feito pela minha avó, bolo de fubá, compotas de todas as frutas do pomar, feitas pela minha mãe, ajudada pelas duas filhas... Íamos e voltávamos andando. A maioria ia de pés descalços, mas eu tinha um sapato que herdara de minha irmã mais velha. À medida que aprendíamos, a professora emprestava umas folhas com historinhas para levarmos para casa, para ler e devolver sem amassar. Acho que eram páginas de outras cartilhas ou livrinhos que ela destacava para poder distribuir como tarefa extra para leitura, a quem se interessasse.*

*As aulas eram de manhã, de segunda a sábado. Que cartilha eu tive? Foi a Cartilha da Infância. Começava com as letras, depois vinham as sílabas, as palavras e, no final, as frases. E tínhamos, diariamente, muita tarefa da cartilha, e das quatro operações que geralmente eram feitas depois do jantar, muitas vezes com luz de lamparina ou lampião. Tínhamos, também, aulas de desenho e caligrafia. Minha letra é bonita até hoje. Gosto de escrever. Adorava o tempo em que se enviava cartas aos parentes e amigos. Nos aniversários, até escrevia algumas poesias... E eu, aos 7 anos, só frequentei a escola pouco mais de seis meses... Quando ouço meus filhos dizendo que o país tem mais de 40% de analfabetos funcionais atualmente (é isso né?), com tantos anos na escola, fico pensando: o que fazem lá tanto tempo?"*

**Deolinda Porusin** – 95 anos, viúva, comerciária e comerciante aposentada, 4 filhos, 7 netos, 3 bisnetos, residente em São José do Rio Preto, por ocasião da entrevista, em agosto de 2023 (*In Memoriam*).

O Sr. Moacyr Daldon, ituano, nos remete aos anos 40, com seu depoimento.

*"Quando menino, habitava no Bairro do Jacuhu com minha família, uma das fundadoras do bairro. De 1942 a 1945, cursei as três primeiras séries na Escola Mista Rural do Bairro dos Carvalhos. Era chamada escola mista, pois na composição dos alunos da classe, havia meninos e meninas, bem como por ser uma turma multinível. A escola era simples, mas de tijolos. As professoras não moravam na escola, como em muitas outras escolas rurais. Para chegar à escola, elas contratavam uma charrete, que era o UBER da época. O charreteiro levava a mestra e aguardava o término das aulas para levar a professora de volta para casa. A estrada era bastante precária, pois chovia muito naquela época. Não*

*eram só as professoras que faziam sacrifício. Eu caminhava 3 km para chegar à escola e mais 3 para retornar para casa. E sábado era um dia normal de aulas. Descanso, só no domingo. Vida muito dura! Frequentei o Grupo Escolar Cesário Motta para cursar a quarta série. Infelizmente, não sei dizer até quando funcionou a Escola Mista Rural do Bairro dos Carvalhos. Sei que foi demolida e, em seu lugar, foi erguida a bonita Capela de Santo Antônio.”*

**Moacyr Dalton** – Nascido em 1934, empresário ceramista, bisneto do pioneiro do Bairro do Jacuhiu, Giovanni Baptista Daldon. Depoimento de março de 2024.

### **Escola mista rural do Bairro Cruz das Almas**



*Murilo Rogério Rodrigues – assinalado. Escola Cruz das Almas, 1964.*

*“A escola mista rural do bairro Cruz das Almas esteve localizada no Bairro Cruz das Almas às margens da Rodovia Waldomiro Corrêa de Camargo no Km 53, próxima onde hoje se encontra a indústria Viscofan e o pesqueiro da vendinha.*

*Criada na metade do século XX, atendia as famílias que residiam na zona rural de Itu, formadas em sua maioria por pequenos proprietários de terra e funcionários de sítios da região supracitada. Na época, o município não contava com escolas próximas ao bairro e, devido às dificuldades logísticas, era difícil para os moradores locais se deslocarem até a cidade em busca desse fundamental serviço.*

A ‘escolinha’, como era conhecida na época, disponibilizava as séries iniciais do que hoje conhecemos como Ensino Fundamental e era formada por uma só sala de aula com alunos mistos – de séries diferentes – e uma professora que lecionava para todos esses alunos simultaneamente. As classes eram compostas muitas vezes por mais de 40 alunos e, sobre o trabalho árduo dessas docentes, conseguiram atingir com louvor seu objetivo principal da formação inicial de muitos estudantes que residiam em suas cercanias.

Após concluírem a formação básica, os alunos que quisessem continuar estudando tinham que buscar vagas para os seguimentos seguintes nos colégios da cidade de Itu. Sabemos que parte deles, de fato, vieram a completar seus estudos em escolas da zona urbana, muitos deles laboriosamente, pois, além de compartilhar o tempo entre o estudo e o trabalho normalmente agropecuário, se deslocavam para a cidade a pé, em carroças ou bicicletas. Por outro lado, lamentavelmente, muitos alunos acabariam por abandonar as atividades escolares após a conclusão da formação básica na escola mista rural por falta de condições de deslocamento para as áreas mais densamente povoadas do município.

A escola funcionou na mesma localidade por décadas até meados dos anos 2000, quando foi demolida. Muitos ex-estudantes ao longo da vida se lembravam cotidianamente com muita felicidade da sua vivência naquele local, um nome conhecido é o do ex-diretor do SAAE de Itu, José Carlos Rodrigues (In Memoriam) que, com recursos próprios, dotou de iluminação elétrica a ‘escolinha’ como forma de agradecimento à sua formação escolar inicial feita no local. Vale ressaltar, ainda, que a pequena sala de aula abrigou por muitas vezes reuniões de moradores, catequese e outros encontros importantes para a comunidade local.

Por tudo o que foi citado, podemos mensurar a importância que a escola mista rural do Bairro Cruz das Almas teve na vida de muitos ituanos que há tempos viviam parcialmente ‘isolados’ da zona urbana e da infraestrutura que esta proporcionava a seus habitantes. Recordando também tantas outras ‘escolinhas’ rurais de Itu, do Estado e do País deixamos a nossa mais singela e sincera homenagem e nosso agradecimento eterno por terem proporcionado esperança e felicidade para tantos brasileiros”.

**Murilo Rogério Rodrigues** – Licenciado e bacharel em Geografia (UNESP), Mestre em Geografia Física (USP). Professor de Ensino Médio e Pré-vestibular em colégios de Itu e região.

A presença de cartilhas na alfabetização já foi citada e, através de pesquisa, foi possível constatar pelo menos 29 cartilhas, em 1937. Segundo Mortatti, 2016, “no primeiro momento (1876-1890), sobressaíam as cartilhas portuguesas e as primeiras brasileiras com o ensino da leitura baseado programaticamente no método de marcha analítica (processos da palavração, sentençação e ‘historieta’), na palavração e os partidários dos então tradicionais métodos sintéticos – soletração e silabação. O segundo momento (1890 até meados dos anos 1920) caracteriza-se por uma acirrada disputa entre partidários do então novo e revolucionário método analítico para o ensino da leitura e os que continuavam a defender os ainda tradicionais métodos sintéticos. O terceiro momento (meados dos anos 1920 até final dos anos 1970) caracteriza-se por uma disputa inicial entre defensores do método analítico-sintético (misto) e partidários do tradicional método analítico, com diluição gradativa do tom de combate dos momentos anteriores e tendência crescente de relativização da importância do método. O quarto momento (início anos 1980 até dias atuais), por sua vez, caracteriza-se por uma disputa entre partidários da ‘revolução conceitual’ proposta pela pesquisadora argentina Emília Ferreiro e da qual resulta o chamado construtivismo e entre os defensores – velados e muitas vezes silenciosos, mas persistentes e atuantes – dos tradicionais métodos (sobretudo o eclético), das tradicionais cartilhas e do tradicional diagnóstico do nível de maturidade com fins de classificação dos alfabetizados”.

O tradicional diagnóstico a que a autora se refere, é o *Teste ABC*, de Lourenço Filho, de verificação da maturidade para a alfabetização. Consta de oito testes que procuram analisar: coordenação visual-motora; resistência à inversão na cópia de figuras; memorização visual; coordenação auditiva motora; capacidade de prolação; resistência à ecolalia; memorização auditiva; índice de fadigabilidade; índice de atenção dirigida; vocabulário e compreensão geral. Muito utilizado no Brasil por longos anos, foi traduzido para diversos idiomas.

Durante fevereiro/março do corrente ano, consultando 101 habitantes atuais e cinco ex-habitantes de Itu, de 25 a 95 anos de idade, utilizando formas rápidas de obter respostas, como o *WhatsApp* (71) e e-mail (17), além de entrevistas (18), os entrevistados responderam a duas simples perguntas: *Você se lembra, com qual cartilha foi alfabetizado? Em qual escola?* O resultado apurado foi o seguinte:

| <b>Entrevistados</b> | <b>Idade</b> | <b>Cartilha</b> |
|----------------------|--------------|-----------------|
| 6                    | 25–40 anos   | Sem cartilha    |
| 2                    | 41–50 anos   | ABC da Abelinha |

| <b>Entrevistados</b> | <b>Idade</b>    | <b>Cartilha</b>                       |
|----------------------|-----------------|---------------------------------------|
| 87                   | 51–70 anos      | Caminho Suave 82<br>Cartilha Sodré 05 |
| 10                   | 71–80 anos      | Caminho Suave 02<br>Cartilha Sodré 08 |
| 1                    | Mais de 90 anos | Cartilha da Infância                  |

A abrangência desse resultado se refere a ex-alunos das seguintes escolas: Escola Estadual Cesário Motta (a maior parte), Escola Estadual Convenção, Escola Estadual Regente Feijó, Colégio Patrocínio, Escola Estadual José Leite Pinheiro, SESI, Escola Estadual Padre Bento, Escola Paroquial no salão ao lado da Matriz, Escola Paroquial Monsenhor Monteiro, Escola Reunida de madeira (a entrevistada não lembra o nome) e cinco escolas fora de Itu.

A cartilha mais apontada, entre os entrevistados de 51 a 80 anos, foi *Caminho Suave*, de Branca Alves de Lima, um fenômeno editorial entre as cartilhas, que teve o início de sua publicação em 1948 (MACIEL, 2002). Utilizando o método misto associado à imagem, alfabetizou, durante décadas, mais de quarenta milhões de brasileiros, incluindo muitos e muitos ituanos.

Os mais jovens não utilizaram cartilhas. Sua alfabetização ocorreu com a aplicação das Teorias Psicogenéticas, sobretudo as piagetianas, propostas pelas pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky, e pela educadora Telma Weisz, que foram fundamentais para o olhar construtivista na alfabetização.

Outra reviravolta política. Outro golpe. E a instituição do *Estado Novo*, em 1937. A Constituição desse ano, não foi redigida por uma Assembleia Constituinte, isto é, não passou pela discussão e apreciação de deputados e especialistas da área jurídica, mas foi elaborada por uma só pessoa: Francisco Campos, então ministro da Justiça de Getúlio Vargas. Jurista por formação e simpatizante pela linha totalitária, elaborou um texto para sustentar o novo regime ditatorial de Vargas ancorado em modelos do fascismo europeu, sobretudo o italiano e o polonês.

O Estado Novo (1937–1945), era vinculado às classes dominantes do momento, relacionadas ao desenvolvimento urbano-industrial, ainda insipiente e Getúlio instituiu sua forma de governo ditatorial, enquadrando todos os poderes no Executivo. O curioso é que, segundo Cunha, 1981, p.122, p.144 “foi durante o Estado Novo que o sistema educacional brasileiro adquiriu maior consistência... com defeitos e contradições... as reformas desempenharam um papel de ordenação da área de educação, definindo competências, estabelecendo articulações

*entre os diversos ramos de ensino, além do relevo dado ao ensino profissionalizante, cuja situação era de acentuado desprestígio”. E “medidas de grande alcance como a criação do Fundo Nacional de Ensino, campanhas de treinamento docente, de alfabetização de jovens e adultos... criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, do Instituto Nacional do Livro, do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional... e da Faculdade Nacional de Filosofia”.*

Nos anos 40, Gustavo Capanema, humanista e até certo ponto liberal, conseguiu um feito inédito, ser ministro da Educação e da Saúde por longo tempo. Por sua iniciativa, ocorreram reformas parciais do ensino, através das Leis Orgânicas: Lei Orgânica do Ensino Industrial (1942) e criação do SENAI, organizado em convênio com as indústrias, através da Confederação Nacional das Indústrias; Lei orgânica do Ensino Secundário (1942), que organizou o ensino secundário em dois ciclos: o ginásial, com quatro anos, e o colegial, com três anos, subdividido em Curso Científico e Curso Clássico e a Lei Orgânica do Ensino Comercial de 1943.

Em 1946, já no fim do Estado Novo e durante o Governo Provisório, com o Ministério da Educação a cargo de Raul Leitão da Cunha, as leis reformistas continuaram:

- Lei Orgânica do Ensino Primário, que organizou o ensino primário a nível nacional, mas continuou sendo de responsabilidade dos estados. Organizou também o ensino primário supletivo, com duração de dois anos, destinado a adolescentes a partir dos 13 anos e adultos.
- Lei Orgânica do Ensino Normal, ao organizar o Ensino Normal para a formação de professores para o Ensino Primário, atribuiu a responsabilidade para os estados. Em 1949, em todo o país, havia 540 dessas escolas.
- Dois decretos que criaram o SENAC, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, nos mesmos moldes do SENAI, dirigido e organizado pela Confederação Nacional do Comércio.
- E organizou o ensino agrícola, com a Lei Orgânica do Ensino Agrícola.

Na Era Vargas, os defensores da escola pública apregoavam a escola leiga, obrigatória e gratuita e que o dinheiro público financiasse só a educação pública. Por outro lado, os defensores da escola privada (donos de escolas e a Igreja Católica) argumentavam que os investimentos públicos também tinham que financiar as escolas privadas e que as escolas públicas deveriam ter ensino religioso. Vargas teve uma relação amistosa em relação aos dois

grupos. No seu governo, promulgou medidas presentes até os dias atuais, sobretudo as leis trabalhistas: CLT, Carteira de Trabalho, salário-mínimo, descanso semanal remunerado. Além disso, instaurou o Código Penal e o Código de Processo Penal.

Mais empenhado na industrialização, mesmo com todas as leis e criação de escolas, ginásios, colégios, o governo Vargas, ainda deu preferência ao ensino superior, em detrimento da educação básica para o povo. Em 1945, Getúlio teve que renunciar à presidência, após um regime ditatorial rígido, com forte censura e intensa publicidade, que ressaltava o regime e o líder.

Em 1951, Vargas se candidatou a presidente e ganhou a eleição com grande vantagem, e exerceu um mandato incompleto. Porém, entre outros fatos, criou várias estatais, como a Petrobrás, a Eletrobrás, a Companhia Siderúrgica Nacional, a Companhia do Rio Doce, Hidrelétrica do Vale do São Francisco e o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Populista e popular, o retrato de Getúlio (o retrato do Velho, como era chamado) fazia parte da decoração, logo na entrada de muitas residências brasileiras, em todas as cidades. Um governo de grande crise política e econômica e tensão social que culminou com o discutido suicídio de Vargas.

Depois de um governo provisório, Juscelino Kubitschek foi eleito presidente. Seu mandato (1956–1961) desenvolvimentista se caracterizou como um grande incentivador da industrialização e pela criação e fundação de Brasília, a nova capital do país. Considerando que os cursos superiores seriam mais propícios ao processo de industrialização, seu governo concentrou os recursos no Ensino Superior e não repassou os previstos na Constituição para o Estados aplicarem no Ensino Primário. E o analfabetismo atingia 40% da população. (KANG, 2010).

Em 1957, as instituições denominadas Colégio Estadual e Escola Normal, passaram a ser denominadas Instituto de Educação, com escolas de aplicação para os estágios dos alunos do Curso Normal, as escolas Primárias, mais o Jardim de Infância.

Vale ressaltar que, em 1958, foi fundada a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, pelas irmãs da Congregação de São José, que já comandavam desde 1859 o famoso e prestigiado Colégio do Patrocínio. Fato marcante: foi a primeira faculdade de Itu.

Para mandato de 1961–65, foram eleitos Jânio Quadros para presidente e João Goulart para vice. O governo excêntrico de Jânio durou apenas sete meses, devido à sua renúncia, e o vice assumiu a presidência, num regime parlamentarista e, depois, novamente presidencialista.

Muitos se surpreendem que, poucos meses após João Goulart assumir a presidência, foi aprovada a Lei 4024, primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Acontece que, desde o final do Estado Novo, tramitava essa lei, e já era prevista na constituição de 1934. A LDB impactou nos seguintes aspectos:

- Ensino estruturado em quatro níveis: Pré-escola, Ensino Fundamental (Primário), Ensino Médio (Secundário) e Ensino Superior. O ensino de Línguas estrangeiras não consta entre as disciplinas obrigatórias.
- Mais autonomia aos órgãos estaduais; Conselhos Estaduais de Educação e Conselho Federal da Educação, regularizados.
- 20% do orçamento da União e 20% dos municípios destinados à educação, mas o dinheiro público não é exclusivo para as escolas públicas.
- Ano letivo de 180 dias, matrícula obrigatória nas quatro primeiras séries do ensino primário e escolas maternais ou jardins de infância para menores de 7 anos. Empresas com mulheres trabalhadoras são orientadas a instituir creches.
- Formação de professores para o ensino primário, nas Escolas Normais e para o ensino médio, em faculdades.
- Ensino religioso facultativo e sem custos governamentais.
- Condenação a qualquer tratamento desigual relacionado à convicção política, filosófica, religiosa, classe social ou raça.
- Preocupação com a inclusão das pessoas com deficiência.
- Muitos avanços, mas o Ensino Secundário continuou elitista, pois, entre outros fatos, os exames de admissão perduraram.

Nos anos 60, o ensino por correspondência teve grande difusão, com destaque para o Instituto Universal Brasileiro, que atendeu 4 milhões de alunos até o final do século em seus cursos profissionalizantes, incluindo – provavelmente –, italianos, dado o volume de anúncios no jornal *A Federação* da época.

Em 21 de março de 1961, o Governo Federal criou 15 mil escolas radiofônicas, implementando o Movimento de Educação de Base (MEB), a ser executado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil nas áreas subdesenvolvidas do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste. Além de alfabetizar, o objetivo era oferecer uma educação que desenvolvesse a consciência política social e religiosa dos trabalhadores rurais, alfabetizando e valorizando a oralidade e a cultura. O presidente Jango acolheu os projetos de Paulo Freire, Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Três grandes expoentes da educação brasileira.

Freire alfabetizou, em 45 dias, trabalhadores rurais de um pequeno município do Rio Grande do Norte. Seu método serviu como experiência para todas as regiões do Brasil e, também, para o mundo. Bomeny (2000) cita que o método de alfabetização de Paulo Freire para adultos ficou conhecido por: “[...] combinar conquistas da teoria da comunicação, da psicologia e da didática, por não utilizar as tradicionais cartilhas e por defender a necessidade de se produzir o material para o ensino a partir da fala de cada grupo de analfabetos. O sucesso do método nas primeiras experiências desenvolvidas em Recife, no âmbito do Movimento de Cultura Popular (MCP), ocasionou sua difusão, em 1963: utilizado em Angicos e Natal (RN), Osasco (SP) e em Brasília...”

*“A Anísio Teixeira foi dada a incumbência de estabelecer o sistema de Educação Pública do Distrito Federal e, junto com Darcy Ribeiro, idealizou e implantou a Universidade de Brasília, concretizando o sonho de Juscelino Kubitschek, mas a inauguração só aconteceu em 1962, no governo de Jango. Darcy Ribeiro foi o primeiro reitor da Universidade de Brasília.” (GOMES, 2021)*

Quanto ao Ensino Superior, o Governo criou a Fundação CAPES – Coordenação e Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior, e determinou autonomia didática, administrativa e disciplinar às universidades autárquicas ou fundações.

João Goulart planejava mudanças através das Reformas de Base, reformas estruturais no país, nos setores educacional, fiscal e tributário, político e agrário (reforma agrária, sindicalização do trabalhador rural; adoção de imposto progressivo sobre as terras não cultivadas; direitos trabalhistas no campo); liberação de voto ao analfabeto e reforma universitária, entre outras. As reformas o aproximavam das camadas excluídas da sociedade e, ao mesmo tempo, contrariavam a elite do país. Desde que assumiu o governo, João Goulart teve ferrenhos opositores. Civis, militares e interesses estadunidenses, que consideravam o governo brasileiro muito ligado à esquerda, com uma política externa muito independente, se mobilizaram. Na época, o presidente norte-americano era John Kennedy. Assim, em março de 1964, um movimento militar derrubou o presidente brasileiro e instalou a ditadura que perdurou até meados dos anos 80.

Nesse período autoritário, segundo Romanelli, 2007, p.196-226, *“o sistema educacional brasileiro, foi marcado por dois momentos: o primeiro corresponde ao momento de implantação do regime e de política de recuperação econômica. Ao lado da contenção e da repressão, constatou-se uma aceleração do ritmo do crescimento*

*da demanda social de educação o que provocou um agravamento da crise do sistema educacional, crise que já vinha de longe. Esta serviu de justificativa para os acordos MEC-USAID”.*

*“O segundo momento, por influência da assistência técnica e financeira dada pela USAID, representou a necessidade de se adotar, em definitivo, medidas para adequar o sistema educacional ao modelo de desenvolvimento econômico que se intensificava no Brasil... O Governo transformou o Estado em captador de recursos para a educação, instituindo o salário-educação, proveniente de contribuição das empresas, para expansão do ensino primário. Além disso, o Governo instituiu, em 1967 nas universidades, mudanças de organização, criando departamentos, para evitar desperdícios de recursos... No mesmo ano, o Governo reestruturou a representação estudantil eliminando a estrutura de âmbito nacional, eliminando a UNE. Manteve os Diretórios Acadêmicos para cada unidade e o Diretório Central dos estudantes para cada universidade... O Ato institucional número 5, de 1968, tirou do cidadão brasileiro todas as garantias individuais, quer públicas, quer privadas, e concedeu ao presidente da República plenos poderes para atuar como executivo e legislativo... Pela supressão da contestação, conseguiu uma diminuição, pelo menos momentânea, da pressão por mais vagas, mais verbas, objeto das reivindicações, passeatas, greves etc. dos estudantes em geral. Para garantir vaga nas universidades foi criado o vestibular classificatório. A política educacional, a partir de 1964, aspirava aumentar o número de vagas nas universidades públicas, beneficiando as camadas médias, enquanto a política econômica fazia crescer a necessidade de cursos superiores.”* Aconteceu, então, uma verdadeira explosão no setor de faculdades particulares.

Em 1970, Itu sofreu perdas irreparáveis sob o ponto de vista educacional: o encerramento do Colégio Patrocínio e a venda da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, quando a congregação e mantenedora, atendendo às determinações do Concílio Vaticano II, encerrou as atividades com as elites e passou a se dedicar somente às classes desfavorecidas.

Em 11 de agosto de 1971, foi homologada uma nova LDB, cuja primeira alteração se refere à ampliação da obrigatoriedade escolar para 8 anos, dos 7 aos 14 anos, o Ensino de Primeiro Grau, com carga horária anual de 720h. O Ensino de Segundo Grau abrangia, de forma tecnicista, somente cursos profissionalizantes que podiam ter a duração de 3 anos com carga horária de 2.200 horas ou curso de 4 anos, com carga horária de 2.900 horas. As Escolas Normais deram lugar à Habilitação Magistério, as escolas públicas passaram a se chamar Escola Estadual de Primeiro Grau, de Primeiro e Segundo Graus. Apesar de ser produzida por um governo conservador, pela primeira vez essa lei estabeleceu

um capítulo específico para a educação de jovens e adultos, o capítulo IV, sobre o Ensino Supletivo. Embora limitasse o dever do Estado à faixa etária dos 7 aos 14 anos, reconhecia a educação de adultos como um direito de cidadania. Assim, foi criado o MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização, visando diminuir o número de analfabetos entre os adultos.

As disciplinas para cada curso foram organizadas como Núcleo Comum, Atividades, Áreas de Estudo e Disciplinas, sendo obrigatório o ensino de Educação Moral e Cívica no Primeiro Grau e Organização Social e Política Brasileira (OSPB) no Segundo Grau. Filosofia foi extraída do Segundo Grau e, no Primeiro Grau, História e Geografia passaram a compor os chamados Estudos Sociais.

Não foi simples realizar as transformações do Ensino Secundário em cursos profissionalizantes, nem mesmo com convênios e associações, como as autoridades da época cogitaram. As escolas, em geral, não se adaptaram a contento e a experiência fracassou. O fato, é que, com raríssimas exceções, nem escolas públicas, nem particulares, atingiam as exigências do mercado. Eram tensões de todos os lados: das escolas públicas, sem verba e sem adequação, dos particulares que reclamavam estarem à beira da falência, dos alunos descontentes com sua formação e do mercado de trabalho insatisfeito com a mão de obra recebida. Em 1982, foi retirada a obrigatoriedade do ensino profissional nas instituições de ensino de Segundo Grau.

Da educação desse período, o aspecto mais criticado é a questão do ensino secundário, que aliás, perdura com problemas até os dias atuais.

Um fator positivo importante e pouco comentado, se refere à abolição dos obrigatórios exames de Admissão ao Ginásio, em 1971. Estes ocorreram desde 1931, durante 40 anos, como forma de seleção dos alunos que continuariam os estudos ginasiais. Os alunos só tinham acesso a uma instituição de ensino secundário, pública ou particular, mediante aprovação nos testes de admissão que abrangiam Português, Geografia, História e Matemática (as 4 operações, problemas de raciocínio e cálculo, frações, noções de conjunto) em provas escritas e orais. Os candidatos deveriam estar na faixa etária de 11 a 13 anos, com certidão de nascimento, filiação, naturalidade e cartão de vacina contra a varíola. Havia no mercado livros intitulados *Programa de Admissão ao Ginásio*.

Em 1971, quando foi dado um ponto final ao exame, o acesso à escola foi facilitado, mas a qualidade no ensino passou a ser questionada, sendo o fulcro da questão. O que ainda perdura.

Com o término das duas décadas da Ditadura Militar, houve uma eleição indireta, na qual foi vencedora a chapa de Tancredo Neves e José Sarney para o

exercício de 1985 a 1990, num processo que muitos historiadores denominam de abertura controlada. Mas, devido a um discutido caso de problema de dores abdominais, Tancredo faleceu, deixando a nação consternada, após a grande manifestação que a população havia realizado, a partir de 1984, na campanha Diretas Já. Mais uma vez em nossa história, o vice assumiu o mandato. Em 1988, foi promulgada a Constituição Brasileira, que universalizou o ensino fundamental e procurou erradicar o analfabetismo do país, dando 10 anos de prazo para tal.

Em 1990, foi organizado o SAEB, organizado o FUNDEF, que depois de dez anos foi substituído pelo FUNDEB, obrigando os Estados e Municípios a aplicarem anualmente um percentual mínimo de suas receitas (e, desse montante, 60% pelo menos para o pagamento do pessoal do magistério). O SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica – é um conjunto de avaliações que permite: ao INEP, realizar um diagnóstico da educação brasileira; aos estados, municípios e escolas, analisar a qualidade da educação oferecida e efetuar mudanças necessárias. O SAEB também foi se alterando e se adequando. Atualmente, junto com as taxas de aprovação, reprovação e evasão, apuradas no Censo Escolar, as médias de desempenho dos estudantes compõem o IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Em 1996, no governo de Fernando Henrique Cardoso, foi promulgada a nova LDB – Lei das Diretrizes Básicas, que instituiu a Política Educacional Brasileira, a Lei 9.424/96.

Alguns artigos da LDB abordam que é dever da escola promover meios para zelar pela aprendizagem dos alunos e a recuperação daqueles de menor rendimento, e a verificação do rendimento escolar observará alguns critérios, como avaliação contínua e cumulativa, prevalecendo os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, possibilidade de aceleração nos estudos, obrigatoriedade de estudos de recuperação paralela ao período letivo. Quanto aos níveis escolares apresenta a divisão em Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental), Ensino Médio e Superior.

Não podemos negar, que apesar da contínua instabilidade política e a constante reformulação, a educação brasileira avançou em muitos aspectos, durante o Século XX, sobretudo em relação a vagas e quantificação, mas, a qualidade esquecida, ainda tem que evoluir muito... O que nos trará o século XXI?

**Vilma Pavão Folino**

*Pedagoga e Psicopedagoga aposentada*

*Ocupante da Cadeira 35 da ACADIL – Academia Ituana de Letras*

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA JUNIOR, A. **Repetência ou promoção automática?** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v.27, n.65, p. 3-15, jan.\mar.1957.
- ANTUNHA, Heládio César Gonçalves. **A Instrução Pública no Estado de São Paulo: a reforma de 1920.** São Paulo: FEUSP, 1976. In: *periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr*, acesso em 03 de fevereiro de 2024.
- BERTOLAZZI, Camila e SARTÓRIO, Lilian. In *Itu.com*. **Rádio Convenção completa 60 anos no ar**, acesso em 27/03/2007.
- BRANDÃO, Zaia. **Democratização do ensino: meta ou mito?** Livraria Francisco Alves Editora S.A, Rio de Janeiro, 1987.
- COELHO, Frederico. **A semana sem fim.** Editora Casa da Palavra, São Paulo, 2012
- CAVALIERE, Ana Maria. **Entre o pioneirismo e o impasse: a reforma paulista de 1920.** Educação e Pesquisa, vol. 29, n. 1. São Paulo Jan./Jun 2003. In: <https://www.researchgate.net/publication>. Acesso em 05 de fevereiro de 2024.
- FAGUNDES, Augusta Isabel Junqueira. **LDB – Dez anos em ação.** Disponível em *academia.edu*. Download em 12 de janeiro de 2024.
- FACION, J. R.; MATTOS, C. L. G. Exclusão: uma meta categoria nos estudos sobre educação. In: FACION, J. R. (Org.) **Inclusão Escolar e suas implicações.** Curitiba. Editora IBPEX, 2009. In: <https://www.researchgate.net/publication>. Acesso em 05 de fevereiro de 2024.
- FLEURY, Renato Sêneca. **Na Roça (cartilha).** 47ª edição, São Paulo. Editora Melhoramentos,1944.
- FREMONT- BARNES. **The Soviet–Afghan War: 1979–89.** Osprey Publishing, Oxford, Inglaterra, 2012
- FUKS, Rebeca. **Quem foi Paulo Freire e porque sua pedagogia foi tão importante.** In: ebiografia, 18/01/22. Acesso em 04/04/23
- GADDIS, J Lewis. **A Guerra Fria.** Editora Almedina, São Paulo. 2021
- GASPARIN, João Luiz. **A Avaliação na Perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica.** Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4557\\_2608.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4557_2608.pdf)>. Acesso em 04 de agosto de 2023.

- GONÇALVES, A. M. **A trajetória e o pensamento educacional de Francisco Ferrey Guardia**. Cadernos de História da Educação, 2009. Recuperado em <https://serufubrindex.php/che/article/view/> . Acesso em 23 de setembro de 2023.
- HOBBSAWN, Eric. **A era das revoluções**. SP, Editora Paz e Terra, 2012.
- HOFFAMANN, J. **Avaliação Mediadora**. 4º ed. Porto Alegre: Fundação AMAE, 1994.
- JACOMINI, M. A. **Uma década de organização do ensino em ciclos na rede municipal de São Paulo: um olhar dos educadores**. 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002. In: [revistas.cesgranrio.org.br](http://revistas.cesgranrio.org.br) . Acesso em 27 de janeiro de 2024.
- LEITE, Dante Moreira. **Promoção automática e adequação do currículo ao desenvolvimento do aluno**. Pesquisa e planejamento, São Paulo, v.3 p.15-34, jul. 1959. In: <http://educa.fcc.org.br/> . Acesso em 21 de fevereiro de 2024.
- LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos**. Revista História da Educação, 2002. In: [ser.ufrgs.br/asphe, article](http://ser.ufrgs.br/asphe/article) . Acesso em 13 de novembro de 2023.
- MATUI, Jiron. **Construtivismo: Teoria construtivista sócio histórica aplicada ao ensino**. São Paulo; Moderna, 1995.
- MEDEIROS, Valéria Antonia. **Antonio de Sampaio Doria e a modernização do ensino em São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. Tese de Doutorado. PUC/SP, 2005.
- MENUCCI, Sud. **A crise brasileira de educação**. 1946, versão eBook, 2006. In: [ebooksbrasil.org/Libris/sudeducacao.html](http://ebooksbrasil.org/Libris/sudeducacao.html) . Acesso em 15 de janeiro de 2024
- MESSEMBERG, Cyntia Grizzo. **A série Na Roça de Renato S. Fleury**. Na História do ensino da Leitura no Brasil. UNESP, Marília, 2012.
- MINETTO, Maria de Fátima Joaquim ET ALL. **Diversidade na aprendizagem de pessoas portadoras de necessidades especiais**. Maria de Fátima Joaquim Minetto ET ALL – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010. Acesso em 12 de fevereiro de 2023. [revistas.cesgranrio.org.br](http://revistas.cesgranrio.org.br)

MORTATTI, M. R. L. **Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular**. Caderno CEDES v.20 n.52 Campinas, nov.2000.

\_\_\_\_\_. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Seminário Alfabetização e Letramento em Debate. Disponível em [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br), maio de 2000. Acesso em 09/04/2023.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU/MEC, 1976.

NORONHA, Maria Iza el Azevedo. **Progressão continuada ou “aprovação automática”?**. Sindicato dos professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo. 2010. In: [apeoespnorte.com.br](http://apeoespnorte.com.br) . Consulta em 13 de fevereiro de 2024.

NARDY FILHO. **A Cidade de Itu – crônicas históricas**. Itu, Editora Otton, segunda edição, volume 3, 2000.

OLIVEIRA, D. A.; FONSECA, M. O Banco Mundial e as políticas de formação docente: a centralidade da educação básica. In: HIDALGO, A. M.; SILVA, I. L. F. (Org.) et al. **Educação e Estado: as mudanças nos sistemas de ensino do Brasil e Paraná na década de 90**. Londrina, PR: Editora UEL, 2001.

PANICACCI, Fausto Luciano. **Progressão continuada nas escolas públicas: distorções no modelo, aprovação automática, danos à infância e juventude, e a crítica dos especialistas em educação**. 2009. Disponível em: [www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/.../](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/.../) . Artigo *Progressão Continuada.doc*. Acesso em: 19 de dezembro de 2023.

PIZA, Maria José de Toledo. **Itu cidade Histórica**. Separata da revista número 1 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, Itu, SP, 1972.

POZO, Juan Ignacio. **Teorias cognitivas de aprendizagem**; trad. Juan Acuña Llorens – 3ª.Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação escolar – A organização Escolar**. São Paulo, Editora Cortez,1989.

ROSA, Maria da Glória de. **História da Educação através dos Textos**. São Paulo, Editora Cultrix, 1974.

SAMPAIO DÓRIA, Antônio. Contra o analphabetismo. In: SÃO PAULO (Estado). Diretoria Geral da Instrução Pública. **Anuário do Ensino do Estado de São Paulo**. São Paulo, 1918. p. 58-81.

- SANTIAGO, A, R, F. A Viabilidade dos PCN como Política Pública de Intervenção no Currículo Escolar. In: **Reunião Anual Da Anped**, 23, 2000, Caxambu/MG. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/eduardoaugustomosconoliveira-comunicacaooral-int.pdf>>. Acesso em: 20/08.
- SILVA, Rose Neubauer da, DAVIS, Claudia. **É proibido repetir. Estudos em avaliação educacional**. São Paulo, n.7, p. 5-44, jan\jul, 1993. Rio de Janeiro, v. 26, n. 64, p. 3-27, out./dez, 1956.
- TAILLE, Yves de La et all. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. Summus editorial, SP, 1992.
- TEIXEIRA, Anísio. **A Escola Pública, Universal e Gratuita**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v. 26, n. 64, p. 3-27, out./dez, 1956. SP, 2019.
- TORRES, R.M. Melhorar a Qualidade da Educação Básica? As Estratégias do Banco Mundial. In: TOMASI, I. et al. (org.). **O banco mundial e as políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1996.
- TURA, M. L.; MARCONDES, M. I. **O mito do fracasso escolar e o fracasso da promoção automática**. Cadernos de Educação (UFPEl), v. 20, p. 95-118, 2011. 54
- VESNEYAN, Sérgio. **Genocídios no Século XX: uma leitura sistêmica de causas e consequências**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-16122009-082827>. Acesso em: 09 de abril de 2024.
- WEISZ, Telma. **O Diálogo Entre o Ensino e a Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2002.
- História das Cartilhas de Alfabetização: As Mais Antigas**. In: [pedagogiaaopedaletra.com/historia-das-cartilhas-de-alfabetizacao-as-mais-antigas/#google\\_vignette](http://pedagogiaaopedaletra.com/historia-das-cartilhas-de-alfabetizacao-as-mais-antigas/#google_vignette)
- BRASIL, MEC. **Os Parâmetros Curriculares Nacionais**. Documento introdutório.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Brasília: Senado Federal, 1961.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Brasília: Senado Federal, 1971.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20.12.96.** In: *portal.mec.gov.br* . Acesso em 12/01/24.

Disponíveis em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html> . Acesso em: 07 de abril de 2023.

*Arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico~periodico/anuarios~estatisticos*. Acesso em 21 de junho de 2023.

UNICEF. **História dos direitos da criança no Brasil e no mundo** (*unicef.org*)  
Acesso em 21 de junho de 2023.

<http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/antigo-asilo-colonia> . Acesso em 23/06/23.

*repositório.usp.br – obrasraras.usp.br – Jornais de Itu século XIX e XX*. Acesso em 30 de maio de 2023

<https://fm90.com.br/radio-em-itu/> . Acesso em 02 de junho de 2023.

*nationalgeographicbrasil.com* . Acesso em 29 de maio de 2023.

<https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/index/login> . Acesso em 03 de junho de 2023.

*12.senado.leg.br/ecidadania* . Acesso em 04 de junho de 2023.

**Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Publicação de: INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. In: *scielo.br* . Acesso em 15 de março de 2024.

<https://www.tre-go.jus.br/comunicacao/noticias/2022> . Acesso em 14 de novembro de 2023.

**Revista Campo e Cidade**, número 53.

[https://www.livrosgratis.com.br/download\\_livro\\_16652/chopin\\_carioca](https://www.livrosgratis.com.br/download_livro_16652/chopin_carioca) .

**Revista da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio**, 1964.

<https://news.un.org/pt/focus/antonio-guterres> . Acesso em 08 de outubro de 2024.

# *História do IBAO*

**BRUNO DE ASSIS FURQUIM**

Para apresentar a rica trajetória do Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO), uma instituição de ensino que se encontra muito próximo de completar seu primeiro centenário (28 de outubro de 2024), faz-se necessário retornar à segunda metade do século XIX e visitar a história do “Legado Borges”, como ficou conhecida a vultuosa doação de recursos financeiros por parte do português Joaquim Bernardo Borges e seu desejo testamental de prover educação e cuidados médicos maternais para a população menos abastada de Itu.

Nascido em *Villamarin*, comarca de *Mesão Frio*, província de *Traz os Montes* em Portugal, Joaquim Bernardo Borges deixa seus familiares em terras lusitanas e migra sozinho com apenas 15 anos de idade para a antiga colônia americana do reino português. Aporta na cidade de Santos no ano de 1855 e de lá se dirige para Itu, onde primeiro se emprega no comércio de Emygdio Baptista Bueno, posteriormente com seu conterrâneo João Baptista de Macedo e finalmente vem à trabalhar na casa comercial do ituano Manoel Joaquim Antunes Russo. Apresentando bom tino comercial na atividade de caixeiro, faz carreira e alcança a estima e a confiança de seu chefe.

Junto com o período que se desenrolava a Guerra Civil nos EUA, problemas de logística comprometem drasticamente as remessas de algodão que este país enviava para alimentar a indústria têxtil europeia. Momento em que a cidade de Porto Feliz se torna o polo produtor da lavoura algodoeira na província de São Paulo, que passará a suprir essa demanda fabril no velho continente. Nesse contexto o Sr. Russo destaca o jovem Borges para efetuar as compras de algodão na cidade vizinha de Itu para a posterior exportação dessa *commodity* até as terras do velho mundo. Tarefa em que Borges consegue aferir bons lucros para seu patrão – e ele mesmo investe capital próprio. O que seria apenas o início do ajuntamento de capital que o imigrante lusitano realizaria na província paulista.

Mesmo já possuindo recursos financeiros suficientes para abrir sua própria casa de comércio, Joaquim Bernardo Borges se mantém como empregado na loja do Sr. Russo até o falecimento deste. E assim que se findam suas obrigações com seu último empregador, na antiga *rua do Commercio*, ele abre sua *Casa de Comissões e Consignações*, destinada à compra de algodão, chá e café, com quase um monopólio desses itens na região. O que, à despeito de toda uma economia ainda cimentada em trabalhos de escravizados, lhe trouxe maximizados

lucros até o ano de 1875, quando liquida seus afazeres comerciais em Itu e se encaminha para a capital da província de São Paulo. Ali permanece por pouco tempo, apenas o suficiente para reinvestir sua fortuna em aplicações de imóveis e títulos de juros.

Assim que findou seus investimentos na cidade de São Paulo, Borges retorna para Portugal (mais precisamente na cidade do Porto), onde fixa residência pelo restante de sua vida bem próximo de sua aldeia natal. Poderia esse ser o ponto final da história de Borges com o Brasil e a cidade de Itu. Mas eventos posteriores de sua saída de terras brasileiras vão revelar que, na memória desse desvalido imigrante europeu que singrou o Oceano Atlântico, como tantos outros em busca de riqueza, Borges não apenas prosperou financeiramente; ele construiu laços afetivos fortes onde passou a juventude. De certo ele jamais esqueceu a cidade e o povo que o acolheu, do lugar em que fez parte da tessitura social e construiu sua humanidade. Sabemos que ele participara da inauguração da Santa Casa de Itu em 1864 e, com certeza, este evento deixou algum desejo manifesto em retribuir a esta cidade a generosidade que aqui o forasteiro havia encontrado. Nos seus últimos anos de vida, relembra da hospitalidade ituana e, em seu coração, desperta a punção da caridade e testamenta à Santa Casa de Misericórdia de Itu o “Legado Borges”.

Em 1921, o 7º provedor da Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Itu, José de Paula Leite de Barros, teceu estas palavras ao citar Joaquim Bernardo Borges: *“Homenagem ao máximo benfeitor de Itú – Joaquim Bernardo Borges: Sua biographia, a história de sua modesta vida durante o tempo em que viveu nesta terra, que elle amava como a do seu nascimento, é curta e muito simples, como simples tem sido a vida do homem do trabalho em toda parte, daquelle que pelo proprio esforço consegue fazer sua independencia, quando não posição saliente na sociedade pelas suas qualidades pessoas, tão bem qualificado na pitoresca linguagem americana do norte – the self made man – o homem que se fez a si proprio, como é o caso de Joaquim Bernardo Borges, axioma que não carece de demonstração.”*<sup>19</sup>

Na data de 2 de janeiro de 1921, na cidade do Porto, ocorreu o falecimento de Joaquim Bernardo Borges. Porém, poucos meses antes desta data, Borges encerrara seu testamento legando para a Santa Casa de Misericórdia de Itu 4.181:774\$000 na forma de apólices e imóveis prediais na capital do Estado de São Paulo. Os quais deveriam ser o patrimônio que serviria para a construção e manutenção de duas entidades voltadas á assistência social para as camadas

---

19. Nardy Filho, Francisco. **A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu: primeiro centenário da sua fundação 1840-1940**. 2012. Página 92.

mais desvalidas da sociedade ituana: uma escola de ensino profissionalizante e uma maternidade (que seria inaugurada em 1939, a “Maternidade Borges”). Apesar de substanciais recursos para a época, ditava o testamento que deveria se esperar o período de três anos de rendimentos desses ativos para que, então, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu pudesse iniciar a compra do terreno e, efetivamente, iniciar a construção do colégio vislumbrado por Borges. Assim, passado esse triênio e com a nomeação de uma comissão dos membros da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, fez-se a escolha e a compra do terreno do largo da Caixa d’Água (atual Praça Conde de Parnaíba), o delineamento da planta elaborado pelo renomado arquiteto Ramos de Azevedo e a construção em si, onde se encarregou da obra a empreiteira Geribello e Quevedo. Com a edificação finalmente terminada e inaugurada em 28 de outubro de 1924. Importante salientar a visão de Borges que transcende a caridade, pois seu legado não visava apenas a assistência imediatista, ele já pensava a promoção social na forma da educação profissionalizante gratuita (em consonância com as demandas das primeiras décadas do século XX) bem como que os bens doados tivessem continuidade de rendimentos para que a instituição pudesse se manter independente na seara financeira.

Acerca dos cursos que o Instituto Borges de Artes e Ofícios disponibilizou para a sociedade ituana ao longo de quase um século, a variedade é grande e expressa as demandas econômicas que evoluíram durante o capitalismo tardio e mostra as características das modificações de costumes nesse período. O importante prédio de construção moderna é dividido em dois pavimentos que abrigam as salas de aulas, a secretaria, sala dos professores, da coordenação e da direção. Todas as dependências são amplas e adequadas para suas funções. Inicialmente à sua inauguração foram ministradas aulas de desenho, escrituração mercantil, português e aritmética. A construção dá continuidade por um passadiço, para outros espaços com mais salas de aula dos cursos de corte e costura, de bordado e de economia doméstica, além de outras dependências. Por fim, nas laterais do terreno se encontram dois grandes galpões, onde um já constava a moderna e bem equipada oficina de marcenaria, carpintaria e entalhe, e um outro galpão, reservado para posteriormente receber as oficinas de fundição e serralheria.

No decorrer das seguintes décadas, com muitas conquistas e dificuldades, a instituição passou a firmar parcerias e convênios diversos, seja com o município, o estado e até mesmo com empresários da região. Sempre no intuito de levar a educação profissionalizante de qualidade e gratuita para as classes populares, inclusive acompanhando as alterações nas legislações que modificaram as propostas de ensino técnico-profissional durante os diversos governos que o país teve.

Porém, no início da década de 1940, vale ressaltar uma fundamental parceria que o Instituto Borges de Artes e Ofícios estabelece com o recém fundado Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Na figura do 9º provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, João Baptista de Mattos Pacheco, as duas entidades iniciaram conversações para definir um projeto em comum, levando em 1946 a assinatura da parceria que perdurará até 1972, rendendo vários cursos e milhares de jovens formados para o mercado de trabalho.

Era fato que, no ano de 1945, o Instituto Borges de Artes e Ofícios passava por dificuldades: ônus da manutenção, vagas ociosas, não rentabilidade da venda dos itens produzidos nas oficinas e falta de materiais. Então, visando o desenvolvimento pedagógico, a administração técnica fora oferecida ao SENAI e, para fins de avaliação, foi recebida a visita de um funcionário nas dependências do IBAO. Inicialmente, a proposta consistia em ceder integralmente o prédio do Instituto Borges de Artes e Ofícios para nele ser instalada uma escola SENAI, sendo que a mesma se comprometeria a manter os cursos já oferecidos pelo Instituto. Objeções foram feitas pela Mesa Administrativa a essa proposta. Mas uma segunda proposta fora aceita por unanimidade meses depois: o SENAI ficaria responsável por ocupar e manter a parte do edifício dos cursos de mecânica e fundição (voltados para os trabalhos em metal, madeira e eletricidade), enquanto o IBAO se encarregaria de administrar os demais cursos.

E assim findadas as tratativas, *“O acordo foi finalmente assinado em 26 de janeiro de 1946, por Roberto Mange, diretor do SENAI – Departamento Regional de São Paulo, e pelo então Provedor da Irmandade, Antonio de Paula Leite Netto. Esse acordo vigoraria por quatro anos, sendo renovado e mantido, com algumas alterações, até 1972”*.<sup>20</sup>

Como a vasta historiografia nos conta, entre as décadas de 1930 e 1980, o Brasil teve um crescimento econômico e industrial fabuloso, com dados que são recordes nesse espaço de tempo dentro do capitalismo. E nesse contexto, observando a miríade de cursos que o IBAO ofertara, se destacou o de “Auxiliar de Comércio”. Composto na sua grade curricular das disciplinas de: português, matemática, escrituração mercantil, correspondência comercial, organização comercial, datilografia e taquigrafia. Isso explicita o desenvolvimento urbano industrial de Itu e a nova dinâmica social que demanda esse ensino comercial (algo que remonta ao início século XIX). A partir da Primeira República, esse tipo de curso comercial, principalmente em nível propedêutico e técnico eram

---

20. SOUZA, Jonas de. CYTRYNOWICZ, Roney. **História da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, 1940-1990. 2004.** Pág. 71.

bem-vistos pelas classes baixas e média baixas, que almejavam ascensão social, como inserção diferenciada no mercado de trabalho.

Não obstante das alterações sociais, as mudanças legais acerca dos cursos técnicos-profissionais (principalmente a Lei nº 5.692/71 – que modificou a estrutura do ensino no país, sendo muito criticada na pedagogia pelo seu tecnicismo), as dificuldades financeiras e o fim do longo convênio com o SENAI, nas décadas de 1970 e 1980, a oferta de cursos que o Instituto Borges entregava à sociedade ituana se manteve adequada. Mudanças estruturais também marcaram esse período, como, por exemplo, o novo salão de festas construído em 1976 para eventos de auditório (cerimônias de formatura, exibição de filmes, conferências, teatros, audições etc.) e para a adequação do currículo de educação artística. Podemos citar, nessas duas décadas, o novo curso de enfermagem que começa a funcionar em 1979. Além dos cursos semiprofissionalizantes em parceria com a UNIT (Universidade do Trabalhador), aprovados em 1984 e inaugurados em 1986 com a presença do então governador do Estado de São Paulo, Franco Montoro e aula inaugural ministrada pelo então provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, Raul de Paula Leite.

Citar a instituição IBAO é imediatamente remeter à excelência e renome na educação não apenas no município de Itu, mas também nas adjacências, pois muitos foram os alunos das cidades vizinhas que estudaram nessa escola e receberam, de forma gratuita, consolidado ensino. Atualmente, a escola oferta vagas para o Ensino Médio e os cursos Técnico de Segurança do Trabalho e Técnico em Enfermagem. Sendo esses jovens e adultos que frequentam diariamente a escola os agentes materializadores da missão secular da Irmandade de Misericórdia e do desejo testamental de Joaquim Bernardo Borges. E para suprir essa demanda, o Instituto Borges de Artes e Ofícios conta, para além da excelência dos seus funcionários, uma estrutura de biblioteca, laboratórios, equipamentos, auditório, quadra poliesportiva, currículo alinhado com a legislação vigente e equipamentos multimídias condizentes com a realidade digital.

O curso de Ensino Médio, que fora institucionalizado no IBAO em 1986, atualmente já se encontra atualizado ao N. E. M. (Novo Ensino Médio), oferecendo 40 vagas por série no período noturno, que além de ter uma formação sólida e exigente nas disciplinas básicas, possui itinerários formativos que contemplam as quatro áreas do conhecimento: ciências humanas e sociais aplicadas; linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; e ciências da natureza e suas tecnologias. Essa conceituada formação pedagógica recebe uma grande procura pela comunidade. E no decorrer dos três anos do segundo grau, o discente é preparado não apenas para o mercado de trabalho mediante

às disciplinas do currículo regulamentar e outras várias atividades e projetos paralelos e multidisciplinares, mas também recebe uma formação focada no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e nos vestibulares para as principais faculdades públicas e particulares do estado.

Já os cursos profissionalizantes de Técnico de Segurança do Trabalho (inaugurado em 1990), com 50 vagas, e Técnico em Enfermagem (inaugurado em 2014), com 43 vagas, são reputados em toda a região, além de serem áreas que mais empregam profissionais no mercado de trabalho.

O candidato que se apresenta para pleitear uma vaga nesses cursos passa por um processo avaliativo em que seu desempenho acerca do conteúdo escolar é mensurado mediante um Vestibulinho de questões objetivas, além de se observar sua renda, priorizando estudantes com 1,5 salários mínimos de renda familiar, para contemplar uma camada de baixa renda da população – condição alinhada com a missão da Irmandade.

**Bruno de Assis Furquim**

*Natural do município de Itu e residente na cidade de Cabreúva.*

*Técnico em Museologia, graduação em História e Sociologia.*

*Pós-graduação em Sociologia e Filosofia.*

*Trabalha em Cabreúva como professor PEB II de História e Sociologia desde 2011.*

*É museólogo no Museu da Santa Casa de Itu desde 2018.*

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

NARDY FILHO , Francisco. **A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itú: Primeiro Centenário da sua fundação 1840-1940.** Itu (SP). Ottoni Editora, 2012.

SOUZA, Jonas de. CYTRYNOWICZ, Roney. **História de Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, 1940-1990.** São Paulo (SP). Narrativa Um, 2004.

---

**A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu 1990-2020: filantropia e voluntariado em Itu.** São Paulo (SP). Narrativa Um, 2020.

# *EE “Regente Feijó”*

## *Da sua Fundação aos dias atuais*

**ANA REGINA AMSTALDEN SANTA ROSA  
MARIA DO CARMO SCARSO**

A E. E. “Regente Feijó” foi criada em um momento de grande expansão do ensino no Brasil, com a criação de diversas escolas públicas em todo o país. Na época, a cidade de Itu já tinha uma tradição educacional forte, com a presença de importantes instituições de ensino. Essa escola veio para complementar essa oferta, oferecendo uma educação de qualidade para a população local.

Em 12 de fevereiro de 1932, o então prefeito municipal de Itu, Sr. Joaquim Galvão de França Pacheco, reuniu-se em audiência especial com o interventor Federal no Estado de São Paulo, Cel. Manuel Ribeiro, acertando a criação do Ginásio do Estado, atual E.E “Regente Feijó”, em Itu. O prefeito comunicou que o referido ginásio seria instalado num sobrado, cedido pela prefeitura, localizado à rua dos Andradas, antiga sede do Grupo Escolar “Convenção de Itu”.

E assim teve início a história da tradicional escola “Regente Feijó”, que nesse ano de 2024 completou 92 anos.

Em 5 de março de 1932, através do Decreto nº 5.424, do interventor federal do Estado de São Paulo, Cel. Manoel Rabelo, foi criado o Ginásio do Estado, em Itu. Durante dois anos, todas as despesas de manutenção e contratação de professores seriam de responsabilidade da Prefeitura Municipal, que fez as necessárias adaptações do prédio, apesar de seus escassos recursos. O Governo Estadual se responsabilizava pela contratação do diretor e de seis professores.

O primeiro diretor nomeado em abril de 1932, foi Oscavo de Paula e Silva, que até então atuava como Delegado de Ensino em São José do Rio Preto/SP. Os primeiros professores contratados pelo Estado foram: dr. José Leite Pinheiro Júnior (Português e Francês); José de Paula Santos (Matemática); Joaquim de Toledo Camargo (Ciências Físicas e Naturais); Claudemira de Vasconcelos (História da Civilização); Antônio Berretta (Geografia e Cosmografia); Salathiel Vaz de Toledo (Educação Física). Os servidores contratados pela municipalidade foram: professor Tristão Mariano da Costa Junior (Música e Canto); professor Pery Guarany Blackman (Desenho); secretário Paulo Afonso da Rocha Pinto Junior; porteiro Cesário Galvão; serventes

Orlando Zenaro e Francisco Prieto. Oscavo de Paula e Silva permaneceu como diretor durante dez anos.

Devido à instabilidade política da década de 1930, o recém-criado Ginásio do Estado correu o risco de ser municipalizado. Os decretos de criação dos colégios estaduais (Itu, Araras, Catanduva e Taubaté) seriam revogados pelo interventor federal no Estado de São Paulo, Coronel Waldomiro Castilho de Lima.

A municipalização só não aconteceu devido aos esforços dos professores que, durante um ano, lecionaram sem receber vencimentos, garantindo a permanência dos alunos e a continuidade do colégio. Assim, em 1934, através de um decreto, é restabelecido o Ginásio do Estado nos municípios de Itu, Araras, Catanduva e Taubaté. Também colaboraram para o restabelecimento do Colégio Estadual o prefeito Braz Bicudo de Almeida, e demais prefeitos dos municípios sedes de ginásios estaduais.

A instalação do Ginásio do Estado, no antigo prédio da Prefeitura Municipal, localizado na esquina da rua dos Andradas com a rua Dr. José Elias, se deu em 16 de maio de 1932, data essa adotada como *dia de fundação da escola*, comemorada até os dias atuais.

Nessa mesma data ocorreu a apresentação do hino da escola, cuja letra foi escrita pelo Prof. Dr. José Leite Pinheiro e a música foi composta pelo maestro e professor de música e canto orfeônico Tristão Mariano da Costa Júnior, sendo este entoado em todas as comemorações alusivas a este estabelecimento de ensino. A seguir o hino da escola “Regente Feijó”:

Refulgindo no céu cor de anil  
Sobre nós se desdobra o Cruzeiro,  
Prodigioso pendão do Brasil  
Que no alto balança fagueiro

*ESTRIBILHO*

*Jovens filhos da terra querida,  
Rendei culto à justiça, ao saber,  
Só com honra se vence na vida.  
Dada à Pátria, cumprindo o dever!  
Sem temor pela Pátria lutemos,  
Alentados com a ciência bebida,  
Que a luz a vitória faremos,  
Enloirando o Brasil pós a lida!*

Soergamos bem alto a bandeira  
Nas ameias da glória imortal,  
Nós, valente falange guerreira  
Do Brasil vitorioso afinal.

O Grêmio Estudantil “Conselheiro Paula Souza e Mello” foi fundado em 20 de maio de 1932, com a finalidade de coordenar e representar os estudantes do antigo ginásio. O Grêmio Paula Souza, como era conhecido, teve relevante papel na história ituana. Foi responsável pela realização de eventos culturais, esportivos, lúdicos, religiosos e até mesmo movimentos assistencialistas e políticos. O grêmio estudantil foi muito importante na formação política dos estudantes, sendo dele oriundas muitas lideranças políticas do município, atuantes até os dias atuais.

Com a ascensão do Regime Militar e a reforma educacional promovida pela Lei 5.692, em 1971, o grêmio foi desativado e substituído pelo Centro Cívico, cuja atuação era limitada pelas regras governamentais. Em 1982, o Grêmio foi reativado e nova diretoria eleita.

O Ginásio de Estado passou a ser denominado Colégio Estadual de Itu em 1933, passando a oferecer o curso colegial, hoje ensino médio. Em 1935, nova denominação: “Colégio Estadual Regente Feijó” em homenagem ao Padre Diogo Antônio Feijó, regente imperial e professor.

A primeira turma formada no “Colégio Estadual Regente Feijó” foi em 1936. Fazia parte desta turma João dos Santos Bispo, futuro diretor da tradicional escola.

A partir de 1940, muitas mudanças ocorreram no Ginásio Estadual de Itu, sendo a primeira delas a saída de Oscavo de Paula e Silva em 1942, quando assumiu o cargo de consultor jurídico do Departamento de Educação do Estado. Assume em seu lugar Antônio Berreta, que até então exercia o cargo de professor de Geografia.

Na gestão do diretor professor Antônio Berreta, ocorreu a instalação dos cursos clássico e científico, sendo a primeira turma de formandos dos referidos cursos em 1943. Pelo Decreto nº 14.897, de 30 de julho de 1945, o Colégio Estadual de Itu tem nova denominação: “Colégio Estadual Regente Feijó”. Além dos cursos clássico e científico, graças à intervenção do deputado estadual Dr. Martinho Di Ciero, foi instalado também o curso Normal (Magistério). Também foram instalados o curso Pré-Normal e o curso Primário de acordo com o decreto nº 14.002 de 25 de maio de 1944. Assim, em 1947, em virtude da instalação do curso de formação de professores primários (Decreto-lei nº 16.912, de

14/02/1947), a escola passa a denominar-se “Colégio Estadual e Escola Normal Regente Feijó de Itu”.

Nesse período, a escola passou por uma grande transformação na sua estrutura física. Em 1944, teve início a reforma e ampliação que deu origem ao atual prédio da Escola “Regente Feijó”. As mudanças físicas aconteceram de 1944 a 1949, período em que os alunos desenvolveram suas atividades escolares no Ginásio “Convenção de Itu”, situado na Praça Conde de Parnaíba.

Em 1949, o professor Salathiel Vaz de Toledo assume a direção da escola. Nesse mesmo ano foi concluída a reforma e ampliação do prédio. No dia 24 de abril de 1949 o governador Adhemar de Barros esteve presente na solene inauguração do imponente edifício, cujas características são mantidas atualmente.

Os cursos noturnos Ginásial e Colegial foram autorizados em 1953, atendendo a demanda dos jovens trabalhadores. Ainda neste ano, assume a direção da escola, por concurso público, o professor João dos Santos Bispo, ilustre cidadão ituano que esteve no comando do tradicional Colégio e Escola Normal “Regente Feijó” até 1977.

O diretor João Bispo, que era carinhosamente conhecido por *Professor Bispo*, foi ex-aluno da primeira turma de 1932. Sua gestão foi marcada pela competência e dedicação, período em que a escola se destaca como centro de referência educacional no município e região.

O diretor João dos Santos Bispo, além de se destacar pelo profissionalismo, também é muito lembrado por professores, funcionários e alunos pela maneira respeitosa e amável que dispensava a todos. Ferrenho defensor de “sua escola” costumava dizer *“sempre achei que o melhor conselho é o exemplo”*, frase esta que resume sua bem-sucedida gestão.

Sua aposentadoria em 1977 teve repercussão não só na cidade de Itu, mas também em toda a região e na capital do Estado, pois a figura do diretor João Bispo se confundia com a própria história da escola, na qual ele imprimiu sua personalidade. Seus serviços à frente da tradicional escola “Regente Feijó” foram relatados no *O Jornal dos Professores* do Centro do Professorado Paulista, em sua edição de maio de 1978, com o título *“Bispo, um educador de grande valor”*, demonstrando seu grande prestígio como exemplo de vida dedicada ao magistério e a administração escolar.

Com a aposentadoria do diretor João dos Santos Bispo, assume a direção em caráter de substituição a professora Maria Aparecida de Oliveira, que até então atuava como assistente de direção.

O professor de matemática, e ex-aluno do colégio, Alcides Scalet, em 1955 criou a atual bandeira da escola, inspirada no hino da instituição, que possui

em seu centro o Cruzeiro do Sul. O professor Scalet, também conhecido como *Cidão*, foi também o principal instrutor da fanfarra do “Regente Feijó”, inicialmente ainda aluno da escola no período de 1952 a 1953, e depois como professor, a partir de 1958.

A fanfarra da Escola Regente Feijó sempre se destacou nos desfiles cívicos e nas datas comemorativas, com destaque para o aniversário da escola (16/05).

Com seu competente trabalho e dedicação, o professor Alcides Scalet levou a fanfarra a participar de muitos concursos, sendo que em 40 participações ganhou 38 troféus, inclusive o de vice-campeã brasileira. Muitos de seus toques foram criados por *Cidão*, inclusive um instrumento que recebeu o nome de *biju*, com a intenção de torná-lo o diferencial de sua fanfarra. A fanfarra chegou a ter 158 instrumentos, sendo que os primeiros foram doados pelo então deputado estadual Martinho Di Ciero.

Anteriormente ao professor Scalet, estiveram no comando da fanfarra Augusto Roldan Barreiro (funcionário da escola), Alonso Sampaio, Kleber Campos Palone e o professor Zezé Dias. Após esses, outros regentes dirigiram a fanfarra, todos com muita dedicação, procurando manter o tradicional brilhantismo das apresentações.

Em 1957, uma nova grande mudança. O governador do Estado de São Paulo, Dr. Janio da Silva Quadros, sancionou a Lei nº 3.711, de 07 de janeiro de 1957, que transformou o Colégio Estadual e Escola Normal “Regente Feijó” em Instituto de Educação “Regente Feijó”, cuja autoria do projeto de lei foi do deputado Martinho Di Ciero. Devido a essa mudança, em 01 de março de 1957, é autorizado o Curso de Aperfeiçoamento para Professores.

Em 1958 houve uma ampliação do prédio, com a inauguração de três salas de aulas destinadas ao Curso Primário Anexo e um gabinete dentário. Essa obra foi resultado do trabalho do prefeito municipal, Sr. Galileu Bicudo junto à Secretaria da Viação e Obras Públicas.

Em 10 de março de 1960, foi autorizado o Curso de Administração Escolar junto ao Instituto de Educação Regente Feijó, graças aos esforços do professor Benedito Hellmeister. Cícero Siqueira Campos e Rogério Lázaro Toccheton foram alunos da primeira turma do referido curso, hoje são patronos de duas escolas ituanas.

Em 1962, nova ampliação autorizada pelo governador Carlos Alberto de Carvalho Pinto. Foram desapropriados vários imóveis situados na rua do Patrocínio para dar lugar ao prédio que abrigaria o Curso Primário do Instituto de Educação Regente Feijó. Nesse mesmo ano inicia-se o Curso Científico Noturno.

Em 1964, é autorizada nova ampliação no prédio da escola, pelo governador Adhemar de Barros. Algumas das dependências construídas foram: oito salas de aula, sala oficina de adestramento manual, galpão, gabinete dentário, dependência para zelador, cozinha com despensa. A nova quadra de esportes foi construída em 1965.

O Centro de Avaliação do Rendimento Escolar (CARE) foi instalado em 1970, em pleno regime militar, com a finalidade de treinar professores e implantar as novas tendências pedagógicas.

Com a implementação da Lei Federal 5.692/71 que dá nova redação à educação nacional, houve grandes mudanças na rede estadual de ensino de 1º e 2º grau, ocorrendo a reestruturação da Rede Oficial de Ensino no Estado de São Paulo. Sendo assim, a partir de 23 de janeiro de 1976, o Instituto de Educação “Regente Feijó” passa a se chamar Escola Estadual de 1º Grau “Regente Feijó”, passando a oferecer as quatro primeiras séries do antigo primário e as quatro séries do antigo ginásio. Essas oito séries formam o Ensino Fundamental ou Primeiro Grau.

A Lei Federal 5.692/71 tinha por objetivo a universalização do ensino público, ampliando o acesso à educação a todas as classes sociais, tornando obrigatória a matrícula nos estabelecimentos de ensino de todas as crianças e jovens em idade escolar.

Em decorrência da Reorganização da Rede Oficial de Ensino, foram encerradas as atividades dos cursos Colegial Clássico e Científico, assim como do Curso Normal. Parte da biblioteca e laboratório foram transferidos para a Escola Estadual de 2º Grau “Professor Antônio Berretta”, assim como alunos e professores que atuavam no Segundo Grau foram compulsoriamente transferidos.

Em 1983, houve nova reorganização do sistema educacional do Estado de São Paulo, que determinou que as escolas passaria a oferecer somente o ensino de primeiro grau a partir da 5ª série e o segundo grau. Os alunos da 1ª a 4ª série e respectivos professores foram remanejados para outras unidades escolares. Com esta reorganização, a escola passou a se chamar Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Regente Feijó”.

Com o processo de municipalização do ensino de 1ª a 4ª série, na década de 1990, as referidas séries passaram a ser de responsabilidade dos governos municipais e ocorre nova modificação no nome da escola, que passar a ser Escola Estadual “Regente Feijó”, oferecendo o ensino fundamental II (5ª a 8ª série) e Ensino Médio.

No ano de 2002, a escola passou a oferecer o ensino de línguas estrangeiras com a criação do Centro de Línguas (CEL) que oferece cursos de línguas para

alunos de todo o município, contando atualmente com 86 alunos. A criação do Centro de Línguas deu-se através do Decreto nº 27.270/87 e sua instalação pela Resolução SE nº 84 de 22/05/2002.

O prédio da EE “Regente Feijó” também cedeu temporariamente, de 1986 a 1995, no período noturno, nove salas de aula para a Escola “Junqueira Ortiz”, que oferecia curso técnico de contabilidade. Essa cessão, junto ao governo do estado de São Paulo, foi obtida por intermédio do então deputado federal Dr. Oswaldo Junqueira Ortiz Monteiro, a pedido do Sr. Leon Ramires Nicolau, presidente do “Lar e creche Mãezinha”, mantenedora da Escola Junqueira Ortiz.

Em 2012, através de uma parceria com o Centro Paula Souza, algumas salas de aula foram ocupadas pela Escola Técnica “Martinho Di Ciero”, integrado ao Ensino Médio. No período da manhã, eram ministradas aulas de TI (Tecnologia da Informação), sendo que as disciplinas do núcleo básico eram ministradas por professores da EE “Regente Feijó”; no período noturno as aulas eram do curso de Administração e Comércio. Essa parceria foi encerrada em 2022.

Atualmente, a Escola “Martinho Di Ciero” se utiliza de algumas salas de aula no período noturno cedidas pela E. E. “Regente Feijó”, mas sem vínculos administrativos e pedagógicos.

Em virtude das comemorações do cinquentenário da escola, no dia 13 de maio, a escola foi presenteada com a estátua em bronze do Regente Feijó, colocada inicialmente na entrada do estabelecimento. Essa estátua, juntamente com o restante do monumento (composto pela estátua representativa da justiça e o brasão do império), foi esculpida em 1911 pelo escultor Louis Conversa, permanecendo por muitos anos na capital paulista, no Largo da Liberdade. Em 1967, em virtude da construção do metrô, o monumento foi retirado desse local e levado para o “depósito da ponte pequena”.

Dada a dimensão do referido monumento, apenas a estátua do regente Diogo Antônio Feijó foi instalada na escola, ficando o restante na garagem da prefeitura de Itu por muitos anos.

A vinda desse monumento para Itu se deve aos esforços do então prefeito municipal Dr. Olavo Volpato e do jornalista Paulino Domingos Piotto, por meio de um termo de cessão e responsabilidade. Por diversas vezes o governo paulista tentou reaver o monumento, com grande disputa pela posse do mesmo, mas o Sr. Olavo Volpato continuou a luta e conseguiu a posse definitiva com a ajuda do então vereador de São Paulo, José Olímpio, que era ituano e ex-aluno da escola.

Depois de passar por uma restauração, o imponente monumento atualmente se encontra no jardim frontal da escola.

A professora Renata Cesta Martinez é a atual diretora do estabelecimento desde 2017, onde estão matriculados 1.484 alunos sendo assim distribuídos: 728 no Ensino Fundamental, 488 no Ensino Médio, 182 na Educação de Jovens e Adultos (ensino médio noturno) e 86 no Centro de Línguas.

A Escola Regente Feijó é uma instituição de ensino com uma rica história e tradição, com quase um século de existência, que sempre teve um papel importante na educação da cidade de Itu e região. Imortalizada na memória dos habitantes da cidade e do próprio centro urbano de Itu, onde imponente, a tradicional escola permanece.

#### **Maria do Carmo Francischinelli Scarso**

*Licenciatura em Estudos Sociais, Geografia e Pedagogia. Pós-graduação em Geografia pela UNISO. Pós-graduação em Gestão Escolar pela Unicamp. Professora e Gestora Escolar aposentada. Atuou no sistema educacional público estadual e privado. Atualmente faz voluntariado junto ao sistema público de saúde.*

#### **Ana Regina Amstalden Santa Rosa**

*Licenciatura em Estudos Sociais, História e Pedagogia. Pós-graduação em Gestão Escolar pela Unicamp. Professora e Gestora Escolar aposentada. Atuou no sistema educacional público municipal e estadual. Exerceu função administrativa na Diretoria Regional de Ensino. Participação no livro “Italianos em Itu: da imigração à atualidade”, Volume I.*

---

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARVALHO, Roberto Machado. **Memória de uma escola.** Edição comemorativa do cinquentenário da Escola Estadual “Regente Feijó”. São Paulo: Editora Pammartz, 1983.

OLIVEIRA, Edson Carlos de, OLIVEIRA, Maria de Fátima Boni de, e FOLLINO, Vilma Pavão, organizadores. **Italianos em Itu, da imigração à atualidade.** Volume 2, primeira edição. Salto, Editora FoxTablet, 2018.

**Revista Campo e Cidade.** Edição 136, 2022.

Memorial da EE “Regente Feijó”.

*“No ano de 1951, aos 11 anos, após concluir o curso primário no Grupo Escolar Convenção de Itu e ser aprovada no exame de Admissão ao ginásio, ingressei no ‘Colégio Estadual e Escola Normal Regente Feijó’.*

*No primeiro dia de aula, impressionei-me com o tamanho do prédio e com a grande quantidade de alunos. Vestia meu uniforme com saia azul marinho, pregueada e camisa branca, com as iniciais G.E (Ginásio Estadual) bordadas no bolso, em ponto cheio, na cor da saia. Na ótica dos alunos, um terrível complemento se evidenciava nesse traje: a sufocante gravata. Quem chegasse sem ela era impedido de entrar na classe.*

*No curso ginásial, o método de ensino era diferente daquele utilizado nas escolas primárias, onde orbitávamos ao redor da professora, a quem chamávamos de ‘dona’. Neste novo curso fomos apresentados a muitas disciplinas com um professor para cada uma delas.*

*Naquela época, o Colégio Regente Feijó, dirigido pelo inesquecível Professor João dos Santos Bispo era o único estabelecimento de ensino secundário da região que oferecia, além do Curso Ginásial, o Científico e o Clássico. Por essa razão, recebia alunos de Salto, Porto Feliz e Indaiatuba, que chegavam em grupos. Os de Indaiatuba eram transportados por ônibus, fretado pela Prefeitura da cidade e apelidado de ‘Amarelinho’, pela sua cor amarelo ouro. Os de Salto e Porto Feliz chegavam em ônibus de carreira, desciam no ‘Largo do Mercado’ e subiam, em revoada, para ‘o Regente’, na Rua dos Andradas. Os uniformes dos alunos do colegial e dos ginásianos eram iguais. Somente o bordado no bolso mudava de G.E para C.E. (Colégio Estadual).*

*Deixei a escola em 1957, após concluir o Curso Científico, com uma expressiva bagagem cultural, graças à qualidade do ensino, à capacidade e ao poder de comunicação dos seus membros docentes. Alguns me marcaram muito e até hoje estão vivos em minha memória.*

*Dentre os excelentes educadores que tive, ao longo de meus sete anos nesse educandário, destaco o simpático, carismático e competente professor Luiz Gonzaga da Costa Júnior – sobrinho do maestro Tristão Mariano da Costa Jr. Ele era professor de Música e Canto Orfeônico e excelente violinista. Suas aulas eram ministradas no anfiteatro da escola, onde existia uma lousa pautada, para música. Com ele – sempre com a sua batuta na mão –, aprendemos a solfejar o Hino Nacional, o Hino da Escola e canções populares infantis, além de noções básicas sobre música e canto. Conhecemos e aprendemos a usar o diapasão e, nas aulas, usávamos um caderno de música pautado.*

*No início do ano letivo o professor Luizito avaliava e classificava, individualmente, os tipos de vozes dos alunos. Sempre fui desafinada e rotulada como: ‘com voz de taquara rachada’, por isso, nunca participei do renomado coral, regido por ele. No ‘orfeão’, como o grupo de cantores era chamado pelos alunos, havia muita gente talentosa. A estrela maior, na minha época, era Laurita Bolognesi, que cursava a Escola Normal e possuía uma voz maravilhosa.”*

**Da ex-aluna TERESINHA M.J. GALDINI RAIMUNDO**



*Fachada da Escola Estadual Regente Feijó*

# *Itu – Abençoada nos anos 40*

**VILMA PAVÃO FOLINO**

A década de 40 deu a Itu, cidade profundamente católica, duas dádivas: a bênção de ter dois filhos, nascidos em seu solo, sagrados bispos. Honra pelas nomeações e honra ainda maior, pela forma com que seus sábios filhos exerceram a plenitude do Sacramento da Ordem Sagrada: Dom Manuel da Silveira D’Elboux e Dom Gabriel Paulino Bueno Couto.

Tiveram eles muitos aspectos semelhantes em suas vidas: ambos nascidos em Itu, na primeira década do Século XX; na infância fizeram seus primeiros estudos no Grupo Escolar “Cesário Motta”; consagrados bispos nos anos 40, aos 36 anos de idade, tendo dedicado muitos anos aos trabalhos em suas dioceses; nos anos 60 participaram das reuniões do Concílio Vaticano II; manifestaram grande preocupação com os jovens, sobretudo quanto aos aspectos relativos à educação e solidariedade. Exemplos magníficos de grandeza de espírito e desprendimento material, escolheram vida modesta envolta em imensa espiritualidade e oração, deixando grande legado. Ambos são homenageados com nomes de ruas, escolas, instituições e Dom Gabriel nomeia a Rodovia Jundiá-Itu, segmento da Rondon.

Particularidades de suas vidas e obras, com informações baseadas em Francisco (2024) e Christofolletti, 1996, seguem na tabela abaixo:

| <b><i>Dom Manuel D’Elboux</i></b>                                                                                                      | <b><i>Dom Gabriel Paulino</i></b>                                                                                                               |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Nasceu em 1904, no casarão de azulejos, onde hoje é o Museu da Energia. Segundo filho numa família de 11 irmãos.                       | Nasceu em 1910, nome Paulino.                                                                                                                   |
| Aos 14 anos cursou o Ginásio NS do Carmo, particular, fundado pelo Dr. J. Leite Pinheiro, nas dependências do Carmo.                   | No grupo escolar, foi apelidado Rui Barbosa. Logo após o primário, já ingressou no Seminário de Bom Jesus de Pirapora e depois no Carmo de Itu. |
| Muito ativo e já preocupado com os jovens, fundou o Grêmio Literário Paula Souza (reunir colegas, com leitura e discussões literárias) | 1927 • Recebeu o hábito carmelita e iniciou o noviciado.                                                                                        |

| <b>Dom Manuel D'Elboux</b>                                                                                                                                                                                                                                                       | <b>Dom Gabriel Paulino</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1922 • Com outros jovens, no Carmo, cria a Confederação Vicentina e a Congregação Mariana.                                                                                                                                                                                       | Terminou a formação carmelita em Roma, onde viveu 17 anos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 1923 • Completa estudos em São Paulo.                                                                                                                                                                                                                                            | 1933 • Ordenação como Frei Gabriel                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 1925 • Aluno do Seminário Maior da Arquidiocese de SP                                                                                                                                                                                                                            | Reitor do Colégio Internacional "Santo Alberto", da Ordem do Carmo, em Roma.                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 1931 • Ordenado Sacerdote. Reitor agregador do Seminário; mudou o seminário para o Ipiranga.                                                                                                                                                                                     | Devido à escassez de alimentação durante a II Guerra, teve a saúde comprometida pela Tuberculose.                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 1940 • Sagrado bispo. Empreendedor.                                                                                                                                                                                                                                              | 1946 • Sagrado Bispo. Piedade sólida                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Em Ribeirão Preto • Preocupação com o aspecto intelectual e espiritual dos diocesanos; Fundou: Círculo dos Trabalhadores Cristãos, Liga das Senhoras Católicas, Ação Católica, Lar Sant'Ana, Creche.                                                                             | Bispo Auxiliar em Jaboticabal, Taubaté e São Paulo (atuou na PUC). Bispo auxiliar em Curitiba (1954–1955), portanto auxiliar de Dom Manuel.<br>Trabalhando em Taubaté, residia em Campos do Jordão onde a saúde foi restabelecida, embora com um só pulmão. Cultura primorosa: teólogo, escritor, poliglota e conferencista.                                                      |
| 1947 • Arcebispo em Curitiba: construção de novo seminário, Imprensa- jornal Voz do Paraná, Rádio Legendária, Congressos Eucarísticos e em 1959, Instalação da Universidade Católica do Paraná (início da PUC Paraná). Bispo com ampla visão administrativa pró educação cristã. | 1967 • Primeiro bispo de Jundiá: incentivou e acompanhou de perto: grupos de jovens, sua grande preocupação; adultos leigos para trabalharem com os jovens; vocação sacerdotal; cursilhos, em todas as paróquias da diocese. Considerado homem santo e místico. Promoveu campanhas de saúde em várias localidades, instituiu orfanatos, fundou uma editora para livros católicos. |
| Faleceu em 1970, aos 65 anos.                                                                                                                                                                                                                                                    | Faleceu em 1982, aos 71 anos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Livro • <i>Carta Pastoral</i> . Editora Ave Maria, São Paulo, 1946.                                                                                                                                                                                                              | Escreveu sobre diversos assuntos, para reflexão dos sacerdotes e leigos, e publicou dois livros:<br><i>O Homem e Sua Realização: Roteiro de felicidade.</i><br><i>O Sacerdote e O Matrimônio e a Família no Magistério da Igreja de Cristo.</i>                                                                                                                                   |

| <b>Dom Manuel D’Elboux</b>                                  | <b>Dom Gabriel Paulino</b>                                                                     |
|-------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| “O amor de Cristo domina o tempo e a eternidade”            | “Dar Cristo a quem não o tem e consciência de Cristo a quem o tem”.                            |
| “Mais do que a espada, é sempre a pena que vence a batalha” | Processo de beatificação, enviado à Congregação da Causa dos Santos, Roma, em outubro de 2000, |

*“Para ser reitor, não basta ser bom... É preciso ser bom, sem condescendências culposas. Ser perspicaz sem pretensão de infalibilidade. Ser enérgico, mas suave... Numa palavra: é preciso ter acúmulo de dons e um grau de santidade tal, que a autoridade seja simultaneamente amada, respeitada e obedecida. Isto foi Dom Manuel D’Elboux.”* (Dom Benedito Ulhôa Vieira, citado por FRANCISCO, 2024, p.40)

Sobre Dom Gabriel, o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns disse: *“Um homem que reza e faz de sua vida uma oração”.*

**Vilma Pavão Folino**

*Pedagoga e Psicopedagoga aposentada*

*Ocupante da Cadeira 35 da ACADIL – Academia Ituana de Letras*

---

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CHRISTOFOLETTI, Benedito Amauri. **Dom Manuel Paulino Bueno Couto: Cidadão de Deus, Emérito Ituano.** ITU, SP, Editora Ottoni 1996

FRANCISCO, Luís Roberto de. **Manuel da Silveira D’Elboux, um dom para a educação.** Biblioteca Histórica Padre Luiz D’Elboux. Instituto Cultural de Itu, 2024.

[dj.org.br/dom-gabriel-paulino](http://dj.org.br/dom-gabriel-paulino) . Acesso em 03 de abril de 2024.

<https://catolicodigital.com.br/36-anos-da-pascoa-de-dom-gabriel.html> . Acesso em 03/04/2024.

# *Histórico do “Lar Santo Inácio”*

**FERNANDA MILLER TEODORO**

Fundado em 16 de setembro de 1943, o Lar Santo Inácio, localizado à rua Paula Souza, no centro de Itu, celebrou com muito júbilo, no dia 16 de setembro de 2023, 80 anos de existência. O espaço foi fundado pelos padres Jesuítas que desenvolviam seu ministério sacerdotal e missionário na Igreja do Bom Jesus. Para tanto, o padroeiro para a instituição foi Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, ordem religiosa da qual fazem parte os Jesuítas.

Partindo do carisma dos Jesuítas, que possui alto grau de comprometimento com a educação dos fiéis, o intuito principal do Lar Santo Inácio era ofertar cursos profissionalizantes para a população, com maior ênfase às meninas que se mudavam da zona rural, para a região central de Itu. Desta forma, eram oferecidos cursos de corte e costura, sapateiro e engraxate.

Na década de 70, o Lar Santo Inácio passou a oferecer o curso de alfabetização, através dos préstimos da professora Maria Antônia Luporini Sampaio. O curso era destinado exclusivamente para moças e senhoras

Com o decorrer dos anos, houve a necessidade de ampliar a oferta do curso de alfabetização e, com isso, aconteceu um convênio entre o Lar Santo Inácio e a Prefeitura da Estância Turística de Itu, através da Secretaria de Educação, vindo o lar a ser, por anos, uma EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil). A escola levou o nome da ilustre e pioneira professora Maria Antônia Luporini. Destaca-se o grande apoio da família Amirat, que, por anos, garantiu o sustento da instituição.

Hoje, o Lar Santo Inácio é uma associação de direito privado, sem fins lucrativos e econômicos, voltado à promoção social e oferta formação moral e social às crianças. A entidade funciona nos períodos da manhã e tarde, acolhendo crianças de 3 a 6 anos, com a seguinte missão: *“oferecer socialização para as crianças em situação de vulnerabilidade.”*

O Lar Santo Inácio conta com uma equipe técnica, funcionários e voluntários que, ao todo, somam dez colaboradores. Fiéis aos seus ideais de fundação, o Lar Santo Inácio continua sendo uma entidade religiosa, tendo o pároco da Paróquia Nossa Senhora da Candelária, padre Francisco Carlos Caseiro Rossi, o diretor espiritual e eclesialístico. Contudo, a entidade atende crianças e famílias de outras denominações religiosas, atendendo à orientação pastoral do

Magistério da Igreja Católica, a qual propõe a prática de inclusão social, aceitando a presença de crianças que tenham outras práticas religiosas.

Ao longo desses 80 anos, centenas de pessoas passaram pelo Lar Santo Inácio e se sentem gratas e reconhecem o benefício que o Lar Santo Inácio trouxe para a vida de cada um.



*Foto de época: construção da sede na rua Paula Souza*



*Fachada atual do Lar Santo Inácio*

**Fernanda Miller Teodoro**

*Nascida em Itu. Formada em Pedagogia e pós-graduação em Neurociência da Educação. Atuou na área durante 20 anos. Faz parte da igreja e sempre ouviu falar do Lar Santo Inácio, e, hoje, faz parte da equipe como coordenadora.*

*Colaboração do Diácono Tadeu Eduardo Italiano, jornalista, natural de Itu.*

# *Escola Técnica de Comércio Junqueira Ortiz*

**TERESINHA M. J. RAIMUNDO**

1954. Ano da fundação da Escola Técnica de Comércio Junqueira Ortiz.

Suas atividades foram iniciadas na Rua Floriano Peixoto, 924 e ali permaneceram até 1958. Sem prédio próprio, mudou de lugar com certa frequência, chegando até a utilizar salas na E.E. Regente Feijó. Mas, em 1992, inaugurou sua sede própria na rua Sorocaba, Parque Jardim das Rosas.

A Escola Técnica, em 2002, deu lugar ao Colégio Junqueira Ortiz, encerrado em 2007. Depois, em suas dependências já funcionou o formato de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos) e, atualmente, nesse grande espaço, exerce suas atividades educacionais a EMEF Monsenhor Camilo, com classes de pré-escola e anos iniciais do ensino fundamental.

Desde 1967 a mantenedora é o Lar e Creche Mãezinha, que administra a locação do prédio no momento presente.

Quantos contabilistas de Itu e região se formaram no Junqueira!

Depoimento de ex-aluna:

*“Terminado o curso ginásial, ingressei no Científico, com três anos de duração. No segundo ano desse curso, comecei a frequentar, à noite, a ‘Escola Técnica de Comércio Junqueira Ortiz’, que formava técnicos em contabilidade. Esse estabelecimento de ensino foi criado em 1954 e homenageava o advogado, professor e deputado federal Osvaldo Junqueira Ortiz Monteiro. No período em que fiz o curso, com três anos de duração, a escola era dirigida pelo Capitão Evandro Mureb.*

*No meu primeiro ano, a escola funcionava num casarão velho, situado na rua Floriano Peixoto, 924, esquina com a rua Sete de Setembro. No ano seguinte, foi transferida para a alameda Barão do Rio Branco, no prédio onde, hoje, funciona o Hotel Internacional.”*

**Da aluna TERESINHA M.J. GALDINI RAIMUNDO**

# *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio*

**VILMA PAVÃO FOLINO**

Um mérito inegável deve ser evidenciado: A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio foi a primeira faculdade de Itu e da região.

Em 24 de outubro de 1958, comemorando o centenário da chegada das irmãs de São José de Chambéry ao Brasil, foi lançada a pedra fundamental do novo prédio da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora do Patrocínio. Na ocasião, a provincial era Madre Maria Jacintha Silva. No salão do Colégio Patrocínio ocorreu a solenidade festiva, em que a homenagem à Madre Teodora foi proferida pela Irmã Ana Luiza, nome escolhido por ocasião da tomada de hábito de Maria José de Toledo Piza, poeta e historiadora, e atual patrona da Cadeira 35 da ACADIL – Academia Ituana de Letras.

As obras foram iniciadas imediatamente com a administração da mantenedora SIPEB – Sociedade de Instrução Popular e Beneficência, que existia desde 1911, quando presidida por Madre Teodora. Enquanto ocorria a construção do prédio, as aulas aconteciam no Colégio.

Quem ganhou o concurso, entre dois outros projetos, foi o do arquiteto João Walter Toscano. O resultado saiu nos jornais locais da época. Além de projetar o moderno prédio, ainda foi responsável por sua construção.



*Prédio da faculdade, projetado por João Walter Toscano.*

Toscano, um jovem ituano de 26 anos, era recém-formado pela FAU, USP e utilizou conceitos modernos em seu projeto: elemento vazado, rampa, pilotis, entre outros. O prédio da Faculdade alavancou a carreira do ituano, que hoje figura entre os maiores arquitetos modernistas brasileiros, sobretudo pelo pioneirismo na utilização do aço, em sua arquitetura presente em grandes obras na capital paulista. Toscano tem renome interacional.

No período da fundação da faculdade, vários artigos nos jornais da época evidenciam o entusiasmo ituano em relação ao notável empreendimento pelas dinâmicas e arrojadas Irmãs de São José. Na edição de 09/11/58, p.2, n. 2775, do periódico *A Federação*, há uma saudação do então diretor do Instituto de Educação Estadual Regente Feijó, professor João dos Santos Bispo, reverenciado até hoje pelo seu amor à educação. Trata-se da transcrição de uma fala radiofônica, assim iniciada: *“Prezadíssimos radiouvintes”*. Nesse verdadeiro documento jornalístico, após enaltecer, com gratidão, as fiéis seguidoras de madre Theodora com suas notáveis obras de assistência, instrução e educação, versa sobre a importantíssima influência de uma Faculdade de Filosofia Ciências e Letras na cultura de um povo e aprimoramento de professores. Continua dizendo que, com o aumento do número de escolas de Ensino Médio, se justifica a instalação de novas FFCL... *“E Itu é cidade, por muitos títulos, indicada para a localização de uma escola desse porte, como estamos vendo. E as beneméritas Irmãs de São José saberão realizar obras à altura das excelentes tradições do nosso Colégio do Patrocínio.”* Assim é encerrada a sua fala.

A Revista da Congregação, que retrata os anos de 1958 a 1964, foi parcialmente reeditada como Separata da Revista número 1 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, publicada em 1972. Texto de Maria José de Toledo Piza, já acima citada, relata resultado de suas pesquisas sobre dados históricos de Itu.

A Revista de 1964 contém alguns dados sobre os primórdios da Faculdade. No início, oferecia os cursos de Pedagogia e Letras Neolatinas, com poucas alunas, como é possível verificar na relação *das Formandas de 1962*, as primeiras turmas:

PEDAGOGIA

Claudina Gomes Arena

Gília Eiras (Irmã)

Maria do Carmo Lui Aranha

Maria Celeste Moraes (Irmã)

Maria Marta Rodrigues

Sueli Tozzi

LETRAS NEOLATINAS

*Anna Leticia Barsaglia (Irmã)*

*Astrid Maria Alarcon*

*Elvira Maria Barnabé Ferreira Leite*

Segundo depoimento de alunas, o vestibular era rigoroso. O número de alunas foi aumentando gradativamente ao longo da existência da faculdade. Na Segunda turma de *Formandas de 1963*, é possível verificar um aumento. Entre as alunas, algumas irmãs e, entre as professoras, irmãs e leigas.

PEDAGOGIA

*Irene Bazaglia (Irmã)*

*Irene Sad (Irmã)*

*Leonor Fonseca Braga*

*Maria do Carmo Bazanelli*

*Maria de Lourdes Melo Fontes*

*Neide Tozzi*

*Nilza Maria Leis*

*Teresinha Ferretti de Siqueira*

*Teresinha de Jesus Camargo*

LETRAS NEOLATINAS

*Gema Stella Bruneta (Irmã)*

*Maria Angélica de Oliveira*

*Priscilla Porto Evangelista de Almeida (Irmã)*

*Rita de Cassia Camargo Carneiro*

*Verenita Felix da Silva (Irmã)*

A primeira diretora da Faculdade, segundo Carvalho (1998), foi madre Maria Albertina da SSma Trindade de Azevedo Marques Saes; por ocasião da primeira formatura era diretora a Irmã Maria Carmelita Leme Monteiro. Em seguida, segundo depoimentos de ex-alunas, a direção da FFCL foi da Irmã Anna de São José Camargo Barros, cuja assinatura encontra-se nos seus diplomas e foi designada assistente provincial, em São Paulo.

Em 7 de dezembro de 1964, o jornal *A Federação* publicou o poema *Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio*, uma verdadeira ode à faculdade, escrito pela autora do livro *“Uma Alma de Fé: Madre Teodora Voiron”*, Olivia Sebastiana Silva.

## Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio

*Olivia Sebastiana Silva*

Fôste, a princípio, uma idéia apenas,  
Caída em cérebro capaz que, dia a dia,  
Te alimentava com seu zelo e amor  
Como soem fazê-lo, realmente,  
Os que têm os olhos no Senhor...

E fôste, assim, tomando vulto, *Sementinha*,  
Soprasse, embora, o vento da descrença  
No seu triunfo, no teu porvir...  
— Jamais (diziam) serás realidade...  
Não vês, *Idéia*, quanto és tu pretensa?...  
Não crescerás... Irão te destruir...

— Mas, tu vieste do Coração de Deus  
Que há muito te inscrevera entre os planos seus...

Por isso a mente onde tombaste te acolheu,  
E, com carinho, com o máximo carinho,  
Te confiou a alguém capaz de te doar  
Uma estrutura bela, genial, gentil:  
A mais formosa, sem rival neste Brasil!

E para seres de fato uma entidade  
Legal e sobranceira,  
Te confiou à extrema claridade  
Dum Ituano, um bravo lutador  
Que fez da tua, a sua causa verdadeira,  
Com seu talento pleno de vigor!

E aí estás, ó linda Faculdade,  
Aprimorando a nossa mocidade!

E sôbre as bênçãos da grã Madre Teodora  
E daquela que te fez, de idéia  
Passar a linda realização;  
Tu que és a Virgem Mãe do Patrocínio,  
Não saberás jamais o que é declínio!...  
E sob as preces das Irmãs de São José,  
Hás de ser sempre assim: *Poema* belo,  
Um *Símbolo* real de luz e fé

Prossegue, vai, de Itu *Padrão de glória!*  
Ó Faculdade gentil!  
Escreverás em ouro a tua história  
No Pavilhão do Brasil!

Poema "Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio", de Olivia Sebastiana da Silva,  
publicado no jornal A Federação em 07/12/1964.

Na primeira página do jornal *A Federação*, edição de 03 de janeiro de 1964, um título impactante, de dimensão imensurável: “O maior acontecimento de 1964”. O artigo, assim intitulado, se refere à solenidade de formatura das licenciandas de 1962, 1963 e 1964 da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Com missa solene, a cerimônia contou com a presença de autoridades civis, eclesiásticas, militares, do paraninfo Dr. Luiz Gonzaga Novelli Junior, das reverendas Madres Provincial, Superiora, Diretora, Irmãs de São José, alunas e familiares.

A oradora das turmas foi Maria do Carmo Lui Aranha que, segundo o relato do jornal, demonstrou conhecimento da carreira que abraçou, das suas responsabilidades e da árdua luta a enfrentar. O paraninfo lembrou de sua infância no Patrocínio, cumprimentou Madre Maria Jacintha da Silva pelo seu imenso esforço e trabalho para a instalação da faculdade e por ter sido galardoada com a Medalha da Ordem Nacional pelo Governo Federal. Incentivou também suas afilhadas a seguirem as lições e ensinamentos recebidos das beneméritas Irmãs de São José. O título do artigo jornalístico mostra a importância creditada à faculdade.

Importante lembrar que em 31 de outubro de 1961 foi criado o Centro Acadêmico da FFCL, cujo patrono escolhido foi Dom Antonio Joaquim de Mello. A primeira diretoria eleita estava assim composta:

*Presidente – Maria Nilza Leis*

*Vice-presidente – Claudina Gomes Areas*

*Primeira Secretária – Irene Sad (Irmã)*

*Segunda Secretária – Maria Martha Rodrigues*

*Primeira Tesoureira – Maria do Carmo Lui Aranha*

*Segunda Tesoureira – Marina Amaral Carvalho de Souza*

*Primeira Oradora – Maria Angélica de Oliveira*

*Segunda Oradora – Teresa Maria Pacheco Silva*

#### *DEPARTAMENTOS*

*Social e Cultural – Astrid Maria Alarcon*

*Religioso – Otilia Eiras (Irmã)*

*Esportivo – Priscilla Porto Evangelista de Almeida (Irmã)*

*Publicidade – Maria de Lourdes Nunes*

O Centro Acadêmico promovia Cursos de Extensão Cultural, excursões, sessões festivas e recreativas, conagração familiar, sempre contando com a colaboração da professora Joreny Nasser Kedy.

Posteriormente, os cursos de História, Ciências Biológicas e Matemática foram instituídos e são lembrados pelos alunos e alunas que cursaram a faculdade.

Durante o Governo Militar, as áreas de História e Geografia foram unidas sob a denominação de Estudos Sociais. A Faculdade tratou logo de instalar o curso de Estudos Sociais, que contava com aproximadamente 40 alunos, segundo depoimentos de ex-alunas.

Para concentrarem sua atuação no atendimento de crianças de classes menos favorecidas, seguindo as diretrizes do Concílio Vaticano II, o Colégio e a Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio foram vendidos. Itu se ressentiu das duas grandes perdas, em 1970. Com a venda, a SIPEB não era mais a mantenedora. A Sociedade de Educação Nossa Senhora do Patrocínio passou a ser a mantenedora, cujo proprietário era Rubens Anganuzzi.

Verifica-se a existência de material informativo sobre o Colégio Patrocínio como teses, livros e blog de ex-alunas, mas existe pouquíssimo material disponível sobre a Faculdade, de 1958 a 1970. Há necessidade de intensa pesquisa a seu respeito. Lançado o desafio para os novos pesquisadores, escritores e historiadores.



*Brasão da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras NS do Patrocínio*

**Vilma Pavão Folino**

*Pedagoga e Psicopedagoga aposentada*

*Ocupante da Cadeira 35 da ACADIL – Academia Ituana de Letras*

**MARIA LUISA D'ELBOUX**

A irmã Ana Luiza, já mencionada, lecionou Língua Francesa, Literatura Francesa e Didática da Língua Francesa durante 10 anos, de 1958 até 1968. Maria Luisa D'Elboux, que foi sua aluna tanto no período ginásial (Língua e Literatura Portuguesa) como na Faculdade, assim se referiu à sua professora durante o Curso de Letras Neolatinas, em parte de seu depoimento registrado em agosto de 2020:

*“Na Faculdade, Irmã Ana Luiza foi minha professora de Francês nos quatro anos. Língua e Literatura Francesa. Era muito gostoso constatar a paixão dela pelos escritores, pelos poetas, sobretudo Lamartine. Não escondia o quanto os sentimentos deles mexiam com os seus. Sempre bem-humorada, mesmo nem sempre bem de saúde, Irmã Ana Luiza mantinha um relacionamento de irmã mais velha com suas alunas. Mas, sempre muito exigente quanto ao domínio da língua. Era hábito seu ditar textos em português para que os escrevêssemos em francês. E passava pelas mesinhas já corrigindo e fazendo observações. Não saberia dizer em qual das línguas, Português ou Francês, Irmã Ana Luiza amava mais. Tive a chance de usufruir de sua competência e de seu conhecimento nas duas línguas e respectivas literaturas...”*  
(FOLINO, 2022. p. 35-36)

**NANCY LEIS PINHEIRO**

Memórias da ex-aluna Nancy Leis Pinheiro:

*“Estudei no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, depois, fui para o Regente Feijó cursar o Normal, e me formei professora.*

*Com 27 anos, prestei vestibular na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio e a língua estrangeira que fiz opção foi o francês. Fiz o Curso de Estudos Sociais graduada em Educação Moral e Cívica e Geografia.*

*Comecei a faculdade grávida de meu segundo filho. Tínhamos um grupo de estudos que se chamava ‘Cinco e Meio’, quatro rapazes, eu e meu bebê.*

*Meus professores eram doutores, com os quais aprendi muito. Vou citar alguns, porque não me lembro do nome de todos: Gabriel, Roberto, Walter,*

Flávia; dos outros professores lembro bem do rosto, das aulas, mas o nome completo... Com 82 anos fica difícil.

Tínhamos um coronel na nossa turma, o Sr. Adir; lembro que os professores pisavam em ovos, medindo as palavras, pois era o ano de 1970. Já nós, os alunos mais jovens, falávamos e perguntávamos coisas que deixavam os professores desconfortáveis, mas o coronel Adir era gente fina.

Durante as aulas, o meu bebê se mexia tanto que os colegas que se sentavam ao meu lado ficavam admirados com as mudanças que ocorriam na forma de minha barriga; quando nasceu o meu filho, percebi que só poderia ser moleque mesmo.

Posteriormente cursei Pedagogia, quando o proprietário era o Sr. Anganuzzi e a diretora, D. Maria Angela Pimentel Mangeon Elias.

Fiz muitos amigos que conservo até hoje.” (Itu, julho de 2024)



## **SONIA MARIA LEIS SAVIOLI**

Depoimento de Sonia Maria Leis Savioli, também ex-aluna:

“Ano: 1963. Nesse ano, iniciávamos nosso curso focado no estudo da Língua e Literatura Inglesa. Éramos poucas alunas... Assim, nossa turma de Letras se dividia para as aulas de Inglês – Língua e Literatura, e de Francês – também Língua e Literatura Francesas. A diretora era a Irmã Ana de São José.

Dentre as matérias estudadas, o destaque vai para a Irmã Rita de Cássia Dantas, formada em Letras Clássicas, com tese de doutorado defendida em Portugal, especializando-se em Dialectologia, pela Faculdade de Coimbra.

Irmã Rita de Cássia teve como orientador, na USP, o professor Antonio Candido, ao estudar o linguajar dos bairros rurais de Itu, dentre os quais o Apotribu, onde nós, suas alunas, fomos levadas para pesquisa de campo. Irmã Rita era uma professora admirada por todos.

Bárbara de Vasconcelos foi nossa professora de Literatura Inglesa e, interessante, ela nos apresentou George Orwell, e seu romance publicado originalmente em 1949, sob o título de “1984”, que retrata um lugar imaginário, num futuro, onde se vive em condições de extrema opressão e privação, um dos romances mais influentes do século XX. À época, achamos uma leitura bem interessante, sem imaginarmos a visão futurista do autor...

Participando ativamente das atividades da faculdade, fui eleita presidente do Diretório Acadêmico Dom Antonio Joaquim de Mello, já não mais denominado

*Centro Acadêmico. Mas, não podíamos realizar muita coisa, porque a Irmã Ana, a diretora, não facilitava... Mesmo assim, em 64, estive em São Paulo na passeata dos estudantes, representando a Faculdade. No dia seguinte... Ah! No dia seguinte levei a maior bronca... Uma grande exprobação. São muitas as lembranças da vivência na faculdade e essa memória nunca vai se apagar, porque as memórias da juventude estão entre as mais belas de nossas vidas."*

---

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARVALHO, Roberto Machado. **A glorificação da Venerável Madre Maria Theodora Voiron**, Itu, SP, Editora Ottoni,1998.

FOLINO, Vilma Pavão. **Maria José de Toledo Piza, Cadeira 35 da ACADIL**. Vol. 3, Itu, SP, Editora FoxTablet, 2022. Série Patronos.

PIZA, Maria José de Toledo. **Itu Cidade Histórica**, separata da Revista Número 1 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, Itu, SP, Brasil, 1972. Departamento de Cultura Prefeitura Municipal de Itu.

REVISTA Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, 1958-1964, Itu, SP, Brasil.

Jornal A FEDERAÇÃO, edições de – 09/11/1958, p.2 e 14; 28/01/1964, p.09; 07/12/64, p.1; 03/01/65, p. 01; 15/09/1968, p. 06.

# *ETEC “Martinho Di Ciero”*

**MARIA DE LOURDES DE ALENCAR MARTINS**

A ETEC “Martinho Di Ciero” foi inaugurada oficialmente no dia 11 de setembro de 1960. Tinha na diretoria de Ensino Agrícola, como diretor, o engenheiro agrônomo Alpheu Reveilleau e como prefeito municipal de Itu, o Sr. Waldomiro Corrêa de Camargo. Começou como Escola de Iniciação Agrícola e já fez parte da Secretaria da Agricultura, da Secretaria da Educação e da Secretaria da Ciência e Tecnologia. Atualmente, faz parte da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia (Centro Paula Souza).

Durante as mudanças de secretarias, recebeu vários nomes, mas sempre foi conhecida na cidade como “Escola Agrícola de Itu”, mesmo não tendo mais cursos na área agrícola desde 2009.

A escola começou em regime de internato com o Curso de Iniciação Agrícola, ensinando as práticas de campo a meninos (de 11 e 12 anos), filhos de pequenos agricultores e, aos poucos, foi se estruturando.

Em novembro de 1964, foi denominada Ginásio Agrícola, que funcionou por quase quatro anos e, em 1970, foi transformada em Colégio Técnico Agrícola Estadual, de 2º grau. Em 1971, a escola passou a ser denominada “Colégio Técnico Agrícola Estadual Martinho Di Ciero”. Em 21 de junho de 1985, a ETAE, Escola Estadual de Segundo Grau Martinho Di Ciero, passa a se chamar Escola Técnica Agrícola Estadual de Segundo Grau “Martinho Di Ciero”. Como parte da história, a Escola passou por transformações sociais e, através do Decreto Nº 37 735 de 27/10/1993, é autorizada a transferência da Escola para o Centro Estadual de Ensino Tecnológico Paula Souza.

Em 1997, a escola implantou o Curso Técnico Administração Rural e, em 1998, foram implantados Cursos Técnicos na área de Turismo e Hospitalidade, Administração Rural e Cursos de Qualificação Básica nas áreas de Industrialização de Alimentos, Jardinagem, Manejo de Animais e Informática. No ano de 1999, mês de dezembro, a escola passa a se chamar “Escola Técnica Estadual Martinho Di Ciero” e, neste mesmo ano, foi implantado o Ensino Médio.

O antigo alojamento dos discentes foi totalmente reestruturado e reformado, transformando-se em Laboratório de Hospitalidade em 2004 e, no mesmo ano, implantou-se o Curso Técnico em Hotelaria; em 2005, o Curso Técnico em Gestão da Empresa Rural; em 2006, o Curso Técnico em Museu; em 2007, o Curso Técnico em Meio Ambiente; em 2008 foi oferecido o curso Técnico

em Pecuária e os cursos Técnicos em Marketing e Vendas, Administração e Informática em classes descentralizadas na cidade de Elias Fausto. No ano de 2009, foi oferecido o curso de Agropecuária e de Hospedagem e foi implantado o curso de Informática para Internet.

A partir de 2011, a escola começou a utilizar o nome fantasia de “ETEC Itu”, possibilitando uma visão mais moderna e adequada ao caminho que a instituição vem trilhando.

Em 2012, foi iniciada a modalidade *VENCE* que é o ensino técnico integrado ao médio, oferecido em parceria com uma escola estadual da rede pública. Ainda, em 2012, a escola recebeu a proposta em transformar o campo, que era destinado às pastagens e à produção de grãos, em um projeto de Turismo e, no mesmo ano, fiscais da Vigilância Sanitária proibiram animais na escola devido ao fato dela estar localizada no perímetro urbano da cidade desde 1982. A escola tomou novo rumo, de acordo com os novos cursos e com a demanda da região, a partir de 2014.

Em 2020, em conjunto com a FATEC “Dom Amaury Castanho” (FATEC Itu), iniciou-se dois cursos no campus da faculdade parceira, Administração e Desenvolvimento de Sistemas, na modalidade AMS (Articulação Médio Superior). Um projeto inovador, em parceria com empresas da região, e que simplifica a vida do aluno estudante. No AMS, o aluno tem a possibilidade de, em cinco anos (três de ETEC e dois de FATEC), formar-se no ensino médio, técnico e superior. Neste mesmo ano, a modalidade *VENCE* foi substituída pelos cursos na modalidade intercomplementar, que também ocorrem nas escolas parceiras. Com essa nova modalidade, a ETEC “Martinho Di Ciero” expandiu suas parcerias para as cidades de Salto e Indaiatuba.

E, finalizando a cronologia, durante o segundo semestre de 2022, novamente a ETEC de Itu expande suas parcerias e inicia uma nova Classe Descentralizada na cidade de Salto, com o curso de Técnico em Logística noturno, cuja parceria é plenamente satisfatória com intenção de expansão pela prefeitura da cidade de Salto.

Tal histórico mostra que a ETEC “Martinho Di Ciero” sempre esteve à frente de seu tempo, prezando pelo pioneirismo e vanguarda, com portas abertas às diversas parcerias e modalidades e, com isso, consegue proporcionar a todos de Itu e Região um ensino público sempre gratuito e de qualidade garantida.

*ÚLTIMOS DIRETORES DA ETEC MARTINHO DI CIERO:*

*Walquiria Maria S.V. Leis: 19/04/2005 a 14/07/2008;*

*Walquiria Maria S.V. Leis: 15/07/2008 à 31/12/2010;*

*Marcio Rogério dos Santos Ferraz (diretor interino): 17/01/2011 a 31/7/2011;*  
*Atílio Antonio Scalet: 01/08/2011 a 31/07/2015;*  
*Juliana Oliveira Tonon: 01/08/2015 à 14/03/2019;*  
*Tiago Rogério Ribeiro Pertile (diretor interino): 14/03/2019 a 14/07/2019;*  
*Tiago Rogério Ribeiro Pertile: 15/07/2019 a 31/12/2023.*

### **Níveis e Modalidades de Ensino Técnico – Público-alvo**

Os discentes devem possuir o certificado de conclusão do Ensino Fundamental nas modalidades regular ou Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) 12/83. Os cursos técnicos integrados ao Ensino Médio (Etim) são compostos de três séries anuais articuladas, com terminalidade correspondente às ocupações identificadas no mercado de trabalho. Ao completar as três séries, o discente recebe o diploma de técnico que lhe dará o direito de exercer a habilitação profissional e de prosseguir os estudos no nível da educação. O curso de Ensino Médio com Habilitação Profissional de Técnico Novotec Integrado Híbrido com parceria com a Secretaria de Educação, onde a Base Nacional Comum é de responsabilidade da escola estadual e a Base Técnica, da ETEC.

Temos convênio com as seguintes escolas: E.E. Francisco Nardy Filho – Itu; E.E. Randolpho Moreira Fernandes – Indaiatuba; E.E. Prof. Cícero Siqueira Campos – Itu; E.E. Prof. Acyilino Amaral Gurgel – Salto; E.E. Irmã Maria Nazarena Corrêa – Salto; E.E. Dr. Cesário Motta – Itu.

O curso de Ensino Médio com Habilitação Profissional de Técnico (Mtec/Novotec Integrado) é composto por três séries anuais, com aulas em meio período (manhã ou tarde). A grade curricular mescla disciplinas da base nacional comum ao Ensino Médio com componentes do Ensino Técnico.

Ao completar as três séries, o discente terá concluído o Ensino Médio e obterá o diploma de Técnico, que lhe dará o direito de exercer a habilitação profissional e de prosseguir os estudos no nível da Educação Superior. Essa modalidade é oferecida na Sede da ETEC “Martinho di Ciero”.

O Ensino Médio com Habilitação Profissional de Técnico em Articulação Médio Superior – AMS (Mtec/Novotec Integrado) é uma formação de cinco anos que integra Ensino Médio (técnico) e superior (tecnológico). O discente ingressa no Ensino Médio com Habilitação Profissional de Técnico no curso escolhido e, depois de concluir um ciclo de três anos, pode completar o curso superior tecnológico na mesma área com mais dois anos de estudo. Esta modalidade é oferecida em parceria com a FATEC Dom Amaury Castanho, no período vespertino.

## **Política da Educação Profissional “Técnico Modular”: o ensino profissional que contextualiza competências, visando à ação profissional**

A associação da teoria e da prática hão de favorecer uma qualificação técnica voltada para as necessidades do mercado. Os trabalhos finais da disciplina de TCC deverão ser a ferramenta principal de estímulo ao empreendedorismo, fortalecendo o conhecimento adquirido, desenvolvendo aptidões necessárias ao comércio, indústria, serviços e pesquisas. Esta modalidade de cursos “modulares” é oferecida em parceria com a E.E. “Regente Feijó” de Itu e na ETEC “Martinho Di Ciero” no período noturno. O objetivo é que a escola se firme como centro de referência em ensino médio, técnico e de educação de qualidade continuada, atendendo a demanda regional:

- Através do marketing, aumentando a visibilidade da escola na cidade de Itu e oferecendo e executando projetos que possibilitem mudanças na comunidade escolar e aplicabilidade da competência correspondente existente no nosso Plano de Curso.
- Promovendo a integração da escola com a comunidade regional para a difusão de novas tecnologias e ampliação da possibilidade de estágios, bem como a colocação dos discentes no mercado de trabalho.
- Melhorando de forma contínua na infraestrutura e na organização da escola, onde isso já acontece com a reforma de alguns prédios da ETEC de Itu.

Atualmente, a ETEC “Martinho Di Ciero” de Itu é uma das escolas técnicas mais importantes e respeitadas do Estado de São Paulo, com uma trajetória de sucesso e de comprometimento com a formação técnica e profissionalizante de qualidade. A ETEC de Itu se mantém como uma referência em educação técnica, formando profissionais capacitados e preparados para os desafios do mercado de trabalho.

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Maria de Lourdes de Alencar Martins**

*Docente de Artes e Desenho. Pós-graduada em Psicopedagogia. Mestre em Comunicação e Cultura. Atualmente, coordenadora do Curso de Secretariado na ETEC Martinho Di Ciero.*

---

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Site da ETEC – <http://www.etcitu.com.br>

PPG da ETEC Itu – PPG 2023-2027\_086 Etec.pdf

# *Centro Promocional Madre Teodora*

## **MARIA INÊS ROBUSTI FACIOLI**

Na França em 6 de abril de 1835 – em Chambéry, França – nascia Luísa Josefina Voiron.

Veio de uma família de simples agricultores que lhe deram uma educação agraciada no amor e no exemplo de fé. Aos dez anos, perdeu sua mãe, passando para ela a grande responsabilidade de ajudar seu pai a criar seus irmãos menores. O pai, preocupado com a educação das meninas, resolve matriculá-las no Instituto que as Irmãs de São José acabaram de fundar. Luísa Josefina logo despertou atenção das religiosas pela bondade com que tratava a todos.

Aos quinze anos, sente um forte chamado para a vida religiosa e resolve procurar a Madre Superiora Maria Felicidade Veryrat, que a orientou a rezar e pedir ao Espírito Santo esclarecimento em sua decisão. Passados dois anos, em 1852, Luísa entrou para o noviciado da Congregação das Irmãs de São José dedicando-se totalmente ao Senhor, numa vida de doação e sacrifício. Em 1854, Irmã Maria Teodora passa por uma grande provação: na região de Sabóia, surge a cólera-morbo, doença que matou muita gente. Era preciso ajuda de toda parte e Irmã Maria Teodora foi voluntária juntamente com outras irmãs, durante dois meses, passando por muitas dificuldades. O medo de se contaminar era grande, mas a fé era maior e nenhuma irmã se contaminou.

### **No Brasil**

O trabalho missionário das irmãs continua em outros países, até que chega a vez do Brasil. A Madre Superiora Geral designou, como superiora, Madre Maria Basília entre sete irmãs, e iniciaram a viagem a nosso país em março de 1859. Durante a viagem, Madre Maria Basília foi acometida de forte gripe e faleceu, tendo seu corpo lançado ao mar, como era hábito na época.

Em maio, as irmãs chegaram ao Rio de Janeiro e a Irmã Maria Teodora foi escolhida para ser a superiora. Iniciaram em 15 de junho a viagem a Itu, num carro de boi. As irmãs se instalaram temporariamente no prédio da Santa Casa de Misericórdia de Itu – até que ficassem prontas as instalações do colégio.

Na época, o Bispo D. Antônio Joaquim de Melo não gostou da decisão de ter sido escolhida a Irmã Teodora para ser superiora – por ter na época 24 anos

– e nomeou outra irmã. Alguns meses depois D. Antônio procura Irmã Maria Teodora e lhe confia o cargo de superiora. Isso ocorreu no dia 13 de novembro, dia da festa de Nossa Senhora do Patrocínio, e dia da inauguração do colégio – que recebeu o mesmo nome.

Madre Maria Teodora Voiron teve grande importância no campo da educação, em nossa cidade e país. Trabalhou muito pelo ensino através do Colégio do Patrocínio, que foi primeiro colégio de Irmãs para meninas e moças em regime de internato e externato, no Estado de São Paulo, quebrando todos os preconceitos. Madre Maria Teodora não entendia a escravidão no Brasil e, querendo quebrar as barreiras do preconceito da sociedade na época, realizou um enorme prodígio abrindo uma escola gratuita, no próprio Patrocínio, para as filhas de pessoas escravizadas.

Cuidou também da formação religiosa das escravizadas adultas. A religiosa teve vida longa e, durante 62 anos, esteve à frente das obras das Irmãs de São José no Brasil. A Madre Teodora abraçou numerosas obras de caridade como: orfanatos, asilos, hospitais, leprosários, escolas para meninas pobres. Aos 85 anos teve fêmur fraturado em consequência de uma queda que a colocou em uma cadeira de rodas.

Mesmo assim, não deixou de participar dos atos religiosos de seu cotidiano. Em 1921, pediu e obteve demissão do cargo de Provincial. Faleceu em 17 de julho de 1925, aos 90 anos.

Seus restos mortais encontram-se sepultados no interior da Igreja do Patrocínio, onde é visitado por milhares de pessoas. A Congregação das Irmãs de São José continua em todo Brasil, realizando um trabalho social de extremo importância, principalmente na área da educação.

Em 1989, a Prefeitura de Itu estabeleceu a “Semana Madre Teodora” a ser comemorada anualmente de 18 a 24 de maio.

Mas não parou aí o seu legado.

Hoje, em Itu, funciona o *Centro de Educação Madre Teodora*. A SIPEB – Associação de Instrução Popular e Beneficência – mantenedora do Centro de Educação Madre Teodora, foi fundada em 16/06/1911.

Em 1963, elas fundaram o Lar Josefino no Bairro Rancho Grande. O Lar atendia as meninas que não podiam continuar os estudos além do primário. Esse trabalho foi até 1965.

Nessa época, a realidade mostrava que os meninos tinham maior necessidade de assistência, então em 03/02/1967 foi inaugurado o Lar dos meninos, nas dependências do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio. Com o passar do tempo, a exigência levou a atender meninos e meninas.

Em 2002, o Lar passou a chamar-se Centro de Educação Madre Teodora em homenagem à grande missionária no Brasil.

O Centro Promocional Madre Teodora é um projeto socioeducativo que atende crianças de 6 a 11 anos em situação de vulnerabilidade social. Funciona no período inverso das atividades escolares, atende 260 crianças e 160 famílias... As crianças que frequentam o Centro no período da manhã, tomam café na chegada, e antes de sair almoçam. As do período da tarde, na chegada almoçam e antes de sair recebem um lanche.

O projeto visa o desenvolvimento, acreditando e investindo em suas capacidades culturais, de crescimento social e humano, mediante a realização de atividades lúdicas e reflexivas que promovem condições de transformar a sua própria realidade. Tem como objetivo integrar família, escola e comunidade, assim fortalecendo os vínculos primordiais na formação de cada ser humano.

#### *PROPOSTAS PEDAGÓGICAS*

- 1 • Aprender a ler*
- 2 • Aprender a conviver*
- 3 • Aprender a conhecer*
- 4 • Aprender a fazer*
- 5 • Oficina de criatividade*
- 6 • Complementação pedagógica*
- 7 • Atividades esportivas*
- 8 • Informática educacional*
- 9 • Recreação e Lazer*
- 10 • Oficina de jogos de raciocínio*
- 11 • Educação para a paz*
- 12 • Grupo focolares Dados do Amor*
- 13 • Reforço pedagógico*
- 14 • Danças circulares sagradas*
- 15 • Refeições: café da manhã e almoço – almoço e café da tarde*
- 16 • Plantão social*
- 17 • Reunião pedagógica*
- 18 • Reunião de pais /responsáveis*
- 19 • Taekwondo*
- 20 • Claves*
- 21 • Festas de aniversário*
- 22 • Datas comemorativas católicas e calendário oficial*

Atualmente a diretora é Isolene Baboni de Sena Luciano (formação Magistério e Pedagogia).

- Monitora 01/03/1996 até 18/12/2006, hoje se fala Educadora Social.
- Retorno em 01/06/2007 como Coordenadora Pedagógica.
- 01/02/2012 – Coordenadora Geral e Pedagógica.
- 01/02/2014 – Diretora até hoje.

**Maria Inês Robusti Facioli**

*Formada em Comunicação Social, atua como catequista na Paróquia São José e voluntária no Centro Promocional Madre Teodora.*

*Casada com Antônio Jair Facioli, empresário. Tem dois filhos:*

- *Amanda – graduada em Serviço Social e Farmácia, mas trabalha numa empresa farmacêutica de cápsulas, em Sorocaba.*
- *Alexandre, formado em Educação Física, atualmente trabalha na empresa da família.*

# *A História da Escola SESI em Itu*

## **Centro Educacional 031**

**MICHELLE CRISTINA BRISOLA**

Ao examinar os registros antigos que narram a história da Escola SESI em Itu, encontro um rico acervo de memórias, onde o passado se entrelaça com o presente. Esta antologia é um convite para percorrermos juntos as décadas dedicadas à educação que moldaram o caráter desta instituição.

É essencial destacar que o SESI, o Serviço Social da Indústria, desempenhou um papel crucial na promoção da educação e na formação de trabalhadores em todo o estado de São Paulo. Criado para atender às necessidades da indústria, o SESI reconheceu a importância de investir na formação da força de trabalho para garantir o crescimento e a prosperidade do setor industrial.

A indústria paulista teve um papel proeminente nesse esforço, patrocinando a criação e manutenção de instituições educacionais, como a Escola SESI em Itu. Essas empresas entenderam que, ao investir na educação de seus trabalhadores, estavam capacitando-os a desempenhar papéis mais qualificados e a impulsionar o desenvolvimento da indústria em toda a região.

No caso específico da Escola SESI em Itu, a indústria de tecelagem, representada pela Cia de Fiação e Tecelagem São Pedro, desempenhou um papel importante ao patrocinar a instalação da escola e ao apoiar cursos que eram altamente relevantes para suas necessidades de mão de obra. Os cursos iniciais de alfabetização e corte e costura atendiam diretamente às demandas dessa indústria, proporcionando às mulheres da região a oportunidade de adquirir habilidades valorizadas à época.

A Escola Primária SESI nº 548 funcionou entre 1960 e 1961, com cursos noturnos de alfabetização e corte e costura direcionados aos trabalhadores da fábrica São Pedro e seus familiares, conforme relatos. No entanto, os primeiros registros encontrados nos arquivos da escola datam de abril de 1962, quando a Escola Primária SESI nº 548 passou a integrar o Centro Educacional SESI 031, ainda com o patrocínio da Cia de Fiação e Tecelagem São Pedro, fazendo uso das instalações do complexo da fábrica, marcando um importante momento na história da educação na cidade.

Nesse período, foi realizado um processo seletivo para a contratação dos normalistas (formação do magistério) para compor o quadro de docentes, que

passaram a lecionar nas salas de Jardim da Infância, atendendo crianças de 3 a 6 anos em salas mistas, filhos de operários das indústrias da cidade e, posteriormente, em salas multisseriadas de ensino primário, ampliando o atendimento à comunidade.

Com o crescimento da cidade e o interesse da comunidade pela educação oferecida pelo SESI, em um convênio com a prefeitura Municipal de Itu, o Centro Educacional passou para um prédio alugado no Centro da Cidade, localizado na rua Madre Maria Basília, atendendo turmas desde a escola primária até a 8ª série e supletivo. Inicialmente, a escola funcionaria ali por dez anos ou até que se construísse uma sede própria. Concomitantemente às turmas do Centro Educacional, o SESI também mantinha salas de supletivo que funcionavam nas indústrias para atendimento dos trabalhadores, com programa de alfabetização intensiva e cursos de economia doméstica, cerâmica, corte e costura, entre outros, nos chamados CAD (Centro de Atividades Domésticas).

Em 1972, o Centro Educacional, por intermédio da prefeitura, mudou-se para um prédio novo, localizado no Parque Industrial. Embora no bairro não houvesse infraestrutura, saneamento básico e iluminação naquela época, o prédio da escola era como um oásis na região. A capacidade de atendimento dobrou e, nessa fase, os professores tinham como missão visitar a comunidade para angariar matrículas para a escola. As salas compreendiam 40 alunos e funcionavam nos três períodos, com turmas da 1ª à 8ª série e Educação de Jovens e Adultos à noite. O SESI recebia toda a comunidade interessada, já que não havia a necessidade de ser funcionário da indústria para o pleito de uma vaga, como acontece atualmente.

Olhando os livros de matrículas, foram milhares de estudantes formados que recebiam, através do Serviço Social da Indústria, uma educação de excelência como compromisso da Indústria Paulista.

A escola funcionou no Parque Industrial até 1992, quando, enfim, o SESI, através da doação do terreno no Jardim São Luís, construiu sua sede própria. Neste momento, com duas instalações distintas, uma para abrigar o Centro Educacional 031 e outra, moderna e adaptada para comportar a Educação Infantil, naquela época denominada Centro de Vivência Infantil (CVI), mais tarde CEI 18 (Centro de Educação infantil nº 18).

O Centro de Vivência Infantil intencionava receber crianças de 0 a 6 anos, mas isso não aconteceu, ficando na unidade de Itu o atendimento de crianças de 4 a 6 anos (Fase IV, Fase V e Fase VI), primeiramente em período integral e posteriormente, após a LDB 9394/96, em período parcial, já com o reconhecimento da Educação Infantil como primeira etapa da educação básica. A educação

infantil do SESI sempre foi referência dentro da cidade de Itu, os estudantes, agora apenas beneficiários das indústrias conveniadas, vinham de diferentes pontos da cidade e, embora a alfabetização não fosse um objetivo daquela modalidade de ensino, ao final da Fase VI, a maioria dos estudantes já dominava a leitura e escrita em consequência do trabalho com a língua materna, campos de experiências envolvendo leitura de mundo que antecede a leitura das palavras. Os resultados apresentados pela Educação Infantil do SESI em Itu, assim como suas instalações diferenciadas e equipe técnica pedagógica, transformaram a escola em objeto de desejo e, a cada ano, o número de inscritos para participar do processo seletivo de ingresso aumentava, conforme as instruções vigentes.

A educação infantil do SESI Itu, Centro de Educação Infantil nº 18, com a mudança da legislação que trouxe o ingresso de crianças de 6 anos já no primeiro ano do ensino fundamental, fundiu-se ao Centro Educacional 031 e passou a ser descontinuada. Sua última turma concluiu a Educação Infantil do SESI, na fase V no ano de 2011. Essa turma se forma neste ano de 2023, concluindo o 3º ano do Ensino Médio, nossa última turma dos “vermelhinhos” como eram carinhosamente chamados os alunos da educação infantil do SESI em Itu, por utilizarem um uniforme vermelho, nas cores da entidade.

Já o Centro Educacional 031, chegou nas novas instalações, trazendo do Parque Industrial, todo o prestígio e reconhecimento da Comunidade Ituana frente à tradição já estabelecida de bons serviços educacionais prestados. No novo prédio, os estudantes puderam contar com instalações apropriadas para disciplinas da chamada área econômica com a aprendizagem de atividades manuais, além de laboratório de informática, que colocavam a unidade escolar à frente de seu tempo.

Em 2008, o SESI de Itu passou a oferecer o Ensino Médio. Até então os estudantes saíam ao final da 8ª série/ 9º ano para outras instituições. Com a implantação dessa nova modalidade o SESI inova mais uma vez, oferecendo aos estudantes a oportunidade de realização do ensino articulado SESI SENAI, onde os estudantes cursariam o ensino médio no SESI e no contraturno, cursariam no SENAI um curso técnico, permitindo ao final dessa etapa escolar, que o estudante já saísse com uma dupla certificação. A maior parte dos estudantes formados pelo SESI com o ensino articulado com o SENAI já saíam da escola com excelentes oportunidades de emprego na indústria.

Em 2010, a Unidade Escolar do SESI Itu, participou de um concurso Nacional PSQE (Prêmio SESI Qualidade em Educação), onde em um universo de 1039 escolas inscritas de todo o país (públicas e privadas), ganhou o 1º lugar na categoria das escolas do SESI. Esse concurso avaliou: gestão escolar, resultados

de aprendizagem, ambiente e estrutura da escola, práticas pedagógicas diferenciadas, além de ouvida toda comunidade escolar. Além do prêmio em dinheiro a escola participou de uma cerimônia de premiação em Brasília e realizou, através de sua gestão, uma viagem ao Canadá para compartilhamento de boas práticas, elevando a educação ofertada em Itu a padrões internacionais.

Hoje, com uma infraestrutura moderna e um corpo docente altamente qualificado, a Escola SESI em Itu continua a tradição de excelência em educação, graças ao compromisso contínuo da indústria em fornecer educação de qualidade para a força de trabalho, contribuindo para o crescimento da indústria paulista e o bem-estar da comunidade ituana.

Cabe ressaltar que a concepção de educação atual do SESI São Paulo está pautada na busca incessante pela inovação pedagógica, preparando os alunos não apenas para o mercado de trabalho, mas também para os desafios de uma sociedade em constante transformação. A instituição prioriza a formação integral, promovendo valores como ética, responsabilidade social e sustentabilidade, alinhados às demandas contemporâneas e a escola de Itu, busca, incansavelmente, esses objetivos.

A todos os professores e funcionários que, ao longo dos anos, dedicaram seu empenho, conhecimento e paixão à construção, consolidação e perpetuação da história da Escola SESI em Itu, dedico essa breve retrospectiva histórica. São vocês os verdadeiros arquitetos do saber que moldaram gerações e deixaram um legado duradouro na educação ituana, por meio do SESI.

### **Michelle Cristina Brisola**

*Nascida em 1980, professora com formação em Pedagogia pela Universidade de Sorocaba e especialização em Gestão Escolar pela Universidade Federal Fluminense. Com uma trajetória de 25 anos na educação, sendo 24 deles dedicados a escolas do Serviço Social da Indústria SESI SP, exerce o cargo de Diretora da escola SESI de Itu, desde 2014.*

# SENAC

## CENTRO DE MEMÓRIA DO SENAC SÃO PAULO

### Senac São Paulo

O Senac São Paulo, desde o início, teve como objetivo central a formação profissional, com foco no desenvolvimento de competências e habilidades técnicas para atender a demanda do mercado de comércio de bens, serviços e turismo.

Assim, a instituição teve um importante papel no acesso à educação aos trabalhadores, a partir do fim da década de 1940, ao preencher uma lacuna na sociedade, que com o crescimento populacional urbano ascendeu também o setor de comércio, gerando uma demanda de profissionalização desses trabalhadores.

No período de 1 a 6 de maio de 1945, ocorreu a Conferência das Classes Produtoras do Brasil, na cidade de Teresópolis, Rio de Janeiro, organizada pela Associação Comercial do Rio de Janeiro, que reuniu representantes da agricultura, indústria e comércio, vindos de todo o Brasil, para se dedicarem a um exame minucioso dos problemas da economia nacional. O congresso recebeu delegações de todas as entidades federativas da época, somando mais de 800 representantes de sindicatos, associações comerciais, industriais, rurais e profissionais, câmaras de comércio, alianças, sociedades e federações de todo o país.

Um dos resultados mais importantes da Conferência das Classes Produtoras do Brasil foi a divulgação da Carta Econômica de Teresópolis. Entre outros pontos, a carta recomendava ao Governo Federal medidas para atenuar a complexidade crescente das funções especializadas na área mercantil, sugerindo a intensificação e o aperfeiçoamento do ensino médio e superior de comércio, economia e administração, além do estímulo à criação de escolas pré-profissionais.

Da Carta Econômica de Teresópolis, resultou a Carta da Paz Social, que apresentava um conjunto de intenções que visava esclarecer pontos pré-existent na Carta Econômica de Teresópolis, assim como fazer acréscimos a partir de um conjunto de medidas e princípios a serem obtidos por meio de um planejamento econômico mais amplo e objetivo e pelo bem-estar social.

A Carta da Paz Social foi lançada em discurso pronunciado por João Daudt d'Oliveira, então, presidente da Federação das Associações Comerciais do Brasil e membro do Conselho Nacional de Política Industrial e Comercial, em 10 de janeiro de 1946, durante a posse da diretoria da Confederação Nacional do Comércio, na qual João Daudt foi eleito o primeiro presidente.

No mesmo dia, para atender a essas reivindicações e aos esforços dos dirigentes do setor do comércio, o governo federal publicou os decretos-lei n. 8.621 e n. 8.622/1946, pelos quais autorizava a Confederação Nacional do Comércio a instalar e a administrar, em todo o país, escolas de aprendizagem comercial para trabalhadores menores entre 14 e 18 anos, cursos de continuação e de especialização para comerciários adultos e determinava sobre a aprendizagem dos comerciários, estabelecendo os deveres dos empregadores e dos trabalhadores. Por meio desse decreto-lei, ficou delegada à Confederação Nacional do Comércio a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac, sediado na capital federal e descentralizado por meio de Conselhos Regionais e Departamentos Regionais em cada um dos estados.

Em 13 de julho de 1946, foi eleito o Conselho Regional do Estado de São Paulo, primeiro do Brasil a iniciar suas atividades e a planejar seu órgão executivo, o Departamento Regional de São Paulo. Instalado em 1º de setembro desse mesmo ano, no prédio da Associação Comercial da capital, o Senac de São Paulo iniciou seu trabalho de contribuir para o desenvolvimento de pessoas e organizações por meio da ação educacional em comércio e serviços.

Em 3 de março de 1947 iniciaram-se as aulas no Senac São Paulo, com cursos de aprendizagem e formação inicial livre, voltado aos trabalhadores menores e adultos. Em 1956, o Senac lançou seu primeiro curso técnico, o Técnico em Administração.

A oferta de cursos logo nos seus primeiros anos de atuação, garantiu o acesso ao ensino profissional de qualidade, fundamental em um contexto em que as pessoas, quando conseguiam, completavam os estudos somente até o ensino fundamental. Com a oferta de cursos para trabalhadores menores e cursos dedicados aos trabalhadores adultos, o Senac São Paulo, chegou ao fim da década de 1950 com a realização de 23 cursos e 13.542 matrículas efetivas.

### **Primeiras ações na cidade de Itu**

A atuação do Senac São Paulo na cidade de Itu teve início na década de 1960 com a oferta de cursos de formação profissional por meio da bolsa-aprendizagem aos trabalhadores menores do comércio e a instalação do Curso de Treinamento de Balconista, promovido pela Divisão de Formação para Vendas, Escritório e Propaganda do Senac São Paulo, por meio de acordo com a Associação Comercial de Itu.

Ao longo dos anos 1960 e 1970, novos cursos foram ofertados na cidade, como os cursos de Atendente de Hospital, Atendente de Hospital e Cirurgia,

Preparo de Canapés, Decoração de Vitrina, Empacotamento, Garçom, Barman, Administração de Vendas, Treinamento de Balconista.

Na década de 1970, o Senac São Paulo realizava ações em cidades que não tinham unidades fixas por meio das Unidades Móveis de Formação e Treinamento (UNIFORT), que deslocavam equipes multidisciplinares compostas de instrutores de diversas áreas do conhecimento para o desenvolvimento de trabalhos socioeducativos e profissionalizantes, entre cursos, programas de treinamento e seminários. Em Itu, dentre outras ações, foi realizado em 1973 o Seminário de Conscientização Turística.

Cinco anos após o início das ações da UNIFORT na cidade, foi autorizada por meio da Resolução 171/78, de 23 de novembro de 1978, a realização de convênio entre o Senac São Paulo e a Prefeitura de Itu para instalação e funcionamento do Polo Avançado Senac (PAS). Instalado em um espaço físico cedido pela prefeitura e composto de equipe fixa de profissionais, que tinha como objetivo propiciar a qualificação, aperfeiçoamento, treinamento e especialização profissional de adultos e menores com idade mínima de 14 anos.

A parceria entre o Senac São Paulo e a Prefeitura de Itu foi se consolidando ao passar dos anos com a realização de diversas ações socioeducacionais implantadas no município. Em 1980 houve a instalação de uma sala para o curso de Datilografia, assim como a constante realização de palestras e programas de desenvolvimento, voltados à qualificação de profissionais do setor do comércio. Em 1992, destacou-se a realização de cursos na área de Informática, com excelentes resultados. A continuidade da atuação do Senac em Itu foi ampliada até que, em 22 de novembro de 2004 o Conselho Regional, por meio da Resolução 26/2004, aprovou a criação do Núcleo Itu.

### **Senac Itu**

Vinculada ao Senac Sorocaba, o núcleo Itu foi inaugurado no espaço físico da sede do Sincomércio em 2 de fevereiro de 2005, data de aniversário da cidade, com aproximadamente 300 convidados, dentre eles figuras políticas da região, o presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman, o diretor regional do Senac São Paulo, Luiz Francisco de A. Salgado, e o líder sindical e ex-presidente da Sincomércio, Carlos Rubens Simeira.

Durante a inauguração, Carlos Rubens Simeira foi homenageado como patrono, por sua atuação voltada à educação profissional dos trabalhadores do comércio nos 20 anos que esteve à frente do Sindicato dos Lojistas e do Comércio Varejista de Itu e Região.

Localizado em área de preservação histórica, na Rua Maestro José Vitório, 137, centro de Itu, o núcleo iniciou suas atividades com cursos técnicos e livres nas áreas de Administração de Negócios, Hotelaria, Meio Ambiente, Design, Comunicação e Artes e Tecnologia da Informação.

O sucesso da instalação do núcleo foi imediato e frente a esse retorno que, também, se deu ao atendimento das demandas dos empresários da região e a continuidade de aprendizado proposta pela programação implantada pela instituição, foi lançado o curso de Extensão Universitária Wireless, apenas quatro meses após o início das atividades, tendo ampliado o horário de atendimento na unidade.

Durante os anos 2000, a unidade expandiu sua atuação com lançamento de novos cursos e atendimento às cidades de Salto, Porto Feliz, Boituva e Cabreúva. No final de 2006, o Núcleo ficou entre 30 das 60 unidades do Senac que receberiam em sua programação novos cursos de extensão universitária.

Destacou-se também a realização do Programa Educação para o Trabalho, que tinha o objetivo qualificar jovens em situação de vulnerabilidade social, que desejavam ingressar em um mercado cada vez mais exigente e seletivo, contribuindo a uma formação profissional e cidadã, por meio de aulas sobre saúde, informática, apresentação pessoal, higiene e organização nos serviços de alimentação, organização de ambientes de vendas, tecnologia de promoções comerciais, recepção e atendimento a clientes.

Neste período também foi realizado o atendimento corporativo de consultoria com foco em negócios e treinamentos para empresas de pequeno e grande porte da região, de acordo com a necessidade de cada uma, estando entre elas as empresas IBBL, Cervejaria Crystal, Hydro Alumínio, Schincariol e o Tribunal de Justiça.

No fim dos anos 2000, o Senac Itu, já tinha lançado 42 novos cursos, qualificando 537 profissionais, além da formatura de 501 alunos de baixa renda da região em cursos oferecidos pelo Senac e realizados no Centro de Referência e Assistência Social, com o objetivo de promover a capacitação profissional e a oportunidade de geração de renda entre a população mais vulnerável da região.

Frente a tantos avanços o Senac Itu, em 2012 concluiu uma ampliação de seu espaço no edifício da Sincomércio. O edifício, do Sindicato do Comércio Varejista de Itu, possuía fachada com referências clássicas, com linhas retas e frisos e caixilharia utilizava vidro temperado. O destaque do projeto foi o pátio interno com jardim e fonte. O edifício contava três pavimentos e estava implantado em terreno triangular, definindo a forma da construção.

Com relação a parte interna, o espaço contava com quatro ambientes: uma sala equipada com cadeiras universitárias e tela para projeção multimídia, com capacidade para 30 pessoas, destinada aos cursos de várias áreas; sala multiuso, com capacidade para 40 pessoas, montada com mesas e equipamentos para projeção multimídia; um laboratório de Tecnologia da Informação, equipado com 14 microcomputadores, impressora e scanner destinados a cursos e ao apoio no desenvolvimento da tecnologia aplicada em outras áreas do conhecimento; área livre para exposições e mostras e um auditório com capacidade para 140 lugares.

Em 2015, o Senac Itu comemorou 10 anos de instalação, marcado pelo atendimento de mais de 1000 estudantes em seus cursos técnicos e livres nas áreas de Beleza e Estética, Gestão e Negócios, Saúde e Bem-estar, e Tecnologia da Informação, além da realização do Programa de Aprendizagem.

Em 2019, foi inaugurada a unidade Senac Salto, 61ª unidade do Senac São Paulo, que passou a gerenciar o Núcleo Senac Itu.

O Senac Itu oferta cursos livres, técnicos e aprendizagem nas áreas Beleza e Estética; Bem-estar; Comunicação e Marketing; Desenvolvimento Social; Educação; Gastronomia e Alimentação; Gestão e Negócios; Idiomas; Meio ambiente, Saúde e Segurança do Trabalho; Moda; Saúde; Tecnologia da Informação e Turismo e Hospitalidade.

O Senac São Paulo, tem como base a educação com autonomia, vendo a aprendizagem como um processo contínuo. Assim, mais do que formar pessoas preparadas para atuar no mercado de trabalho, forma cidadãos capazes de compreender as nuances da sociedade, comprometidos com um mundo mais sustentável e com responsabilidade social.

Assim, o Senac Itu, e toda a instituição, dia após dia, trabalha com foco na excelência, garantindo o acesso à educação de qualidade e transformadora, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social das cidades em que atua.



1964: Curso de Treinamento de Balconista na Associação Comercial de Itu. Itu, SP.  
Autoria: Reportagem Fotográfica O. W. Tozzi.  
Acervo do Centro de Memória Senac São Paulo.



2015: Parte da fachada do Senac Itu – Núcleo. Itu SP. Autoria não identificada.  
Acervo do Centro de Memória Senac São Paulo

**Fonte: Centro de Memória do SENAC São Paulo**  
*Enviado por Valter Hugo Tonhá Alves – Relações Públicas – SENAC*

# *APAE de Itu*

## *História de superação, luta, dedicação e amor*

**ROSANA DOS REIS MORAIS**



A história da educação especial realizada pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Itu – APAE, inicia através de um grupo de abnegados que sentiram a necessidade de criar um atendimento que valorizasse, acolhesse e preparasse o excepcional para sua justa integração à sociedade, tendo o ponta pé inicial o apoio da professora Maria Clélia Tangler Gagliardi e seu marido Dídimo Gagliardi. Clélia foi a primeira professora da classe especial do grupo Escolar Convenção, onde a classe era composta por “retardados pedagógicos”, como eram denominados na época, e muitos pais viam a necessidade de um espaço diferenciado para seus filhos, pois não se enquadravam nessas salas, e muitos pais se reuniam em frente à escola pedindo tal atendimento. Desta forma, ela e seu marido começam a estudar e buscar informações de como montar uma APAE, buscando também na cidade pessoas que os apoiassem. Não desistiram da luta, mobilizando pais e amigos para juntos realizarem este atendimento.

Em julho de 1967, realizaram a primeira reunião com intuito da fundação da APAE, na casa da Maria Clélia e Dídimo e, após um tempo de busca, parcerias, estudos, a APAE foi fundada em 06 de dezembro de 1967. Seu primeiro endereço foi na rua Floriano Peixoto, antigo prédio do Velório Municipal, atendendo aproximadamente 8 alunos. Dentre os membros deste grupo, estava o senhor Pedro Zacharias, pai do aluno Mauricio Zacharias, que até

hoje é atendido pela APAE de Itu, hoje no grupo de pessoas com deficiência acima de 30 anos, no programa de assistência social. Nesta data foi formado um quadro de associados que abraçaram a causa e deram início a este belíssimo trabalho de atendimento as pessoas com deficiência. Dentre eles compuseram a primeira diretoria da APAE de Itu: Olavo Valente de Almeida, José Amaro Mendes Pereira, Rogério Lázaro Tocheton, Firmino Octavio do Espírito Santo, Antônio Francischinelli Filho, Irthon Queiroz Monteiro, Pedro Zacharias, Álvaro castanho Carneiro, Aníbal Miranda, e como conselheiros Maria Clélia e Dídimo.

Para início das atividades, a APAE recebeu doações da escola Convenção de Itu, como carteiras, armários, mesa para professor. A posse da diretoria aconteceu no dia 07/12/1967, com uma sessão solene, contando com a presença da professora Rosa Florenzano, do Departamento de Educação especial do Estado de São Paulo, e ocorreu na sede da Corporação Musical.

O trabalho começou com poucos alunos, no fim de 1967, onde manteve em parceria com o Grupo Escolar Convenção uma classe provisória, que atendia os alunos, com professor que atribuía a sala conforme interesse e ou disponibilidade. Rapidamente foi necessária ampliação dos serviços, considerando o aumento da procura nos atendimentos da APAE, que já recebia o nome de Escola e Sede da APAE, porém sem autorização de funcionamento como escola. Considerando a demanda, a diretoria da APAE, em 1971, entrou em contato com prefeito Olavo Volpato, assim como com a Delegacia de Ensino e, em 1972, manteve a sala provisória no Grupo Escolar Convenção até resolver como ficariam as salas da APAE, e conseguiu a parceria com a prefeitura para pagamento dos professores da APAE.

Uma curiosidade verificada na história da educação dentro da APAE, é que, em meados de 1970 a 1975, algumas reuniões pedagógicas eram realizadas nas casas dos professores, após às 18h, conforme relatado em atas arquivadas na instituição APAE.

Visto a importância do serviço iniciado em prol das pessoas com deficiência, a Delegacia de Ensino já acompanhava o trabalho desenvolvido por supervisor de ensino desde 1975, onde, de modo geral, os termos de visita seguem com elogios à organização da instituição, ambientes alegres, e trabalho ímpar realizado.

Em fevereiro de 1981, a APAE solicita, através de processo, autorização de funcionamento à Secretaria da Educação, através da Delegacia de ensino, que acompanha a tramitação *in loco*, através da Supervisora Maria do Carmo Catalá Fragnani, que faz termo indeferindo a autorização como escola

a ser enviado à Secretaria da Educação, tendo a APAE recebido a autorização de funcionamento para desenvolver trabalhos voltados à educação, com publicação no Diário Oficial. A Escola foi autorizada a funcionar conforme portaria do diretor da Divisão Regional de Ensino de Sorocaba de 30/06/82, publicada no D.O.E. 06/07/82, mantida pela APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Itu, sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, com sede e foro em Itu, Estado de São Paulo. Em 1982, a APAE muda para prédio onde era o Colégio Patrocínio, cedido em regime de comodato pela prefeitura por 50 anos, considerando a necessidade de ampliação dos serviços oferecidos pela APAE.

Observamos as mudanças na organização e composição das turmas, nas nomenclaturas com o passar dos anos. Inicialmente os termos utilizados nas formações de turmas eram Adaptação I, Adaptação II, Aproveitáveis, Treináveis, Treináveis I, Treináveis II e Oficinas Pedagógicas. A partir de 1983, observava-se mudança na nomenclatura passando a utilizar os termos: Classe de Treinamento Ocupacional, Classe de Deficientes Auditivos, Classe de Socialização, Pré-Oficina e Oficina.

No ano de 1984, a APAE de Itu promove curso de Preparação de Professores para o Ensino Especializado na área de Deficiência Mental, que foi acompanhado pela Delegacia de Ensino, através do supervisor de Ensino. Este curso foi estruturado e passou a ser exigência para professores que queiram atuar na área da deficiência mental, conhecido como curso 180 horas promovido pelas APAES.

Em 1987, é realizado uma reestruturação no setor escolar e as salas passam por mudança com novos agrupamentos, considerando os níveis das classes e alunos e novos termos para as turmas, como: Maternal, Jardim I, II e III, Classe de alfabetização, Classe de Deficiente Auditivo, Socialização, Pré-Oficina, Oficina I e II.

Dentro da composição do quadro de profissionais, no setor da educação a APAE inicia já com uma composição de diretoria, tendo como primeiro presidente o professor Olavo Valente de Almeida, sendo sucedido pela professora Carolina de Moraes Macedo, que por muitos anos estiveram à frente na diretoria da APAE, desenvolvendo trabalho ímpar para as pessoas com deficiência e que não mediram esforços para evolução, atuando com garra na construção do nome da APAE no município, assim como o engajamento do trabalho.

Passaram como diretora escolar e orientadora pedagógica na APAE profissionais envolvidos com a educação, tendo passado neste período de 1967 a 1988 como gestoras: Ercília Tagute Umeda, Araci F. Medola, Renata Cristina Andrezza.

## **APAE: atualidades**

A partir de 1989, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais tem uma mudança de presidente: assume Anna Carolina de Arruda Botelho Mattos Pacheco, professora, envolvida com a causa APAEANA e clube de mães da cidade. Dona Anna, como é conhecida, inicia seu trabalho aos poucos, e assim como Carolina, planta semente de amor, luta, e inovação aos atendidos/alunos da APAE de Itu. A APAE ganha reforço no desenvolvimento do trabalho com participação e atendimentos dos médicos Dr. Ney, psiquiatra, e Dr. Todesco, neurologista, que acompanham as reuniões de equipe e estudos de caso, sendo um suporte importante para os profissionais e alunos. Até então, a escola não realizava atendimento a pessoas com deficiência com paralisia cerebral. Somente em 1997 é criada a sala de atendimento para crianças com paralisia cerebral com 4 alunos. Desde a sua inauguração até 1996, a escola funcionava com turmas somente no período da manhã. Após ampliação de atendimento, passou a funcionar também no período da tarde, em 1997, com contratação de professores ou dobra daqueles que já compunham o quadro.

Os trabalhos realizados nas turmas tinham um cunho mais ocupacional, onde era investido na autonomia dos alunos, para uma vida mais independente e de qualidade. Por isso, a APAE fortaleceu seu trabalho com oficinas, onde, além das turmas de alfabetização, pré-escola, socialização, D.A, tinham as oficinas de terceirização, onde, em parceria com empresas da cidade, os alunos podiam aprender um ofício, como gaiola, prendedor, artesanato, panificação, entre outras, com o objetivo também de inseri-los no mercado de trabalho. A APAE já incluiu mais de 50 assistidos/alunos em empresas da cidade, como Hidro Alumínio, Cobra Metal, Hotel, Eppo, Brassuco, Supermercado Paulistão, Tenda, entre outros.

Considerando o digníssimo trabalho desenvolvido pela professora Carolina de Moraes Macedo, que por 20 anos esteve à frente da presidência da APAE, e que lutou bravamente pelo trabalho de excelência que a APAE desenvolvera em prol das pessoas com deficiência, em 29 de junho de 2002, a instituição funda a Escola de Educação Especial e Ensino Fundamental, nomeada “Professora Carolina de Moraes Macedo”, uma singela, respeitosa e justa homenagem à professora que dedicou uma parte de sua vida em prol da instituição.

Segundo relatos, ela saía pelas ruas da cidade em uma perua Kombi, em busca de doações para a APAE, assim como passava sacolinha entre seus alunos para arrecadar donativos. Estava sempre à frente das festas, bingos, feiras, a tradicional Feira da Bondade/Amizade, arrecadando recursos para manutenção da APAE.

Durante sua trajetória, a APAE contou com o belíssimo trabalho de muitos colaboradores, profissionais, diretoria e contribuintes que, com certeza, fizeram a diferença durante estes 56 anos de história. À frente deste trabalho contou com os presidentes:

- *Olavo Valente Volpato (1967/1968)*
- *Carolina de Moraes Macedo (1969/1988)*
- *Anna Carolina de Arruda Botelho Mattos Pacheco (1989/2007)*
- *Armando Micai (2008 /2013)*
- *Anna Carolina de Arruda Botelho Mattos Pacheco (2014/2016)*
- *Armando Micai (2017/2019)*
- *Antônio Menighini (2020/2023)*

Com a abrangência e reconhecimento do trabalho desenvolvido, a APAE ganha credibilidade e tem muitos encaminhamentos para inclusão de novos alunos, tendo ano a ano, o aumento de alunos nas salas das classes especiais. Sendo assim, o Estado faz novas parcerias e inicia processo de convênios com instituições, repassando verbas para pagamento de professores para dar aula nas APAEs, ou em escola regularizadas e com autorização e funcionamento. A APAE tem parceria até o momento presente. Na gestão da escola durante este tempo tivemos as profissionais: Marilda, Regina Braganholo, Luciana Vacari, Cecília M. da Rocha, Marina Barros, Rita F. dos Santos, Rosana dos Reis Moraes – pessoas que, com certeza, contribuíram com a evolução, aperfeiçoamento e profissionalismo da escola.

Para enriquecer o seu trabalho pedagógico, a APAE, através da escola de educação especial, procurou sempre estar envolvida em atividades esportivas desenvolvidas pelo município, ou federação das APAEs, como atletismo, vôlei sentado, olimpíadas, festivais, futsal. Temos, hoje, um de nossos ex-alunos, Renato Gregório, sendo destaque no futsal de down, conquistando o Bicampeonato Mundial de Futsal de Down. Orgulho para APAE de Itu, onde ele iniciou sua trajetória, com apoio e dedicação dos professores de educação física Carlos Alberto dos Santos e Rogério Gatti. Assim como o trabalho com futsal, pudemos participar de projetos de natação do município.

Outra atividade importante que participamos são os festivais de artes, promovidos pela federação das APAEs, onde os alunos podem demonstrar seus talentos, com apresentações ímpares, seja dança, canto, teatro e fanfarra. Nossa fanfarra, por exemplo, já foi premiada com terceiro lugar no Festival de Artes Regional.

Dentre muitas atividades extracurriculares que favorecem o desenvolvimento dos alunos, assim como suas habilidades, tornando-os mais independentes e participantes da sociedade, são as atividades sociais promovidas, como passeio ao Shopping, Feira livre, Sorveterias, Lanchonetes, Supermercados, Rodeio, entre outras.

Um marco histórico da APAE foi a conquista da sede própria. Depois de 40 anos em imóveis cedidos pela Prefeitura, a APAE, depois de 10 anos em construção, inaugura sua sede própria em 2017. Trabalho esse iniciado por Anna Carolina como presidente em 1992, quando a APAE recebeu uma doação de um terreno na avenida Tiradentes (Rodovia SP/79) da Prefeitura, através do então prefeito Sergio Henrique Prévizi, por meio da Lei 3.400/32, aprovada pela Câmara da época. O terreno ficou inutilizado por 15 anos e, em 2007, a APAE tomou conhecimento de que a área seria ocupada para outra finalidade. Após impasses, com aprovação da Lei 904/2007, a Prefeitura autorizou a permutar a área na Avenida Tiradentes com outra bem maior, onde hoje está localizada a APAE de Itu, na avenida Daniel Ratti, Pinheirinho, que foi oferecida pelo empresário Sebastião Wahl Junior. A construção da APAE teve à frente o presidente Armando Micai que, junto com alguns empresários, foi articulador para que esse sonho se tornasse realidade. Armando Micai, em sua gestão junto com a diretoria, não mediu esforços para ver a APAE em sua sede própria, e acompanhou dia a dia sua construção. Uma excelente estrutura, equipada para atender com qualidade os alunos.

Hoje a escola possui autorização de funcionamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, do primeiro ao quinto ano, sendo legível para ingresso os alunos com necessidade de apoio pervasivo que não se beneficiem da educação na rede comum/regular.

*Público-alvo:* Pessoa com deficiência intelectual e múltipla com necessidade de apoio pervasivo e ou atraso no desenvolvimento psicomotor. Tivemos matriculado em 2023, 117 alunos sendo: 87 no Ensino Fundamental, em parceria com Termo de colaboração com Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e 30 na Educação Infantil e Ensino Fundamental, conveniados com a Prefeitura Municipal.

O objetivo da escola compreende o desenvolvimento de atividades educacionais, para crianças que necessitam de estimulação para a aceleração de desenvolvimento, minimizando dificuldades através da utilização de métodos, técnicas e recursos especiais, incluídos em uma programação curricular mais próxima da realidade comum a todas as crianças. Oferecerá também atendimentos específicos e terapêuticos. Terá como área de resultado, crianças aptas

a prosseguirem estudos nos programas de Educação Infantil ou no Ensino Fundamental na escola especial ou na rede regular de ensino.

Ao ingressar na escola, a criança será submetida a uma avaliação diagnóstica interdisciplinar realizada por profissionais habilitados.

A avaliação deverá constituir-se num processo sistemático de recolhimento de informação sobre o nível de funcionamento da criança em áreas específicas de aprendizagem, cabendo à interpretação cuidadosa de informação recolhida aos professores e equipe de apoio.

Os resultados das avaliações serão registrados e arquivados em prontuários escolares únicos, semestralmente.

No decorrer do ano, o aluno será continuamente avaliado em função do programa a que está sendo submetido, a fim de verificar o grau de desenvolvimento e adequação permanente entre as necessidades individuais e o programa ofertado.

A APAE, hoje, conta com uma estrutura organizacional com muita credibilidade na sociedade, é uma associação civil, beneficente, sem fins lucrativos, atende crianças, jovens, adolescentes e adultos com deficiência intelectual e múltipla e suas famílias através das áreas de assistência social, educação, saúde e atuação com ações preventivas, de promoção, trabalho, profissionalização, defesa e garantia de direitos, esporte, cultura, lazer, estudo, pesquisa, entre outros.

Atua em três áreas: Assistência Social, Saúde e Educação. Pilares de excelência no serviço prestado às pessoas com deficiência e a comunidade ituana.

Na área da saúde, o objetivo geral é ofertar serviço de atendimento e acompanhamento individual e/ou grupo à pessoa com deficiência intelectual e/ou múltipla com equipe multidisciplinar, buscando desenvolver habilidades para execução de atividades de vida autônoma e inclusão no meio social e realizar atendimento terapêutico nas áreas de Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Psicologia e Serviço Social, tendo como público-alvo: pessoas com deficiência intelectual e múltipla e/ou com atraso no D.N.P.M de zero a sem limite de idade.

*Na Assistência Social:* O programa é elaborado de acordo com a Resolução nº. 109, de 11 de novembro de 2009, e executa ações em consonância com a resolução nº 33/2011. Tendo como objetivo demonstrar para a família e a sociedade que a pessoa com deficiência que trabalha assume um novo papel na família, contribui para o orçamento doméstico, sente-se incluído socialmente, aumenta o círculo de convivência e a sociabilidade, e ainda alcança o status de cidadão produtivo perante a sociedade. Para trabalhar a conquista da autonomia, independência e futura inclusão no mercado de trabalho, utilizaremos de atividades planejadas, as quais serão executadas em grupos que

acontecerão a cada quinze dias (segunda-feira no período da manhã). Nesse grupo será possível trabalhar o desenvolvimento das habilidades, senso crítico, exercitar a cidadania, incentivando o potencial de cada usuário, e para que os mesmos possam executar e produzir uma determinada atividade com qualidade e responsabilidade. O objetivo é desenvolver, através das atividades nas oficinas ocupacionais, as habilidades manuais, contribuindo para a conquista da autonomia, independência e socialização dos usuários, buscando ter um olhar técnico da equipe para favorecer a inclusão no mercado de trabalho daqueles usuários que apresentam perfil, respeitando sempre seus desejos e interesses.

Juntamente com as três áreas de atuação, temos a área da Gestão, que atua na captação de recursos e administrativo financeiro, através das campanhas, eventos, projetos, que são de suma importância para a manutenção dos serviços.



**Rosana dos Reis Morais**

*45 anos, casada, diretora escolar da APAE de Itu há 17 anos.*

*Formada em Pedagogia, Pós-Graduada em Educação Infantil,  
Psicopedagogia e Educação Especial.*

*Atuou como professora de Educação Infantil na Prefeitura de Salto por 6 anos,  
e Coordenadora Pedagógica Geral das creches Municipais de Salto por 5 anos.*

---

**FONTES DE INFORMAÇÕES**

Revistas.

Atas de reuniões APAE.

Conversas com Anna C. Botelho, professora Maria Jose, Vera Lucia Mansano.

# FADITU

## ***O início e o amor ao Direito***

MARIA LUCIA CASELLI

O grande mestre Gofredo da Silva Telles disse, certa vez, em frase lapidar “*O Direito é como o amor, nasce nos corações dos homens*”.

Aos onze dias do mês de agosto de 1969, instala-se em Itu a Faculdade de Direito. Mas o Direito nascera no coração de boa parte dos ituanos havia mais de um século e meio. A Comarca de Itu fora criada em 1811, pelo príncipe Regente D. João, sendo uma das três comarcas da Capitania de São Paulo. Segundo o historiador Francisco Nardy Filho, era a mais movimentada de todas as capitanias, pois o governador de São Paulo determinara que todos os indígenas provenientes de Cuiabá deveriam ter o termo de tutela registrado perante o ouvidor da Comarca de Itu. “*Três anos após sua criação, a Comarca tinha sob sua jurisdição oito vilas, quinze freguesias e a Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema*”, informa o historiador Jonas Soares de Sousa.

Em julho de 1826, quando se discutia na Câmara dos Deputados o projeto de criação de uma Faculdade de Direito do país, havendo várias divergências quanto ao local de instalação, o deputado ituano Francisco de Paula Sousa e Mello, com proverbial discernimento e espírito altamente conciliador, apresentou proposta vencedora, depois transformada em emenda,, da abertura de dois cursos: um em São Paulo e outro em Olinda, depois convertida na lei de 11 de agosto de 1827, sancionada pelo Imperador e pelo Visconde de São Leopoldo. Narrar-se a fundação dos cursos jurídicos no Brasil, omitindo-se a participação desse importante político ituano, não seria ato de justiça para com sua memória.

Na Convenção Republicana de Itu, em 18 de abril de 1873, quando foram definidas as bases para a organização do Partido Republicano Paulista, dos 133 convencionais presentes, 14 eram advogados na Faculdade de Direito de São Paulo. O primeiro presidente civil da República era ituano e formado em Direito em São Paulo.

Esse breve relato está a indicar como a cidade de Itu estava propensa à abertura de um curso jurídico destinado à formação superior de parte de seus habitantes, cuja inclinação ficou demonstrada quando equipe da sociedade local, partícipe da FIDES (Fundação Ituana de Curso Superior), convocada pelo

Prefeito João Machado de Medeiros Fonseca, no ano de 1967, realizou pesquisa que demonstrou ser Direito a opção.

Tendo como entidade mantenedora a Organização Sorocabana de Assistência e Cultura (OSAC) sob a presidência do saudoso padre André Pieroni Sobrinho, autorizou-se o curso proposto. Em 11 de agosto do ano de um mil novecentos e sessenta e nove, com aula magna proferida por aquele que afirmou nascer o Direito, como o amor, no coração dos homens, iniciou-se a Faculdade de Direito de Itu.

Juristas competentes assumiram a docência para confirmar-lhe a afirmação. Entre eles, um excelente professor de Direito Constitucional, doutor na matéria, que talvez, por amor à disciplina, decidiu ser constituinte de 1988 e, depois, Presidente da República, Michel Temer, cujo memorial hoje enaltece e exalta nossa Faculdade.

E ao primoroso corpo docente se juntaram bons alunos ilustrando o nome da escola com o empenho e o sucesso da vocação.

O livro comemorativo representa magnífico presente dos atuais professores, mestres e doutores à Faculdade. Mas também comprova a eficiência de um corpo docente vocacionado a imprimir sua marca de competência jurídico-pedagógica em benefício dos alunos, seu apreço pelo ensino do Direito. A Faculdade agradece do fundo do coração, daquele coração em que, como aqui foi dito, nasce o amor e nasce também o Direito.

Itu, junho de 2023.

**Maria Lucia A. de Marins e Dias Caselli**

*Ituana, formada na Faculdade de Direito de São Paulo,  
foi a primeira mulher a atuar na advocacia em sua terra natal.*

*Advogou até início dos anos 90 e foi professora na FADITU.*

*Uma das fundadoras da ACADIL – Academia Ituana de Letras, é a primeira  
ocupante da Cadeira número 1, cujo patrono é Euclides de Marins e Dias, seu pai.*

# FADITU

**ARMANDO SÉRGIO DE MOURA BARROS NETO**

## **1. Fundação e inspiração**

No dia 11 de agosto de 1969, sob a liderança visionária do padre André Pieroni Sobrinho e a inestimável e imprescindível participação do mantenedor-fundador José Maria Duarte, que com sua obstinação e nata liderança entre os professores, funcionários e alunos, aliado ao seu carisma, logrou imprimir na Faculdade recém-instalada seriedade nos propósitos educacionais, segurança no controle das atividades acadêmicas e de forma impar construiu um invejável relacionamento pautado pelo respeito e pela dignidade entre todos os colaboradores e alunos, proporcionando à instituição uma vida longa e profícua que perdura até os dias atuais, e com o apoio de diversas entidades, foi inaugurada a FADITU. Este momento marcou o início de uma era de grande efervescência intelectual e social. A instituição se diferenciou desde o princípio pelo seu corpo docente de elite, composto majoritariamente por professores da Faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP), o que carinhosamente lhe valeu o apelido de “Francisquinho”. Esta conexão com a USP refletia uma filosofia educacional profunda, embasada em um ensino jurídico rigoroso e humanista.



*Fundadores: Sebastião Gomes Caselli, Pe. André Pieroni Sobrinho e José Maria Duarte.*

## **2. Uma escola de vida**

Com o lema de transcender a condição de mera instituição de ensino superior para se tornar uma verdadeira escola de vida, a FADITU formou gerações de profissionais que se destacaram em suas áreas de atuação. Advogados, promotores de justiça, defensores públicos, juízes, delegados, procuradores, desembargadores, assim como professores, jornalistas, empresários e políticos, todos testemunham o papel crucial da FADITU em suas formações pessoal e profissional.

## **3. Ilustres contribuições ao legado da FADITU**

A trajetória da Faculdade de Direito de Itu (FADITU) é marcada pela presença de figuras eminentes do Direito brasileiro, cujas contribuições transcendem as salas de aula e continuam a impactar o cenário jurídico nacional. Personalidades como José Loureiro Junior, Goffredo da Silva Telles Jr., o ex-presidente Michel Temer, Paulo de Barros Carvalho, Júlio Fabbrini Mirabete, Maria Helena Diniz, Georgette Nacarato Nazo, Antônio Marcato, Ulysses Guimarães, Newton de Lucca, Nelson Nery Junior, Luiz Alberto David Araujo e Renato Ribeiro, entre outros, não apenas enriqueceram o ambiente acadêmico com suas experiências e saberes, mas também contribuíram significativamente para o prestígio e a excelência contínua da FADITU.

Cada um desses juristas trouxe para a FADITU uma bagagem única de conhecimento e experiência, enriquecendo o currículo acadêmico e cultivando uma cultura jurídica robusta. Eles inspiraram gerações de estudantes e professores, incentivando o desenvolvimento de um pensamento jurídico crítico e independente.

## **4. Pratas da Casa**

Além do valioso legado deixado por figuras proeminentes externas, a FADITU tem um orgulho especial em seus “talentos da casa” — professores que se graduaram na instituição e, reconhecendo-a como sua Alma Mater, decidiram retornar para ensinar, transmitindo seus conhecimentos e experiências adquiridos para as futuras gerações de alunos.

Destacamos a importância dessa conexão contínua entre gerações, evidenciando como a FADITU não apenas forma excelentes profissionais, mas também cultiva educadores que perpetuam o legado da instituição. A presença desses “pratas da casa” no corpo docente reforça a excelência acadêmica e a dedicação ao ensino jurídico, criando um ciclo virtuoso de conhecimento e inspiração.

A trajetória da FADITU é um testemunho do poder transformador da educação. Por mais de cinco décadas, a instituição acompanhou as transformações na sociedade brasileira, atuando como agente de mudança e formando líderes com integridade, competência e responsabilidade social. Não apenas celebramos o passado glorioso da FADITU, mas também inspiramos futuras gerações a perpetuar seu legado de excelência, inovação e compromisso com a justiça social.

## **5. Pilares de excelência**

A FADITU se destaca pela valorização da excelência de seu corpo docente, refletindo o seu compromisso com a qualidade educacional superior e o desenvolvimento sustentável. Entre as figuras emblemáticas que contribuíram para o avanço e progresso da instituição, destacam-se o ex-promotor de justiça Luiz Antônio Nunes, a professora Maria Luiza Buffo e o professor Antonio Silveira, todos dedicando mais de três décadas à FADITU. Esses profissionais, com suas longas trajetórias na FADITU, não apenas enriqueceram o ambiente acadêmico com sua profunda expertise e paixão pelo ensino, mas também fortaleceram os valores de rigor acadêmico e comprometimento social. A valorização desses membros pelo corpo administrativo da faculdade reflete o reconhecimento da importância de manter uma equipe de educadores altamente qualificados e comprometidos, essencial para o contínuo sucesso e impacto da instituição.

## **6. Evolução e inovação**

A trajetória da Faculdade de Direito de Itu (FADITU) é marcada por uma constante evolução e inovação, refletindo seu compromisso não apenas com a excelência educacional, mas também com a expansão e diversificação de sua oferta acadêmica. Iniciando com um forte alicerce em Direito, a FADITU tem, ao longo dos anos, ampliado seu leque de programas para abranger áreas essenciais e contemporâneas, visando atender às demandas de um mercado de trabalho em constante mudança e à necessidade de formação jurídica e gerencial abrangente.

**Expansão acadêmica** – Em 1999, a FADITU deu um passo significativo ao introduzir cursos de Pós-Graduação Lato Sensu, consolidando seu papel como um centro de aprimoramento jurídico e acadêmico. Essa iniciativa marcou o início de uma série de expansões programáticas que buscavam complementar e enriquecer o estudo do Direito com uma visão multidisciplinar.

Avançando para 2017, a instituição diversificou ainda mais seu portfólio acadêmico, incorporando cursos nas áreas de Administração, Ciências Contábeis e Relações Internacionais. Essa expansão não só ampliou as oportunidades

de formação para os estudantes, mas também reforçou a integração entre o Direito e outras disciplinas essenciais para a compreensão completa dos fenômenos sociais, econômicos e políticos.

**Inovação e tecnologia: ampliando horizontes na FADITU** – Em 2023, a FADITU reafirmou seu compromisso com a inovação educacional, introduzindo cursos tecnológicos em Processos Gerenciais e Recursos Humanos. Esta iniciativa reflete a resposta da instituição às demandas contemporâneas do mercado, mesclando teoria sólida com prática e tecnologia. O avanço não se restringiu à expansão curricular; a FADITU também se destacou pela integração de tecnologias avançadas no ensino e na prática jurídica, promovendo uma experiência educacional dinâmica, interativa e alinhada às tendências globais. Essas inovações não apenas enriquecem a aprendizagem, mas também preparam os alunos para os desafios de um ambiente profissional cada vez mais digital.

Além desses avanços, a FADITU lançou a Plataforma PLUS FADITU, uma iniciativa voltada para a extensão universitária que oferece cursos de curta e média duração, bem como palestras, todos disponíveis online. Esta plataforma amplia significativamente o acesso à educação continuada, permitindo a profissionais e estudantes aprimorarem suas habilidades e conhecimentos em áreas específicas, sem as limitações geográficas ou temporais tradicionais.

A inauguração da Plataforma PLUS FADITU, aliada à incorporação de tecnologias educacionais de última geração, reforça a posição da FADITU como uma instituição líder, transcendendo as fronteiras do ensino jurídico para se destacar também nos campos da gestão e da tecnologia. Esta estratégia inovadora garante que a FADITU permaneça na vanguarda da formação de profissionais capacitados, prontos para navegar e liderar em um ambiente futuro marcado por avanços tecnológicos e conectividade global.

O contínuo avanço e inovação na FADITU evidenciam seu comprometimento com a excelência e atualidade educacional. Expandindo seu leque de cursos e integrando tecnologias avançadas ao processo de aprendizagem, a FADITU não só se consolida como um referencial no ensino do Direito, mas também se afirma como um polo educacional nas áreas de gestão e tecnologia. Este empenho em inovar assegura que a instituição continue a desempenhar um papel crucial no desenvolvimento de profissionais altamente qualificados, equipados para enfrentar os desafios futuros.

## **7. O Centro de Memória Michel Temer**

Em dezembro de 2018, a FADITU inaugurou o Centro de Memória Michel Temer, dedicado à preservação da memória política, econômica e cultural

do Brasil. Regulamentado pela Lei n.8.394, de 30 de dezembro de 1991, o acervo do centro, de natureza privada mas de interesse público, reúne itens que permitem uma imersão na história republicana recente e na trajetória do ex-presidente Michel Temer, reforçando a missão da FADITU de promover estudos sobre políticas públicas brasileiras.

## 8. Compromisso Eco e Social

A FADITU tem se destacado por seu compromisso com o desenvolvimento sustentável e a responsabilidade social, implementando iniciativas que refletem sua dedicação ao bem-estar da comunidade e do meio ambiente.

**CEJUSC:** Em parceria com o Tribunal de Justiça desde 2012, o Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania (CEJUSC) na FADITU facilita a resolução conciliatória de litígios para a comunidade de Itu, envolvendo estudantes e servidores na mediação.

**FADITU nas Escolas:** Esta iniciativa oferece aos estudantes do Ensino Médio *insights* valiosos sobre carreiras jurídicas e outras áreas, através de palestras ministradas por profissionais da FADITU.

**Cursinho Preparatório para o ENEM:** Voltado para alunos de escolas públicas, este curso gratuito de redação prepara os estudantes para o ENEM, demonstrando o compromisso da FADITU com a igualdade de acesso à educação superior.

**Projeto FADITU & Bibliotecas Prisionais:** Iniciado em 2022, este projeto visa a ressocialização de apenados através da leitura, organizando e desenvolvendo o acervo de bibliotecas penitenciárias locais em parceria com instituições públicas e privadas.

**Energia Solar Fotovoltaica:** A FADITU adotou a energia solar fotovoltaica em suas instalações, refletindo seu compromisso com práticas sustentáveis e a redução do impacto ambiental.

**Grupo Mosaico:** Com quase duas décadas de atuação, o Grupo Mosaico Extensão Cultural, apoiado pela FADITU, promove a cultura e o aprendizado em Itu através de palestras, passeios e eventos sociais.

Essas ações refletem a visão da FADITU de não apenas educar, mas também contribuir ativamente para uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável.

## 9. O futuro e o legado da FADITU

A FADITU se posiciona como um marco educacional, reafirmando seu compromisso com uma formação abrangente que prepara indivíduos não só para suas carreiras, mas também para contribuições significativas à sociedade.

Com mais de cinco décadas de história, a Instituição busca ser um agente de mudança, formando líderes íntegros, competentes e socialmente responsáveis.

**Expansão e impacto social** – Olhando para o futuro, a FADITU visa ampliar seu alcance e impacto social. Além de expandir sua oferta acadêmica, a instituição enfatiza a promoção da justiça social, sustentabilidade e inclusão. Projetos voltados para o desenvolvimento sustentável e a responsabilidade social miram não apenas o crescimento acadêmico, mas também uma atuação positiva e transformadora na comunidade.

**Direção futura** – A FADITU planeja intensificar seu engajamento em iniciativas que beneficiem diretamente a sociedade, abordando desafios como desigualdade educacional, acesso à justiça e sustentabilidade. Através de parcerias estratégicas, a instituição busca reforçar seu papel como uma força propulsora para o bem-estar comunitário e o desenvolvimento sustentável.

**Inspiração para as gerações futuras** – A instituição continua a inspirar futuras gerações a construir sobre seu legado de excelência, justiça e inovação. Adaptando-se às necessidades emergentes da sociedade, a FADITU prepara profissionais e cidadãos prontos para enfrentar os desafios contemporâneos, promovendo um futuro mais justo e sustentável.

A FADITU avança, convicta de que a educação é fundamental para a transformação social e o progresso, pronta para aumentar seu impacto e continuar influenciando positivamente a sociedade.

### **Armando Sérgio de Moura Barros Neto**

*Formado em Administração e pós-graduado em Finanças e Controladoria pela FGV, iniciou sua trajetória profissional nos bancos Bradesco e Banco do Brasil. Atualmente, exerce a função de Diretor Administrativo-Financeiro na FADITU.*

# *Centro Universitário*

## *Nossa Senhora do Patrocínio*

### ***O que sei sobre a educação superior em Itu***

**MARIA ANGELA PIMENTEL MANGEON ELIAS**

Vimos para Itu em 1959, buscando melhores oportunidades de estudo aos nossos quatro filhos: Paulo Eduardo, os gêmeos Lauro Júnior e Carmen Sílvia, e a caçulinha Lilian Maria. Perto de São Paulo e cidade do interior, lá estava Itu, na lista de cidades para o Concurso de Remoção. Beleza!

Apesar de não conhecermos Itu, considerávamos esta a melhor opção. Em 1946, eu fora nomeada como Professora Interina de Inglês no Ginásio Estadual “Dr. Galdino de Castro” em Cajuru/SP, logo apelidado de “fim de linha” (referia-se à Mogiana...) por meu pai, que não tinha a menor intenção para lá me levar. Entretanto, minha mãe, por ele chamada de “embaixatriz”, ficou do meu lado e conseguiu dobrar a fera...

E para lá fomos nós, em cansativa viagem, num sábado à tarde, precisando dormir em São Simão e estranhando a estradinha que derivava da Anhanguera para atingir a famosa Cajuru. Depois de peripécias e surpresas (havia caído a ponte sobre o Rio Pardo e tivemos que atravessar por balsa...) adentramos a cidade, num domingo cheio de sol.

Com meus dezoito anos, eu estava em grande expectativa.

Depois de muitas tratativas entre meus pais, Dona Páscoa, a dona do hotel, Dr. Zezito Palma da Silva, o diretor do Ginásio, professor Teófilo Elias, seu colega e professor de Geografia, a jovencita ficou entre encantada por começar a trabalhar e assustada pela distância existente desde a Fazenda Sant’Anna, Amparo e Serra Negra.

Entretanto, tudo foram flores e lá permaneci quatorze anos, dando aulas, dançando nos clubes, colecionando amigos, trocando de namorado, sendo efetivada quando houve o famoso concurso de remoção, casando e tendo quatro filhos. Ufa!

Com tal bagagem, resolvemos procurar cidade maior, que apresentasse melhores condições para que nossos filhos alçassem voo...

Justamente em junho de 1959, nos removemos para Itu e meu marido reorganizou sua vida profissional, usando seu diploma de Químico Industrial.

Itu era conhecida como cidade histórica e possuía excelente condição de ensino. O Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, com seus cursos do Jardim da Infância até a recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio; o Instituto de Educação “Regente Feijó”, já também aquinhoado com Jardim da Infância, Cursos Ginásial e Colegial, possuindo sua Escola Normal Municipal, davam segurança e status à professora que chegava de Cajuru/SP.

Nova vida e novas obrigações surgiram.

O mais velho matriculado no “Regente”, os gêmeos no primoroso Jardim da Infância da professora Maria do Patrocínio Soares Moreira e a pequerrucha ainda fazendo peraltices em casa, enfrentamos as dificuldades.

Logo estávamos com casa própria, os filhos cursando Jardim da Infância, Ginásial, depois Colegial, Lauro Elias Loteamento a todo vapor e eu, agora como vice-diretora do Instituto de Educação Regente Feijó, que magnificamente andava sobre trilhos firmes sob a batuta de seu diretor, professor João dos Santos Bispo.

E grande amiga das Irmãs de São José de Chambéry que pilotavam com maestria os seus cursos, me sentia tranquila em minha praia.

Eis senão quando a nova estrutura social fez um reboiço, as novas escolas estaduais que surgiam empurraram e de certa forma obrigaram as escolas religiosas a mudarem seu esquema ou simplesmente fecharem seus cursos.

Tive oportunidade de falar sobre isso em texto específico, mas preciso aqui contar alguns fatos.

O perfil dos cursos em educação estava mudando. Escolas públicas e particulares se abriam em inúmeras cidades, modificando singularmente o panorama da educação como um todo. Os Colégios de Freiras e Padres ocupavam magníficos prédios, com muitas e espaçosas salas de aula, excelentes currículos e professores. Esta situação enfrentava cada vez mais o que estava chegando a termos de “educação para todos”, inegavelmente uma grande necessidade neste país que acolhia com galhardia pessoas vindas de todas as partes do mundo, além das inúmeras que surgiam aqui, dentro deste Brasil, prestes a completar quinhentos anos. Naturalmente, esta situação foi percebida pelas Irmãs de São José de Chambéry, que se propuseram a fechar primeiramente os cursos internos, depois os externos, para dedicarem-se mais ao carisma da Ordem, como rezava o Concílio Vaticano II.

A revolta foi grande, pois o tradicional Colégio do Patrocínio era representativo da excelente educação e rígida disciplina social que marcavam as egres- sas dos educandários das Irmãs de São José de Chambéry. Entretanto, não era fácil estabelecer as mudanças da mentalidade e o grande número de escolas

públicas e particulares que se abriam para acolher os “tempos de educação para todos”. E ou pagos pelo Estado a preços convidativos...

Aconteceu, então, enxurrada de escolas e de novos métodos de ensino que, sinceramente, não combinavam com a educação de elite ministrada pelos religiosos, freiras e frades.

Talvez eu possa, neste momento, expor a minha opinião de que foi a partir dessa época que se iniciou a degringolada do ensino no Brasil, principalmente nos níveis de 1º e 2º Graus. Esta não era nem nunca foi prioridade para governos e políticos, os quais, em suas campanhas para arregimentar votos se apoiam no quesito “Educação”, para dar “boa impressão”...! *Mon Dieu!*

Mas a nave estava em alto mar e sujeita a tempestades devastadoras!

Foi nessa época, lá pelo fim da década de sessenta, que a provincial das Irmãs de São José no Brasil, Madre Maria Imaculada Leme Monteiro, recebeu proposta da Universidade São Marcos, de São Paulo, pretendendo adquirir a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio de Itu. Realmente, isso causou reboliço, pois os compradores tinham em São Paulo a Faculdade São Marcos e ainda possuíam a Faculdade em Mogi das Cruzes, onde funcionavam vários cursos superiores. Sendo assim, essa instituição foi colocada à apreciação das Irmãs do Patrocínio.

Como eramos muito amigos e porque tinham plena confiança nas apreciações de meu marido, Lauro Elias, Madre Maria Imaculada Leme Monteiro e Madre Maria Jacyntha da Silva solicitaram que as acompanhássemos a Mogi das Cruzes, para terem também a opinião dele e, talvez, a minha. Tarefa difícil, não nego, mas que enfrentamos com confiança em nossos protetores.

As opiniões foram unânimes em que o aspecto da faculdade, suas instalações e necessidades atuais eram suficientes para receber a “sua” Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio. E assim se fez, após tratativas escrupulosas e necessárias.

Educadores de São Paulo iriam, então, reger os Estudos Superiores em Itu. Os novos donos solicitaram às Irmãs que indicassem uma pessoa da cidade, para fazer, digamos assim, o entrosamento dos que vinham com as autoridades e pessoas de Itu. Eu fui a indicada para realizar a função de Relações Públicas, trabalhando todos os dias, das 14h às 18h.

Bem, agora se faz necessário explicar que nunca fui Relações Públicas e nunca trabalhei com horário marcado! O novo diretor, professor Rubens Anganuzzi, dedicou-se a contratar novamente os professores que trabalharam com as freiras, modificar os currículos, adaptando-os às novas necessidades, numa correria que visava deixar tudo pronto para a realização do primeiro

Vestibular sob sua direção. A faculdade contava com mais ou menos trezentos alunos, prioritariamente garotas, o que resultou em ampla e bem estruturada campanha de novas matrículas para o primeiro Vestibular da “nova” faculdade.

Chegou-se a bem mais de mil candidatos para os cursos existentes: Línguas: Português, Inglês e Francês, Primeiro e Segundo Graus; Estudos Sociais, Primeiro Grau; Ciências, Primeiro Grau; Religião. Salas de aulas, laboratórios e demais dependências foram devidamente estruturadas para receber os alunos que entrariam para a Faculdade.

Em fins de março, tiveram início as aulas, com alunos de Itu, naturalmente, e de muitas cidades vizinhas. Aleluia!

Foi uma verdadeira festa, em que a primeira colocada no Vestibular ganhou o prêmio previamente estabelecido de Curso Gratuito! Foi justamente nossa filha Carmen Sílvia, e ninguém sabia quem era a contemplada!

O ano de 1971 se iniciava com classes cheias, todos os professores e todos os funcionários recontratados.

Eu, elevada a Vice-Diretora, tive um tempo frenético junto ao diretor, para adequar os currículos, atender os professores e funcionários e estudar os cursos do Ensino Superior.

Muito pouco tempo após o início das aulas, o professor Rubens Anganuzzi comprou a parte de seus sócios, ficando o único proprietário do Sistema de Ensino Nossa Senhora do Patrocínio, que englobava desde o Jardim da Infância, passando pelo Primeiro Grau, Segundo Grau, Pré-Vestibular e Superior.

Foi então que descortinou seu ideal de dar ensino de qualidade com preço razoável. Com permissão da Secretaria Estadual de Educação, abriu os cursos de Jardim da Infância até Segundo Grau, ficando, então, com todo o complexo educacional: do Jardim da Infância ao Curso Superior.

Para isso, precisava de mais salas de aula e todos os apetrechos correlatos. Sendo assim, apresentou proposta vantajosa e adquiriu, também das Irmãs, o chamado Campus II, localizado no outro lado da rua do Patrocínio, continuando o prédio com a Igreja e as outras propriedades das Irmãs de São José de Chambéry.

A Faculdade de Filosofia estava localizada na rua Madre Maria Basília, continuadora da rua do Patrocínio para o lado dos bairros da cidade. Esse foi o outro grande passo dado pela Sociedade de Educação Nossa Senhora do Patrocínio, sediada em Itu.

Alunos e professores vieram de várias cidades para compor o já extenso complexo educacional. Alunos brotavam, não só de Itu, mas de todas as

idades ao redor, atraídos pelos preços e pela qualidade de ensino, que já se tornara conhecida.

Pouco tempo depois, frequentamos a Secretaria da Educação, para montar, com competência, os cursos noturnos do Colégio Técnico e os Cursos Supletivos de Primeiro e Segundo Graus do novo Colégio São José. Fomos atendidos, diariamente, por excelente professor (não me lembro o nome dele...) que se dispôs a entregar-nos os currículos solicitados.

*“O céu era o limite, logo se notou!”*

Na faculdade, especialistas em cursos superiores foram contratados para apresentar currículos dos inúmeros cursos necessários. O objetivo era ser universidade! As idas mensais a Brasília provavam, sem cerimônia, essa meta.

Para *upgrade* aos cursos não superiores, foi contratado o Sistema Objetivo de Ensino da capital. Mudou-se, então, o nome para Colégio Mère Marie Théodore Voiron/Objetivo.

Nessa oportunidade, a cidade de Salto já fora anexada ao Sistema Patrocínio de Ensino, primeiro com o Colégio Doutor Barros Júnior, em rua central e depois localizado na Chácara Roma, propriedade da Família Millioni, para tal alugada e depois de feitas todas as maravilhosas adaptações. Algumas vieram das ideias da Europa, trazidas pelo professor Rubens Anganuzzi, que não se cansava de buscar atualizações, aqui e ali, para seus colégios.

*“Para frente e para o alto”* era o fulgurante lema.

Os cursos superiores vinham, uns atrás dos outros, devidamente autorizados pela Câmara de Ensino Superior do Conselho Federal do Ministério de Educação em processo de registro.

Todas as tradições das Irmãs de São José foram mantidas, guardadas as devidas proporções. E da qualidade do ensino das Irmãs de São José de Chambéry, que transformava as moças em preciosas e altivas donas de casa da época, ninguém pode e nem deve duvidar!

Era realmente surpreendente observar a lindeza dos atavios e a tradicional singeleza do símbolo da Sociedade de Educação Nossa Senhora do Patrocínio. Uma maravilha!

Alguns funcionários iam para Brasília, buscando a já querida universidade, capitaneados pelo professor Marcos Anganuzzi e pela professora Maria Angela Pimentel Mangeon Elias. Com carinho cuidavam dos cursos, que se iniciavam no Jardim da Infância e se estendiam até a Faculdade, com a mesma disciplina e grande respeito, característicos do Patrocínio.

A firme direção da professora Carmen Sílvia Mangeon Elias Nunes, que pelos seus títulos, foi *anima et cuore* e chegou a ser, como psicopedagoga, não só

funcionária, mas verdadeira auxiliar do professor Rubens, na formação pessoal de professores e alunos do Patrocínio. *Deo Gratias!*

A Câmara de Ensino Superior do Ministério da Educação resolveu criar o centro universitário, que tinha as mesmas características da universidade, porém determinando outro tempo.

Em Salto, já tínhamos, também, cursos superiores, após a compra fenomenal do complexo Brasital, propriedade da Santista Textil e destinada a altos e nobres destinos, como cursos superiores. Nessa ocasião, o professor Rubens Anganuzzi foi visitado pelo professor José Geraldo Garcia, que lhe propôs a compra dessa difícil, mas compensadora propriedade. Salto ficou, pois, anexado ao Sistema Patrocínio de Ensino de Itu e Salto! Essa providência foi, sem dúvida, o estopim que elevou Itu e Salto aos paradigmas de cidades universitárias. *Magnificat!*

Talvez outra oportunidade haja para demonstrar as peripécias dessa verdadeira ascensão de duas belas cidades do Estado de São Paulo a cidades universitárias, devido ao denodo e ousadia de um educador.

E chegamos, afinal, à Sociedade de Educação Nossa Senhora do Patrocínio de Itu e Salto, como foi, após a morte de seu idealizador e fundador, vendida à Faculdade Cruzeiro do Sul da cidade de São Paulo.

O número de alunos e de cursos aumentava conforme aumentava o número de novidades que apareciam no Conselho Federal de Educação, trazidas imediatamente à consideração das superiores autoridades do Centro Universitário Nossa do Patrocínio.

Assim chegamos a esse notável numero de cursos e alunos, vindos de todos os recantos do Estado de São Paulo e de todo o Brasil. Aleluia!

Portanto ao ser adquirido, o CEUNSP tinha, funcionando os seguintes cursos:

## **SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO**

### **Itu e Salto**

#### **Itu**

*Colégio Mère Marie Théodore Voiron – Primeiro Grau Diurno: 1ª à 4ª série; 5ª à 8ª série. Segundo Grau Diurno: 1ª à 3ª série: Humanas – Exatas – Biológicas;*

*Cursos Técnicos Noturnos – Técnico em Administração - Magistério completo - Secretariado - Contabilidade - Prótese Dentária - Processamento de Dados;*

*Curso Pré-Vestibular;*

*Curso Supletivo São José de 1º e 2º Graus;*

*Colégio São Pedro e São Paulo - Maternal - Jardim Pré-Primário - Primeiro Grau Completo;*  
*Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio - Bacharelado - Administração - Análise de Sistemas - Ciências Contábeis – Direito.*  
*Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão - Metodologia do Ensino Superior - Psicopedagogia - Língua Portuguesa – Ecologia;*

## **Salto**

*Colégio São José e São Marcos;*  
*Cursos Técnicos - Administração - Contabilidade – Eletrotécnica – Eletrônica;*  
*Qualificação Profissional IV - Contabilidade - Eletrônica - Eletrotécnica - Secretariado - Segurança no trabalho;*  
*Primeiro Grau Completo;*  
*Segundo Grau;*  
*Curso Pré- Vestibular;*  
*Curso Supletivo 1º e 2º Graus;*  
*Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio - Arquitetura - Decoração e Design - Fotografia - Processamento de Dados – Direito;*

Em 26/11/2015, a mídia anunciou a aquisição do CEUNSP pela Cruzeiro do Sul, noticia essa confirmada através do link [https://primeira feira com.br/cruzeiro-do-sul educacional-anuncia-compra-doceunsp/](https://primeirafeira.com.br/cruzeiro-do-sul-educacional-anuncia-compra-doceunsp/).

Todos os cursos presenciais de Graduação e Pós-Graduação e também o colégio Objetivo foram adquiridos pelo grupo Cruzeiro do Sul.

Quanto à exatidão da data da compra somente as famílias Anganuzzi e Figueiredo devem ter esta data, diz Marcel Cardozo, reitor do CEUNSP de Itu.

Esta é a saga da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio de Itu e Salto!

*Deo Gratias!*

## **Maria Angela Pimentel Mageon Elias**

*Bacharel e Licenciatura em Letras Anglo-Germânicas e Orientação Educacional,*  
*Bacharel em Direito. Bacharel e Licenciatura em Pedagogia*  
*e Administração Escolar. Especialista em Economia da Educação.*  
*Atuação sempre na área educacional, com destaque no CEUNSP, Itu e Salto/SP.*  
*Cronista, Membro da Academia Ituana de Letras, ocupante da Cadeira 17.*

# *Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio*

## ***A tradição faz a diferença***

**CARMEM SILVIA MANGEON ELIAS NUNES**

A Congregação das Irmãs de São José foi a precursora da educação para crianças e jovens, desde o Jardim da Infância, até o Ginásial, para meninas. Uma educação centrada em valores cristãos, éticos e morais.

Acredito que a minha vocação para a Educação tenha se iniciado quando me tornei aluna do Externato Nossa Senhora do Patrocínio, onde cursei o Curso Primário e o Ginásial. No Colégio, aprendi valores essenciais, que deram continuidade à educação que recebi dos meus pais. As aulas eram ministradas, em sua maioria, pelas Irmãs de São José. O interessante é que, no Ginásial, tínhamos aulas de Francês, acrescentadas ao Currículo Escolar, assim como aulas de Religião.

A diretora era a Irmã Noêmia, muito exigente e atenta à conduta das professoras – que eram chamadas de Mestras – e com as alunas. A educação se fundamentava em respeito, ordem e disciplina. Atitudes e postura eram observadas, durante todo o período que a aluna estivesse na escola.

Participávamos de solenidades, juntamente com as internas do Colégio Patrocínio. Guardo lembranças inesquecíveis dessa época. A formação das Irmãs de São José norteou a minha trajetória educacional durante toda a minha vida.

Um fato muito interessante é que, nas disciplinas de Português e Francês, tínhamos dois cadernos: um de “Rascunho” e outro denominado “Passado a Limpo”. Com isso, revisávamos as matérias diariamente, o que facilitava muito para as provas.

A Mestre que marcou muito a minha formação se chamava Irmã Priscila. Ela ministrava as disciplinas de Português e Francês. Irmã Priscila era muito diferente das outras Mestras. Cativava as Alunas com o seu jeito meigo e acolhedor de ser. Nos identificávamos muito com ela, e a aprendizagem era muito prazerosa. A nossa turma foi a última do Externato Nossa Senhora do Patrocínio, em 1969.

Juntamente com o Externato Nossa Senhora do Patrocínio, as Irmãs fundaram a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, num prédio moderno e majestoso, que foi construído pelas próprias Irmãs de São José.

Em 1970, a Faculdade de Filosofia e o Colégio Mère Marie Théodore Voiron foram adquiridos pelo professor Rubens Anganuzzi e, em 1971, ingressei no Curso de Pedagogia, como primeira aluna no Vestibular. De cem questões, acertei noventa e oito e recebi bolsa integral no curso por mérito conquistado.

A partir dessa data, o colégio passou a ser chamado Colégio Mère Marie Théodore Voiron, em homenagem à Veneranda Madre Teodora. Esse Colégio primou pelos valores éticos e morais, propiciando uma educação de qualidade, buscando a formação integral do educando.

O professor Rubens Anganuzzi era um visionário. Adquiriu a faculdade de Filosofia, o Colégio Mère Marie Théodore Voiron, projetando transformar Itu e Salto num celeiro educacional.

Terminada a faculdade, fui convidada, pelo professor Rubens, a assumir aulas no Ensino Médio, como professora de Programas de Orientação Vocacional. Disciplina muito importante, que preparava os jovens para a sua escolha profissional futura.

Ao adquirir o Colégio, a maior inovação do professor Rubens foi a abertura de matrículas para meninos e meninas. A formação se iniciava na Pré-Escola, com *Infantil I*, *Infantil II* e *Pré*, que fornecia alfabetização integral. O aluno terminava a formação pré-escolar totalmente alfabetizado.

O Prof. Rubens Anganuzzi se associou ao Colégio Objetivo para implantação do Material Didático Objetivo. Com essa parceria, a instituição passou a ser denominada Colégio Voiron Objetivo. Essa parceria durou até a venda do CEUNSP para a Universidade Cruzeiro do Sul.

O Colégio Voiron Objetivo se tornou uma instituição de referência nas cidades de Itu, e foi montada outra unidade em Salto, com o nome de Colégio Objetivo–Salto, juntamente com o Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio – CEUNSP, em Salto.

De professora, passei a ser empossada como vice-diretora do Colégio Voiron Objetivo, assim como professora da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, a convite do professor Lannoy Dorin, meu professor de Psicologia, no Curso de Pedagogia. Na época, o professor Lannoy Dorin dividiu algumas de suas aulas comigo. Uma grande honra e uma grande responsabilidade!

A professora Maria Ângela Pimentel Mangeon Elias, com muito orgulho minha mãe, era a diretora do Colégio Voiron Objetivo.

Quando assumiu a Pró-Reitoria Acadêmica do CEUNSP, fui designada pelo Digníssimo reitor, professor Rubens Anganuzzi, a assumir a direção do

Colégio Voiron Objetivo, assim como o Colégio Objetivo–Salto, onde permaneci por mais de trinta anos, de muita dedicação e aprendizado.

Formamos uma equipe de ponta. O nosso corpo docente, coordenadores e funcionários transformaram os colégios nos melhores da região, reconhecidamente. No Ensino Médio, o nosso corpo docente vinha de Campinas e Indaiatuba, onde ministravam aulas na Rede Objetivo. Esses docentes vinham de transporte financiados pela instituição, todos os dias.

A instituição oferecia o Cursinho gratuito, no período noturno, para todos os alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Uma excelente oportunidade, que sempre propiciou que os nossos alunos ingressassem nas melhores universidades do país e, até, do exterior.

Como já lecionava na Faculdade de Filosofia, fui designada a assumir a coordenação do Curso de Pedagogia. Essa função me proporcionou uma excelente bagagem para assumir, tempos depois, a direção da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio.

Em 2009, fui designada a assumir a direção do Instituto de Pós-Graduação Pesquisa e Extensão de Itu e Salto. A sala da diretoria se fixou no Campus V, em Salto, onde funcionavam os cursos de M.B.A.

Mas os cursos na área de Educação, ministrados em Itu, eram coordenados pela Prof.<sup>a</sup> Mestre Sílvia Albuquerque, psicóloga, que sempre desenvolveu um trabalho de excelência, na área da Educação. Os cursos do M.B.A. também eram coordenados por docentes Mestres nas diversas áreas.

Os nossos cursos de Pós-Graduação sempre foram considerados os melhores da região, por serem cursos presenciais, com docentes de excelência, cuja dedicação e competência levaram a Pós-Graduação e M.B.A. ao nível mais alto em termos de reconhecimento. Devo muito ao CEUNSP por toda a minha qualificação e trajetória profissionais.

O professor Rubens Anganuzzi, eterno visionário da Educação, sempre proporcionou ricas oportunidades de aperfeiçoamento profissional, oferecendo aos diretores, coordenadores, docentes e funcionários, cursos de aperfeiçoamento e congressos totalmente pagos pelo CEUNSP.

A valorização e reconhecimento do ser humano sempre foram os alicerces da trajetória educacional do CEUNSP.

**Professora Carmen Sílvia Mangeon Elias Nunes**

*Psicopedagoga*

# *Escola de Cegos*

## *Santa Luzia*

### **A DIRETORIA**

A cidade de Itu abriga uma nobre instituição dedicada à assistência aos deficientes visuais. Fundada em um memorável 11 de setembro de 1982, a Associação Ituana de Assistência aos Deficientes Visuais recebeu o nome “Escola de Cegos Santa Luzia” em honra à santa padroeira dos olhos.

O visionário por trás desse empreendimento foi o austríaco Sr. Hanns Victor Trostli, nascido em Viena no distante ano de 1922. Em 1980, os caminhos da vida o trouxeram a Itu, atraído pela proximidade da cidade com a buliçosa capital paulista. Hanns, que já era proprietário da empresa Carbox, viu-se confrontado com um desafio que transformaria sua vida e o impulsionaria a criar essa notável instituição.

Em 1981, o destino lhe reservou um doloroso golpe quando seu amado filho, Alexandre, foi acometido por um tumor cerebral, o levando à cegueira. A tristeza e a dificuldade de não encontrar um local adequado para atender as necessidades visuais de seu filho o impulsionaram a agir. Ele não poderia suportar a ideia de não haver um lugar apropriado para acolher seu filho e outras pessoas com deficiência visual. Assim, decidiu reunir profissionais que compartilhassem de sua nobre missão.

A “Escola de Cegos Santa Luzia” rapidamente ganhou reputação não só em Itu, mas também em Salto, cidade vizinha, pois não havia, naquele tempo, um atendimento especializado para pessoas com deficiência visual em suas redondezas. O espírito de solidariedade e a vontade de amparar aqueles que necessitavam desse auxílio foram os pilares dessa nobre jornada.

Leonor Zapparoli Carpi, uma mulher de visão, foi uma das primeiras a trazer conhecimentos sobre o Braille e o uso da bengala para deficientes visuais na cidade de Itu. Foi ela quem fundou o primeiro coral da instituição, o Madrigal Canto e Luz e, mais tarde, se juntou a ela a talentosa musicista e pianista Maria Shirley Speroni Fontan. A música tornou-se uma das chamas que iluminavam a Escola de Cegos, e a jornalista e colunista social ituana Irene de Mattos desempenhou um papel fundamental, divulgando e incentivando o coral a realizar apresentações públicas.

A bela história da Escola de Cegos não estaria completa sem mencionar Cristina Chicuta, esposa de um juiz local, e Célia Regina Neme, psicóloga, que

souberam dos conhecimentos de Leonor e a convidaram para ajudar Hanns em sua nobre empreitada.

Os primeiros passos da instituição foram dados em uma modesta sala do antigo prédio da Prodemi, na rua do Patrocínio. No entanto, a instituição logo se transferiu para a rua Maestro José Vitório de Quadros, no coração do centro de Itu, onde permaneceu por três anos.

Em 23 de dezembro de 1982, a Escola de Cegos foi oficialmente registrada em cartório e, em 6 de abril de 1983, recebeu o status de Utilidade Pública Municipal, reconhecendo sua relevância para a comunidade. Mas foi em 1985 que a grande conquista aconteceu, e a Associação finalmente obteve sua sede própria na rua Olívio Prejante nº 21, no bairro Altos de São José. Graças à colaboração generosa dos amigos rotarianos de Hanns, como capitão Octávio Cintra, Izilando Agaruzzi e Jacob Federmann, bem como de um grupo de empresários dispostos a fornecer materiais para a construção, esse sonho se tornou uma realidade tangível. A Prefeitura da Estância Turística de Itu também contribuiu com uma parte significativa da mão de obra necessária, demonstrando seu apoio ao trabalho da instituição.

A trajetória da Escola de Cegos ganhou ainda mais força em 1986, quando obteve seu registro oficial na Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social, consolidando seu papel como entidade de relevância estadual.

Com o passar do tempo, o fundador Hanns Trostli teve que se afastar da instituição devido a problemas de saúde. Em 1993, ele encontrou uma organização que pudesse assumir a responsabilidade de manter e administrar a Escola de Cegos: a Loja Maçônica Convenção de Itu. Essa parceria provou ser vital para a continuidade e o crescimento da instituição. A Loja Maçônica aceitou a proposta de Hanns e assumiu a direção da entidade, proporcionando uma gestão mais estável e eficiente.

Ao longo dos anos seguintes, com a liderança do presidente da Loja Maçônica Convenção de Itu, Sr. Cláudio Tinoco dos Santos, a Escola de Cegos passou por uma notável recuperação financeira e expandiu significativamente o número de usuários e sócios-contribuintes.

Em 1998, um momento triste marcou a história da instituição, pois Hanns Trostli, o visionário fundador, faleceu aos 76 anos de idade.

Os anos seguintes foram marcados por lideranças dedicadas e comprometidas, como o Sr. Luiz Antônio Meniguini, conhecido carinhosamente como Gijo, que assumiu a presidência da instituição em 2002. Gijo manteve a chama do propósito acesa, expandindo o número de sócios-contribuintes e promovendo eventos memoráveis, como a tradicional Festa Alemã, que se tornou um

sucesso em Itu. Ao seu lado, sempre presente e incansável, estava a Sra. Ione Dorta Meniguini, esposa do presidente. Desde o primeiro momento, ela emprestou seu coração e alma à entidade, tornando-se parte indissociável do trabalho nobre em prol dos deficientes visuais.

Cláudio Tinoco dos Santos relatou que Gijo formou uma equipe de valerosos colaboradores, insuflando uma nova energia à escola e estreitando laços com empresários solidários. Nada disso, claro, teria sido possível sem a presença dedicada de Ione Dorta Meniguini, cujo amor pela instituição ecoava em cada gesto e palavra.

A generosidade não foi apenas uma palavra vazia na jornada da nobre associação. Empresários da cidade, como o saudoso Nelson Schincariol e Francisco Benedito da Silveira Filho – carinhosamente conhecido como Chico Cota –, prestaram ajuda financeira, bem como diversos outros empresários que se uniram à causa.

Em 2005, a instituição foi agraciada com o título de Utilidade Pública Federal, um reconhecimento grandioso do valor de sua missão e compromisso com a comunidade.

À medida que o tempo avançava, a demanda por atendimento de habilitação e reabilitação a deficientes visuais crescia exponencialmente. Em 22 de dezembro de 2011, um marco importante iluminou a trajetória da entidade, com a inauguração de seu atual edifício na rua Jasmin, nº 71, no charmoso bairro Parque Industrial, em Itu. Esse feito grandioso só foi possível graças a Zé Luiz Gandini, cujo pai era amigo próximo de Gijo. A história também trazia a triste perda da visão do avô de Gandini, Sr. José Gandini, conhecido como Bepe, vítima da diabetes.

Na emocionante inauguração, brilhou a presença do notável Dudu Braga, filho do ícone Roberto Carlos, que havia perdido a visão. Por puro afeto e amizade, Dudu foi convidado por Luiz Gandini, dispensando qualquer remuneração para abrilhantar o evento. E até os dias atuais, Gandini continua a contribuir com sua generosidade para a nobre causa.

Outro personagem de grande destaque na história foi Edison Ruy, diretor de administração da KIA Motors do Brasil e companheiro de infância de Gijo. Ele participou ativamente da instituição, sendo um dos diretores da Escola de Cegos por um período.

Em 2016, o Sr. Luiz Antônio Meniguini encerrou seus diversos mandatos com uma lista invejável de conquistas. Ao lado de sua dedicada diretoria, transformou a entidade em referência em toda a região. Ione, emocionada, recordou que, quando assumiram o comando, atendiam apenas 30 usuários,

mas, com perseverança, elevaram esse número para mais de 100, levando luz a um número maior de vidas.

Hoje, a Escola de Cegos continua iluminando caminhos, guiada com primor pela Loja Convenção de Itu. Diversas figuras honraram a presidência da instituição, como o Sr. Sérgio Ricardo Borges, o Sr. Luiz Fernando Teochi, o Sr. Carlos Alberto dos Santos e, atualmente, o inspirador André Renato Boff, que dá continuidade a essa jornada de luz e amor.

---

## APÊNDICE

Em 2023, a entidade, outrora conhecida como Associação Ituana de Assistência aos Deficientes Visuais – “Escola de Cegos Santa Luzia”, passou a se chamar Associação Ituana de Assistência aos Deficientes Visuais – “Instituto Santa Luzia”. Nesse compasso, suas obras de solidariedade se expandiram, passando a atuar em áreas cruciais como a Saúde e Educação.

Essa transformação busca atrair aqueles que carecem de auxílio na difícil jornada da deficiência visual, não se restringindo apenas aos cegos, mas também às pessoas com baixa visão.

Liderando os destinos da instituição, encontra-se o Sr. André Renato Boff, cujos esforços são complementados pelo auxílio do vice-presidente, o Sr. Ricardo Augusto Mesquita.

O Instituto possui registros devidamente reconhecidos, como o do Conselho Municipal de Assistência Social, do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, do Conselho Municipal do Idoso, além do prestigioso CEBAS, ou seja, o Certificado das Entidades Beneficentes de Assistência Social.

As portas do Instituto se abrem através de diversas vias: escolas de ensino público e privado, o Núcleo de Atendimento Especializado (NAPE), o Banco de Olhos de Sorocaba, oftalmologistas e demais serviços da rede municipal, assim como pelas demandas advindas de indivíduos que buscam diretamente o amparo oferecido.

A instituição oferece atendimentos gratuitos em áreas primordiais como Serviço Social, Psicologia, Terapia Ocupacional, Pedagogia, Psicopedagogia, Orientação e Mobilidade, Braille, Soroban, Informática e Música, seja de forma individual ou em grupos. Além disso, palestras, capacitações e orientações reverberam a luz da inclusão, iluminando os corações de todos que buscam compreensão e amparo.

Para viabilizar tão nobres atos, o instituto é abraçado por uma rede de generosidade, contando com sócios contribuintes, arrecadações provenientes da nota fiscal paulista, eventos beneficentes, doações, verbas destinadas pelos Conselhos Municipais e, não menos importante, o apoio precioso da Prefeitura de Itu.

Entre os eventos que marcam o calendário do instituto, destaca-se a anual e tradicional Festa Alemã, cujo propósito nobre é arrecadar fundos para dar continuidade a essa bela trajetória de luz e amor. Neste ano de 2023, celebra-se a 18ª edição da festividade.

Aos interessados em conhecer mais sobre essa história, além das atividades e atendimentos oferecidos, convidam-se a entrar em contato através dos telefones (11) 4023-2259 e (11) 99686-2265.



*“Escola de Cegos Santa Luzia” agora se chama “Instituto Santa Luzia”.*

---

#### **NOTA**

Essas informações foram coletadas através de pessoas que, de alguma forma, participaram ou participam da história do Instituto Santa Luzia, e também por meio da Revista Campo & Cidade, edição nº 138, de setembro/outubro de 2022.

# *Colégio Integrado Monteiro Lobato*

## ***Um sonho que se tornou realidade***

**MARIA APARECIDA MANFREDINI STUQUE  
CÉLIA WERNER RODRIGUES BARSOTTI**

### **Legislação**

A autorização para funcionamento da Escola de Educação Infantil e de 1º Grau Monteiro Lobato se deu pelo Diário Oficial do Estado de São Paulo do dia 20/01/1990:

*“O Diretor Regional, nos termos do inciso IV do artigo 140 do decreto 7510-76, da deliberação CEE 33-72e 3 e à vista do que consta do processo 6.505-89 – DRE-SO aprovou o Regimento Escolar e autorizou o funcionamento da Escola de Educação Infantil e de 1º Grau Monteiro Lobato.”*

A autorização para funcionamento do Ensino Médio se deu pela Portaria do Delegado de Ensino de 21/01/98 e a Escola passa a ser denominada “Colégio Integrado Monteiro Lobato”, publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo em 23/01/1998.

### **Fundadoras**

#### **Celia Werner Rodrigues Barsotti**

- Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP) em 1974;
- Licenciada em Estudos Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino, em 1978;
- Licenciada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral, em 1986;
- Pós-graduada em Filosofia da História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, em 1975;

Celia permaneceu em atividade na escola por 32 anos, tendo se retirado em junho de 2022.

#### **Maria Aparecida Manfredini Stuque**

- Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio de Itu em 1967;
- Licenciada em Estudos Sociais pela Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio em Itu em 1976;

Cida permaneceu em atividade na escola por 22 anos, tendo se retirado em março de 2012.

## **Colaboradoras**

### **Joyce Barsotti Cunha**

- Licenciada em Psicologia pela PUC Campinas, em 1996;
- Bacharel em Psicologia pela PUC Campinas, em 1997;
- Licenciada em Pedagogia pelo CEUNSP Itu, em 1999;
- Pós-graduada em Psicopedagogia pela UFRJ, em 2000;
- Auditor líder em gestão de qualidade - ISO 9001:2000, pelo Bureau Veritas;
- MBA em Administração de Instituições Escolares pela Faculdade Pitágoras em 2010;

Pós-graduada em Educação Inclusiva pela UNICID – São Paulo em 2012. Joyce trabalhou no Colégio durante 32 anos consecutivos e desempenhou funções como: professora de ballet, assistente de professora, professora, coordenadora, diretora pedagógica e consultora pedagógica. Com a saída da Cida como sócia, Joyce se tornou a sócia de sua mãe, Celia.

### **Regina Celia Stuque**

Licenciada em Psicologia pela Universidade São Marcos, em 1996, Regina trabalhou no Colégio por alguns períodos intermitentes e desempenhou funções como professora, coordenadora e responsável pelo RH.

## **O sonho**

Duas pedagogas, Celia e Cida, se encontraram em Itu, trabalharam juntas na Escola de Primeiro Grau Pinheiro Junior, que era muito procurada por alunos, principalmente da 1ª série.

Observando o grande número de alunos que não conseguiam vagas na escola, a Cida fez uma pergunta: “*Vamos abrir uma escola?*”. A resposta da Celia foi: “*Sempre foi o meu sonho*”. Realmente, durante todo o curso de Pedagogia, o sonho era a fundação de uma escola.

No dia seguinte, a Cida chegou, já acompanhada de um corretor de imóveis, pronta para sair e procurar um local para instalarmos a escola. Isso foi no início de novembro de 1989. Por alguns dias, procuramos um local adequado para acolher o nosso sonho, mas nada encontramos. Quando chegamos ao “Pinheiro”, uma das professoras nos ofereceu para alugarmos a chácara que havia sido utilizada como consultório médico do pediatra Dr. Prado, local sempre destinado ao atendimento a crianças.

No dia 10 de novembro de 1989, foi criada a Sociedade Civil por Quotas de Responsabilidade Limitada Escola de Educação Infantil e de 1º Grau Monteiro Lobato S/C LTDA.

### **Objetivo**

Fornecer aos alunos um serviço educacional com qualidade, que satisfaça as expectativas dos pais, por meio do reforço de valores comportamentais e de formação integral do aluno, no aspecto acadêmico-científico. Manter uma posição de liderança em qualidade do serviço educacional.

### **Localização**

Uma chácara arborizada, com 1200 m<sup>2</sup> de área, localizada na rua Tenente Olavo de Assis nº 12, no Centro de Itu. Na frente, uma casa com três dormitórios, sala de TV, copa, cozinha, dois banheiros e uma sala grande na frente, que foi dividida em duas salas de aula. Nesta casa foram instaladas as salas de aula do Pré, 1ª, 2ª e 3ª séries, secretaria, refeitório e brinquedoteca (também utilizada como sala de música e ballet).

Na frente da casa havia uma varanda e um pátio grande, todo arborizado, que era utilizado pelas crianças durante o intervalo das aulas, e também para as aulas de Educação Física e para as festas. Ao fundo havia uma casa de quatro cômodos que era utilizada para as aulas de Artes e para projeções de slides.

Oficialmente, as aulas tiveram início no dia 19 de março de 1990.

### **Primeiras professoras**

Em 1990, iniciaram o ano letivo:

- Pré: professora Regina Célias Dias
- 1ª série: professora Raquel Maria Carreri
- 2ª série: professora Sonia Gianetti Ming
- 3ª série: professora Claudia Stefani Tedeschi
- Ballet e Banda: professora Joyce Rodrigues Barsotti
- Artes: professora Celia Werner Rodrigues Barsotti

### **Funcionário**

Em 1990, tínhamos somente um jardineiro, João Batista Bandarra.

### **Alunos**

Em 1990, iniciamos o ano letivo com 20 alunos e encerramos com 27 alunos: *Renata Stuque, Erika Casonatto Daldon, Vivian Casonatto Daldon, André Luis*

*Klinck Rodrigues, Pedro Henrique Klinck Rodrigues, Vanessa Gabriela de Souza, Victor Bruno dos Santos Garção, Alexandre Moraes Iosimura, Herllon Rudy Bone, Rafael Moure Malavasi, André Moll de Andrade, Manuela Acharezzi Rossetto, Filipe Sansonetti Valverde, Andrés Luis Portocarreiro, Fabiano de Campos Pacheco, Tiago de Sousa Borges, David González de Arruda Junior, David Bruni Rodrigues, Diego Peixoto, Ariana Peixoto, Nicole Ferrigato Neves, Maria Lucila Marques Alves, Ricardo Saito Ono, Melina Moure Malavasi, Rodrigo Correia Diniz, Leda Maria Toledo Assunção Menabó, Ana Paula Ratto Cavalheiro.*

No ano seguinte, iniciamos o ano letivo com 72 alunos e encerramos com 75. A partir daí, houve um crescimento muito grande do número de alunos. Em 2020, havia 450 alunos.

Em 32 anos de funcionamento, mais de 3500 alunos estudaram nesta escola, e é um orgulho muito grande quando nos encontramos com ex-alunos que nos relatam sua trajetória profissional e sua realização pessoal. Muitos ex-alunos já são pais de alunos matriculados no “Monteiro”.

Com o aumento do número de alunos, houve necessidade de ampliarmos a estrutura física. No início, foram construídas novas salas de madeira, pois a construção era rápida e sempre realizada durante as férias, para não colocarmos os alunos em risco e não prejudicarmos o andamento das aulas.

Em 1993, alugamos a área remanescente da chácara, totalizando 6400 m<sup>2</sup>. Foram então construídas novas salas de aula e a primeira quadra poliesportiva, inicialmente com piso de areia e, posteriormente, de concreto. Após alguns anos, esta quadra foi coberta e decorada pelos próprios alunos.

A cada ano, eram edificadas novas salas e pequenos detalhes eram adicionados ao prédio: pintura do nome no muro e logomarca no portão, construção da fonte, cobertura das passarelas entre os prédios... Cada detalhe era uma grande conquista.

Em dezembro de 1999, foi inaugurado o prédio do Ensino Médio, com quatro salas de aula, biblioteca, sala de professores, auditório e ginásio de esportes, com palco e camarins. Estas construções foram feitas em alvenaria. As construções sempre foram organizadas para garantir a integração com a natureza, que possibilitam oportunidades de aprendizagem aliadas com o bom convívio social.

Em 2009, teve início o berçário, com salas de estimulação, refeitório, dormitório e salas de banho.

Em 2020, havia 23 salas de aula, laboratório de ciências físicas e biológicas, quadra poliesportiva, ginásio de esportes, auditório com capacidade para 150 pessoas, duas bibliotecas com acervo de mais de 6000 volumes, sala de projetos,

sala de ballet, playground, bosque, sala ao ar livre, refeitório e cozinha adaptada para as aulas de culinária.

### **Atividades**

Desde o início da escola, nosso currículo foi enriquecido com várias atividades, como flauta, teatro, fanfarra, banda, informática, educação ambiental (horta), laboratório de ciências físicas e biológicas, educação sexual, educação tecnológica (Lego), xadrez, violão, ética (formação moral), robótica, língua inglesa, judô, tênis, capoeira, jazz, circo (atividades circenses).

Aos alunos do Ensino Médio, entre 1998 a 2012, foram oferecidas também disciplinas de áreas específicas para sondagem de interesses profissionais: artes cênicas, espanhol, jornalismo, direito, meio ambiente, saúde, turismo e orientação profissional, bem como atividades de empreendedorismo e ética, espanhol, atualidades, política e macroeconomia, cineclube e grêmio estudantil, a partir de 2014.

### **Alguns projetos desenvolvidos**

- **Bridge Project** – O projeto mais importante, iniciado em 2005, e que transformou o Colégio em uma escola bilíngue.
- **Árvore das chupetas** – incentivo para que as crianças deixassem de chupar chupeta.
- **Clube do Banguela** – Para que as crianças não se sentissem envergonhadas ao perder o primeiro dente.
- **O.N.U.** – representação de uma assembleia da Organização das Nações Unidas.
- **F.E.C.** – Festival de curtas
- **FECITEC** – Feira de Ciências e Tecnologia.
- **Pequenos escritores** – elaboração de livro pelos alunos (texto e ilustração).
- **Fogo de travessia** – Os alunos da 3ª série do Ensino Médio davam as boas-vindas aos alunos do 9º ano antes de se despedirem do Colégio.
- **Acampadentro** – Os alunos passavam a noite no Colégio.
- **Excursões** – sempre relacionadas aos projetos desenvolvidos.

### **ISO 9001**

O Colégio Integrado Monteiro Lobato recebeu o Certificado de Sistema da Qualidade por meio de uma auditoria da Fundação Vanzolini por cumprir os requisitos da norma NBR ISO 9001/2000 em 20 de dezembro de 2004.

## Colégio Elite de Itu

No dia 02 de janeiro de 2021, o Colégio Integrado Monteiro Lobato foi vendido para a Rede Elite de Ensino e passou a ser denominado de Colégio Elite de Itu.

folha anexo

ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E DE 1ª GRAU  
MONTEIRO LOBAO  
Rua Tenente Diogo de Assis, nº 12 - Centro - CEP 13300 - ITU - SP

LEI FEDERAL 5.692/71 a Deliberação C.E.E. nº 29/82  
PARTE COMUM  
RESOLUÇÃO C.E.E. nº 4/86  
NÚCLEO COMUM

CURSO DE 1ª GRAU - 1ª e 2ª Série

| MATERIAS                                                              | COMPONENTES CURRICULARES        | TRATAMENTO METODOLÓGICO | 9º ANO |    | SÉRIE |    |    |    |    |    |   |
|-----------------------------------------------------------------------|---------------------------------|-------------------------|--------|----|-------|----|----|----|----|----|---|
|                                                                       |                                 |                         | 1ª     | 2ª | 3ª    | 4ª | 5ª | 6ª | 7ª | 8ª |   |
| Português                                                             | Português.....                  | Atividade               | 06     | 06 | -     | -  | -  | -  | -  | -  | - |
|                                                                       | Estudos Sociais                 |                         |        |    |       |    |    |    |    |    |   |
| História                                                              | História.....                   | Atividade               | 02     | 02 | -     | -  | -  | -  | -  | -  | - |
|                                                                       | Geografia.....                  | Atividade               | 02     | 02 | -     | -  | -  | -  | -  | -  | - |
|                                                                       | OSPB.....                       |                         |        |    |       |    |    |    |    |    |   |
| Ciências                                                              | Ciências e Progr. de Saúde..... | Atividade               | 02     | 02 | -     | -  | -  | -  | -  | -  | - |
|                                                                       | Ciã.F. e Biolog. e Prog.Saúde.. |                         |        |    |       |    |    |    |    |    |   |
| Matemática                                                            | Matemática.....                 | Atividade               | 04     | 04 | -     | -  | -  | -  | -  | -  | - |
|                                                                       |                                 |                         |        |    |       |    |    |    |    |    |   |
| Líng. Est. Moderna                                                    | Inglês.....                     |                         |        |    |       |    |    |    |    |    |   |
|                                                                       |                                 |                         |        |    |       |    |    |    |    |    |   |
| Parte diversificada<br>M.L.C. alínea "a" e<br>ºº do artº 5º L.5692/71 | Educação Física.....            | Atividade               | 02     | 02 | -     | -  | -  | -  | -  | -  | - |
|                                                                       | Educação Artística.....         | Atividade               | 02     | 02 | -     | -  | -  | -  | -  | -  | - |
|                                                                       | Ed. Moral e Cívica.....         |                         |        |    |       |    |    |    |    |    |   |
| CARGA HORÁRIA TOTAL                                                   |                                 |                         | 20     | 20 | -     | -  | -  | -  | -  | -  | - |
| Ensino Religioso                                                      |                                 |                         | 01     | 01 | -     | -  | -  | -  | -  | -  | - |

Primeira grade curricular do Colégio Integrado Monteiro Lobato.



Celia Werner Rodrigues Barsotti  
e Maria Aparecida Manfredini Stuque  
Fundadoras

---

## DEPOIMENTOS

### MAÍRA DE PAULA LEITE BATTISTI – *ex-aluna*

*“Recentemente retomei a prática de um esporte que adorava praticar na época da escola... O handball. Toda segunda-feira, quando estou jogando, me sinto nostálgica com a lembrança dos treinos escolares. Acredito que essa memória, que em mim aflora, diz muito sobre a escola que frequentei por tantos anos – o Colégio Integrado Monteiro Lobato.*

*As aulas de teatro no Colégio nos levaram a montar peças teatrais e foi durante nossas participações em festivais estudantis que conheci meu primeiro namorado, com quem me casei e tive uma filha linda! Hoje vejo minha menina de 1 ano e 9 meses dançar ouvindo o CD que gravamos com a banda musical da escola e dizer feliz que é a mamãe quem está tocando. Algumas amizades construídas dentro da escola fazem parte da minha vida até hoje e foram inclusive minhas madrinhas de casamento! E tinha a fanfarra, desfiles; premiações nos festivais de teatro; fomos vencedoras no campeonato municipal de basquete feminino... E memórias, memórias e mais memórias.*

*E por tantas vivências dentro da escola entendo que essa tal nostalgia tem então razão de existir!*

*Posso dizer que o Colégio, para além da formação educacional, contribuiu para minha formação pessoal, para a formação da adulta, profissional, esposa e mãe que hoje sou! Lá eu fui feliz e guardo com muito carinho esse sentimento! Ser feliz na escola! É o que desejo para minha filha quando ela iniciar sua jornada estudantil.”*



### RUY LOURENSEITO JR. – *ex-aluno*

*“O que dizer do colégio Monteiro Lobato? Com certeza foi uma das melhores escolhas que fiz na minha vida! Na época, estudando em outra escola, fui convidado carinhosamente pela ‘Dona’ Cida, diretora do Monteiro. E a partir de então, passei a cursar o colegial no Monteiro Lobato. Neste período fiz grandes amizades que perduram até os dias atuais, conheci com grande prazer a ‘Dona’ Celia, também diretora, pela qual tenho um enorme carinho e consideração.*

*Era um colégio diferente. Todos eram tratados com muito carinho, consideração. Não éramos apenas um número, e sim pessoas, assim nos sentíamos.*

*Não tenho dúvida que ter estudado no Monteiro Lobato fez toda a diferença na minha vida e moldou meu caráter, independente de sucesso profissional, me tornou um cidadão, uma pessoa de bem. É claro que também me deu caminhos para o sucesso profissional. Já no colegial tínhamos uma matéria 'optativa' que era de direito. Certamente, o que me impulsionou e me motivou após a cursar Direito na Faculdade de Direito de Itu. Hoje exerço a profissão de advogado e professor universitário na própria faculdade que me formou. Tenho apenas que agradecer toda a oportunidade e conhecimento que o Colégio Monteiro Lobato, através da 'Dona' Cida e 'Dona' Celia, professores e colaboradores me proporcionaram. Tenham certeza de que nutro um grande carinho por todos deste colégio. Saudade desta época tão boa."*



**CRISTINA C. DALDON – mãe de ex-alunas**

*"Pais de filhas gêmeas, com seis anos e meio, prestes a entrar na almejada 1ª série, em uma escola estadual muito bem-conceituada, dirigida e administrada, mas isso não foi possível pois as vagas haviam sido preenchidas com as crianças a partir de sete anos. Que dilema!*

*Foi quando surgiu uma possibilidade de ouro! As dirigentes da escola estadual haviam colocado em prática o projeto de uma nova escola que se chamaria Monteiro Lobato e apenas estavam aguardando a divulgação no Diário Oficial. Para nossa alegria e tranquilidade, todo o trâmite correu a tempo de começar o ano letivo. Foi gratificante e nos trouxe muita alegria e confiança saber que nossas filhas poderiam usufruir de tamanha capacidade de ensino, disciplina e educação. E lá fomos nós!*

*Hoje, só podemos agradecer muito e sempre pelos anos que lá passaram até a saída para a faculdade. Nossos mais sinceros agradecimentos à Escola Monteiro Lobato e às suas mentoras, Dona Célia e Dona Cida, tão queridas por todos."*



**LUCIANA A. CACACE TABARIN – mãe de ex-alunas**

*"Colégio Integrado Monteiro Lobato – foram vinte e um anos de parceria. Este tempo já diz muito... Precisa haver respeito e admiração. Deu certo!*

Foram três filhas formadas no Colégio, do primeiro ano da Educação Infantil ao último ano do Ensino Médio. Ingressaram em excelentes universidades e mercado de trabalho.

No entanto, estudar no 'Monteiro Lobato' não se trata disto, foi muito além. O Colégio foi fundamental na formação de minhas filhas como indivíduo e cidadãos por sempre ter sido uma escola parceira, atenta aos pais e alunos, interessada individualmente em cada aluno, propagadora dos valores mais importantes como empatia, solidariedade, respeito ao próximo em toda sua diversidade e formação de cidadãos críticos e atuantes.

Agradeço ao 'Monteiro', às suas fundadoras e diretoras, a seus professores, a cada funcionário pelo papel fundamental que desempenharam no desenvolvimento da Beatriz, Alice e Clara. Temos muito orgulho de fazer parte da história do Colégio."



#### **BEATRIZ DE FÁTIMA RODRIGUES – inspetora de alunos**

*"Vou contar um pouco da minha história no Monteiro Lobato.*

*Fui indicada por uma amiga em 1993. Cheguei trabalhando na limpeza. Fui fazer uma faxina e acabei ficando por 30 anos nesse colégio. Na minha trajetória, passei a ser inspetora de alunos, e sou eternamente grata às minhas queridas donas e proprietárias Dona Cida e Dona Celia, a quem eu tive o prazer de servir. Vou ser eternamente grata às duas por tudo que me ensinaram. O Monteiro não foi uma escola. Foi uma família.*

*Muito obrigada, minhas lindas e maravilhosas, por tudo. Amo vocês. Que Deus abençoe muito a vida de vocês."*



#### **RENATA GIANNETTI MING – professora e coordenadora**

*"Comecei a trabalhar no Colégio no ano de 1995, como auxiliar de classe. Era uma menina sonhadora que tinha acabado de entrar no Magistério. Minha mãe foi professora fundadora e, por motivos pessoais, precisou se desligar do Colégio no ano anterior à minha entrada, sendo assim, eu já tinha muita familiaridade com as pessoas dali. Sempre participei das atividades do Colégio como 'filha da tia Sônia', faltava um par para dançar em alguma festa, lá*

*estava eu de coadjuvante. Em 1998, fui presenteada com a minha primeira turminha de Educação Infantil e, em 2008, participei de um processo seletivo para a Coordenação Pedagógica da Educação Infantil e passei, assumindo a partir daquele momento um novo desafio. Foram 25 anos de Monteiro Lobato. Toda a minha formação profissional foi dada pelas estimadas diretoras Cida e Célia e por Joyce, minha coordenadora pedagógica, logo depois diretora e até hoje uma grande amiga!*

*Confeei ao Monteiro Lobato a minha formação profissional pela excelente qualidade de ensino e, sobretudo, pela importância que o Colégio sempre deu aos valores éticos e humanos.*

*Sou muito grata por ter feito parte dessa história.”*

# *Escola Vagalume*

**MARIA DA GRAÇA BRAGAGNOLO**

A escola Vagalume nasceu de um sonho, desde que me formei Professora. Quando me aposentei, junto com minha filha Erika que queria montar uma empresa em Itu, compramos essa escola, no final de 1999.

No início do ano 2000, a nova Escola Vagalume mudou-se para a rua do Patrocínio, minha antiga casa de Infância. Começamos a Educação Infantil, trabalhando com pequeno número de crianças de 2 a 6 anos.

Uma grande mudança aconteceu em 2005 quando, devido ao grande interesse dos pais, abrimos um Berçário em nossa escola. Logo no início funcionava em uma sala dentro do prédio da Educação Infantil, mas logo montamos nosso Berçário em um espaço próprio.

A partir daí, a escola foi crescendo mais e mais e surgiu a oportunidade de ampliarmos a escola. Construimos em anexo um novo prédio, onde a partir de 2012, passou a funcionar nosso Ensino Fundamental denominado Colégio Lumen.

Atualmente, a Educação Infantil, o Berçário e o Ensino Fundamental possuem um espaço exclusivo, garantindo total comodidade, atenção e privacidade a todos os alunos. A escola é pioneira em Itu, no sistema de embarque e desembarque. Proporcionar essa comodidade aos nossos pais e, principalmente segurança aos nossos alunos, sempre foi uma grande preocupação dos mantenedores.

O grande diferencial da Escola Vagalume é toda experiência que tive em minha carreira como educadora. Desde a fundação até hoje, meu pensamento sempre foi e é: essa escola é boa para meus filhos e netos? Se é, também será para seus filhos e netos... Se não for, também não será para os mesmos.

## **TRABALHAMOS COM OS SEGMENTOS:**

### **Berçário / Infantil 1**

No Berçário/Infantil 1, temos uma unidade própria e nossos horários são flexíveis, visando atender as necessidades de cada família. Temos coordenadora, enfermeira, professoras e berçaristas preparadas para atender nossos pequenos. O espaço físico consta de salas de estimulação, música, brinquedotecas, banheiros, copa e parques que possibilitam a imaginação, afetividade e interações sociais.

Para garantir um desenvolvimento individualizado, os bebês são divididos em grupos, de acordo com a faixa etária. Com isso, é possível verificar as necessidades de cada um e, a partir daí, direcionar os espaços, as atividades e brincadeiras para que o aprendizado seja significativo e prazeroso. Cada um no seu tempo aprenderá a engatinhar, andar, sentar e falar.

### **Educação Infantil**

A Educação Infantil marca a entrada da criança no primeiro grupo social externo à família. Em nossa escola, essa inserção é acolhedora, cercada de cuidados que permitem a construção de vínculos de confiança e afeto. Muito além do lápis e papel. Temos parques com Playground, Área Verde, Quadra Poliesportiva, Laboratório de Biologia, Ateliê de Artes e Biblioteca.

A escola trabalha com o “Projeto Ciranda” do Mathema que defende o direito da criança ser criança. Ele orienta a explorar o espaço como um educador, defendendo a ideia de que todo lugar é lugar de aprender e traz a criança para o centro do processo de aprendizagem, promovendo vivências que a instigam a aprender brincando e experimentando.

### **Ensino Fundamental I**

O Ensino Fundamental não se resume a um conjunto de conhecimentos a serem construídos, as crianças não somente aprenderão a ler, escrever e contar. Aprenderão também a produzir textos orais e escritos, recontar histórias, expor ideias e opiniões, argumentar, gostar de arte e de literatura, participar da cultura letrada.

Nossa matriz curricular é formada pelas disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Arte, História e Geografia, Educação Física, Inglês, Música e Robótica. O curso tem duração diária de 5(cinco) horas.

### **Educação Financeira**

O Colégio Lumen trabalha com a metodologia DSOP do 3º ao 5º ano. Por meio dela, a criança aprende a Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar possibilitando conceituar corretamente as questões referentes às finanças, de acordo com sua fase de desenvolvimento. Os quatro pilares são retomados a cada ano, com maior profundidade permitindo uma aprendizagem contínua e integrada.

### **Programa Bilíngue**

Aprender uma nova língua desde cedo potencializa as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças porque as faz conhecer e acessar diversas formas

de se comunicar, ser e estar. Ser bilíngue é poder exercer a cidadania sem fronteiras, usando a língua para agir no mundo.

Em nossas propostas pedagógicas, as barreiras linguísticas se rompem e os alunos despertam para as diferentes culturas e para um mundo de possibilidades. O nosso ensino da Língua Inglesa é contextualizado e alinhado com a BNCC. Nossa equipe é composta por profissionais com formação e experiência no ensino da Língua Inglesa. A Educação Infantil e Ensino Fundamental têm Inglês na Grade Curricular.

Hoje, em cada evento, em cada formatura, ao olhar o rostinho de cada criança, sinto uma emoção muito grande! Me sinto realizada por fazer parte da vida dessa criança! Um sonho que se tornou realidade!

**Maria da Graça Bragagnolo**

# *Colégio Divino Salvador*

## **MARILDA PENHA DEL CAMPO**

Itu, uma cidade histórica, religiosa e de grandes tradições culturais com valores cristãos, ressentia-se da ausência de uma escola com formação e objetivos religiosos, alinhados aos princípios de vida da maioria de uma população católica.

O bispo Dom Amaury Castanho organizava grupos e comissões para pôr em prática a construção de um colégio religioso para a cidade de Itu e, em 1996, convocou os Salvatorianos para assumirem e executarem a tarefa. A proposta foi estudada, examinada e analisada.

Após três anos, surgiu o projeto de construção de uma nova escola, no Jardim Paraiso Hum, para isso, foi determinante a experiência dos padres salvatorianos, da cidade de Jundiaí/SP. Lá dirigem uma escola com o nome do titular da própria congregação religiosa, ou seja, Colégio Divino Salvador. O mesmo nome foi transferido para esta segunda unidade que se estabelece em Itu.

No dia 21 de julho de 1999, foi solenemente lançada a pedra fundamental, embora a obra já estivesse em andamento e bastante adiantada.

O Colégio Divino Salvador é uma instituição de ensino mantida pelo Centro Educacional e Assistencial Divino Salvador, sob a orientação de religiosos e leigos Salvatorianos, que têm sua origem e carisma dados pelo seu fundador padre Francisco Maria da Cruz Jordan, fundador da família Salvatoriana, em Roma, no dia oito de dezembro de 1881.

Não poderia deixar de citar a caminhada do padre Jordan e dos padres Salvatorianos que deram elevada importância ao Colégio Divino e o surgimento da família Salvatoriana aqui no Brasil, principalmente na cidade de Jundiaí e Itu.

Padre Francisco Maria da Cruz Jordan nasceu na Alemanha em 16 de julho de 1848, em Gurtweil, arquidiocese de Freiburg.

Devido às dificuldades financeiras da família, padre Jordan teve infância e juventude muito sofrida, tendo inclusive que abandonar a escola para ajudar a manter a família. Contudo, uma vez controlada a situação financeira, resolveu realizar um velho sonho, ser padre. Fez os estudos de filosofia e teologia no Seminário São Pedro, em Fraiburgo, na Alemanha, onde também foi ordenado sacerdote no dia 21 de julho de 1878. Foi, em seguida, enviado a Roma a fim de estudar línguas orientais.

Foi um jovem que, vivendo em seu tempo, questionava-se a respeito da falta de fé e comprometimento dos cristãos batizados que não resistiam às

perseguições ao catolicismo. Diante disso, inspirado por Deus, tornou-se padre e, pela ação do Espírito Santo, fundou no dia oito de dezembro de 1881 a Sociedade Apostólica Instrutiva, mais tarde denominada Sociedade do Divino Salvador, a qual hoje congrega religiosos, religiosas e leigos constituindo-se na família Salvatoriana, cuja missão é anunciar Jesus Cristo por todos os modos e divulgar a caridade do Cristo.

Em 8 de dezembro de 1888 fundou a Congregação das Irmãs do Divino Salvador. No Brasil a família Salvatoriana chegou desde 1896 com os Salvatorianos no Rio de Janeiro e, em 1936, chegaram as Irmãs. Em 1986 deu-se o início dos grupos leigos e leigas.

A vida de padre Jordan transcorreu com missão educativa de valores religiosos e educativos voltados para os alunos e suas famílias. Fundador da educação voltada para a vida com liberdade de expressão, líderes críticos e transformadores da realidade, proporcionando condições para continuidade de seus estudos.

Padre Jordan passou os últimos três anos de sua vida em Freiburg (Suíça). Faleceu em um pequeno hospital em Tafers, no dia 8 de setembro de 1918, sendo sepultado na igreja paroquial local. Em 1956, seus restos mortais foram trasladados para Capela da Casa Geral dos Salvatorianos em Roma. Ali é venerado por seus filhos e filhas espirituais e por todos aqueles que confiam em seu poder de intercessão junto a Deus.

Padre Francisco Maria da Cruz Jordan foi um homem de intensa vida de oração, de extraordinário zelo apostólico missionário, de profunda vivência da pobreza evangélica e de inabalável confiança em Deus. Muitas pessoas, em diversas partes do mundo, já tiveram suas preces atendidas pela intercessão do servo de Deus, sua santidade de vida, é um exemplo para o mundo de hoje.

Seu processo de beatificação foi iniciado em Roma em 1942, e o padre Francisco Jordan foi declarado como Venerável em 14 de janeiro de 2011 pelo Papa Bento XVI, e o decreto do milagre foi aprovado em 19 de junho de 2020, pela Sua Santidade Papa Francisco.

No dia 14 de maio de 2021 a beatificação foi aprovada pelo Papa após o reconhecimento do milagre ocorrido em uma bebê brasileira na cidade de Jundiá/SP. A beatificação do padre Jordan é fruto de um processo minucioso de estudos de sua vida e dos seus escritos, juntamente com análise da graça alcançada pela intercessão dele, sem explicação racional ou científica, após um processo que contempla o parecer de uma junta de médicos e uma comissão teológica do Vaticano.

Pela beatificação do padre Jordan, a Igreja reconhece a sua vida e obra como essenciais e atuais para a evangelização do mundo de hoje, manifestando

ao mundo a bondade e amor a Deus, nosso Salvador. A visão do Padre Jordan foi a de unir e envolver todas as forças em favor da vida, na Igreja e na sociedade para que amem e proclamem Jesus como Salvador, no mundo carente de vida e salvação. Por isso, propõe a utilização de todos os modos e meios que o amor de Cristo inspira, dando especial ênfase à convocação, formação e envolvimento a apóstolos(as) e a leigos(as).

Padre Jordan é muito claro e preciso, quando afirma: *“Ele (Jesus Cristo) é o nosso modelo”*. E insiste: *“Seja esta a vossa divisa. Devo tornar-se semelhante ao meu divino modelo”*.

A missão dos Salvatorianos é servir qualquer povo, em qualquer lugar, com todos os modos e meios que a caridade de Cristo, vivendo em comunidade para o serviço apostólico na Igreja, unindo aos pobres na denúncia dos males que impedem uma vida humana mais plena, especialmente social, a pobreza e violência em todas as suas formas.

Salvatorianos procuram realizar a missão em comunhão com aqueles a quem servem manifestando ao mundo a bondade e amor de Deus, nosso Salvador, seguindo a proposta missionária e educativa de padre Jordan. Chegaram ao Brasil em 1896 e se estabeleceram no Rio de Janeiro.

O Colégio Divino Salvador tem sua história ligada à chegada dos primeiros salvatorianos em Jundiáí/SP, em 1922. Empenharam-se nas paróquias e capelas espalhadas ao redor da cidade. Em 1925, houve a criação do primeiro seminário salvatoriano do Brasil, que recebeu o nome de Escola Apostólica Divino, resultando depois na criação do Ginásio Divino Salvador, em 1º de março de 1954. Mais tarde, surgiu o Colégio Divino Salvador, em 1960, em Jundiáí/SP.

Hoje, a família Salvatoriana é formada por religiosos (padres e irmãos) e leigos espalhados em mais de quarenta países e em cinco continentes. No Brasil, está presente em nove estados, onde atua na evangelização, formação de lideranças, educação, saúde, projetos sociais e juventude. Há mais de um século continua frutificando em terras brasileiras, pois embuídas(os) do espírito do fundador, padre Jordan, os Salvatorianos são chamados a tornar Jesus Salvador (Empenho Missionário).

No ano 2000, na virada do século, a cidade de Itu passou a sediar a segunda unidade do Colégio Divino Salvador, com o mesmo nome e objetivos comuns, ou seja, com a proposta educativa enfatizando o desenvolvimento geral do aluno e, além de informação científica cultural, quer dar-lhe oportunidade de crescimento pessoal, humano e cristão para tornar-se um ser integrado na comunidade, na sociedade e no mundo.

O dia 1º de fevereiro do ano de 2000 foi a data marcada para dar início às aulas com todas as séries do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e algumas classes de Educação Infantil.

Professores, coordenadores e funcionários já haviam sido contratados e preparados para iniciar seus trabalhos. Para tanto estudaram a filosofia do padre Jordan, através de seminários, assumindo suas responsabilidades educacionais e religiosas.

Houve desafios e dificuldades, mas não o desânimo. Sempre firmes e com fé, lutando por ideais preconizados pelo Colégio, tendo como base a filosofia do padre Jordan, junto com os padres salvatorianos, e assim, o Colégio Divino Salvador de Itu vem crescendo cada vez mais, sempre com seus valores na confiabilidade de novas gerações. Educação para todos realizando a missão Salvatoriana.

No Colégio Divino Salvador de Itu, toda a infraestrutura foi idealizada em sua funcionalidade diversificada, que permite que o aluno tenha, dentro da própria escola, diversos ambientes para explorar e possa dar mais dinamicidade nas aulas. O ambiente propício é completo para crianças e jovens, para o ensino e aprendizagem, com espaços agradáveis e estimulantes unindo funcionalidade e aconchego para o aluno sentir-se seguro e motivado para as atividades do dia a dia escolar, o que contribuiu para o seu desempenho.

O Colégio Divino Salvador de Itu prepara crianças e jovens para a continuidade de seus estudos, mas também para uma vida digna, saudável e com qualidade. Isso envolve um incentivo às atividades culturais e físicas, orientação educacional, uso adequado da tecnologia e formação humana, ética e cristã.

O Colégio Divino, como é comumente chamado, conta com salas de aulas amplas com telas para projeção digital, quadro branco e ar-condicionado, auditório com 270 lugares e palco, quadras esportivas, piscina semiolímpica cobertas com vestiários e sanitários para educação física e esportes, ginásios poliesportivos e pátios, laboratório multidisciplinar de ciências, informática, hardware, fotocopadora, artes, sala especial para plantão on-line, salas para exposições, música, salas de material didático geral e infantil, campo de futebol, parques infantis amplos e Capela. Há também sala de *maker* com impressoras 3D e máquina de corte a laser, sala de geografia para rádio e código Morse, cubo mágico, atelier de artes, robótica e teatro (cursos extracurriculares). O Colégio sempre visa acompanhar a evolução tecnológica. Há também refeitórios, enfermaria, área de lazer e descanso.

Além das salas indicadas, o prédio abrange salas para serviços administrativos, pedagógicos, de atendimento geral como: secretaria, tesouraria, CPD, direção, coordenação de cursos, orientação educacional, orientação disciplinar,

fotocopiadoras, enfermaria, esportes, cantina, depósitos, sala dos professores, área de lazer e descanso.

O prédio escolar é precedido por uma portaria, com equipamento especial de som, imagens e controle eletrônico. Toda área é de 25.000 m<sup>2</sup>, cercada por muros, ajardinada com monitoramento, passarelas e ruas internas. Há uma horta para as crianças e uma área com pequenos animais e aves.

Os andares superiores do prédio são alcançados por escadas e rampas. Cada andar com bebedouros, salas e banheiros masculinos e femininos.

A formação do colégio atua começando desde a Educação Infantil e seguindo até a conclusão do Ensino Médio. Tudo foi pensado para enriquecer o processo de aprendizagem favorecendo convívio e o relacionamento social dos alunos e da equipe pedagógica.

Há eventos esportivos, culturais, musicais, excursões educativas e exposições, conforme o estudo proposto aos alunos. Promove eventos com a participação das famílias e alunos para a caridade social da cidade (trabalho solidário).

A tecnologia é uma aliada dos alunos do Colégio. A metodologia de ensino da escola integra o conhecimento dos alunos com materiais didáticos e formato digital que ensina o aluno a buscar na rede mundial de computadores, a internet, conteúdos complementares para o que foi debatido em sala de aula.

O Colégio Divino Salvador de Itu faz parte de uma grande rede de escolas que utilizam o SAS (Plataforma de Ensino) que oferece ao aluno tecnologia de ponta para melhorar o aprendizado.

A proposta pedagógica do Divino busca envolver os alunos com conhecimento, e a realidade que está ao seu redor, com metodologias específicas. Eles são instigados a verem o conhecimento ao seu redor em todos os níveis de ensino, buscando compreender o mundo e a encontrar soluções para problemas.

O aluno é avaliado por diferentes maneiras, pois cada aluno tem diferentes necessidades e dificuldades de aprendizado. A avaliação é contínua e sistemática, que vai se ajustando conforme as necessidades aparecerem. Os resultados da avaliação não se referem apenas as notas das avaliações escritas. Registro de acompanhamento escolar também são importantes através de participações nas aulas, trabalhos, presenças, pois mostram de forma detalhada o percurso do aluno e das aulas.

O Colégio Divino Salvador de Itu tem por finalidade ministrar a educação nos três níveis da educação básica, dentro dos planos e normas estabelecidas em seu Regimento Escolar, buscando proporcionar às crianças e aos jovens uma formação humana e cristã, com os princípios nas leis em vigor e de acordo com a filosofia educativa salvatoriana.

**Educação Infantil** – Maternal ao Pré. Tem por finalidade integrar a criança ao grupo e no meio ambiente, atendendo às necessidades próprias da idade, orientando-a para uma participação em atividades que conduzam ao desenvolvimento harmonioso de suas potencialidades, integrando os aspectos físico, psicológico, intelectual e social dela por meio de diferentes áreas de conhecimento.

**Ensino Fundamental** – 1ª à 9ª séries. Tem por finalidade a formação integral da criança e do adolescente atendendo tais objetivos: desenvolver a capacidade de aprender, por meio do domínio da leitura, da escrita e do cálculo, promover o desenvolvimento do pensamento lógico, crítico e criativo, proporcionar conhecimento e desenvolver habilidades bem como a formação a atitudes e valores, fortalecer os vínculos de família, os laços de solidariedade humana, promover a formação da personalidade equilibrada e sadia.

O Ensino Médio tem um carácter de complementação do Ensino Fundamental e de preparação para o Ensino Superior, constituindo-se num curso de aprofundamento e de sistematização. Consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos a fim de possibilitar aos alunos o prosseguimento dos estudos. Aprimorar a formação do educando como pessoa humana, nos aspectos étnicos e cognitivos, promovendo a assimilação dos valores religiosos e desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Preparar o educando para o mundo do trabalho e para o exercício da cidadania. Para isso, são contratados professores com alto nível de competência, técnicos que preparam e ajudam os alunos para a caminhada rumo ao sucesso nas provas tanto do Enem como nos vestibulares. Sempre à disposição a orientar os alunos.

Professores da Educação Infantil, Fundamental e Ensino Médio estão sempre se atualizando através de cursos unidos nos valores na filosofia do padre Jordan e conhecimentos do material do sistema SAS (Plataforma de Educação), através de apostilas, livros e tecnologia com atividades que possam fortalecer competências e habilidades aos alunos previstos aos três níveis.

Ressalta-se que a disciplina baseada no Regimento Escolar do Colégio Divino Salvador de Itu tem como objetivo continuar proporcionado o máximo de condições para que o aluno tenha um ótimo aproveitamento escolar, procurando manter sempre o diálogo e a orientação dos princípios básicos, como respeito aos colegas, funcionários e professores, comparecer ao colégio uniformizado e com o material escolar, observar rigorosamente os horários, cumprir tarefas, ser disciplinado, não se ausentar das aulas e outras atividades.

É um colégio festivo tendo como objetivo unir famílias e escola. As datas comemorativas são sempre bem festejadas com apresentações e danças, inclusive nas festividades religiosas na cidade de Itu.

O diretor Lionar Contini e sua equipe de coordenadores, professores e funcionários são participativos e empenham-se no melhor atendimento para os educandos, compartilhando valores junto ao padre Jair Carlesso, realizando eventos religiosos com encontros familiares para orações, missas e orientação religiosa, como comunhão e crisma, cumprindo a missão de promover a salvação com a construção de um mundo melhor.

Na entrada principal do Colégio Divino Salvador de Itu, encontra-se uma escultura do padre Francisco Maria da Cruz Jordan para que todos o conheçam e recebam suas bênçãos.

O Colégio Divino Salvador de Itu quer proporcionar a todos os que nele trabalham ou estudam a busca do sucesso, que consiste na felicidade de servir cada vez melhor a humanidade representada por aqueles com quem convivemos.

*“Crê, espera, ama, confia e vá em frente. O Bom Deus fará com que tudo dê certo.”*

**Padre Francisco Jordan**

### **Marilda Penha Freitas Del Campo**

*Nasceu em São Paulo. Formada em Pedagogia na Universidade Ibirapuera em Administração Escolar e Orientação Educacional. Professora de Sociologia, Psicologia e Filosofia. Literária e escritora de quatro livros Infante-Juvenis, Coleção Histórias de Ontem e Hoje das Edições Paulinas. Especializada em Alfabetização, Contos de Fadas e como Contadora de Histórias. Lecionou no Colégio Divino Salvador de Itu, desde a sua inauguração até o final de 2007.*



# Século XXI

JEAN-FRÉDÉRIC PLUVINAGE

*“Para a maioria dos estudantes, a educação é acima de tudo uma porta de entrada para o emprego.”*  
**Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês, em seu livro “Vida Líquida”**

O século XXI, do qual somos testemunhas de seu desenrolar, começou simbolicamente em 11 de setembro de 2001, com o atentado terrorista que causou a queda das Torres Gêmeas, em Nova York. Esse evento representou, no aspecto geopolítico, o fim do “fim da história” – termo utilizado pelo cientista político e economista norte-americano Francis Fukuyama para descrever a hegemonia do poder e da política neoliberal norte-americana após a queda do Muro de Berlim.

A partir dali, inicia-se um longo período de intervenções militares americanas no Oriente Médio, a chamada “Guerra ao Terror”, a guerra mais longa da história norte-americana, que afetam principalmente o Iraque, a Síria e Afeganistão. Foram duas décadas de conflitos, com altíssimo custo humanitário: uma quantidade de mortes *“estimada entre 897 mil e 929 mil pessoas, desde militares norte-americanos a civis e jornalistas, além de combatentes aliados e da oposição”* (GALILEU, 2021), e com gastos estimados em 8 Trilhões de dólares, segundo pesquisa da Universidade Brown, dos EUA. O conflito terminou com a retirada do exército norte-americano do Afeganistão em 2021, sem conseguir o objetivo de desmantelar o poder local exercido pelo grupo extremista Talibã.

Trata-se, portanto, de um início de século muito conturbado, no qual o poder geopolítico norte-americano Pós-Guerra Fria enfrenta erosão e declínio, e no qual o mundo também presencia rápida ascensão econômica e política da China, por meio de seu forte desenvolvimento industrial.

A tensão na polarização EUA/China se encontra atualmente exacerbada com o conflito geopolítico da China com a ilha de Taiwan, país independente para os EUA, e província rebelde para a China – que exige a sua reunificação. Junto com a tensão EUA/China há também a busca, pelos países membros do BRICS (incluindo o Brasil), por um fortalecimento de países do “Sul Global” (em substituição a “países do Terceiro Mundo” que se tornará um termo obsoleto), incluindo o projeto de uma moeda própria para a negociação entre seus membros, abrindo mão do dólar em suas transações comerciais.

Por fim, a Rússia, ao invadir a Ucrânia em fevereiro de 2022, também inicia a sua própria contestação geopolítica contra a expansão da aliança militar OTAN pelo Leste Europeu, diante do interesse da Ucrânia pela adesão a esta aliança. O conflito segue até hoje, com os EUA e Europa dando suporte à Ucrânia, e com a China mantendo oficialmente uma postura de neutralidade, mas sendo um importante parceiro econômico e diplomático para a Rússia.

### **Educação *hi-tech* na aldeia global**

É nesse cenário de contestações, em um mundo Pós-Guerra Fria, que a educação se vê interconectada em uma “aldeia global”, termo do filósofo canadense McLuhan para designar como as novas tecnologias reduzem distâncias a ponto de todo o planeta estar no mesmo contexto social de uma aldeia.

Mas essa interconexão Pós-Guerra Fria tem justamente como origem a Guerra Fria: a internet, originalmente desenvolvida pela DARPA – agência de pesquisa norte-americana voltada para a defesa –, era em sua origem uma comunicação descentralizada para uso militar. Essa tecnologia saiu do mundo bélico, cresceu e tornou o mundo globalizado na troca de informações.

Da era da informação, da segunda metade do século XX, avançamos para o mundo conectado e, também, *mobile*. O acesso às informações, antes restrito ao espaço do computador pessoal, se miniaturiza: está na ponta dos dedos, em celulares e tablets, agora com conexão na velocidade 4G e 5G. E avançando para um mundo de objetos conectados (*internet of things*) e vestíveis (tecnologia *wearable*).

O acesso e velocidade de pesquisa transformam a educação do século XXI, trazendo a derrocada das enciclopédias (os saudosos “Barsas”), assim como fontes impressas tradicionais de informação como jornais e revistas. Mas, ao mesmo tempo que há muita informação, há pouco controle sobre a qualidade dela, e sobre a veracidade de sua origem. Outro problema, um dos tópicos mais atuais na reclamação dos professores sobre ambiente de sala de aula, é a falta de atenção dos alunos gerada pelo uso dos celulares e redes sociais.

A tecnologia, portanto, oferece oportunidades nunca antes pensadas, sendo um complemento às ferramentas do professor se bem integradas em plataformas digitais, auxiliando o aluno por meio de imersão em narrativas *hipermídia*, *multimídia* e *interativa* (o tripé da comunicação digital) – aumentando, portanto, a autonomia do aluno em relação ao conteúdo das aulas. Mas, a tecnologia pode, também, ser uma fonte de dispersão, *fake news* e cópia automática de informações (*Ctrl+C/Ctrl+V*) se mal gerenciada e vista como uma substituição ao professor.

Eis o dilema dos professores atuais. O tempo do giz e lousa com pedagogia conteudista não atrai o aluno imerso em tecnologia, que quer mais interação

com o conteúdo, mas, ao mesmo tempo, esse aluno pode se dispersar facilmente. Uma tecnologia que conecta mas também isola.

### **Explosão da oferta e do acesso aos cursos superiores**

A educação no Brasil presencia esse *boom* tecnológico no século XXI com outra explosão: a dos cursos superiores. Diversos fatores contribuíram para esse cenário. Isso incluí políticas públicas voltadas para a democratização do acesso ao ensino, que oferecem bolsa (caso do ProUni – Programa Universidade para Todos) ou financiamento (caso do FIES – Fundo de Financiamento Estudantil) para a entrada de alunos de baixa renda em faculdades privadas.

Já no que se refere ao acesso à educação pública, foram criadas políticas públicas de cotas raciais e sociais, instituídas no Brasil em agosto de 2012, através da Lei n. 12.711, conhecida também como Lei de Cotas, instituindo reserva de 50% das vagas nas instituições federais de ensino superior para estudantes que cursaram o ensino médio em escolas públicas, com uma parte dessas vagas destinada a estudantes negros, pardos e indígenas.

Mas além das políticas públicas, a grande expansão dos cursos ocorre por meio da grande expansão de empresas privadas. Com a demanda do mercado por qualificação profissional e reformas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), flexibilizou-se a oferta de cursos superiores. Houve também grande investimento por parte das instituições privadas de ensino superior, em sua maioria impulsionadas por organizações e *holdings* nacionais e internacionais, como a Cogna Educação (antiga Kroton), maior rede educacional do país. Já o grupo Cruzeiro do Sul Educacional está entre os três maiores grupos educacionais do Brasil e adquiriu o Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio – CEUNSP, no final de 2015. O nome CEUNSP foi mantido, mas a administração familiar iniciada por Rubens Anganuzzi passou para uma administração corporativa na sede da Cruzeiro do Sul em São Paulo, capital. A nova instituição também obteve, neste segundo semestre de 2024, uma expansão importante para a cidade de Itu: realizará vestibular para curso de Medicina, com início da primeira turma em 2025.

### **Ensino à Distância – EAD**

Um resultado natural do incremento tecnológico e das plataformas digitais de ensino foi o avanço, nestes últimos anos, do Ensino à Distância (EAD). Dados do Censo da Educação Superior 2021 revelam que, entre 2011 e 2021, a modalidade EAD cresceu 474% (GOV.BR). No mesmo período, a quantidade de ingressantes em cursos presenciais diminuiu 23,4%.

Por um lado, essa modalidade é um grande facilitador para o acesso à educação, principalmente para pessoas portadoras de deficiência com dificuldades de locomoção, pessoas que moram e/ou trabalham longe dos centros educacionais, ou que precisam cumprir horários que a impedem de frequentar a escola. Foi também a modalidade usada de modo emergencial durante o período de pandemia do Covid-19, permitindo que alunos de todo o território nacional pudessem continuar os anos letivos de 2020 e 2021 sem interromper os estudos.

Mas a modalidade também tem seus desafios, principalmente se mal gerenciada, sem estrutura adequada, sem preparo do corpo docente, ou com o problema da dispersão do aluno, agora potencializado com a falta de interação presencial. Isso sem contar com os perigos de precarização do trabalho do professor: aumento de carga de trabalho ao necessitar preparar material digital, responder alunos fora do horário de trabalho e gerenciar plataformas digitais, assim como ter sua criatividade e espontaneidade na interação única com cada aluno restringidas em plataformas automatizadas e sistemáticas.

### **Qualidade em questão**

Apesar da expansão do acesso à educação – corroborado pela aumento dos cursos superiores e da modalidade EAD –, tamanho feito não corroborou para uma educação de qualidade.

O PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos na tradução do inglês), lançado em 2000 e realizado pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) no Brasil por meio do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), visa medir o conhecimento dos alunos em matemática, ciências e leitura e permite uma comparação global. O ranking brasileiro em 2022 ficou abaixo da média de todos os países participantes, marcando um longo período de estagnação. Conforme afirma o INEP, “o Brasil apresenta resultados médios estagnados desde 2009 nas três áreas avaliadas” (INEP).

Além disso, o PISA de 2022 passou também a avaliar a criatividade dos participantes, pela sua capacidade de encontrarem soluções originais para problemas ou para usarem a escrita e a arte para representar novas ideias. Infelizmente, nesse quesito, os estudantes brasileiros também ficaram aquém da média. “Em uma escala de 0 a 60, o Brasil somou 23 pontos (10 abaixo da média da OCDE). Houve uma diferença significativa, de 11 pontos, entre o desempenho dos alunos brasileiros mais pobres (19 pontos) e dos mais favorecidos economicamente (30 pontos)” (TENENTE). Um dado preocupante, pois revela como o sistema de educação atual ainda está focado na memorização de conceitos e

não em incentivar alunos a serem participantes ativos em seu próprio processo de aprendizagem.

Má qualidade de ensino e falta de criatividade se juntam a outro problema: o analfabetismo funcional. Esse tipo de analfabetismo se refere à incapacidade de entender o conteúdo de um texto e extrair dele suas informações, mesmo que a pessoa em si reconheça letras e números. Em 2001, o INEP iniciou a medição do analfabetismo funcional no Brasil através do Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf. Os resultados revelam que cerca de 30% da população brasileira entre 15 e 64 anos seja analfabeta funcional. Porém, resultados contínuos do Inaf apontam que, embora seja um índice alto, “*representa uma queda de 40% a 30% em 20 anos*” (INAF).

Uma crítica pertinente dos educadores diante desse cenário é que, nas políticas públicas de educação, há muito foco na educação superior, deixando a educação de base (incluindo o ensino fundamental e médio) a desejar.

*“É importante destacar que neste cenário se faz necessário hoje: maior garantia de assistência estudantil aos estudantes de baixa renda; o repensar constante da organização curricular e metodológica de modo a contemplar as carências formativas trazidas pelos estudantes, bem como a implementação de medidas mais efetivas para a melhoria da qualidade da Educação Básica no país, potencializando assim o desenvolvimento acadêmico dos futuros universitários.” (VARGAS CARNEIRO)*

### **Polarização política na sala de aula**

A política brasileira do século XXI passa por forte polarização, insuflada por políticos como Jair Bolsonaro e influenciadores como Olavo de Carvalho na desconfiança à mídia e instituições. Isso afetou – e ainda afeta –, diretamente a educação e o papel dos professores ao serem vistos, por essa nova direita, como fonte de instrumentalização e doutrinação dos estudantes.

Em 2014, durante o governo de Dilma Rousseff, movimentos como o “Escola sem partido”, que demandam regras para “imparcialidade e objetividade do professor em sala de aula”, começaram a ser debatidos em nível federal.

Já durante o governo de Bolsonaro, ocorre o crescimento de escolas cívico-militares no Brasil. Essas escolas mantêm a parte pedagógica sob a responsabilidade de educadores civis, enquanto a gestão administrativa e monitoria é conduzida por militares. Incluem regras rígidas para uso do uniforme e corte de cabelo. É defendida como um modelo para a disciplina dos estudantes, fonte de educação não doutrinária e espaço educacional de baixa evasão escolar.

Em fevereiro de 2019, a Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC) e outras instituições, formando 12 entidades nacionais, criticaram esse modelo de educação em nota: *“Cabe observar que boa estrutura, boa carreira docente e ambiente escolar disciplinado não devem ser confundidos com militarização, mas sim com investimentos públicos, administração profissional e comprometida, observância aos preceitos legais e gestão democrática contando com a participação da comunidade escolar”* (CENPEC).

### **Reforma polêmica**

Em 16 de fevereiro de 2017, ocorreu a Reforma do Ensino Médio, sancionada pelo então presidente Michel Temer. A Lei n. 13.415, ainda em vigor, aumentou a carga horária mínima dos alunos em sala de aula de 800 para 1.000 horas anuais, mudou a estrutura curricular por meio da introdução de nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), deu novo peso ao ensino técnico, incentivou as escolas a oferecerem ensino integral e introduziu os “itinerários formativos”, que são áreas de interesse específicas que o aluno pode escolher para aprofundar seus estudos.

A reforma ocorreu via Medida Provisória, sem discussão aberta com a sociedade, nem o envolvimento de professores e de associações do campo educacional (FERRETTI, 2018) e recebe duras críticas, até hoje, de educadores. Entre as reclamações, a retirada das disciplinas de Filosofia e Sociologia do currículo obrigatório. Problema que será sanado pelo menos no futuro próximo: o Conselho Nacional de Educação (CNE) decidiu por unanimidade que essas matérias devem ser incluídas no currículo do ensino médio a partir de 2025.

Os itinerários formativos também são apresentados como uma liberdade de escolha do aluno mas são dependentes da estrutura e recursos materiais e humanos da escola para ofertar com qualidade todas as cinco opções de itinerários possíveis (KOEPSSEL, 2020).

### **E o que virá à frente: imersos no mundo líquido**

Por fim, a nova tecnologia em destaque atualmente, a Inteligência Artificial (IA), surge na sociedade como outra fonte de recursos e desafios, prós e contras. Pode ser uma dinâmica ferramenta de pesquisa, ou a forma que um aluno tenta burlar o professor que exige um trabalho escrito. Sobre as suas possibilidades, ainda há muito a ser descoberto, dado o seu surgimento recente.

E para além da IA? Mais e mais tecnologias irão surgir e mudar a sociedade rapidamente. Estamos afinal em um mundo líquido e incerto. Nessa vida líquida, o filósofo polonês Zygmunt Bauman aponta para um risco: a educação

deixa seu lado humanista para focar em uma visão pragmática, utilitarista e tecnicista. A educação é vista pelos estudantes como um meio para garantir segurança financeira, acesso ao mercado de trabalho e o emprego almejado. O ato de aprender se torna um processo mecanicista para passar no ENEM e deixa de ser visto pelo seu valor intrínseco de formação de um ser humano com consciência crítica.

Em conclusão, vejo uma tendência perigosa em curso na educação do século XXI: uma pressão enorme para adaptar a pedagogia para plataformas tecnológicas à venda e não a adaptação da tecnologia para os sistemas pedagógicos em curso. Grades curriculares e disciplinas se limitam às exigências do mercado de trabalho e ao lucro das empresas privadas de educação. A educação enfim, tenta ser otimizada e automatizada, com o professor precarizado, em um papel técnico e “neutro” de gerenciador de conteúdo. Cai a criatividade e a espontaneidade entre aluno e professor. Tudo é mecanizado em um mundo que exige, cada vez mais, que se questione a comoditização do conhecimento e a padronização das narrativas. Não existe um olhar neutro sobre o mundo. O mundo é dialético, é um embate necessário e constante de ideias, e estamos com dificuldades para abrir canais de diálogo verdadeiramente autênticos. Criamos um mundo líquido e não temos nem sequer um porto seguro.

**Jean-Frédéric Pluinage**

*Editor da FoxTablet, editora de livros impressos e digitais.*

*Formado em Design Gráfico pelo Centro Universitário Senac e Jornalismo pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio. Mestre em Divulgação Científica e Cultural pelo LABJOR/NUDECRI/UNICAMP.*

*Doutorando em Artes Visuais pelo IA/UNICAMP.*

*Ocupante da Cadeira 15 da ACADIL – Academia Ituana de Letras.*

*Ocupante da Cadeira 26 da ASLe – Academia Saltense de Letras.*

---

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**CENPEC. Nota das entidades nacionais sobre a adoção do modelo de Escolas Cívico-Militares.** [https://saberespraticas.cenpec.org.br/wp-content/uploads/2019/02/escolas\\_civico-militares\\_entidades\\_completa.pdf](https://saberespraticas.cenpec.org.br/wp-content/uploads/2019/02/escolas_civico-militares_entidades_completa.pdf) . Acesso em 01/10/2024.

- FERRETTI, Celso João. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. In: **Ensino de Humanidades** • Estud. av. 32 (93) • May-Aug 2018 • <https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180028>
- GALILEU. **Guerra ao Terror causou 900 mil mortes e custou US\$ 8 tri, estima estudo.** <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Politica/noticia/2021/09/guerra-ao-terror-causou-900-mil-mortes-e-custou-us-8-tri-estima-estudo.html>. Acesso em 01/10/2024.
- GOV.BR. **Ensino a distância cresce 474% em uma década.** <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2022/ensino-a-distancia-cresce-474-em-uma-decada>. Acesso em 01/10/2024.
- INAF. **Indicador de analfabetismo funcional.** <https://alfabetismofuncional.org.br/?form=MG0AV3>. Acesso em 01/10/2024.
- INEP. **Histórico.** <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa/historico>. Acesso em 01/10/2024.
- KOEPSSEL, Eliana Cláudia Navarro; GARCIA, Sandra Regina de Oliveira; CZERNISZ, Eliane Cleide da Silva. A tríade da Reforma do Ensino Médio brasileiro: Lei nº 13.415/2017, BNCC E DCNEM. In: **ARTIGO • Educ. rev.** 36 • 2020 • <https://doi.org/10.1590/0102-4698222442>
- PERISCÓPIO. **CEUNSP é a primeira instituição a oferecer curso de Medicina em Itu.** <https://jornalperiscopio.com.br/site/ceunsp-e-a-primeira-instituicao-a-oferecer-curso-de-medicina-em-itu/> Acesso em 01/10/2024.
- TENENTE, Luiza. **Mais da metade dos alunos brasileiros tem nível baixo de criatividade; país está entre os últimos de ranking internacional, diz Pisa** Portal G1. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/06/18/mais-da-metade-dos-alunos-brasileiros-tem-nivel-baixo-de-criatividade-pais-esta-entre-os-ultimos-de-ranking-internacional-diz-pisa.ghtml>. Acesso em 01/10/2024.
- VARGAS CARNEIRO, Luci Anne; BRIDI, Fabiane Romano de Souza. Políticas públicas de ensino superior no Brasil: um olhar sobre o acesso e a inclusão social. In: **RIAEE—Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara**, v. 15, n. 1, p. 146-158, jan./mar. 2020. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15i1.12059>.

# *Colégio Almeida Júnior*

## ***Uma história de vida comprometida com a educação!***

**MARIA RITA G. PASCALE**

**CLAUDIO PASCALE**

Após uma vasta experiência em educação, ministrando aulas e dirigindo escolas, resolvemos, eu, Cláudio Pascale e minha esposa Maria Rita G. Pascale, fundar o Colégio Almeida Júnior, que começou suas atividades em 2001.

Nosso objetivo sempre foi mais do que ensinar. O Colégio Almeida Júnior tem como missão preparar seus estudantes para enfrentar os desafios da vida, desenvolvendo seus talentos e habilidades, de modo que adquiram conhecimentos relacionados ao universo político, social e econômico.

Mais do que ensinar, a escola assume o compromisso de garantir que o aluno “aprenda a aprender”, envolvendo-o, fazendo com que se sinta em casa. A função da educação é garantir que o educando aprenda a fazer, a conviver e, mais que tudo, a ser. Buscamos desenvolver no aluno habilidades, competências, inteligências, atitudes e valores, tendo os conteúdos como meios para esta evolução. Este é o maior desafio, acreditamos que os estudantes são muito mais do que diploma. *“O importante é sermos parceiros da família na educação dos filhos, para que estes saiam do ninho. Sem se machucar.”*

Este conceito é totalmente sentido pelos estudantes, e se destaca como grande diferencial do colégio, a humanidade. A escola entende que seus alunos são pessoas, não números. Pessoas, não robôs. Enquanto, sim, o rendimento do aluno e suas notas são de extrema importância, reconhece que isso não vale nada quando não se trabalha a formação humana e o senso crítico em seus alunos, desenvolvendo cabeças pensantes, e não comandadas pelo senso comum.

Com 23 anos, o colégio acompanha as mudanças no mundo, tendo a certeza de formar indivíduos que tenham postura crítica, autônoma e criativa frente à vida. *“Temos que acompanhar as transformações e inseri-los. Por isso, em 2023, introduzimos um material digital, muito interessante, que veio de encontro com nossa proposta pedagógica.”*

O grande desafio para a escola também é para os estudantes que se veem cercados pela tecnologia.

Para auxiliar os alunos, o Colégio Almeida Júnior traça projeções sobre os novos rumos da educação como: o aprendizado personalizado, com uso de tecnologias como a inteligência artificial, sendo adaptada às necessidades individuais dos alunos, realidade virtual e aumentadas que podem ser usadas para criar experiências de aprendizado imersivas; colaboração global, com a tecnologia permitindo que os alunos colaborem com colegas em todo o mundo. Promovendo a compreensão mais ampla e a resolução de problemas em contextos globais; avaliação baseada em habilidades, em vez de focar apenas em notas e exames padronizados, medirá as competências práticas e a capacidade de aplicar o conhecimento na vida real; e a educação inclusiva, inserindo estudantes com diferentes habilidades e necessidades especiais, com tecnologias assistivas desempenhando um papel fundamental.

*“O importante é sermos parceiros da família na educação dos filhos para que estes saiam do ninho. Sem se machucar.”*

Atenta ao presente e de olho no futuro, a equipe do Colégio Almeida Júnior se preocupa com os alunos como um ser integral. *“Trabalhamos o aprender usando projetos, estimulamos o trabalho em conjunto, a tentativa e erro no intuito de trabalhar a resiliência para que eles não se frustrem logo nas primeiras tentativas de quaisquer projetos ou coisas que queiram fazer ou aprender, estimulamos a autonomia, trabalhamos muito o socioemocional, entre outros projetos. Além disso, cada ano trazemos mais novidades para executar um trabalho de excelência”.*

O colégio tem como objetivo a formação integral do estudante, centrando-se em valores humanistas para desenvolver a autonomia, o respeito, a formação ética do caráter e a cidadania. Neste contexto, busca formar crianças e jovens criativos, flexíveis, questionadores, responsáveis e conscientes de seu papel na sociedade, inspirando assim sua proposta de educação ao longo do curso de formação.

Para a escola: *“Educar é como plantar uma árvore, tem que ser feito com muito amor, atenção e carinho, pois é preciso regar, adubar e podar, para que cresça forte e um dia dê bons frutos.”*

**Maria Rita G. Pascale**  
*Direção Geral e fundadora*

**Claudio Pascale**  
*Fundador*

# *Centro de Estudos de Línguas*

## *Regente Feijó*

**MARIA ANGÉLICA BONATTI RIBAS**

*“Quem aprende uma nova língua, adquire uma nova alma.”*

**Juan Ramón Jiménez**

*“A língua é uma ponte que lhe permite  
atravessar de um lugar ao outro com segurança.”*

**Arnold Wesker**

O Centro de Estudos de Línguas Regente Feijó (ou CEL, como é carinhosamente chamado por toda a rede estadual de ensino), foi criado pela Resolução SE 84 de 22 de maio de 2002, publicado no DOE de 23 de maio de 2002, contando com Maria Zilda Cesarotto como dirigente regional de Ensino, Filomeno Toledo de Mazoni como supervisor de Ensino e Lúcia Helena Soares Ferrielo Costa como diretora de escola. Sua proposta: proporcionar aos alunos matriculados na rede pública estadual de ensino o enriquecimento curricular por meio da aprendizagem de uma segunda língua estrangeira para seu próprio conhecimento e futura inserção no mercado de trabalho.

Tudo teve início em reunião realizada em 07/01/2002, na qual os diretores das escolas EE Prof. Antonio Berreta, EE Dr. Cesário Motta, EE Prof. Cícero Siqueira Campos, E.E. Prof. Francisco Nardy, EE Prof. José Leite Pinheiro Júnior, EE Prof. Pery Guarani Blackman, EE Regente Feijó, EE Prof. Rogério Lázaro Toccheton e EE Prof. Salathiel Vaz de Toledo propuseram a criação e instalação de um Centro de Estudos de Línguas na EE Regente Feijó.

Conforme a resolução SE – 85, de 13/08/2001 Artigo 5: *“Os Centros de Estudos de Línguas destinam-se, exclusivamente, ao atendimento dos alunos matriculados e frequentando cursos dos diferentes níveis e modalidades de ensino pela rede pública estadual, objetivando o enriquecimento curricular da aprendizagem básica de uma segunda língua estrangeira moderna, de caráter opcional para o alunado”*. Ainda, *“Cada curso será planejado com uma carga horária total de 480 horas de aula, organizado em dois níveis, cada nível terá 240 horas, e será organizado em 3 estágios semestrais de 80 horas cada um, distribuídas em 4 horas de aulas semanais”*.

Inicialmente foram matriculados 416 alunos, divididos entre os cursos de idioma espanhol (315), italiano (53) e francês (48), tendo como professores

Márcia Regina Camargo, Helena Domingos do Amaral e Dani Leonor, respectivamente.

O Conselho de Acompanhamento do C.E.L. foi constituído inicialmente por todos os diretores das escolas estaduais de Itu e região, com alunos matriculados e frequentes, professores de língua estrangeira da escola sede E.E. Regente Feijó e, mais tarde, por alunos dos cursos dos últimos estágios. Estes reuniam-se ao início e término de cada semestre e extraordinariamente, quando necessário. Em 08/08/2002, o conselho reuniu-se e escolheu, por unanimidade, a professora de inglês Maria Angélica Bonatti Ribas para a coordenação.

A princípio, foram destinadas para uso do CEL duas salas de aula no bloco II da escola e uma sala para a coordenação, local em que funcionava a Escola Junqueira Ortiz no passado, segundo relatos.

No ano de 2003, a demanda pelo curso de espanhol cresceu e foram contratadas as professoras Cleonice dos Santos Barbosa e Fabrizia Lourenço. A cada semestre, os docentes recebiam convocações para orientação técnica em São Paulo com o objetivo de subsidiá-los com alternativas metodológicas. Ficavam geralmente três dias realizando cursos e tinham aulas com profissionais renomados. O governo também costumava enviar muitas verbas para aquisição de materiais didáticos e paradidáticos, som e imagem, entre outros.

Os alunos sempre foram muito interessados e disciplinados, pois faziam o curso por vontade própria, no contraturno das aulas e, por isso, os projetos eram sempre muito bem-feitos e elaborados. O primeiro projeto do CEL foi realizado no Plaza Shopping Itu, ocasião em que foi muito elogiado pela mídia.

Com o aumento da demanda, foram liberadas mais salas, chegando a ocupar, no período da tarde, oito salas do prédio. Com o passar do tempo, foram criadas turmas de inglês, alemão e japonês.

Quando o CEL foi montado, ninguém imaginava que naquele pedacinho da escola aconteceriam tantas coisas boas. Os alunos se sentiam motivados, muitos saíam de suas escolas sede e se deslocavam diretamente para o curso sem tempo sequer para almoçar. Os professores sempre procuravam diversificar as aulas, considerando o aluno como protagonista.

Os projetos sempre foram o forte do CEL, dentro e fora da sala de aula. As palestras e compartilhamento de experiência de gerentes, diretores e CEOs de empresas de Itu e região sobre a importância do aprendizado de uma segunda língua no âmbito profissional e pessoal, além do contato com nativos da Espanha e Irlanda em trabalhos voluntários, onde os alunos, professores e coordenação ficavam imersos em hotéis da região ou excursões, são alguns dos exemplos de projetos transformacionais do centro.

Dentre ensinamentos e tantos outros benefícios que a educação pode proporcionar, um dos mais emocionantes é poder proporcionar aos educandos uma experiência totalmente nova, como participar de um desfile de modas vestindo roupas de estilistas conhecidos da cidade em uma passarela cheia de espectadores, desfrutar de uma estadia em um hotel e até ter uma primeira experiência longe da família, dos amigos e da língua materna, viajar de avião e chegar a um lugar totalmente desconhecido e – para tudo ser mais emocionante ainda – não existia o *WhatsApp* e a comunicação por celular *abroad* era bastante limitada na época.

A maior alegria e surpresa foi o prêmio de Intercâmbio Cultural, quando os alunos prestaram provas e os selecionados foram enviados para fazer intercâmbio na Inglaterra, Espanha e Argentina, onde passavam 15 dias em casa de famílias com direito a bolsa de estudos em escola de línguas.

Também as salas de aula muitas vezes pareciam utópicas, professores e alunos em uma sintonia tão grande, o que pode ser difícil de imaginar, com pessoas tão diferentes, vindas de todas as partes da cidade de Itu, Salto e Porto Feliz. Em certa ocasião, a experiência foi destaque no noticiário da rede estadual: avó, mãe e filha fazendo o curso de espanhol. Não parece utópico mesmo?

E lá se foram mais de 20 anos de sonhos, realizações, esperanças. Muitos alunos escolheram seus cursos universitários influenciados pelas línguas aprendidas no CEL: há professores de espanhol, inglês, formandos de Comércio Exterior e outros cursos ligados à língua estrangeira.

Atualmente, a demanda diminuiu, provavelmente ocasionada pelo aumento das escolas de Tempo Integral, entre outros. No primeiro semestre de 2023, frequentam do curso de espanhol 71 alunos, divididos em cinco turmas, tendo como professora Rosa Ema Wilenmann Serrano, natural do Chile, e de inglês duas turmas, tendo como o professora Maria Cláudia de Oliveira. Já no primeiro semestre de 2024, são 59 alunos do curso de Inglês, divididos em duas turmas, tendo como professora Stefanie Klein. A direção é da professora Renata Cesta Martinez e da vice, professora Leila de Fátima R. Santos, que gentilmente nos cedeu os dados.

### **Maria Angélica Bonatti Ribas**

*Estudou Tradução e Letras, Pós em Gramática, Ensino e Aprendizagem da Língua Inglesa e em Gestão Escolar. Trabalhou como secretária, professora de Língua Inglesa, Coordenadora do Centro de Estudos de Línguas Regente Feijó e Paula Santos e Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico de Itu.*

# *FATEC*

## *15 Anos de muitas alegrias e sucesso*

**ATILIO ANTÔNIO SCALET**  
**SOLANGE LOPES PLAÇA DE LUCENA**



*Fachada externa da FATEC ITU.*

Felicidades a todos.

A Fatec de Itu ainda é a única instituição de ensino superior pública e gratuita da cidade de Itu, com apenas 15 anos de existência, mas com muita experiência dos seus profissionais, ao ponto de despontar entre as demais instituições da cidade como uma das mais ativas, com suas diversas parcerias e projetos empreendedores e a colocação quase que imediata dos seus alunos nas diversas empresas de toda região.

Um dos principais objetivos deste texto é homenagear seus atuais funcionários, professores, alunos e também os profissionais que já passaram pela instituição, deixando um pouco de suas histórias para sua permanente construção do saber e mostrar que só com muito trabalho e dedicação é que se chega ao resultado esperado.

No dia 28 de fevereiro de 2008, através da assinatura do Decreto número 52.641 de 21 de janeiro de 2008, publicado no DOE de 22/01/2008, seção I, p. 118, ocorreu a inauguração da primeira Faculdade de Tecnologia da cidade de Itu, complementando a formação tecnológica dos alunos vindos da sua irmã

mais velha, a Escola Técnica Estadual Martinho Di Ciero (Etec-Itu) e interessados de toda região, que procuravam uma opção de qualificação em uma instituição de ensino superior pública gratuita. Com um grande empenho político e empresarial, suas atividades começaram em um prédio alugado à rua Sorocaba com os cursos de Gestão da Tecnologia da Informação e Análise de Desenvolvimento de Sistemas. Na sua inauguração, estavam presentes o governador do Estado de São Paulo, Sr. José Serra, seu vice-governador e secretário de Desenvolvimento, Sr. Alberto Goldman, o prefeito da Estância Turística de Itu, Sr. Herculano Castilho Passos Júnior, a diretora superintendente do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, Sr.<sup>a</sup> Laura Laganá e a diretora designada para dar o início de suas atividades, Sr.<sup>a</sup> Juliana Augusta Verona.

É montada uma Comissão de Implantação que, neste momento, respondia por todas as competências exigidas pelo Estado e comunidade até a formação da Congregação, órgão colegiado de supervisão das atividades acadêmico-administrativas do ensino, da pesquisa e dos serviços à comunidade. Em abril de 2009, aconteceu a 1ª reunião desta Comissão de Implantação da Fatec Itu, dando início aos trabalhos da Congregação.

Inicia-se o chamado Centro de Memórias da Fatec Itu, com o objetivo de mostrar aos alunos todas mudanças tecnológicas que ocorreram nos últimos anos, recebendo do professor Bianchi a primeira doação de diversos aparelhos de telefones celulares.

Em julho de 2010 a Fatec Itu é premiada pelo Programa Live@edu da Microsoft. O prêmio foi entregue através de uma cerimônia na sede da Microsoft e contou com a presença de professores e funcionários da Fatec.

Em setembro de 2010 realizou-se o 1º “Café Tecnológico” reunindo, na instituição, representantes de diversas organizações, como empresas privadas, organizações não governamentais, agências de empregos e de estágios, com o objetivo de estabelecer parcerias com empresas da região e agências de empregos e estágios, visando a colocação de nossos alunos no mercado de trabalho.

Em novembro do mesmo ano, os alunos da Fatec Itu participaram do programa “Inglês com música” na TV Cultura, programa com parceria entre a UNIVESP, o Centro Paula Souza e a Secretaria de Educação, incentivando o aprendizado da língua inglesa de forma descontraída por meio de letras de músicas e jogos entre equipes formadas por estudantes. Nesta ocasião, os alunos foram acompanhados pelo professor Eduardo Gonçalves e a diretora Juliana.

Em fevereiro de 2011, inicia-se o Cursinho Popular Comunitário em parceria com a UNEI – União Negra de Itu, oferecendo reforço escolar para o

vestibular e incentivando jovens e adultos que estavam fora da escola há muito tempo. Disciplinas como Matemática, Física, Química, História, Geografia, Cidadania e Formação Política são ministradas todos os sábados por 20 professores voluntários. Parceira do projeto desde o início com a UNEI, a Fatec Itu cedeu o espaço e estrutura para o funcionamento do cursinho desde então, e o faz até os dias atuais.

Em abril de 2011 foi iniciado o projeto “Desafio Startup’s”. Este evento nasceu da oportunidade de apresentar as boas ideias dos alunos dos cursos de GTI e ADS, incentivando o desenvolvimento de soluções na área de TI e apresentadas para uma banca examinadora com diversas premiações para os melhores trabalhos.

Em setembro de 2011 ocorreu a primeira reunião pedagógica no prédio novo, o plantio de diversas mudas de árvores para marcar este momento e a entrega de uma placa comemorativa com o nome de cada professor colocadas nas mudas plantadas nos jardins da Fatec Itu. E nesta mesma noite ocorreu a formatura da 1ª Turma de Gestão da Tecnologia da Informação com a presença da diretora Senhora Juliana Verona, coordenadores e professores do curso.

Em 22 de novembro de 2011, inaugura-se oficialmente o novo prédio da Fatec Itu, na Avenida Tiradentes 1211, com 12 salas de aula, 12 laboratórios, refeitório, estacionamento e toda infraestrutura necessária para atender a comunidade da região. Na inauguração, esteve presente do governador do Estado de São Paulo, Sr. Geraldo Alckmin, o secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, Sr. Paulo Alexandre Barbosa, a deputada estadual, Sr.<sup>a</sup> Rita Passos, o prefeito da Estância Turística de Itu, Sr. Herculano Castilho Passos Júnior, a diretora superintendente do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, Sr.<sup>a</sup> Laura Laganá, nossa diretora, Sr.<sup>a</sup> Juliana Augusta Verona e diversas autoridades políticas e civis da região que vieram prestigiar o evento. Os cursos oferecidos na ocasião foram os de Gestão em Tecnologia da Informação, Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Mecatrônica Industrial.

Destacaram-se a participação de professores e alunos no III Fórum Mundial de Educação Tecnológica na cidade de Florianópolis (SC) em maio de 2012, apresentando diversos projetos, apresentações teatrais e da mesa redonda sobre o tema “A importância dos núcleos de Inovação”.

Uma característica importante e recorrente dos professores da FATEC Itu é a edição e publicação de livros. O livro “Metodologias Ágeis: Engenharia de Software sob Medida” é um desses exemplos e foi lançado em junho de 2012 pelos professores Jose Henrique Teixeira de Carvalho Sbrocco e Paulo Cesar de Macedo pela Editora Érica.

Com duração de 9 meses, em março de 2013 inicia-se aos sábados, com grande sucesso, o curso básico de inglês com a participação e organização dos alunos do 3º semestre do curso de Tecnologia em Mecatrônica Industrial, com a supervisão da professora de inglês da escola.

Ocorreu, em 2013, a 3ª edição do Café Tecnológico, voltado para empresários que desejavam alavancar seus negócios junto aos alunos da FATEC e com o SEBRAE que apresentou a palestra “Inovação e Empreendedorismo” aos presentes.

Em outubro de 2013, foram ofertados dois cursos através do programa Via Rápida com os cursos de Maquiagem e Eletricista básico para residências capacitando gratuitamente pessoas em busca de oportunidades no mercado de trabalho e para pessoas com deficiência, beneficiários da renda cidadão, mulheres de arrimo de família e pessoas com maiores encargos familiares.

Em março de 2022, foi lançada uma exposição chamada “Pioneiros de Itu” homenageando personalidades do município, como o grande artista ituano Almeida Júnior. Esta exposição foi organizada durante um ano com previsão de ocorrer entre junho e agosto de 2023. Neste período, também foi lançada a primeira edição do “Fatec Itu Notícias”, com o professor Danilo como editor, que teve como assuntos abordados: 1ª e 2ª Semana de Tecnologia, Trote Solidário, Empresa Júnior e Projeto Inclusão Digital. Conseguiu-se também uma grande parceira para os alunos com a empresa Nube, que realizou um evento para cadastrar alunos interessados em estágio na cidade e região, passando o dia todo na instituição.

Fazendo parte do Programa Estadual de Melhorias das Unidades do Centro Paula Souza, em novembro de 2013, a FATEC Itu recebeu verba para serviços preliminares para atendimento às pessoas com deficiência, reforma e manutenção das instalações elétricas, hidráulicas e na cobertura interna e externa, melhorando as condições de mobilização dos alunos, professores e funcionários administrativos.

Sempre se valorizou e incentivou-se a participação dos alunos em palestras, debates, cursos, eventos, campanhas e oficinas dentro e fora das dependências da faculdade em todos esses 15 anos de existência.

Durante esse período, vários projetos, aplicativos de celulares, visitas e campanhas foram desenvolvidas pelos alunos sempre supervisionados pelos professores. Como exemplo, podemos destacar a “1ª Semana de Tecnologia”, em 2008, proporcionando aos alunos maior aproximação com a realidade do mercado de trabalho. Em 2011, o aluno Neilson da Silva Moreira sob a orientação da professora Angelina Vitorino de Souza Melaré, apresentou na

forma de resumo expandido um trabalho durante o evento “Computer on the Beach” promovido pela Universidade do Vale do Itajaí (SC); André Longatti Soares, estudante do 5º ano do curso de TI, foi premiado em 2010 no “V Concurso Nacional de Criação de Brinquedos”, organizado pela Editora Palavra e Arte, e o prêmio foi uma viagem a Nuremberg, na Alemanha, para visitar a Feira de Brinquedos.

Em 2011, realizou-se o “1º Workshop de Empregabilidade da FATEC”; Participação no “4º Fórum de Línguas” no Uruguai, através de um pôster e um artigo, aprovados pelos organizadores, com a professora Diane Fiala e o funcionário administrativo Marcelo Fiala; No mesmo ano conquistou-se o terceiro lugar na “Feira Tecnológica do Centro Paula Souza” com o projeto “Jogo de tabuleiro para crianças com deficiência visual” dos alunos Alison, Clara e Cláudia do curso de GTI e o professor Danilo apresentou seu trabalho no “XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística” e “III Simpósio Internacional de Letras e Linguística” ocorrido na Universidade Federal de Uberlândia.

Em 2012, representantes da FATEC participaram do Comitê organizador do “II Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica”, ocorrido em Florianópolis (SC) sendo a instituição com maior número de projetos aprovados no fórum; também tomaram posse os membros da Congregação da Fatec Dom Amaury Castanho, traduzindo a seriedade e maturidade da instituição, trazendo transparência às ações e decisões tomadas no meio acadêmico; As alunas Juliana e Sâmara do curso de ADS conquistaram o segundo lugar na “6ª Feira de Tecnologia do Centro Paula Souza” com o projeto “Mapeamento via RFDI” realizado em uma escola de deficientes visuais da cidade de Itu; As primeiras turmas dos cursos de Informática, hardware e da melhor idade, oferecida pela empresa Júnior da Fatec, receberam os certificados de encerramento em 2013.

E, em 2014, foi lançado o “Acheseuponto” – aplicativo que localizava eco pontos na cidade de Itu para descarte de material, buscando atender uma necessidade real da população, que não sabia onde descartar seus resíduos sólidos reaproveitáveis. Projeto de Angelina Melaré, professora da Fatec.

Ocorreram também, nesses 15 anos, diversos projetos sociais específicos como o trote solidário com produtos de limpeza para os asilos Nossa Senhora da Candelária e Vila Vicentina; Inclusão digital da 3ª idade contemplando uma parcela mais pobre e esquecida desta faixa etária da população e a prática de Yoga aos funcionários e professores através de ginástica oriental bastante relaxante.

Esses 15 anos foram marcados com muitas alegrias, frustrações, choros, perseverança e resiliência dos quase 90 professores e 10.000 discentes que já

passaram por aqui. Hoje, seus professores, funcionários administrativos, funcionários de limpeza e de segurança – desta importante instituição pública de ensino – trabalham diariamente preparando seus alunos com a melhor qualidade possível para o mercado de trabalho de nosso país.

Esta foi um pouco da história da FATEC Itu desses 15 anos. Sabe-se das dificuldades que existirão pela frente, mas, com a união e trabalho da equipe, as dificuldades serão pequenas perto das alegrias de assistirem o sucesso da vida profissional dos alunos de amanhã e sempre.

### **Uma profissional que sempre fez a diferença na FATEC-Itu**

*“Ter a oportunidade de partilhar dos seus ensinamentos e perceber a transformação de velhos conceitos em novos olhares que vão além de nós próprios, refletindo diretamente na qualidade do ensino da FATEC”.*

*“Professora de Alma”.*

*“Tem como relevância na sua gestão a via democrática e participativa”.*

*“Na FATEC-Itu, vejo que há uma preocupação da Direção em sempre tentar ouvir, explicar, ponderar e compreender as razões de todos”.*

Esses são alguns depoimentos de pessoas que convivem diariamente com a diretora Juliana Verona, pessoa ímpar na condução da FATEC desde seu início, com uma visão muito clara sobre a importância social que a Fatec tem junto à comunidade mais carente e minoritária da região, colaborando positivamente na vida de cada um que passou por aqui, incentivando professores e alunos em diversos projetos que contribuíram na resolução de problemas nas áreas socioambientais e tecnológicas como: Curso de agentes socioambientais; *Special toys*; Material didático a partir de lixo eletrônico; Libras; Gestão de vendas direta; Capacitação em empreendedorismo; Escola popular em ação; Horta comunitária; Cinefatec; Campanha contra a fome; O desperdício e o amor; entre outros inúmeros projetos que tem o olhar e a incentivadora condução da diretora Juliana.

Fica o carinho sincero dos funcionários e alunos da Fatec Itu por tudo que a diretora Juliana sempre desenvolveu com suas ideias criativas para manter essa instituição sempre ativa, necessária e evidente perante a sociedade e o Centro Paula Souza.

*“O saber a gente aprende com os mestres e os livros,  
a sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes”.*

**Cora Coralina**

**Atilio Antônio Scalet**

*Graduação em Administração, pós-graduação em Administração Financeira,  
trabalha na área da Educação desde 2001.*

**Solange Lopes Praça de Lucena**

*Graduada pela FATEC ITU no curso de Tecnologia em Gestão Empresarial, pós  
graduada em Psicopedagogia, trabalhou como Relações Públicas do Hotel Cancún  
Playa no México, atualmente Assessora Técnica Administrativa na FATEC ITU.*

# *Branta Institute*

## ***Colégio Terras de São José: A resposta para uma demanda inédita***

**RAFAEL JOSÉ BARBI**

Há décadas, as grandes cidades brasileiras passam por problemas latentes, tais como o aumento demográfico desorganizado, que gera consequências como crescimento urbano sem qualquer tipo de planejamento, aumento de índices de violência e déficit na oferta de serviços públicos que atendam às demandas da população. Sendo a maior cidade do país, São Paulo sofre com questões relacionadas a esses problemas desde meados dos anos 70, o que gerou um processo de migração de diversas famílias para o interior do Estado, principalmente, para cidades próximas à capital.

Atentos a esse movimento, os empresários Jacob Federmann e Rosaldo Malucelli, proprietários da SENPAR, empresa especializada em projetos de urbanização através da abertura de estradas; decidiram investir na formação de condomínio residencial fechado, uma proposta totalmente inédita no país. Para a construção do condomínio, adquiriram as terras que pertenciam às Irmãs de São José, recebidas por elas na ocasião da instalação da ordem aqui no Brasil para a implantação da primeira escola de educação feminina em Itu, no século XIX. Em 1973, tem início o empreendimento Terras de São José, o primeiro loteamento fechado de todo o Brasil, com uma proposta de oferecer aos moradores todos os serviços necessários para uma vida marcada por segurança e bem-estar.

Com o crescimento do condomínio, os moradores começaram a se movimentar em busca da resolução de uma nova demanda, que era a questão da educação dos seus filhos. Afinal, a migração de muitas famílias de outras cidades e da capital, forçaram uma mudança profunda na rotina das crianças. Por isso, em 1979, é criado o Colégio Terras de São José, uma instituição educacional de excelência, que inicialmente atende os moradores do condomínio, mas, nos anos seguintes, torna-se um colégio requisitado por um público cada vez maior.

### **Branta Institute: o século XXI enfrentado de frente**

Na vizinha cidade de Salto, foi construída, nos anos 60, a Abadia de São Norberto, espaço que seria utilizado pela Ordem dos Premonstratense,

também chamada de Ordem de São Norberto, para ser uma das sedes desta ordem religiosa no Brasil. Apesar do objetivo inicial, o espaço ficou ocioso e coube à Prefeitura Municipal adquirir a área e planejar uma destinação adequada. Após desmembrar parte da área para a instalação de um parque industrial, o terreno da Abadia ainda ficou ocioso por vários anos, sediando ações esporádicas como exposições, encontro de colecionadores, algumas edições da FICAS (Feira Industrial, Comercial e Agrícola de Salto) e outros eventos internos da própria Prefeitura.

Em 1997, o prédio finalmente ganha uma destinação definitiva, através do acordo entre a Prefeitura Municipal de Salto e a Faculdade Sant'Anna, realizado pelo prefeito João Guido Conti com o empresário Leonardo Placucci, permitindo, dessa forma, a instalação de um campus da faculdade, oferecendo diversos cursos superiores. Porém, o uso do espaço não fica restrito à faculdade. Alguns anos depois, surgem planos para tornar essa ocupação ainda mais dinâmica ao longo do dia.

E os planos passam a se concretizar a partir do encontro entre Marco Antônio Placucci, um dos sócios da unidade da Faculdade Sant'Anna de Salto; com a professora Sandra Danitza Barnabé Miranda Campos, pedagoga com grande experiência em gestão escolar e implantação de projetos inovadores. Pelo lado pedagógico, a professora Sandra possuía uma equipe pedagógica preparada para implantar uma instituição de ensino infantil e básico para ocupar os espaços da abadia ao longo do dia; sob o lado da gestão, o professor Marco Antônio tinha o grande objetivo de inovar, criando uma escola nos moldes dos melhores colégios internacionais de São Paulo, o primeiro fora de grandes conglomerados urbanos, genuinamente no interior.

Portanto, em 2004, surge a primeira instituição escolar bilíngue da região, o Sant'Anna Kids. Com um arrojado projeto verdadeiramente bilíngue, a escola surge com uma mescla de processos formativos do currículo brasileiro com disciplinas oferecidas diretamente em inglês, com diversas camadas de imersão na língua inglesa. Para isso, além da equipe inicial formada pela professora Sandra, foi feita uma rígida seleção de profissionais em parceria com a escola Wings to Fly, da capital. Após a seleção, o colégio é aberto oficialmente em janeiro de 2005, com turmas de Babys, Kids, Pré – Junior e Junior I.

A escola tem um grande sucesso e aceitação, tornando-se rapidamente referência na região, atraindo alunos de Salto, Itu, Indaiatuba e até mesmo São Paulo, graças ao seu projeto inovador. Porém, apesar de todo o sucesso, em 2011 tanto a Faculdade Sant'Anna quanto a escola Sant'Anna Kids sofrem um duro revés, com a exigência de devolução do prédio da Abadia feita pela Prefeitura da

Estância Turística de Salto, devido a um apontamento do Ministério Público que obrigou a Prefeitura a rever e/ou romper todos os contratos de cessão de espaços municipais, mesmo o contrato – feito entre a mantenedora, da faculdade e do colégio, com a Prefeitura – sendo válido até 2017.

Nesse momento, a gestão, liderada pelo professor Marco Antônio e pela professora Sandra, começa uma busca incessante por um novo espaço para abrigar os alunos. É nesse momento que as histórias do Colégio Terras e do Branta Institute se cruzam, pois após anos como referência para a região, o Colégio Terras deu lugar à Faculdade Prudente de Moraes, que mudou de endereço no fim dos anos 2000. Com essa oportunidade, professor Marco Antônio assume a gestão do espaço após negociação com os proprietários e mantém vivo o pioneirismo do ensino bilíngue na região.

Então, em agosto de 2011, surge o Branta<sup>21</sup> Institute em um espaço tomado pela tradição de centros de excelência de ensino e com toda a carga do pioneirismo e inovação de um ensino genuinamente bilíngue. Nesse momento, a nova instituição começa suas atividades com turmas formadas por alunos da extinta Sant’Anna Kids, além de novos alunos que foram atraídos pelo projeto pedagógico arrojado e situado no mesmo patamar de renomadas instituições de ensino internacionais da capital.

Desde janeiro de 2012, a escola mantém suas atividades de forma ininterrupta e em constante consolidação das suas ações. Com um currículo pautado pelo objetivo de desenvolvimento pleno dos seus alunos, o Branta Institute oferece uma grade com uma formação fortemente humanista, entendendo que seus alunos são cidadãos do mundo, por isso, há a presença de matérias específicas e ministradas por professores especialistas desde o Fundamental I (Juniors); o oferecimento da disciplina de Francês desde o sétimo ano (Middle II); além da plena imersão na língua inglesa através de projetos como competições internacionais; estudos do meio; incentivo na participação em exames Cambridge e, desde 2020, com a possibilidade de dupla certificação.

Outro aspecto importante que passa pela consolidação da escola como vanguarda na superação dos desafios do século XXI, é o trabalho que vem sendo desenvolvido na construção de um ambiente digital, que dialoga diretamente com a premissa de Celso Antunes, que defende a ideia de que os alunos do

---

21. Branta é uma ave canadense conhecida pelo seu vôo em “V”, uma prática que valoriza a coletividade do grupo de pássaros, facilitando o vôo e que respeita a individualidade de cada membro. No caso da escola, mostra o trabalho coletivo em prol de uma educação plena e que respeita a individualidade de cada aluno.

século XXI são nativos digitais e que a tecnologia, em todas as suas linguagens, são partes indissociáveis do cotidiano.

Para lidar com esses desafios, o Branta Institute fez parceria com o Sejunta, um especialista de educação autorizado pela Apple (Apple Authorised Education Specialist) no Brasil, responsável pela certificação de instituições de ensino e profissionais, com o objetivo de construir novas formas e caminhos de ensino aprendizagem através da tecnologia disponibilizada pela Apple. Neste último ano, os alunos e professores do Middle 4 (9º ano) e do High (Ensino Médio) já receberam seus dispositivos (IPADs) para a realização de aulas mais dinâmicas, motivadoras, criativas e que se enquadram em um novo horizonte da educação no Brasil e no mundo.

As inovações propostas pela escola não residem apenas em parcerias externas, o Branta Institute também se propõe a inovar através do trabalho desenvolvido pelos seus próprios colaboradores. A equipe Branta está desenvolvendo sua própria Inteligência Artificial, a “Célula Cognitiva Computacional”, que atuará diretamente na relação e segurança dos alunos, como também será preparada como uma poderosa ferramenta de pesquisa e informação de fácil acesso para todos os alunos e colaboradores.

Obviamente, a consolidação de uma escola do século XXI não é restrita apenas nos aspectos tecnológicos, sendo parte fundamental desse processo a continuidade do investimento no aspecto humano, simbolizado principalmente pelo constante trabalho de acolhimento praticado por todos os colaboradores, sendo essa uma das marcas principais da instituição.

**Rafael José Barbi**

*É historiador graduado pela Universidade de Sorocaba  
e Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo.*

*Atua como educador em espaços formais e não-formais de educação, além de ser  
curador de diversos museus do interior do Estado de São Paulo.*

# Colégio Progresso

**OSMAR SAVIOLI JUNIOR**

O Colégio Progresso Bilíngue abriu as suas portas para a comunidade ituana em 2019, oferecendo os cursos de Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Está sob a direção do Prof. Osmar Savioli Junior, com vasta experiência em educação como professor e gestor escolar. O Colégio Progresso faz parte da Atmo Educação, um grupo educacional composto por empresas relacionadas ao setor educacional e mais de 20 colégios localizados no Estado de São Paulo, sendo seis deles com a marca Progresso. O Progresso Itu está localizado na Praça Conde de Parnaíba, nº 257, no centro de Itu, e tem como vizinhas duas escolas tradicionais de nossa cidade: o Colégio Convenção, que hoje abriga a Rede Saber Municipal, e o IBAO – Instituto Borges de Artes e Ofícios.

O 1º Colégio Progresso foi fundado na cidade de Campinas em 1900, por um grupo de cafeicultores preocupados com a formação de qualidade para suas filhas na própria cidade de Campinas. A fama de uma escola de excelência logo se espalhou, o que fez com que muitas famílias de cafeicultores de várias cidades brasileiras procurassem esse colégio interno para meninas, reconhecido como um colégio leigo e progressista, o que justifica o nome Progresso. Muitos anos se passaram desde a fundação do 1º Colégio Progresso, e a qualidade acadêmica se mantém. Hoje o colégio se destaca, também, pelo ensino bilíngue e pelo reconhecido trabalho com a formação humana de seus estudantes, o respeito nas relações e o desenvolvimento da empatia no ambiente escolar, tornando-se uma referência na região.

Ao falarmos de uma formação de qualidade, a leitura é um dos principais destaques. O colégio tem por premissa desenvolver em seus estudantes as habilidades leitoras que irão transformá-los em um leitor literário, alguém que se apropria de suas leituras para utilizar-se delas ao longo de sua vida, nas mais diversas situações. Os projetos literários fazem parte da vida de nossas crianças e jovens desde a *Pre-school*, nossa Educação Infantil, até o *High School*, nosso Ensino Médio.

Desenvolver o raciocínio lógico-matemático através de jogos, games, situações-problema e olimpíadas acadêmicas, é uma constante em todos os segmentos. Através do estímulo e do constante desafio, nossas crianças e jovens olham para a Matemática de forma diferente e sem medo de errar, pois sabem

que tentativa e erro é um processo que faz parte da aprendizagem. A Criatividade está presente no dia a dia, não apenas nas aulas de Música, Artes, Drama ou *Maker*. Estimular o pensar criativo nos deixa livres para inovar e arriscar. Trocar experiências e tentar o novo cria padrões, e é um forte estímulo para um pensamento inovador que poderá ser utilizado em outros momentos.

As Ciências Humanas, que apresentam o homem no espaço e ao longo do tempo, desenvolvem em nossos jovens criticidade e reflexão sobre quem somos e qual o nosso papel no mundo, enquanto agentes transformadores do ambiente, do clima, da história em si. Conhecer o passado para compreender o presente, para mudar o futuro. As Ciências da Natureza nos transportam para um universo fascinante do “Por que?” “E se?” “Mas se?”. Estimulamos o pensamento científico em nossos alunos, desde a Educação Infantil. A disciplina *Science* é apresentada de forma prática, com a nossa *Science Fair*, uma Feira de Ciências que traz uma enorme gama de experimentos, suas hipóteses e conclusões, toda ela apresentada em inglês.

Quando falamos de formação humana, é importante ressaltar os rígidos padrões que o colégio tem com relação à contratação da equipe de profissionais que atuam em seu quadro, pois entendemos que, além da formação técnica e da proficiência em língua inglesa, nossos professores e demais colaboradores precisam comungar dos mesmos valores que fazem parte de nosso projeto, pessoas comprometidas com nossos estudantes e que contribuam para essa formação integral, de forma respeitosa e colaborativa.

Acreditamos que uma educação de excelência é fundamental para preparar nossos alunos para um mundo vivo, cada vez mais complexo e desafiador, em função da velocidade das mudanças e diversidade de culturas interagindo-se cada vez mais. Nosso compromisso é formar cidadãos protagonistas, responsáveis, criativos, autônomos, justos, inovadores e empáticos, com um olhar para o seu papel perante a sociedade, seu potencial e suas habilidades como indivíduos que vivem em um mundo global e conectado.

Para esse mundo em constante transformação, preparamos nossos alunos para o autoconhecimento e busca constante para o desenvolvimento e a realização pessoal. Assim, orientados pela ética, transparência, proximidade e diálogo constante, proporcionamos um ensino de qualidade, em um ambiente acolhedor, que considera as potencialidades individuais e coletivas. A força da tradição aliada à atualidade da inovação: essa é a essência da nossa história.

**Osmar Savioli Junior**

# *Rede Estadual de Ensino*

## **DIRETORIA DE ENSINO**

A Diretoria de Ensino de Itu foi fundada em 01/06/1986 pelo Patrono Dr. Ulysses de Moraes, sendo na época o Prefeito Lázaro José Piunti e a Delegada de Ensino Neuza Gianotti Fonseca.

Ao longo dos anos de funcionamento, teve dez Dirigentes de Ensino, sendo o atual e décimo primeiro Fabio Alexandre da Conceição.

Conta atualmente com 52 Escolas Estaduais, 45 particulares, 6 de educação profissional, 5 de educação especial e 2 de educação à distância, estando distribuídas em 9 municípios, sendo eles Boituva, Cabreúva, Cerquilha, Iperó, Itu, Jumirim, Porto Feliz, Salto e Tietê.

### **ESCOLAS ESTADUAIS EM ITU**

#### **EE Professor Anthenor Fruet**

*Endereço: Rua Estados Unidos – Cidade Nova.*

#### **EE Professor Antonio Berreta**

*Endereço: Rua Sorocaba, 277 – Vila Gatti.*

#### **EE Professora Bene Teixeira Da Fonseca Do Amaral Gurgel**

*Endereço: Avenida da Felicidade – Jardim Novo Mundo.*

#### **EE Doutor Benedito Lázaro De Campos**

*Endereço: Rua Ana Fonseca Bicudo, 75 – Vila Ianni.*

#### **EE Doutor Cesário Motta**

*Endereço: Rua Thomaz Simon, 280 – Centro.*

#### **EE Professor Cícero Siqueira Campos**

*Endereço: Alameda Alice, 111 – Jardim Alberto Gomes.*

#### **EE Francisco Nardy Filho**

*Endereço: Rua Bartira, 64 – Vila Leis.*

#### **EE Professor João Antonio Motta Navarro**

*Endereço: Av. Emilio Felix Tortosa, 440 - Parque Residencial Potiguara*

#### **EE Professor José Leite Pinheiro Junior**

*Endereço: Praça Guanabara, 91 – Bairro Brasil.*

#### **EE Professora Mercia Maria Cazarini**

*Endereço: Rua Geceny Cabreira, 73 – Portal do Éden.*

#### **EE Professor Pery Guarany Blackman**

*Endereço: Rua Mônaco – Vila Roma Brasileira.*

**EE Regente Feijó**

*Endereço: Rua dos Andradas, 412 – Centro.*

**Escola Estadual Prof. Priscila de Fátima Pinto**

*Endereço: R. Sargento Antônio Palmeira Dias, s/n - Vila Lucinda, Itu - SP*

**EE Professor Rogério Lázaro Toccheton**

*Endereço: Rua Francisco Falcato Junior, 465 – São Luiz.*

**EE Professora Rosa Maria Madeira Marques Freire**

*Endereço: Rua Alice Duarte Guilger, 65 – Jardim União.*

**EE Professor Salathiel Vaz De Toledo**

*Endereço: Rua Luiz Morato Castanho, 405 – Jardim Rancho Grande.*

**EE Sylvia De Paula Leite Bauer**

*Endereço: Rua Coronel Lauro Rogério Araújo – Jardim Aeroporto.*

**CEL – Centro de Estudos de Línguas – junto à EE Regente Feijó**

*Rua dos Andradas, 412 - Centro*

*Informações obtidas junto à DE de ITU em 22/09/23.*

**OUTRAS INSTITUIÇÕES ESTADUAIS**

**ETEC “Martinho Di Ciero”**

*Avenida: Tiradentes, 973 – Parque Industrial.*

Escola técnica vinculada ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, mantida pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.

**DADOS REFERENTES A 2023,  
CONCEDIDOS PELA DIRETORIA DE ENSINO.**

# *Rede Municipal de Ensino*

**SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL  
PLÍNIO BERNARDES JUNIOR**

## **CRECHES – CRIANÇAS DE 4 MESES A 3 ANOS**

Nascidos de abril/2019 a abril/2022

### **Creche Municipal Alice Teresa Gasperazzo Scalet**

*Rua Benedita Leite De Campos, 55, CEP 13.309-037, Vila Gardiman  
Diretora Maria Isabel Quirino de Souza Duarte  
Funcionários da Prefeitura: 22 / Terceirizados: 8  
Quantidade de Alunos: 109 / Integral: Sim*

### **Creche Municipal Criança Feliz**

*Rua Capitão Evandro Mureb, 139, CEP 13.311-580, Vila Esperança  
Diretora Maria José de Souza Freitas  
Funcionários da Prefeitura: 27 / Terceirizados: 15  
Quantidade de Alunos: 151 / Integral: Sim*

### **Creche Municipal Felipe Peres Tonon**

*Av. Dr. Ulisses De Moraes, 536, CEP 13.304-770, Bairro São Judas Tadeu  
Diretora Daniela Camargo Valentini  
Funcionários da Prefeitura: 10 / Terceirizados: 19  
Quantidade de Alunos: 102 / Integral: Sim*

### **Creche Municipal Itu Brasil**

*Rua Mairinque, S/N, CEP 13.308-111, Cidade Nova  
Diretora Alessandra Membrive 17 8 108 S  
Funcionários da Prefeitura: 17 / Terceirizados: 8  
Quantidade de Alunos: 108 / Integral: Sim*

### **Creche Municipal Lucy Franco Montoro**

*Av. Dr. Ulisses de Moraes, 326, CEP 13.307-770, Bairro São Judas Tadeu  
Diretora Cíntia Giannecchini Ruiz Mateos  
Funcionários da Prefeitura: 13 / Terceirizados: 16  
Quantidade de Alunos: 111 / Integral: Sim*

### **Creche Municipal Maria Sueli Trettel Pelisam**

*Rua Calêndula, 400, CEP 13.312-116, Estância Bom Viver  
Diretora Ana Carolina Ferro de Santo Marques*

*Funcionários da Prefeitura: 21 / Terceirizados: 28*

*Quantidade de Alunos: 174 / Integral: Sim*

**Creche Municipal Monteiro Lobato**

*Rua Arthuro Ianni, 90, CEP 13.313-150, Vila Iani*

*Diretora Eliane Aparecida Augusto Lorenzani*

*Funcionários da Prefeitura: 19 / Terceirizados: 11*

*Quantidade de Alunos: 105 / Integral: Sim*

**Creche Municipal Nossa Senhora Aparecida**

*Rua Gabriel Leite de Carvalho, 104, CEP 13.311-360, NS Aparecida*

*Diretora Ana Claudia Dias Batista Amate*

*Funcionários da Prefeitura: 29 / Terceirizados: 3*

*Quantidade de Alunos: 74 / Integral: Sim*

**Creche Municipal Maria Cristina Scalet Moreira**

*Rua Dr. Benjamim Simom, CEP 13.313-005, Vila Padre Bento*

*Diretora Maira Antunes Rosa Ferro*

*Funcionários da Prefeitura: 29 / Terceirizados: 16*

*Quantidade de Alunos: 98 / Integral: Sim*

**Creche Municipal Oswaldo Moraes**

*Rua Fernando Dias Ferraz, S/N, CEP 13.304-631, Jd. Aeroporto*

*Diretora Arlene Chimini Antigueira*

*Funcionários da Prefeitura: 26 / Terceirizados: 4*

*Quantidade de Alunos: 119 / Integral: Sim*

**Creche Municipal Professora Adelaide**

**Natalina Castanho Carneiro Teixeira**

*Av. Alfredo Savi, 560, CEP 13.301-180, Jardim Novo Itu*

*Diretora Gidailma Santos de Souza Sgarioni*

*Funcionários da Prefeitura: 10 / Terceirizados: 23*

*Quantidade de Alunos: 89 / Integral: Sim*

**Creche Municipal Professora Dirce Cristina Francischini Milani**

*Rua Ângelo Spinosa, 273, CEP 13.308-248, Vila Vivenda*

*Diretora Claudinéia Teixeira Tanzi*

*Funcionários da Prefeitura: 18 / Terceirizados: 24*

*Quantidade de Alunos: 182 / Integral: Sim*

**Creche Municipal Professora Ildecy Alves dos Santos Nunes**

*Rua João Coan, 115, CEP 13.310-511, Vila Guitti*

*Diretora Danielle Alves Pinto*

*Funcionários da Prefeitura: 36 / Terceirizados: 12*

*Quantidade de Alunos: 210 / Integral: Sim*

**Creche Municipal Professora Kézia Mendes De Morais Barboza**

*Rodovia Waldomiro Correa de Camargo, Km 63,*

*CEP 13.308-200, Vila Martins*

*Diretora Valdriane Aparecida da Silva*

*Funcionários da Prefeitura: 18 / Terceirizados: 9*

*Quantidade de Alunos: 80 / Integral: Sim*

**Creche Municipal Professora Lucila Zapparoli Valente de Almeida**

*Rua Alzira Proença Januário, 721, CEP 13.310-690,*

*Parque Residencial Itaim II*

*Diretora Ana Paula Ricci Nascimento*

*Funcionários da Prefeitura: 19 / Terceirizados: 11*

*Quantidade de Alunos: 103 / Integral: Sim*

**Creche Municipal Professora Maria**

**Therezinha Castanho Mendes Pereira**

*Rua Dom Manuel Da Silveira D'Elboux, 211,*

*CEP 13.301-170, Jardim Novo Itu*

*Diretora Maria José Furlan Rocha*

*Funcionários da Prefeitura: 22 / Terceirizados: 7*

*Quantidade de Alunos: 71 / Integral: Sim*

**Creche Municipal Professora Regina**

**Aparecida Pavani Ricieri Tirabassi**

*Rua Professor Alfredo Gomes, 07, Jardim Aeroporto*

*Diretora Rosana Beraldinelli dos Santos*

*Funcionários da Prefeitura: 30 / Terceirizados: 8*

*Quantidade de Alunos: 133 / Integral: Sim*

**Creche Municipal Santa Rita de Cássia**

*Rua Paulino Benedito Ferrari, 223, CEP 13.310-525, Pq. Jardim das Rosas*

*Diretora Janaina Claudia Ferreira*

*Funcionários da Prefeitura: 34 / Terceirizados: 18*

*Quantidade de Alunos: 192 / Integral: Sim*

**Creche Municipal Sérgio Camilo Daccache**

*Rua Benedito Leite Marques, 10, CEP 13.309-814, São Camilo*

*Diretora Cristiane Guimarães Moraes*

*Funcionários da Prefeitura: 25 / Terceirizados: 23*

*Quantidade de Alunos: 188 / Integral: Sim*

**Emei Professor Ary Caricatte**

Rua Estados Unidos, 166, CEP 13.307-010, Cidade Nova

Diretora Ivana da Silva Henrique

Funcionários da Prefeitura: 14 / Terceirizados: 7

Quantidade de Alunos: 71 / Integral: Sim

**Creche Municipal Teresa de Ávila**

Rua Joaquim Antônio de Freitas Júnior, 260,

CEP 13.310-530, Parque Jardim das Rosas

Diretora Vanessa Gabriela de Souza

Funcionários da Prefeitura: 23 / Terceirizados: 18

Quantidade de Alunos: 159 / Integral: Sim

**Total CRECHE**

Funcionários da Prefeitura: 462 / Terceirizados: 288

Quantidade de Alunos: 2629

**EMEI – CRIANÇAS DE 3 E 4 ANOS**

Nascidos de abril/2017 a março/2019

**Emei Abriza Demétrio Assaf**

Rua José Carlos Moreno, 88, CEP 13.313-521, Vila Progresso

Diretora Ana Cláudia Ricci Arruda Leite

Funcionários da Prefeitura: 12 / Terceirizados: 4

Quantidade de Alunos: 82 / Integral: Não

**Emei Antenor Monteiro de Carvalho**

Rua Osasco, S/N, CEP 13.308-093, Cidade Nova Carla

Diretora Regina Barbosa da Silva

Funcionários da Prefeitura: 28 / Terceirizados: 1

Quantidade de Alunos: 216 / Integral: Não

**Emei Madre Teresa de Calcutá**

Rua Júlio Cesar Eymael, 253, CEP 13.308-463, Jardim Europa

Diretora Edilaine de Paula Pimenta

Funcionários da Prefeitura: 43 / Terceirizados: 31

Quantidade de Alunos: 309 / Integral: Sim/Não

**Emei Padre Bento**

*Rua Dr. Beijmamim Simon, S/N, CEP 13.313-005, Padre Bento*

*Diretora Michelle Brescia Maya*

*Funcionários da Prefeitura: 19 / Terceirizados: 1*

*Quantidade de Alunos: 170 / Integral: Não*

**Emei Padre Francisco Xavier de Oliveira Filho**

*Rua Dr. Graciano Geribello, 750, CEP 13.311-010, Bairro Alto*

*Diretora Márcia Aparecida Francischinelli Miazzo*

*Funcionários da Prefeitura: 27 / Terceirizados: 1*

*Quantidade de Alunos: 189 / Integral: Não*

**Emei Professor Anthenor Fruet**

*Avenida Lua, S/N, CEP 13.308-440, Jardim Novo Mundo*

*Diretora Suzana Fátima Bueno de Godoi Piras*

*Funcionários da Prefeitura: 18 / Terceirizados: 4*

*Quantidade de Alunos: 88 / Integral: Sim/Não*

**Emei Professor José Carlos Marmo**

*Rua Rubens Palomio, 146, CEP 13.304-651, Jardim Aeroporto*

*Diretora Fabiana de Cassia Silveira de Araújo*

*Funcionários da Prefeitura: 17 / Terceirizados: 1*

*Quantidade de Alunos: 115 / Integral: Não*

**Emei Professor José Mota Navarro**

*Rua Oswaldo Teixeira Da Silva, 130, CEP 13.308-220, Vila Martins*

*Diretora Carolina Ramos da Silva*

*Funcionários da Prefeitura: 26 / Terceirizados: 5*

*Quantidade de Alunos: 191 / Integral: Sim/Não*

**Emei Professor Mário Macedo Júnior**

*Avenida Brazil Bernardini, 270, CEP 13.301-540, Bairro Brasil*

*Diretora Maria Alice Moraes Martorano*

*Funcionários da Prefeitura: 52 / Terceirizados: 20*

*Quantidade de Alunos: 371 / Integral: Sim/Não*

**Emei Professora Érika Cristina Rodrigues**

*Praça Brasília, 30, Bairro Brasil,*

*Diretora Alessandra Carla Bertolini*

*Funcionários da Prefeitura: 21 / Terceirizados: 2*

*Quantidade de Alunos: 86 / Integral: Sim*

**Emei Professora Maria de Lourdes Bazzanelli Spinardi**

*Rua Henrique Bazanelli, 200, CEP 13.309-870, Jardim dos Ipês*

*Diretora Margarida Osti Amancio*

*Funcionários da Prefeitura: 20 / Terceirizados: 1*

*Quantidade de Alunos: 132 / Integral: Não*

**Emei Professora Maria do Carmo Pereira**

*Rua Pedro Bussablia, 187, CEP 13.310-431, Vila Roma*

*Diretora Patrícia Boselli Barbieri*

*Funcionários da Prefeitura: 16 / Terceirizados: 1*

*Quantidade de Alunos: 99 / Integral: Não*

**Emei Professora Stela Almeida Arruda**

*Rua Das Hortências, 180 CEP 13.309-501 Jardim das Rosas*

*Diretora Fabiana Camargo Bovolon*

*Funcionários da Prefeitura: 15 / Terceirizados: 1*

*Quantidade de Alunos: 84 / Integral: Não*

**Emei Prudente de Moraes**

*Avenida Francisco Ernesto Fávero, 480, CEP 13.309-290 Rancho Grande*

*Diretora Ana Paula Bernabé*

*Funcionários da Prefeitura: 44 / Terceirizados: 4*

*Quantidade de Alunos: 408 / Integral: Sim/Não*

**Emei Rosa Gimenes Félix**

*Rua João Ferreira Da Hora Netto, 23, CEP 13.312-710, Res. Potiguara*

*Diretora Silvana Stange Ribeiro da Silva*

*Funcionários da Prefeitura: 17 / Terceirizados: 1*

*Quantidade de Alunos: 134 / Integral: Sim/Não*

**Emei Sylvia Covas**

*Rua Paulo Steiner, 131, CEP 13.313-212, Vila Bandeirantes*

*Diretora Carla Cristina Oliveira dos Santos*

*Funcionários da Prefeitura: 24 / Terceirizados: 4*

*Quantidade de Alunos: 194 / Integral: Sim/Não*

**Emei Wellington Rodrigo Soares da Silva**

*Rua Massimo Tomazini, 50, CEP 13.304-772, Jardim São Judas Tadeu*

*Diretora Melissa Cristina Daniel Ferreira 21 1 151 N*

*Funcionários da Prefeitura: 21 / Terceirizados: 1*

*Quantidade de Alunos: 151 / Integral: Não*

## **Total EMEI**

*Funcionários da Prefeitura: 420 / Terceirizados: 83*

*Quantidade de Alunos: 3019*

## **Total GERAL**

*Funcionários da Prefeitura: 828 / Terceirizados: 371*

*Quantidade de Alunos: 5648*

## **EXCEÇÕES**

As unidades abaixo, atendem crianças de 4 meses a 3 anos (creche/período integral) e crianças de 3 e 4 anos (EMEI/manhã e tarde).

*\*Os dados acima, se referem à totalidade.*

- Emei Professor Ary Caricatte
- Emei Prudente de Moraes
- Emei Professor Anthenor Fruet
- Emei Professor José Mota Navarro
- Emei Professor Mário Macedo Júnior
- Emei Rosa Gimenes Félix
- Emei Sylvia Covas



## **EMEF**

### **ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL**

Faixa etária dos alunos – 6 a 11 anos

Período regular

#### **1. EMEF. Prof<sup>a</sup> Aparecida Beatriz Cristofolletti Pionti**

*R Antônio Joaquim Leme, 15, Vila Prudente de Moraes*

*Diretor(a): Aparecida de Fátima Miranda Pucciarelli*

*Quantidade de Alunos: 550*

*Total de Funcionários: 23*

#### **2. EMEF. Prof<sup>a</sup> Carolina de Moraes Macedo**

*R. Penápolis S/N, B. Cidade Nova*

*Diretor(a): Rosângela Aparecida Vieira*

*Quantidade de Alunos: 600*

*Total de Funcionários: 25*

**3. EMEF. Prof. Cid Rocha**

*R. Henrique Moretto, 64, Jd. Aeroporto I*

*Diretor: Ana Paula Franco Silva Tintino*

*Quantidade de Alunos: 685*

*Total de Funcionários: 22*

**4. EMEF. Dr. Francisco Ursaia**

*R. Dr Itagiba Vilassa, 340, Vila Martins*

*Diretor(a): Maria de Fátima da Silva Sousa*

*Quantidade de Alunos: 507*

*Total de Funcionários: 21*

**5. EMEF. Prof<sup>a</sup> Ermelinda Silveira Machado**

*R. Anthigio Cavachini, 750, Pq. Presidente Médici*

*Diretor(a): Eder Vacilotto*

*Quantidade de Alunos: 674*

*Total de Funcionários: 25*

**6. EMEF. Prof. Firmino Octávio do Espírito Santo Junior**

*R. Dr. Custodio Pinto Sampaio Neto, S/N, Jd. Corazza*

*Diretor(a): Daniela Pizani Gomes*

*Quantidade de Alunos: 379*

*Total de Funcionários: 14*

**7. EMEF. Prof. Lourenço Carmignani**

*Av. Primavera, S/N, Jardim das Rosas*

*Diretor(a): Claudete Brasília Silveira*

*Quantidade de Alunos: 328*

*Total de Funcionários: 20*

**8. EMEF. Prof<sup>a</sup> Maria Cristina Castanho Mendes Pereira**

*R. Miguel Trípoli Gliório, 40, Jd. São Judas Tadeu*

*Diretor(a): Marlene Pereira Corrêa*

*Quantidade de Alunos: 329*

*Total de Funcionários: 12*

**9. EMEF. Padre Bento**

*R. Padre Bento, 609, Padre Bento*

*Diretor(a): Maria Clara Gonçalves*

*Quantidade de Alunos: 446*

*Total de Funcionários: 21*

**10. EMEF. Olga Benário Prestes**

*Av. Primavera, 126, V. Progresso*

*Diretor(a): Eulália Goes Fernandes Andrade*

*Quantidade de Alunos: 433*

*Total de Funcionários: 21*

**11. EMEF. Olga Benário Prestes**

**Cessão De Salas na E.E. Prof. João A. M. Navarro – Potiguara**

*Av. Emílio Felix Tortosa, 440, Potiguara*

*Diretor(a) Eulália Goes Fernandes Andrade*

*Quantidade de Alunos: 266*

*Total de Funcionários: 10*



**EMEFEI**

**ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO INFANTIL**

Faixa etária dos Alunos: 3 – 11 anos

Integral ou Regular: Regular

**12. EMEFEI. Camping Santa Fé**

*Bairro Taquaral, Km 19, S/N*

*Diretor(a): Vanessa Caléfe*

*Quantidade de Alunos: 135*

*Total de Funcionários: 8*

**13. EMEFEI. Deputado Antonio de Paula Leite Netto**

*R. Romão Bruni, 87, Parque Industrial*

*Diretor(a): Selma Maria Tomaz Bazanelli*

*Quantidade de Alunos: 357*

*Total de Funcionários: 22*

**14. EMEFEI. Dona Gabriela Emília Corrêa Pacheco**

*Av. Vital Brasil Estrada Velha Itu/Salto – Bairro Canjica*

*Diretor(a): Karina Silvério Rodrigues*

*Quantidade de Alunos: 129*

*Total de Funcionários: 5*

**15. EMEFEI. Fazenda Curumim**

Rod. Castelo Branco, Km 74 S/N, Varejão  
Diretor(a): Mary Cristina Gonçalves dos Reis  
Quantidade de Alunos: 200  
Total de Funcionários: 7

**16. EMEFEI. Prof<sup>a</sup> Maria Aparecida Trabachini Navarro Dias**

Rua Carlos Cassani, 429, Jd. Santa Laura  
Diretor(a): Cinthia Cristina Soares  
Quantidade de Alunos: 117  
Total de Funcionários: 8

**17. EMEFEI. Márcio João De Arruda**

Rod. Castelo Branco Km 63  
Loteamento Terras de Santa Maria, S/N, Apotribú  
Diretor(a): Maria Teresa Duarte de Campos  
Quantidade de Alunos: 174  
Total de Funcionários: 7

**18. EMEFEI. Monsenhor Camilo Ferrarini**

R. Acácio Honório, 100, Pq. Jd. Das Rosas  
Diretor(a): Cristiane Rosalin Prata Guelfi  
Quantidade de Alunos: 837  
Total de Funcionários: 23

**19. EMEFEI. Rotary Itu/Terras de São José**

Av. Hidro Alumínio Acro, 6001, CEP 13.307-177, Vila da Paz  
Diretor(a): Joana Nalza Braga Pessinatti  
Quantidade de Alunos: 173  
Total de Funcionários: 8

**20. EMEFEI. Segundo Lorenzetti**

Rod. Marechal Rondon, Km 114, 800, Fazenda Vila Real de Itu  
B. Três Vendas (atualmente funcionando na R. Goiânia, S/N, B. Brasil)  
Diretor(a): Débora Camargo Ramos  
Quantidade de Alunos: 92  
Total de Funcionários: 9

**21. EMEFEI. Walter Friedrich**

Rodovia do Açúcar, Km 22, Estrada Taperinha, S/N, Jd. Emicol  
Diretor(a): Mary Eni Rodrigues Gaspar  
Quantidade de Alunos: 146  
Total de Funcionários: 8

## **EMTI**

### **ESCOLA MUNICIPAL EM TEMPO INTEGRAL**

Faixa etária dos Alunos: 3 – 11 anos

Integral ou Regular: Integral

#### **22. EMTI. Rede Saber Unidade I**

*Rua Sorocaba, 936, Bairro Cruz das Almas*

*Diretor(a): Angélica Maria Galvão Bruni Moraes*

*Quantidade de Alunos: 647*

*Total de Funcionários: 59*

#### **23. EMTI. Convenção de Itu Rede Saber Unidade II**

*Praça Conde de Parnaíba, 422, Centro*

*Diretor(a): Érica Vitorino do Nascimento Bizio*

*Quantidade de Alunos: 280*

*Total de Funcionários: 33*

#### **24. EMTI. Prof<sup>a</sup> Rachel Steiner Leitão Rede Saber Unidade III**

*Rua Corinθο Luis D' Onofrio, 25, Jd. Alberto Gomes*

*Diretor(a): Caroline Cardoso Cevkow*

*Quantidade de Alunos: 350*

*Total de Funcionários: 38*

#### **25. EMTI. Rede Saber Unidade IV – Vila Martins**

*Dr Lauro De Sousa Lima – Vila Martins*

*Diretor(a): Karina Gonçalves Rodrigues*

*Quantidade de Alunos: 836*

*Total de Funcionários: 80*

#### **26. EMTI. Prof<sup>a</sup> Marilze Calil - Rede Saber Unidade VI**

*Rua Valinhos S/N, Cidade Nova*

*Simone dos Santos Leite*

*Quantidade de Alunos: 486*

*Total de Funcionários: 39*

## **EJA**

### **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Faixa etária dos Alunos: Maiores de 15 anos

Integral ou Regular: Regular

#### **27. EMEJA Maria Da Glória Almeida Amirat Unidade I**

*Rua Sorocaba, 119, Vila Gatti*

*Diretor(a): Maria Ilza Lima de Matos*

*Quantidade de Alunos: 172*

*Total de Funcionários: 20*

#### **28. EMEJA Cidade Nova**

*Rua: Penápolis S/Nº B. Cidade Nova*

*Diretor(a): Miquéias Soares*

*Quantidade de Alunos: 115*

*Total de Funcionários: 12*

#### **29. EMEJA Vila Martins**

*Rua: Anibal Garcia Adjute, 51 – Vl. Martins*

*Diretor(a): Miquéias Soares*

*Quantidade de Alunos: 40*

*Total de Funcionários: 12*

**DADOS REFERENTES A 2023, VIABILIZADOS PELA  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO.**

# *Educação Artística*

**VILMA PAVÃO FOLINO**

Muitos iniciam os relatos sobre a Arte no Brasil com a chegada da Missão Artística Francesa no Período Joanino, século XIX. Descartam a Arte Rupestre e a Arte Indígena. Entretanto, são manifestações artísticas que aqui ocorreram e devem ser consideradas.

A arte rupestre surgiu na Pré-História com gravuras e pinturas feitas em cavernas e pedras, encontradas em vários continentes. As produções artísticas dos homínídeos em nosso país, com suas gravuras em pedra, datam de 3 mil a 25 mil anos atrás. O cotidiano, a fertilidade, os animais, os objetos e aspectos místicos são os temas verificados na arte rupestre brasileira, segundo os paleontólogos e arqueólogos. Os especialistas afirmam que, na pintura rupestre, eram utilizados carvão, argila colorida, minerais e, para afixação, supõem que os homínídeos utilizavam clara de ovo, sangue, resinas, excrementos, além da saliva. Várias manifestações artísticas estão sendo estudadas, quanto à sua autenticidade, tempo e outros critérios. As localizações a seguir, são as já atestadas pelos pesquisadores: no Piauí – Parque Nacional da Serra da Capivara e Parque Nacional Sete Cidades; em Pernambuco – Parque Nacional do Catimbau; no Rio Grande do Norte – Lajedo De Soledade; na Paraíba – Cariris Velhos; em Minas Gerais – Lagoa Santa e Peruaçu; No Mato Grosso – Rondonópolis; Pedra Pintada em Roraima. Algumas descobertas mais recentes em estudo: Parque Estadual do Jalapão, no estado do Tocantins e Piraí do Sul no Paraná.

Quando os portugueses aqui chegaram, encontraram a arte indígena, que os impactou, pelas cores, técnica e beleza. Uma arte compartilhada incluindo máscaras, cestaria, cerâmica, plumagem, instrumentos musicais e pintura corporal. Os cestos, as cerâmicas e as pinturas, de responsabilidade das mulheres, que ensinam as meninas, até hoje. Com trabalhos bem coloridos, utilizando tintas feitas de plantas e frutos. Sabe-se que o jenipapo é utilizado para escurecer a pele, o urucum para o vermelho e a tabatinga para conseguir a tinta branca. As máscaras, de cerâmica ou palha são ligadas a ritos cerimoniais e a pintura corporal, utilizada em rituais e danças, de acordo com o gênero, idade e função. Cada tribo apresentava – e as tribos sobreviventes ainda apresentam –, característica peculiar. Apesar do pouco cuidado na preservação e valorização da arte indígena, ao longo de nossa história, podemos encontrá-la nos seguintes museus: no MCI – Museu das Culturas Indígenas, em São Paulo, na Água

Branca (Governo do Estado); no MAI – Museu de Arte Indígena em Curitiba, Bairro Água Verde (particular); no Museu Nacional dos Povos Indígenas, Rio de Janeiro (Governo Federal) e suas extensões em Goiânia e Cuiabá; no Museu do Índio em Manaus, o maior e mais amplo, com mais de 3.000 peças dos indígenas da Amazônia, mantido pela Congregação das Irmãs Salesianas de Manaus, fundado em 1952; no Museu Indígena Kanindé, município de Aratuba, Ceará. Ainda temos o Museu Museu Índia Vanuíre em Tupã, interior de São Paulo; O Museu Municipal Elisabeth Aytai localizado na cidade de Monte Mor, aqui próxima; e, mais próximo ainda, o Museu da Cidade de Salto “Ettore Liberalesso”, que abriga duas igaçabas, urnas funerárias dos indígenas guaianases, uma encontrada no Jardim Elisabeth, em 1980, e outra no Jardim São Judas Tadeu em 1992. Poucos museus, considerando-se a estimativa de mais de 3,5 milhões de indígenas existentes no país, por volta de 1500 e a presença de tribos em nosso município e em municípios vizinhos. Onde estariam as cerâmicas, as armas de pedra dos carijós, e de outras tribos que habitavam ou percorriam nossa região? Teriam sido levadas pelos chamados visitantes estrangeiros de séculos passados, ou desviadas e vendidas ou estariam ainda sob a terra?

No Período Colonial, com a obra missionária junto aos indígenas por parte dos franciscanos, dos beneditinos e, principalmente, dos jesuítas, as produções artísticas e o ensino das artes tiveram grande influência religiosa. A música era um elo entre eles e os indígenas. Nas escolas de artes e ofício eram produzidos materiais para o cotidiano, como utensílios, talhas, esculturas, pinturas, destacando trabalho em madeira e cerâmicas.

No final do século XVII e primeira metade do século XVIII, os artistas eram descendentes de africanos, e a arte ensinada de pai para filho ou mestre para aprendiz, na própria obra, sobretudo nas igrejas.

O artesão e arquiteto Joaquim Pinto de Oliveira (Santos, 1733 — São Paulo, 1811), foi escravizado por um português, mestre de obras, com quem aprendeu o ofício. Obteve alforria, teve dois escravos, viu suas obras serem valorizadas e faleceu aos 90 anos. Joaquim era alfabetizado, tinha grande capacidade de raciocínio para o trabalho, possuía grande conhecimento da técnica de construção, muito contribuiu para a mudança arquitetônica do centro da capital paulista, que naquele tempo só possuía prédio com taipa de pilão. Com tanta habilidade e conhecimento recebeu o apelido de Tebas, que na língua banto de Angola significa alguém de muita importância. Como mestre de cantaria, talhando e aparando pedras, trouxe uma caracterização estética nova. Foi reconhecido na época como um grande arquiteto, contratado sobretudo para a construção e ornamentação de igrejas. No final do século XVII, esteve em Itu,

onde construiu o Seminário dos Franciscanos, a Igreja e o Cruzeiro. A cruz é uma escultura ímpar por sua composição de arenito e varvito, rocha sedimentar da era da glaciação. De todas as obras do grande arquiteto, restam atualmente apenas três. Duas em São Paulo: a fachada da Igreja da Ordem Terceira do Carmo e a da Igreja das Chagas do Seraphico Pai São Francisco; e o Cruzeiro de Itu, tombado em 2003, restaurado recentemente, que é o que restou das edificações franciscanas destruídas por um incêndio. Tebas foi reconhecido oficialmente como arquiteto e urbanista pelo Sindicato dos Arquitetos do Estado de São Paulo (SASP), em 2018.

O período acima indicado representa o grande momento do estilo artístico barroco brasileiro, no qual se destacaram: o mineiro Aleijadinho, escultor, entalhador e arquiteto; Mestre Ataíde, militar, pintor e decorador mineiro; José Joaquim da Rocha, baiano, pintor, dourador e restaurador da arte sacra; Eusébio de Matos e Guerra, de nacionalidade portuguesa, mas nasceu no Brasil, foi pintor, orador, e poeta; Frei Agostinho de Jesus, discípulo de Frei Agostinho da Piedade, que se dedicou às estátuas sacras em terracota, no Rio de Janeiro; José Teófilo de Jesus, pintor e decorador baiano; Jesuíno do Monte Carmelo, paulista nascido em Santos, cujas obras, aqui em Itu, são destaque. A amplitude de seus dons, o classifica como pintor, arquiteto, escultor, encanador, entalhador, dourador, músico, poeta e mestre em torêutica. Foi discípulo de José Patrício da Silva Manso, trabalhando na Igreja Matriz ituana. Além disso, Jesuíno foi o mestre de três filhos, na grandiosa obra da Igreja Nossa Senhora do Patrocínio, que concluíram a obra após a morte do pai.

Com a vinda de Dom João VI, as Aulas Régias foram instituídas também para a arte, com a nomeação de Manuel Dias de Oliveira como professor público brasileiro. Sua Aula Régia de desenho e figura era uma escola destinada a artífices e pintores. Outra providência joanina foi fundar a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, em 1816, visando desenvolver o ensino das Ciências Naturais, Físicas e Exatas e das Artes. Esse foi o momento da criação oficial do ensino de Arte. No mesmo ano, foi convidada a Missão Artística Francesa, composta por artistas plásticos. A Escola Real teve sua denominação alterada, bem como seu enfoque. Teve a denominação de Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura, em 1820 e, no mesmo ano, Academia de Artes. Com a Independência, sua denominação passou a ser Imperial Academia de Belas Artes, mas funcionava de forma precária (GABLER, 2019). Foi D. Pedro II, grande entusiasta, que ampliou os auxílios financeiros à escola e à concessão de bolsas de estudo aos artistas principiantes que demonstravam talento nas áreas do desenho, da pintura, da escultura e da arquitetura. Avaliava a produção dos alunos da Academia

e dos demais artistas da corte, reconhecendo seu mérito artístico através de concursos com medalhas e prêmios, financiando os estudos do vencedor na França e na Itália. Nela se formaram os maiores expoentes da pintura brasileira do século XIX, como Pedro Américo, Vitor Meireles, o ituano Almeida Junior e Belmiro de Almeida. Após o curso na Academia, Almeida Junior instalou um ateliê em São Paulo, e depois em Itu, “*nos baixos do sobrado do Barão de Itaim*” (NARDY, 2023, p. 126), onde ensinava desenho e pintura e era retratista.

Para Nardy, o mais antigo mestre de pintura em nossa cidade, foi Miguelzinho Dutra, pintor, ourives, escultor, organista que aqui deixou vários discípulos, quando se mudou para Piracicaba, em 1845. Acrescenta o autor que uma senhora alemã, D. Mariana, manteve em Itu aulas de desenho e pintura, ensinava alemão e francês, e trabalhos de agulha e bordado. Afirmo, também, que deixaram discípulos em escultura, Eliseu do Monte Carmelo e Bernardino de Senna Reis e Almeida e muitas de suas obras, assim como de seus discípulos, podem ser encontradas nas igrejas de nossa cidade.

Em 1873, foi criado o Liceu de Artes e Ofícios em São Paulo, de caráter tecnicista, com o objetivo de formar mão de obra como: artesãos, trabalhadores para a crescente indústria, oficinas, comércio e lavoura. Quando o arquiteto Ramos de Azevedo assumiu a direção do Liceu, a aprendizagem era focada em língua portuguesa, aritmética, noções de álgebra, geometria e contabilidade, nas turmas iniciais. Para o Secundário, criou um curso de artes e ofícios, com classes de desenho, direcionada às artes e à indústria, modelagem de barro e gesso, pintura, marcenaria, carpintaria, entalhe em madeira, solda e curvamento de ferro para utilização em serralheria e caldeiraria. Seus cursos formaram artistas oriundos de famílias de trabalhadores e filhos de imigrantes. Muitos descendentes de italianos trabalharam no escritório de Ramos de Azevedo e, embora anônimos, foram os responsáveis pelas várias construções neoclássicas na capital paulista e no interior do Estado. O arte-educador, pintor e caricaturista ituano, Pery Guarany Blackman, filho do pintor italiano Demétrio Blackman, se formou no Liceu.

Com a República, eclodiu um novo momento influenciado pelo Positivismo Francês e o Liberalismo Americano, com novas leis sobre a educação. A Academia teve a denominação de Escola Nacional de Belas Artes e, com aulas gratuitas, formava artesãos e trabalhadores, numa proposta semelhante ao Liceu de São Paulo. No início da Era Vargas, com o Decreto 19.627, de 1931, a Escola Nacional de Belas Artes foi englobada à Universidade do Rio de Janeiro. Em 1937, por meio de outro decreto getulista, a Escola Nacional passou sediar o Museu Nacional de Belas Artes.

A Semana de Arte Moderna, em 1922, não atingiu o ensino que continuou a seguir os padrões da escola tradicional, utilizando cópia de modelos. E, no Governo Vargas, foi instituído o canto orfeônico nas escolas, formando corais com músicas folclóricas e cívicas. Um projeto de Villa-Lobos.

Os pintores, que antes faziam os retratos de pessoas da corte, passaram a retratar políticos e empresários, pois os retratos constituíam a forma de garantir a subsistência dos artistas. Temos os exemplos dos retratos feitos por Almeida Júnior e até de Tarsila do Amaral, entre suas importantes, memoráveis e características obras.

O artista ituano considerado o mais criativo do século XX foi Pery Guarany Blackman (1900—1971), que obviamente foi influenciado pelo pai, mas, com seu dom, desenvolveu sua própria técnica e manifestou sua particular individualidade em centenas de pinturas com diferentes técnicas, óleo, aquarelas, guache e desenhos, retratando o cotidiano, paisagens ituanas e marinhas, naturezas-mortas, e nas caricaturas de muitas pessoas conhecidas em sua cidade natal. Seu pai, radicado em Itu, foi professor de desenho no Grupo Escolar Cesário Motta, no Instituto Borges, e Pery, arte-educador e professor de desenho, ministrou aulas no Colégio Patrocínio, no Instituto Borges de Ensino, no Seminário Nossa Senhora do Carmo e na Escola Estadual Regente Feijó. Pery Guarany tem sido homenageado por suas obras e por sua carreira de quase 70 anos, uma vez que foi iniciada na infância. As homenagens estão presentes nas magníficas exposições de suas telas, desenhos e caricaturas, assim como é o patrono da Escola Estadual Pery Guarany Blackman na Vila Roma, e uma rua no Parque Industrial, em Itu, tem o seu nome.

A primeira “Escolinha de Arte”, buscando a autoexpressão e sua prática, foi criada no Rio de Janeiro. O modelo, que oferecia cursos de artes para crianças e adolescentes e para artistas e professores, foi seguido em várias cidades do país e, em 1971, havia 32 escolas particulares desse tipo.

Já no início dos anos 60, a valorização da livre expressão era enaltecida nas aulas de escolas estaduais e particulares. O ensino de Música e Canto Orfeônico prosseguiram, tanto no currículo das escolas primárias, como secundárias. O ensino incluía a Teoria Musical buscando que o aluno conhecesse os elementos presentes nas músicas: harmonia, ritmo e melodia. Os professores trabalhavam sobretudo com a reprodução de modelos. Para as aulas de Arte havia até livros didáticos e os professores trabalhavam sobretudo com a reprodução de modelos. Sob a forma de Desenho do Natural, Desenho Geométrico e Desenho Pedagógico, mais que uma experiência em arte, o objetivo maior era qualificar para o trabalho. As atividades de teatro e dança eram

destinadas a festividades cívicas e outras, com suas apresentações, muitas vezes envolvendo a escola inteira.

Com a LDB de 1961, a Educação Musical substituiu o Canto Orfeônico, propondo um outro enfoque buscando desenvolvimento auditivo, rítmico e expressão corporal, utilizando jogos, rodas, brincadeiras e instrumentos de percussão.

Em 1971, uma nova LDB coloca a Educação Artística obrigatória como parte do currículo do Ensino Fundamental e Médio, não como disciplina, mas atividade educativa, abrangendo artes plásticas, educação musical e artes cênicas. Os primeiros cursos de arte educadores, com dois anos de duração foram criados em 1973, para habilitar o professor a lecionar, além de artes visuais, todas as outras linguagens artísticas que a lei abrangia. A Faculdade de Filosofia Ciências e Letras N. S. do Patrocínio, já sob nova direção, oferecia esse curso.

Na década de 80, Ana Mae Barbosa, pedagoga e professora universitária, considerada a principal referência brasileira na área de arte-educação, estruturou a Abordagem Triangular – proposta pedagógica fundamentada em três eixos para o conhecimento em Arte: ler (ler uma obra de arte), fazer (fazer arte) e contextualizar (conhecer o contexto da obra), a partir das proposições epistemológicas do *Discipline-Based Art Education* (DBAE) estadunidense, do *Critical Studies* britânico e das *Escuelas Al Aire Libre* mexicanas.

Com a LDB/96, foi estabelecido o ensino da Arte em suas expressões regionais, como componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica. Os Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental propõem os conteúdos de Arte baseados em três pilares: apreciação, produção e reflexão. No entanto, manteve, como na lei anterior, as quatro linguagens artísticas – música, dança, artes visuais e teatro no ensino básico e fundamental, numa perspectiva simplista de que atividades expressivas espontâneas são suficientes para os alunos conhecerem bem todas as artes. Uma regulamentação da LDB, em 2016, corroborou a inclusão das quatro linguagens artísticas nos currículos da Educação Básica. Consequentemente, o professor formado em Educação Artística continuou sendo considerado um polivalente em arte, o que não corresponde à realidade.

**Vilma Pavão Folino**

*Pedagoga e Psicopedagoga aposentada*

*Ocupante da Cadeira 35 da ACADIL – Academia Ituana de Letras*

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIDAR, Laura. **Arte Indígena Brasileira**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/arte-indigena-brasileira> . Acesso em: 7 maio de 2024.
- BARBOSA, Ana Mae. **A arte educação no Brasil: das origens ao modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1994. trajetória. São Paulo: Cortez, 2001
- FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. **Arte na educação escolar**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MOTA, Myrian B.; BRAICK, Patrícia Ramos. **História: das cavernas ao Terceiro Milênio**. Editora Moderna. São Paulo, 1996.
- SALA, D. **Ensaio sobre arte colonial luso-brasileira**. São Paulo: Landy, 2002.
- ZANINI, Walter (org.) **História Geral da arte no Brasil**. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983. 2 v.
- Revista Campo e Cidade**, edição 135, março-abril, 2022.
- <https://www.arteducacao.pro.br/ensino-da-arte-no-brasil.html> . Acesso em 12 de março de 2024.
- [jornalperiscopio.com.br](http://jornalperiscopio.com.br) de 08/06/24. Acesso em 02/07/24.
- [www.festivaldeartes2024.itu.sp.gov.br](http://www.festivaldeartes2024.itu.sp.gov.br) . Acesso em 02/07/24.
- <https://historiasalto.blogspot.com/2010/01/presenca-indigena-em-salto.html> . Acesso em 20 /08/ 2924.

---

## DEPOIMENTOS

Testemunho de Thais Assis de Holanda, professora aposentada de Educação Artística.

*“Comecei minha carreira em 1979, no Berreta, dando aula de Desenho para o colegial e para o magistério. Aprendi muito nesse tempo: coisas boas, ótimos alunos. Com o passar dos anos, dadas as dificuldades nas atribuições das aulas, fui passando por várias escolas entre Itu e Salto. A Educação Artística foi acrescida de aulas de música, dança e teatro, o que foi um complicador, já que não tenho aptidão musical, nem mesmo para o Canto Orfeônico quando ainda estudante. O ensino fundamental, com muitos alunos indisciplinados, em que muitas vezes tinha que ensinar bons modos, boas maneiras, foi um período bem difícil. Quando fui para o Regente Feijó, a situação melhorou muito com a utilização da sala ambiente em que pude contar com alunos mais interessados. As aulas de História das Artes nos proporcionaram vários projetos e ótima adesão e participação dos alunos. Por fim, como tudo tem um começo, e deve terminar, me aposentei em 2005, levando comigo muitas alegrias e algumas decepções!”*



Existem em Itu diversas Escolas de Arte particulares, sediadas nos estúdios de artistas plásticos contemporâneos de diferentes variações técnicas.

Há também, uma escola municipal. Segundo a Secretária de Cultura, Sabrina Souli, “a Escola Municipal de Educação Artística Manolo Santoro (EMIA) que funciona na Casa da Cultura, oferece cursos gratuitos de teatro, piano, violão e desenho para crianças e adultos. Hoje a EMIA atende alunos de 8 a 22 anos, num total de aproximadamente 900 alunos”.



Na Praça Duque de Caxias, é realizado um projeto de Educação Socioassistencial e Artística em Itu, cujo coordenador, Raul de Souza Almeida, esclarece em seu depoimento, a atuação e abrangência do projeto.

*“O Projeto Oficina Escola de Artes e Ofícios de Itu tem por objetivo ‘a prestação da assistência social mediante a promoção gratuita e permanente de*

*serviços que visem a inclusão social de adolescentes e jovens, de famílias em situação de vulnerabilidade social e pessoal, e o preparo de sua inserção produtiva no mercado de trabalho representado pelas atividades de conservação, revitalização e restauração do patrimônio histórico e artístico'. Suas instalações operacionais estão localizadas do Quartel de Itu, Regimento Deodoro, fruto de um convênio assinado com o Exército Brasileiro. O Oficina Escola de Itu mantém também um acordo de cooperação com o CEUNSP – Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, sediado em Itu, visando o desenvolvimento de suas atividades educacionais e culturais.*

*O Projeto concede a seu público-alvo formação para participar do mercado de trabalho da construção civil voltado para o restauro, preservação e revitalização dos 235 imóveis históricos de Itu tombados pelos órgãos de preservação do Patrimônio Histórico, e das 30 fazendas históricas dos séculos XVIII e XIX existentes no município. O Projeto Oficina Escola de Itu vem desenvolvendo suas atividades letivas desde 2009, tendo formado, até 2024, 346 aprendizes. É mantido com verbas da Lei Federal 8069/1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente) e da Lei Estadual 12268/2006 (Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo) e por doações do setor privado.”*

**Raul de Souza Almeida** – formado pelo Colégio São Luís – 1960, São Paulo, Engenheiro pela Universidade Mackenzie –1966, Administrador em Finanças e Marketing pela Fundação Getúlio Vargas/SP – 1976, Especialista em Sistemas de Potência pela Électricité de France/França – 1970/71, Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro/BR – 1986. Formado em fotografia pelo Instituto de Artes e Decoração – IADE/SP – 1969.



Uma forma peculiar e inovadora que compõe o currículo de Arte nas Escolas Municipais ituanas é a Educação Patrimonial, além das aulas de Arte, com interdisciplinaridade entre ambas, nos terceiros, quartos e quintos anos do Ensino Fundamental I (o propósito é uma lei para que, futuramente, a educação patrimonial seja um componente curricular independente de Arte, e não como objeto de estudo em Artes Integradas). Morgana Ribeiro, Instrutora de Atividades Educativas I, da Prefeitura de Itu, com entusiasmo contagiante, enfatizou ser um trabalho inédito no Brasil, cujo autor é o ituano Dr. Emerson Ribeiro Castilho, demonstrando grande orgulho por ter participado ativamente e

com muita dedicação na organização do projeto e na produção do material para utilização no currículo escolar municipal. Morgana assim sintetizou a proposta da Educação Patrimonial:

*“O estudante deve conhecer os patrimônios naturais, artísticos, históricos e culturais de Itu; valorizar a preservação desses patrimônios e ser um agente dessa valorização, reconhecendo a importância para a memória, a identidade, a criatividade e a riqueza de nossa cultura. Na realização de estudos do meio, visitamos o Centro Histórico de Itu, com um olhar de ressignificação, reconhecendo, aplicando e criando, por meio de linguagens artísticas, os conteúdos relacionados ao patrimônio visitado. Para facilitar o desempenho do profissional nas salas de aula, há um material didático que destaca os conteúdos, as ações pertinentes, estratégias e seus respectivos objetivos. Há também um caderno destinado aos alunos, para seus registros e criações, assim como reuniões norteadoras com os professores.”*

A implantação é recente (agosto de 2021), mas espera-se um grande resultado para esse original e extraordinário trabalho. Itu, nossa cidade-museu agradece, bem como o país, pela formação de um novo olhar e atuação face à preservação do meio ambiente, dos patrimônios naturais, históricos e culturais, com compreensão das várias vertentes culturais.



De acordo com o jornal *República de Itu*, de 31 de julho de 1993, no mês de julho daquele ano, aconteceu o nascimento do Festival de Artes de Itu, cuja abertura ocorreria no dia 4. O diretor artístico do festival foi o maestro Eleazar de Carvalho. A programação do primeiro Festival de Artes, em seus 21 dias, procurou levar ao público música, teatro e dança e promoveu apresentações em vários locais, como igrejas, clubes, praças e até na Associação Atlética Ituana. A apoteótica abertura contou com a Sinfônica do Estado sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho, do Ballet Stagium, violinista, corais e sopranos.

O Festival de Artes se manteve ao longo dos anos, com alterações quanto ao mês de suas apresentações e se adaptando a mudanças ao longo dos anos, incluindo cinema, artes plásticas, grafite, poesia... Em 2024, ocorreu a 30ª edição nos dias 14 a 29 de junho, com atrações gratuitas musicais, teatro, dança, programação infantil, arte circense, cultura étnica, workshops e outras modalidades artísticas. A grande atração foi a inclusão do “I Festival Hispânico”,

celebrando a riqueza cultural da imigração espanhola, apresentando danças, workshops sobre vários temas, com destaque para a influência da música hispânica na América Latina e no repertório violinístico erudito.



O capítulo sobre Ensino de Arte é encerrado com um depoimento fraterno, autêntico, transparente, que poderia ser considerado confidencial, se não tivesse sido escrito para compor este livro. O autor é Paulo Lara, nascido em Itapetininga, residente em Itu desde a infância. Arquiteto e artista plástico com um estilo único de *art pop 3D*, que participou de mais de 60 exposições, recebeu vários prêmios, aqui registra vivências, sentimentos, constatações e sugestões.

*“Quando eu fui convidado para dar aulas em colégio particular há cinco anos, eu nunca imaginei que eu aprenderia mais dando aulas do que os alunos assistindo, pois, para mim, era um mundo completamente desconhecido o mundo da educação, mas logo me familiarizei e descobri que o nosso ensino deixa a desejar no quesito criatividade.*

*Infelizmente, o sistema de ensino no Brasil é completamente equivocado, pois enquanto o mundo vai na direção da criatividade, o Brasil vai na direção do ensino decoreba para passar no ENEM. O foco é o ENEM, então o aluno se concentra apenas em decorar isso para entrar na faculdade e não desenvolve o raciocínio e a criatividade mais.*

*Prova disso é que, quando a criança está no 1º ano, ela tem várias atividades relacionadas a arte e trabalhos manuais com tinta, lápis de cor, papeis coloridos, madeira, papelão, música, teatro etc. À medida que ela vai passando de ano, o próprio sistema vai tirando essas atividades, até chegar no Ensino Médio, daí acaba! Não existe um estímulo criativo ou artístico ou uma continuidade ao estímulo criativo.*

*É mais importante para o ‘sistema educacional’ criar pessoas preparadas para responder às questões dos vestibulares e ter um número grande de pessoas que passaram no vestibular ao invés de despertar novos pensadores criativos.*

*A Educação Artística no Brasil tem o foco no aprendizado da história da arte apenas, estudando artistas que já morreram, o que é muito diferente da arte de hoje. Às vezes tem um pouco de geometria e ensinam a fazer letras. É deficiente o ensino quando falamos de estimular outras áreas do nosso cérebro! Existem escolas na Finlândia que desenvolvem muito mais o lado criativo e*

*de novos processos criativos do que o lado lógico, e, no Brasil, isso é o oposto, pois focam apenas no aprendizado lógico.*

*O desenvolvimento da criatividade é fundamental para que a pessoa se torne criativa. Eu não estou afirmando que a parte lógica não é importante, não faria nenhum sentido eu afirmar isso, pois precisamos do aprendizado de maneira geral em nossas vidas, mas estou afirmando que as atividades criativas (entenda por atividades criativas como: artes, música, poesia, esporte e teatro) desenvolve crianças e adultos mais criativos no futuro e, conseqüentemente, uma população mais inteligente e pronta a encontrar novos processos e não simplesmente dar continuidade no sistema.*

*Quando eu estava no final do Fundamental 2 (8º ano na época) eu era conhecido como o pior aluno da sala de aula, isso pelo fato de eu não ter boas notas nas 'principais' matérias, o que me levou a pensar que, realmente, eu era uma pessoa burra ou menos inteligente que meus colegas de classe. Meu desenho já era muito superior aos dos outros, mas o fato de ninguém valorizar isso como algo que desse um futuro promissor, fazia com que nem eu acreditava em mim mesmo. Fazia muitas coisas completamente diferentes dos outros, ganhei vários concursos de desenho da escola, entre colégios e da Prefeitura Municipal. Uma vez enviei três desenhos para um concurso e ganhei 1º e 2º lugares. Meu pai me chamou e me parabenizou e disse: eles deram os 1º, 2º e 3º lugares para você para não ficar chato. Mas mesmo com tudo isso, eu continuava tirando notas baixas em matérias lógicas e de raciocínio matemático. Muitas dessas matérias você precisa decorar o que significa a palavra ou alguma parte da história ou ainda o nome de um país, por exemplo. Então quem tinha facilidade nisso tirava 10 e eu, como não tinha essa habilidade, tirava 1. Mas isso não significava que eu era menos inteligente.*

*Bem, graças a Deus, consegui mudar minha mente e comecei a fazer Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, passei e montei meu escritório, mas sempre desenhando e pintando uma tela aqui e outra ali e foi nesse escritório que desenvolvi meu trabalho atual. De uma maneira surpreendente, minha filha Sarah, na época com 12 anos, me pediu para fazer um desenho que ninguém ficasse falando que estava torto, então fiz tudo torto. Isso foi no ano de 2004. Aproveitando aqui para fazer uma sugestão a você, leitor, nunca critique o desenho de uma criança, mesmo que não esteja perfeito, pois a criança não está preocupada em fazer algo lindo para mostrar ou mostrar as habilidades que ela tem, ela quer, apenas, demonstrar emocionalmente que ela ama você, ou a vovó e vovô, ou passeio ou os animais.*

Bem, voltando ao tema da Educação Artística: hoje, eu percebi que os livros de arte são engessados e não trabalham e muito menos estimulam a criatividade dos alunos. Descobri isso quando comecei a pesquisar sobre criatividade e processos criativos. Mas o que eu mais amei em descobrir é que, existem dez tipos de inteligência, e isso acabou mudando completamente a minha visão sobre a minha inteligência, e a minha principal é a Inteligência Espacial.

Pronto! Agora eu consigo entender todo o meu passado e histórico escolar, e é uma pena que tive que descobrir isso sozinho, mas o mais importante é que consegui e agora eu quero ajudar alunos, como eu, ou alunos que são humilhados por não tirarem excelentes notas em Português e Matemática, para que eles, entendam que todos nós somos inteligentes, mas cada um com o seu tipo de inteligência e habilidades!”



*“Não existe o criar sem o imaginar.*

*Nem todos nós temos as mesmas habilidades, mas todos somos criativos!”*

**Paulo Lara, artista ituano**



# *A educação para a música na história de Itu*

**LUÍS ROBERTO DE FRANCISCO<sup>22</sup>**

A atuação musical, como qualquer atividade humana, carece de um processo de educação formal ou informal. No universo musical há níveis diferentes de aprendizado, seja para cantar, dominar a interpretação de instrumentos, reger ou, ainda, compor. E o processo de ensino-aprendizagem depende dos meios disponíveis no lugar a cada tempo.

Nossa observação sobre a história da educação musical em Itu contempla períodos diversos, as características, alguns personagens e o patrimônio que resultou dele, ou seja, instituições e composições cuja memória chegaram até nós.

Sabe-se que Antonio Machado do Passo manteve duas bandas de música, uma de brancos e outra de negros em Itu, no final do século XVII.<sup>23</sup> Talvez o primeiro sujeito estabelecido nesta localidade com notória atividade musical, não seria ele somente um mestre de banda, aquele que sabia tocar todos os instrumentos da corporação e ensinava aos demais executantes. Presume-se que também fosse a liderança na vida musical religiosa, o chamado Mestre de Capela, músico que melhores condições reunia para produzir e reproduzir música sacra na localidade, nomeado pela autoridade religiosa. A Igreja, enquanto instituição melhor organizada naquele período, com seu calendário cultural definido, exigia música para solenizar a liturgia e dispunha de recursos fosse do poder público, da própria instituição ou das irmandades de leigos organizadas em torno de seu contexto. A festa maior do período colonial brasileiro se dava em torno das celebrações católicas e nada se fazia sem a música dentro e fora do templo.<sup>24</sup>

A função de Mestre de Capela era ampla: executor de instrumentos, cantor, professor de música, ensaiador, regente e compositor. Estava a serviço tanto da igreja matriz-paróquia, como das capelas e suas irmandades, que em Itu já

---

22. O autor é Mestre em História Social (PUC-SP). Trabalha como professor de História e Geografia nos ensinos fundamental e médio. É regente do Coral Vozes de Itu e curador do acervo do Museu da Música Itu, mantido pelo Instituto Cultural de Itu.

23. Rezende (1954, p. 189-191).

24. Mariz (1981, p. 24).

eram em torno de uma dezena, pelos anos de 1750.<sup>25</sup> O mestre era incumbido da formação de cantores e novos músicos. Valia-se de métodos rudimentares, algum repertório europeu ou da própria colônia, verdadeiros “achados” para a manutenção do serviço da música na vila. Quanto ao processo ensino-aprendizagem, nada diferente da relação mestre-aprendiz, vinda desde a Idade Média europeia, afinal não havia escolas de música: o que o mestre sabia, ensinava ao discípulo quanto à execução de instrumentos. Um aluno mais dedicado e talentoso, no futuro, seria o mestre e manteria o mesmo processo. Nem sempre o mestre recebia proventos pelo ensino; à medida que tivesse alunos e eles tocassem em uma corporação, daí sim viriam os recursos; ele retinha a maior parte e distribuía aos músicos e aprendizes conforme o seu papel. Os aprendizes, muitas vezes, eram demasiado jovens, meninos ainda. O mestre era o responsável pelo sucesso da performance e, algumas vezes também se arriscava a compor repertório para ampliar a dimensão cultural e de expectativa de certo evento. Os principais gêneros de produção no período colonial brasileiro eram marchas e dobrados para a banda tocar nas procissões e missas, novenas e cantos populares se fosse para o grupo executar com orquestra no coro alto da igreja.<sup>26</sup>

Essa realidade entre corporações marciais e de canto e instrumentos para a música sacra não vai se modificar até o início do século XIX.

Quanto mais recurso houvesse, maior e melhor a atividade musical. No primeiro século da Vila de Nossa Senhora Candelária de Itu os recursos eram poucos, sobretudo vindos da atividade comercial, portanto encontramos algumas corporações atuantes.<sup>27</sup> O ensino dependia do mestre e ele instruía a partir de métodos intuitivos ou manuais disponíveis, que permitiam o processo de leitura da escrita musical e domínio de cada instrumento. Isto, obviamente, não conferia qualidade de execução técnica, mesmo que houvesse talento por parte do executante. Em sociedade e tempo em que não havia produtos de consumo cultural como gravações, diversos seriam os personagens envolvidos na vida musical, seja nas corporações, seja no ambiente doméstico. Pode-se imaginar que houvesse rabecas, violões e violas em muitas residências para saraus, bailes e encontros familiares ou sociais. Os mestres não seriam muitos e formariam a gente, sobretudo para um fazer musical, sem finalidade profissional, apenas para deleite artístico.

---

25. Nardy (2000, p. 51-2).

26. Duprat (1985, p. 53). A pesquisa do musicólogo revela um conjunto de recibos de pagamento sobre a atividade musical em Itu ao longo do período colonial.

27. Idem.

Quanto ao aprendizado para a música sacra, algumas igrejas, além da matriz, mantinham em seus coros um órgão de tubos, cuja execução também carecia de mestres. Sabe-se que o Convento Franciscano de São Luís de Tolosa teve ensino de música, onde o Frei José de Santa Delfina foi professor de Miguel Archanjo Benício da Assumpção Dutra (1812—1875) que, por sua vez, ensinou piano-forte a diversas pessoas de Itu. Ele, inclusive produziu pianos com Antonio Venerando Teixeira, cujos exemplares se conservam no Museu Republicano Convenção de Itu.<sup>28</sup> Miguel Dutra deixou algumas melodias que usou para ensino desse instrumento quando lecionava para jovens e senhoras de Itu e região. Escreveu também música cantada e acompanhada, para tertúlias domésticas no tempo em que as famílias recebiam em casa e promoviam encontros artísticos.

No processo de escolaridade pública aos meninos, a música era uma disciplina presente na formação, pelo que sabemos, já na primeira metade do século XIX. Elias Álvares Lobo (1834—1901) e seu irmão Manoel aprenderam a solfa com o padre mestre Jerônimo Pinto Rodrigues, no Colégio Ituano.<sup>29</sup> Ambos foram expressivos de Itu, na passagem do século XVIII ao XIX, em método de contraponto desenvolvido por André da Silva Gomes (1752—1844), o português que foi Mestre de Capela na Sé de São Paulo.<sup>30</sup> Jesuíno estudou com André e depois ensinou Jerônimo, que foi mestre de Elias, todos pelo mesmo método de contraponto. Uma cópia desse manual foi encontrada no acervo de Elias Lobo antes que viesse para o Museu da Música, estudada e publicada por Regis Duprat; o método foi publicado em 1998, porém não se sabe do paradeiro dos originais... Ele serviu também ao ensino da composição à geração dos filhos do padre Jesuíno: Elias, Eliseu e Simão Stock, ao sobrinho João Paulo Xavier e seus alunos.<sup>31</sup>

Elias Álvares Lobo (1834—1901) foi o músico melhor preparado em todas as gerações atuantes na história de Itu, aluno de Raphael Coelho Machado e Francisco Manoel da Silva, cada qual com seu método próprio de composição, na Corte de D. Pedro II. Elias Lobo foi professor de música de muita gente em Itu, seja para a banda, na orquestra ou no aprendizado de piano. Dentre seus alunos estava o cunhado Tristão Mariano da Costa (1846—1908), também mestre expressivo, que manteve uma escola junto à paróquia Nossa Senhora Candelária, por investimento do pároco P. Miguel Correia Pacheco a partir de 1871 e formou

---

28. Francisco (2012, p. 32).

29. Duprat (1998).

30. Duprat (1985, p. 62).

31. Duprat (1998).

duas dezenas de músicos bom executantes de instrumentos ou cantores. Dentre eles podemos destacar José Mariano da Costa Lobo (1857—1892) uma estrela dentre os compositores e intérpretes que também foi mestre.<sup>32</sup> Esse grupo Lobo–Costa, com diversos parentes, lecionou em casa para jovens de ambos os sexos executarem piano e outros instrumentos como flauta, clarinete ou da família das cordas, alguns membros de suas orquestras e bandas ou somente executantes no ambiente doméstico.<sup>33</sup> Há inúmeras notícias em jornais sobre essa atividade, bem como encontramos alguns métodos europeus, vindos da Itália e da Alemanha, que serviram para esse ensino no acervo do Museu da Música. Destaque para uma professora de piano, talvez a primeira mulher atuante no gênero, Francisca Leopoldina da Costa, irmã de Tristão Mariano, citada em almanaques no final do século XIX. Depois dela houve muitas outras professoras particulares de piano em Itu por todo o século XX, geralmente reproduzindo repertório e métodos europeus pelos quais foram formadas.

Os irmãos Mariano da Costa atuaram na educação formal em Itu. Francisco Mariano foi diretor do Colégio Ituano. Joaquim abriu um externato e internato que funcionou por vinte anos (1866–1886). Uma das disciplinas era música, mas não se sabe dizer que métodos ou instrumentos eram praticados. O irmão mais moço, Tristão, já citado, deu continuidade à prole de educadores abrindo o seu externato à rua São Francisco, 11. Entre 1886 e 1908, a música foi um conteúdo do programa. Os alunos cantavam e aprendiam instrumentos musicais, tocavam nos eventos de fim de ano e formatura no curso primário e levavam o exercício da música para toda a vida.<sup>34</sup>

Dentre os mestres de banda, dois se destacaram, na passagem para o século XX, no ensino musical, seja para as suas próprias bandas ou para o domínio de instrumentos de orquestra para concerto: João Narciso do Amaral (1856—1905) e José Victório de Quadros (1868—1948), ambos negros, lideranças artísticas que marcaram época em Itu.

Nas instituições de ensino privado que surgiram em Itu, o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio (1859), das Irmãs de São José de Chambéry (França) e Colégio São Luís (1867) dos jesuítas italianos, vemos a música como componente expressivo na vida de internato. No colégio feminino, sabemos, cantava-se bastante em francês, alunas acompanhadas das professoras, dentre elas a Irmã Maria Antonia Pallut, que chegou ao Patrocínio em 1866 e Madame Cruize, leiga. No

32. Costa (1876, p. 83 a 86).

33. Francisco (2017).

34. Idem.

século XX a professora Marie de Milleville foi mestra de piano. Mantinham-se diversos cubículos, na parte inferior do Salão do Anjo, cada qual com um instrumento para o ensino das alunas internas. Dentre 1940 e 1970 lecionou o instrumento a Irmã Irene Franceschini (Irmã Candinha), com formação invulgar, filha do compositor Fúrio Franceschini.<sup>35</sup> Nesse período surgiu a obrigatoriedade do ensino do canto orfeônico com método e repertório desenvolvidos pelo maestro Heitor Villa-Lobos para todo o país. No Patrocínio a Irmã Maria Arminda Nogueira foi a principal organizadora e articuladora do grupo de alunas que cantavam melodias da tradição brasileira, hinos e canções que valorizavam a pátria e serviriam às futuras professoras no exercício do magistério público, quando também se exigia o canto orfeônico. Era também o retrato de um país em que um governo ditatorial se utilizava da música como instrumento político de unificação da cultura, debaixo de um perigoso nacionalismo.

Já no Colégio São Luís o ensino da música parece ter sido mais expressivo, seja pela quantidade de professores-mestres presentes, alguns compositores como o padre Angelo Sabatini (1834—1907) ou pela presença de professores auxiliares de música, inicialmente de Itu, que ensinavam a execução de instrumentos e, posteriormente, italianos que foram regentes do coro e orquestra dos alunos. Grupos, como a banda marcial, participavam de eventos que faziam parte do método pedagógico jesuíta, o *Ratio Studiorum* em academias artístico-literárias, nas solenidades de distribuição de prêmios aos alunos destacados, nas celebrações em solenidades do calendário religioso ou mesmo em procissões e eventos no largo diante do colégio, na presença de autoridades nacionais ou do alto clero brasileiro. Haveria aí, certamente, métodos próprios de ensino que fugiram à tradição brasileira. Todos os alunos aprendiam música, a leitura, pelo menos, mesmo não participando dos grupos (coro, banda e orquestra). Lamenta-se que pouco dessa memória tenha se mantido.<sup>36</sup> Dentre os professores leigos italianos que trabalharam no Colégio São Luís, alguns acabaram ficando em Itu ou outras cidades da região. Lecionavam, particularmente, piano, violino, flauta e clarinete, por exemplo. Destaque para Giuseppe Tescari (1882 – 1954), depois grande articulador da música em Araraquara e Tobia Perfetti (1883 – 1961), que passou os últimos anos de vida em São Paulo.<sup>37</sup>

---

35. Francisco (2011, p. 18-19).

36. Francisco (2012, p. 19).

37. Perfetti. O livro biográfico sobre a vida e a obra do compositor traz informações, fotos e partituras.

O Museu e Arquivo Histórico Municipal de Itu (MAHMI) mantém em seu acervo um piano oriundo do Grupo Escolar Dr. Cesário Mota que serviu ao ensino da música cantada no Ensino Fundamental I no velho prédio da Rua Paula Souza. As professoras, nas primeiras décadas do século XX tocavam e cantavam melodias com as crianças. É certo que aprendiam a leitura musical mas, na maioria das vezes, isso se perdia ao longo da vida pela falta de atividade artística.

Espaço de grande atuação para as companhias de ópera europeias que passavam pelas cidades do interior foi o Teatro São Domingos nas décadas finais do século XIX e início do XX. Algumas se demoravam por meses em Itu e, nesse período, alguns músicos ofereciam aulas para cantores e instrumentistas, divulgando-as pelos jornais. É um ensino diferenciado, espécie de *masterclass* ou ensino avançado para quem já contava com rudimentos da música. Um desses mestres, Carissimi, italiano, radicou-se na região e teve por discípulo o talentoso Tristão Mariano da Costa Júnior (1881—1935), o Nhonhô Tristão, que seria o primeiro professor de música no Instituto Borges de Artes e Ofícios a partir de 1924 e no Ginásio do Estado em Itu, a partir de 1932.<sup>38</sup> Nesta instituição que teve vida perene e ainda existe com o nome de Escola Estadual Regente Feijó, o Canto Orfeônico alcançou qualidade no tempo do sucessor do Nhonhô, seu sobrinho e herdeiro musical Luiz Gonzaga da Costa Júnior (1908—1988), violinista, que ensinou leitura musical e repertório de canções e hinos brasileiros a diversas turmas de alunos no ensino ginásial, no ensino médio ou técnico normal entre 1935 e 1967 quando se aposentou. Havia também uma preocupação com a audição musical, em seu programa, seja apresentando repertório da música europeia através de gravações em discos ou levando os alunos a concertos no Theatro Municipal de São Paulo. O próprio professor Luizito mantinha uma orquestra de amadores que participava de eventos na igreja e na escola. Após a sua aposentadoria, atuaram na mesma escola Agostinho Pereira de Oliveira e sua irmã Valdez de Oliveira Labanca, filhos do mestre Silvestre Pereira de Oliveira. Foi um tempo mais dinâmico, em que a escola viu nascerem iniciativas como bandas de rock'n roll e jazz influenciadas pelo cinema estadunidense.

Fruto da Era Vargas, as escolas públicas do Ensino Fundamental Anos Iniciais mantinham um espaço para ensinar música, muito mais para o desenvolvimento da percepção e da rítmica que para leitura musical. Esta vinha no Ensino Fundamental Anos Finais, com pequeno aprendizado das notas musicais e compreensão do universo da solfa. Em ambos os períodos cantava-se bastante, fosse no tempo da Canto Orfeônico ou posteriormente, já na decadência da

---

38. Francisco (2014-2015, p. 13).

educação no Brasil (época da ditadura militar), com a criação do MOCESP – Movimento Coral do Estado de São Paulo. As professoras aprendiam melodias populares do folclore e as ensinavam a grupos de alunos.

Na década de 1950 o professor Luizito criou o Conservatório Musical Maestro Tristão Mariano, em homenagem ao avô, que teve um tempo curto de duração mas foi bem estruturado, o primeiro no gênero em Itu com aulas de instrumento separadas das classes de teoria musical, harmonia, história da música e prática de conjunto. Ensinava-se piano, violino, instrumentos de sopro e canto.<sup>39</sup> Outro conservatório chamado Maestro Elias Lobo foi criado pela professora Marisa Ferretti, em 1958, e funcionou até 1982, sobretudo para ensino de piano. Diversos professores e concertistas da região formaram-se nessa escola particular. Havia professores para níveis diferentes de aprendizado, alguns que se deslocavam de Tatuí, São Paulo e Rio de Janeiro para ensinar em Itu.<sup>40</sup>

As corporações musicais mantiveram e mantêm ainda suas escolas de iniciação à leitura e aprendizado de instrumento para renovação de seus quadros. Na Corporação Musical União dos Artistas, em 1934, foi formada uma escola que preparou algumas gerações de músicos a partir de métodos bastante tradicionais privilegiando antes a leitura que o contato com o instrumento.<sup>41</sup> Assim também a Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo, ambas existentes e atuantes na atualidade.

Em 1992, foi criada a EMIA (Escola Municipal de Iniciação Artística) Manolo Santoro, por iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura, projeto desenvolvido pela professora Thaís Veiga Borges inspirado naquele praticado na EMIA do Parque Conceição, município de São Paulo, em que o ensino artístico integrado fazia dialogar a iniciação artística entre música, dança, teatro e artes plásticas e depois abria especialidade para áreas distintas. Infelizmente, o projeto não teve continuidade na administração municipal que se iniciou em 1993 e a escola sobrevive ainda para ensino de violão, teatro e desenho.

Entre 1993 e 1996, aconteceram os Festivais de Artes de Itu, durante os meses de julho, quatro semanas de ensino-aprendizado intensos, modelo de curso de férias trazido a Itu pelo maestro Eleazar de Carvalho de Tanglewood, nos Estados Unidos, cuja dinâmica aulas-apresentação revolucionou o ambiente cultural da cidade. Porém, poucos músicos de Itu puderam participar do

---

39. Francisco (2013, p. 146).

40. Sergl (1999, p. 86).

41. Francisco (2014, p. 104).

evento como alunos, mais voltado a instrumentistas previamente contatados pelos professores e que passavam uma temporada de estudos em nossa terra. Os poucos ituanos felizardos que estudaram nesse período tiveram a oportunidade de conhecer novos mestres, métodos e técnicas, repertório e dinâmica de apresentações. Foi o que de melhor aconteceu na cidade em todos os tempos.

Fruto de um grupo de apoio à realização do Festival de Artes de Itu, surgiu a ASSATEMEC que ainda hoje mantém uma escola para formação de músicos atuantes da OFI – Orquestra Filarmônica de Itu. Ela vem se aprimorando como orquestra jovem, inicialmente de alunos de baixa renda, que estudam e se apresentam no Teatro Eleazar de Carvalho. Privilegia-se o repertório da música de concerto europeia.

Neste breve relato sobre o ensino-aprendizagem da música na história de Itu deve-se abrir espaço para lembrar as tantas fanfarras escolares que ensinavam música marcial, sobretudo de percussão aos estudantes das escolas públicas e privadas, mesmo que não se aprenda a leitura musical, somente o toque da percussão e algum instrumento de sopro.

Importante também registrar o ensino informal da viola de arame, geralmente intuitivo, marca da velha cidade paulista, seja no sítio ou no ambiente das tradicionais famílias da região. Para sua divulgação e manutenção, foi constituída em 2011 sob a direção da Profa. Célia Trettel da Costa e de Adilson Silveira a Orquestra Ituana de Viola Caipira, atuante no presente.

O Museu da Música – Itu publicou diversos números da série Cadernos de Música, que constam na referência bibliográfica, cada um dedicado a tema específico da história da música local, material que permite contato mais profundo com a história e o saber fazer musical da cidade.

A encerrar, não é possível deixar de lamentar a falta de novas iniciativas que privilegiem a educação musical em cidade de tamanha tradição; Itu merece que se invista mais no ensino da música, seja pelo passado, seja pelo enriquecimento cultural das novas gerações.

### **Luis Roberto de Francisco**

*Mestre em História Social (PUC-SP). Trabalha como professor de História e Geografia nos ensinos fundamental e médio. É regente do Coral Vozes de Itu e curador do acervo do Museu da Música Itu, mantido pelo Instituto Cultural de Itu.*

---

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CAMARGO, Paulo Florêncio da Silveira. **A instalação do Bispado de São Paulo e seu primeiro Bispo**. São Paulo: 1945.
- COSTA, Tristão Mariano da. O Padre Miguel Corrêa Pacheco, Vigário de Itu. In: **Almanach Litterario Paulista para 1876**. São Paulo, Typ. Da Província de São Paulo, 1875.
- DUPRAT, Régis. **A arte explicada do contraponto de André da Silva Gomes**. São Paulo: Ed. Arte & Ciência, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Garimpo Musical**. São Paulo: Ed. Novas Metas, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Música na Sé de São Paulo Colonial**. São Paulo: Ed. Paulus, 1995.
- FRANCISCO, Luís Roberto de. Almanques Serestas de Itu. **Cadernos de Música, publicação de estudos sob a responsabilidade do Museu da Música – Itu**. Itu: Museu da Música – Itu, ano 04, volume 04, 2014-15.
- \_\_\_\_\_. Bandas de Música em Itu. In: **Cadernos de Música, publicação de estudos sob a responsabilidade do Museu da Música – Itu**. Itu: Museu da Música – Itu, ano 02, volume 02, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Elias Álvares Lobo, um momento na música brasileira**. Itu: Ed. Ottoni, 2001.
- \_\_\_\_\_. **José Mariano da Costa Lobo, prodígio e ousadia na música em Itu**. Itu: Instituto Cultural de Itu/FoxTablet editora, 2017.
- \_\_\_\_\_. Luiz Gonzaga da Costa Júnior. In: **Itu Presenças Ilustres**. Itu: ACADIL, Ed. Ottoni, 2013, vol. 01.
- \_\_\_\_\_. Luiz de Francisco. In: **Itu Presenças Ilustres**. Itu: ACADIL, Ed. Ottoni, 2014, vol. 02.
- \_\_\_\_\_. **Miguel Dutra, bicentenário de nascimento (1812 – 2012)**. Itu: Instituto Cultural de Itu, 2012.
- \_\_\_\_\_. Presença feminina na música sacra em Itu. In: **Cadernos de Música, publicação de estudos sob a responsabilidade do Museu da Música – Itu**. Itu: Museu da Música – Itu, ano 01, volume 01, 2011.
- MARIZ, Vasco. **História da música no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

- NARDY FILHO, Francisco. **A Cidade de Itu - Crônicas Históricas**. São Paulo: Esc. Profissionalizantes Salezianas, 1950, vol. 3.
- \_\_\_\_\_. **A Cidade de Itu - Cronologia Ituana**. São Paulo: Escolas Profissionalizantes Salezianas, 1951.
- \_\_\_\_\_, Francisco. **A cidade de Itu**. Itu: Ed. Ottoni, 2000, vol. 5
- PERFETTI, Lúcia. **Maestro Tobia Perfetti, uma vida de amor à música, uma história de amor à música**. São Paulo: Secortecci editora, 2018.
- REZENDE, Carlos Penteadado de. Cronologia Musical de São Paulo (1800-1870). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, 1954, separata.
- RÖWER, Frei Basílio. **Páginas da História Franciscana no Brasil**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1957.
- SERGL, Marcos Júlio. **Ópera e música sacra em Itu**. Tese de Doutorado, São Paulo:  
Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1999.
- VASCONCELLOS-CORRÊA, Sérgio. Música Colonial Brasileira. Barroco (?) Brasileiro In: TIRAPELI, Percival (org.). **Arte Sacra Colonial**. São Paulo: Imprensa Oficial/Ed. Unesp, 2002.

**Tempos Dourados da Educação**

*“Nos idos anos de 1960/1970, vivíamos em um mundo totalmente diverso do atual. Sonhos e fantasias faziam parte integrante do nosso cotidiano, tanto familiar como escolar.*

*Fiz meu curso básico, outrora denominado curso primário, no Instituto de Educação Regente Feijó, na cidade de Itu. Após o primário e ginásio, termos da época, também fiz o Colegial na mesma escola. O Regente Feijó era uma escola de excelência, onde inúmeros alunos passavam em vestibulares de alta procura sem ao menos fazer cursinho. Lembro com muita saudade e orgulho ter frequentado a referida e amada escola...*

*Concomitante ao curso primário eu também fazia cursos de piano, flauta doce, e ballet.*

*Guardo na memória, alguns fatos pitorescos deste período escolar como: o fato de querer andar de circular para ir à escola, sendo que a minha casa ficava na rua do Patrocínio, atrás da escola. Tinha inveja dos colegas que pegavam circular para ir para casa. Minha mãe, vendo que eu queria tanto andar de ônibus, foi comigo dar umas voltas com a finalidade de matar minha vontade.*

*Além de me recordar com grande saudosismo das aulas e professores, com especial carinho, evoco as aulas de música do professor Luizito (Luiz Gonzaga da Costa Junior), geralmente aos sábados, ministradas no anfiteatro do referido Instituto. Tal sala ficava defronte à majestosa biblioteca escolar. Lembro-me como se fosse hoje, o pavor dos alunos nas aulas com ênfase no solfejo do Hino Nacional, onde o professor Luizito batia o diapásão para classificar as vozes das alunas e marcava o tempo, batendo com a batuta na mesa de azulejo branco, existente na sala de aula que era o anfiteatro. Nele havia uma lousa preta especial, com linhas vermelhas que formavam o pentagrama e as cadeiras tinham a forma de gradem.*

*Com a aposentadoria do professor Luizito, passamos a ter aulas de música com os professores, irmãos, professor Augustinho (Agostinho Pereira de Oliveira,) e professora Valderez (Valderez Maria de Oliveira Labanca). Nesta oportunidade passamos a ter aula de canto no Salão Nobre da Escola, com acompanhamento do clássico piano.*

*Eu adorava as aulas de música, porque saíamos da rotina e a sala de aula era majestosa. Muita saudade desta época, que guardo com grande carinho em meu coração.”*

**A ex-aluna MARIA LÚCIA PEREIRA GUITTE** – Ituana, cursou o Jardim de Infância no Grupo Escolar Cesário Motta e no Colégio Patrocínio; o Primário, o Ginásio e o Colegial foram realizados no Instituto de Educação Regente Feijó. Concomitantemente estudou piano no Conservatório Maestro Elias Álvares Lobo e outros cursos como o de flauta e violoncelo. Participou de grupos musicais. Graduada em Educação Artística pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora do Patrocínio e em Direito pela FADITU. Trabalhou na Rede Estadual de Ensino e, atualmente, milita na área de Direito.

# ASSATEMEC

## *23 anos formando jovens músicos*

MIRIAM BENAYOUN



A Associação Amigos do Teatro e Escola de Música Eleazar de Carvalho (ASSATEMEC) foi fundada no ano 2000, com os seguintes objetivos: criação da escola de música Eleazar de Carvalho, construção do Teatro Eleazar de Carvalho e formação profissional musical de jovens e crianças, oferecendo cursos gratuitos de violino, viola, violoncelo, contrabaixo, flauta transversal, teoria musical e prática orquestral.

Temos um acervo instrumental que é emprestado por um ano, para os alunos que não têm recursos financeiros para adquirir o próprio instrumento.

Nossa estrutura atual conta com seis salas de aulas na parte superior do teatro. Na parte inferior temos secretaria, sala de espera e o teatro, com acomodações para 228 pessoas e um palco de 10 metros de frente por 7 de profundidade.

### **Conquistas:**

- 18 alunos na Unicamp, no departamento de música.
- 3 alunos na USP, no departamento de música.
- 48 alunos, no Conservatório de Tatuí.
- Dezenas já atuando como profissionais em inúmeras Orquestras Sinfônicas do país e conjuntos musicais.
- **Bruno Lorenzote**, Trompete – Osesp
- **Maria Alice Massoca**, Flauta Transversal – Banda da Marinha e Orquestra Sinfônica Brasileira.

*Alguns ex-alunos fora do país:* **Tainá Carvalho**, Clarinete, Utah – EUA, BYU – Universidade Brigham Young; **Danielle Barbosa**, Violino, Amherst – EUA – UMass Amherst (University of Massachusetts Amherst); **Isabella Carvalho**, Viola, Mississippi- EUA – University of Southern Mississippi.

### **Como é mantida a Assatemec:**

1. Padrinhos, através de colaboração mensal;
2. Aluguel do espaço do teatro Temec;
3. Eventos diversos: musicais, bazares, jantares, bingos, etc...
4. Doações particulares.

### **Onde tudo começou:**

No ano de 2000, foi apresentado o projeto de construção do Teatro e Escola de Música Eleazar de Carvalho, situado na rua Cuiabá, 61 – Bairro Brasil, terreno doado ao município pelo casal Cristina e Arthur Ferreira dos Santos. Em 2002, as instalações da escola estavam prontas e as do teatro quase concluídas.



*Escola de Música e Teatro Eleazar de Carvalho em 2018.*

### **Miriam Benayoun**

*Concluiu o curso de Filosofia na Universidade de São Paulo ao mesmo tempo em que trabalhava como repórter do Jornal Última Hora.*

*Presidente da ASSATEMEC há 24 anos.*

---

### **REFERÊNCIAS**

<http://www.assatemec.org.br/>

<https://www.facebook.com/TeatroTemec/>

<https://www.instagram.com/assatemec/?ht=pt-br>

## Finalizando

Consultando dados do IBGE sobre nosso município em *gov.br*, foi possível verificar que, em 2021, o PIB na comparação com outros municípios do Estado ficava na posição 45 de 645 municípios paulistas. Em 2023, Itu passou a ocupar a colocação 36.

Em relação ao IDEB, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Escolas Públicas) no ano de 2021, comparado a outras localidades paulistas, nosso município estava em posição 367 e 414 do total de 645 municípios.

Em 2023, a situação melhorou em relação às séries iniciais do Ensino Fundamental, manteve o mesmo resultado quanto às séries finais e piorou no que se refere ao ensino médio.

| <i>IDEB – ITU</i>      |             |             |
|------------------------|-------------|-------------|
|                        | <b>2021</b> | <b>2023</b> |
| <b>Séries Iniciais</b> | <b>6,0</b>  | <b>6,3</b>  |
| <b>Séries Finais</b>   | <b>5,1</b>  | <b>5,1</b>  |
| <b>Ensino Médio</b>    | <b>4,5</b>  | <b>4,4</b>  |

Segundo Dora Ribeiro Negrão Rossi, Diretora de Escola aposentada, “O IDEB atua no Brasil, desde 2007 avaliando nosso sistema educacional. Entretanto, os resultados não atingem níveis satisfatórios gerando muitas críticas, e as causas recaem sobre as condições socioeconômicas do país. Isso nos impossibilita, no caso de Itu e demais municípios, estabelecer uma correlação direta entre os dois índices (PIB e IDEB), medidas importantes na aferição do desenvolvimento de cada município, estado e do próprio país como um todo.”

Em relação ao PIB, as críticas se concentram no fato que, mesmo sendo um indicador do padrão de vida de uma sociedade, não considera de forma direta múltiplos aspectos, como o lazer, a qualidade do meio ambiente, os níveis de saúde e educação, as atividades exercidas fora do mercado, as mudanças na desigualdade de renda, entre outros.

Por outro lado, o gasto público com educação deveria ser de 7,0% do PIB até 2019 e 10% do PIB até 2024. Os relatórios do INEP mostram que esta meta não está sendo cumprida – até 2022, investiu-se somente “5,1%”.

O raciocínio é simples: quem investe mais em educação obtém melhores resultados. Será preciso um longo e sério trabalho focado na leitura, interpretação e produção de textos para terminar com o analfabetismo funcional, assim

como uma grande mobilização dos governos em dignificar e priorizar a educação. Outras organizações podem e devem auxiliar a estimular essa mudança. Famílias, sindicatos, empresas, igrejas e outras instituições necessitam estar comprometidas com a valorização do trabalho da escola, impulsionando o empenho, o respeito e a não violência, a fim de que esses índices sejam revertidos e a profissão docente volte a ser interessante para jovens estudantes.

Itu deve manter o seu PIB em crescimento, mas o IDEB também precisa ser aumentado. E muito.

### **ITU MERECE SUA GRANDIOSIDADE POR INTEIRO...**

~~~~~abcdefghijklmnopqrstuvwxyz~~~~~

*“O otimista é um tolo. O pessimista, um chato.
Bom mesmo é ser um realista esperançoso”.*

Ariano Suassuna

Para ser um realista esperançoso, como diz Suassuna, é preciso esperar, ou seja, estimular, animar, ativar. E, conseqüentemente, não esperar, como dizia Paulo Freire e como propala hoje Mario Sergio Cortella.

Esperando, procurou-se bons escritores adolescentes na escola pública e particular. Encontrados, foram solicitados a escrever um poema com o tema norteador “*A Escola*”.

Suas obras geraram uma grande e esperançosa alegria. Nada mais significativo e motivante a esperar do que a escrita poética de três adolescentes, para encerrar este livro.

AVENTURA ESCOLAR

*A escola é uma aventura, mas também
Com questões e emoções
Com alunos que por ventura
Reclamam de milhões.*

*Cada sala com seus influentes
Todos eles adolescentes
Marcando suas lembranças
Mas na verdade são crianças.*

*Eu vivo nessas lembranças
De boas e más esperanças
De tempos e momentos
De risadas e bonanças.*

*Sou apaixonada pela escola
E também por seu ambiente
Mas o ambiente a que me revivo
São meus amigos reluzentes.*

*Amo a companhia deles
Sou grata a todos eles
Porque antes de os conhecer
A solidão sempre vinha me ver.*

*Agradeço aos professores
Por nos tornarem inteligentes
Pois mesmo nas dificuldades
Nós encerramos sorridentes.*

ANA PAULA DE LIMA

Primeiro ano – Ensino Médio

Dezembro de 2023

Escola Estadual Sylvia de Paula Leite Bauer

PREPARANDO O FUTURO

*Na vida estudantil
Cada dia passa de maneira bem sutil
O tempo escorrega nas nossas mãos
O que faz nossas ações parecerem em vão.*

*Nós nos perdemos nas ilusões
De que esse tempo não vai acabar
E esses dias de lições e diversões
Onde ainda temos a esperança de sonhar.*

*Sabemos que o futuro vai chegar
Tendo a necessidade de estudar
Aprender a respeitar e amar.*

*Ainda estamos no processo
Em busca do progresso
Estudando para o sucesso.*

LUCAS MARQUES LUCINDO CARDOSO
*Primeiro ano – Ensino Médio
Dezembro de 2023
Escola Estadual Sylvia de Paula Leite Bauer*

*Na escola é onde aprendemos a socializar e obter conhecimentos.
Também temos os professores que sempre estão dispostos a ajudar.
Desde o início, a base da vida são os estudos.
Todo tempo é tempo de aprender e de criar.*

*Antes aprendiam trabalhos manuais, agora é só tecnologia.
Usavam máquina de escrever, agora só celular, mas nada é igual a um bom livro.
Para realizar uma prova, muitos estudam e outros não têm vontade, nem paciência.
Em vez de estudar, alguns alunos pensam em estratégias de como colar, isso é um erro.*

*Nem tudo na vida é brincadeira e sim eterno conhecimento.
Estudar bastante e adquirindo conhecimento, podemos ser até um poliglota.
Ir mal na prova, para muitos tanto faz, mas para outros é um sofrimento.
Muitos alunos têm menos oportunidades, mas devemos ter mais atenção, ter precisão e ser otimista.*

*Para nossa formação, precisamos ter responsabilidade.
Sempre devemos ter uma meta.
Não precisa ser um gênio, mas sim inteligente para viver melhor em sociedade.
Deve-se ter uma boa conduta.*

*Todos prestem atenção:
Para um futuro melhor,
É necessário investir em educação.
Aproveite tudo o que sua escola oferece, e estude com amor.*

ANA BEATRIZ MONTREZOL MARTINI
6º Ano – Colégio Divino Salvador
Dezembro de 2023

Finalizando, seguem os autógrafos de todos os que se envolveram e se empenharam com seus “múltiplos olhares” pelo êxito da antologia, assim sintetizados:

**“DA COMUNIDADE ITUANA,
PARA A COMUNIDADE ITUANA,
COM AMOR E GRATIDÃO”**

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

FIM

Apoio Cultural



gráfica
masilar

Crys Filó



união contábil



Dra. Norma N. Yamamura Honda

Pediatria – Homeopatia

CRM 26273



FOXTABLET: A EDITORA COMPLETA!

LIVROS, REVISTAS, JORNAIS, EBOOKS E EMAGANIZES

COLABORADORES

ADILSON GROBLACKNER

EDSON CARLOS DE OLIVEIRA

RITA BENEDETTI GROBLACKNER



FOXTABLET: A EDITORA COMPLETA!

LIVROS, REVISTAS, JORNAIS, EBOOKS E EMAGANIZES



www.foxtablet.com.br



contato@foxtablet.com.br



(11) 9.8689-1789



www.fb.com/foxtablet



[@foxtablet](https://www.instagram.com/foxtablet)



[@foxtablet](https://www.twitter.com/foxtablet)



Com uma capa artística, este livro concentra artigos de especialistas em história ituana e em educação, relatos sobre instituições educacionais e suas experiências, bem como depoimentos diversos sobre vivências, para preservar a História da Educação em Itu. A particularidade desta antologia, contextualizada na introdução de cada capítulo, é ser informativa, porém, repleta de emoções em narrativas e depoimentos. Os participantes, quase 70 autores de textos elucidativos ou de testemunhos enriquecedores, muito se empenharam para relatar peculiaridades e relevâncias sobre a educação e ensino em nossa terra, proporcionando um caráter muito especial à coletânea. Importante destacar, também, que a busca de possíveis depoimentos e patrocínio contou com a participação e sugestões de 20 amigos, cuja animação e solicitude em colaborar foram determinantes e até mesmo enternecedoras. A investigação histórica apresenta um contexto mundial e nacional para introduzir, esclarecer ou justificar a sequência de acontecimentos em nosso município e, sem deixar de lado os primeiros habitantes da Boca do Sertão, chega à atualidade.

Sem fins lucrativos, a obra é totalmente resultado de voluntariado, de múltiplos olhares plenos de amor e admiração por Itu e sua história.



VENDA PROIBIDA

ITU É A HISTÓRIA

Há obras que já nascem notáveis pelo seu propósito, simplesmente. Este livro, além da grandeza do projeto, torna-se fundamental porque retrata uma das faces mais significativas de Itu, o trissecular empenho da sua gente em favor da educação, construindo um emaranhado de narrativas, pesquisas e memórias inéditas.

E porque a educação se faz em processo dialético, também aqui a Prof.^a Vilma Pavão Folino uniu a trama de tantas contribuições, entre escritores, apoiadores, colaboradores, financiadores que resulta em lição única, mas plural e generosa: a força de noventa pessoas empenhadas em um projeto ousado, cujo resultado não pode faltar em biblioteca de quem pretende realmente conhecer a memória da educação em Itu, do passado e do presente.

**LUÍS ROBERTO
DE FRANCISCO**

PRESIDENTE | ACADIL



SOBRE A ORGANIZADORA

Vilma Pavão Folino, pedagoga e psicopedagoga aposentada, trabalhou na área de educação por muitos anos, em diversos níveis: da Pré-Escola ao Ensino Superior.

Autora de crônicas e contos selecionados para compor os livros "Vozes Ítalo-brasileiras", volumes II, III e IV (COMITES/SP) e para integrar antologias em outros concursos literários.

Coorganizadora dos dois volumes da antologia "Italianos em Itu: da imigração à atualidade", já traduzidos para a língua italiana.

Membro da ACADIL, Academia Ituana de Letras, primeira ocupante da Cadeira 35.